Daniel Suárez Artazu

MARIETA

10.00
IN 2508698116

MARIETA

MARIETA

PÁGINAS DE DUAS EXISTÊNCIAS E PÁGINAS DO ALÉM

(Primeira e Segunda Parte)

Pelos Espíritos

Marieta e Estrela

Recebidas por

DANIEL SUÁREZ ARTAZU

Médium da Sociedade Espiritista Espanhola

ACOMPANHADAS DE UM COMENTÁRIO

CRÍTICO-HISTÓRICO

DO

VISCONDE DE TORRES SOLANOT

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL
Rua Souza Valente, 17
20941-040 — Rio-RJ — Brasil

ISBN 85-7328-195-2

5ª edição

Do 21º ao 25º milheiro

Traduzido da 5ª ed. espanhola

Capa de DOUGLAS MARTINS

B.N.

94-AA; 000.5-O; 3/1999

Copyright by
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Casa-Máter do Espiritismo)
Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F
70830-030 — Brasília, DF — Brasil

Composição, fotolitos e impressão offset *das Oficinas do Departamento Gráfico da FEB*
Rua Souza Valente, 17
20941-040 — Rio de Janeiro, RJ — Brasil
CNPJ nº 33.644.857/0002-84 *I.E. nº 81.600.503*

INTERNET
http://www.febrasil.org.br

Pedidos de livros à FEB — Departamento Editorial, via Correio ou, em grandes encomendas, via rodoviário: por carta, telefone (021) 589-6020, ou FAX (021) 589-6838.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

M287m
5.ed.

Marieta (Espírito)

Marieta : páginas de duas existências e páginas do além : (primeira e segunda parte) / pelos espíritos Marieta e Estrela ; recebidas por Daniel Suárez Artazu ; acompanhadas de um comentário crítico-histórico do Visconde de Torres Solanot. — 5. ed. — Rio de Janeiro : Federação Espírita Brasileira, 1999

ISBN 85-7328-195-2

1. Romance espírita. 2. Espiritismo. 3. Obras psicografadas. I. Estrela (Espírito). II. Suárez Artazu, Daniel. III. Torres Solanot, Visconde de. IV. Título.

99-0278. CDD 133.93
CDU 133.7

010399 030399 006788

SUMÁRIO

Apreciações à 5ª edição em espanhol 9

Primeira Parte

PÁGINAS DE DUAS EXISTÊNCIAS

Introdução 25

LIVRO I

Capítulo I — O choque de duas almas 27
Capítulo II — Pobre Rafael! 50

LIVRO II

Capítulo I — Lamentos pelos que nascem... e nasceram em Granada 61
Capítulo II — Olhai o céu 69
Capítulo III — Entre sombras e cutiladas levam a dama constrangida 80
Capítulo IV — Leitor: De novo a mesma história 92
Capítulo V — Continua a história, e a alma de Estrela dá-se a conhecer 107

LIVRO III

Capítulo I — Trama infernal 127
Capítulo II — Esperança e Amizade 141
Capítulo III — Imóvel e triste qual uma ruína! 157

Segunda Parte

PÁGINAS DE ALÉM-TÚMULO

Introdução 169

LIVRO I

Capítulo I — O primeiro dia de um morto 173

Capítulo II — A voz do céu 187
Capítulo III — Nápoles, vista por uma alma, e como deve ser vista por um pássaro 195
Capítulo IV — O Mediterrâneo e os fenômenos da luz 203

LIVRO II

Capítulo I — Fala como Jó um espírito rebelde 211
Capítulo II — Como, dormindo, se pode ir longe 218
Capítulo III — Almas entre fumo e cinzas 226
Capítulo IV — Espelhos da consciência 237
Capítulo V — O batismo de lágrimas 250
Capítulo VI — Os mortos viverão 263

LIVRO III

Capítulo I — A visita de um morto 273
Capítulo II — A Sombra 286
Capítulo III — A razão de duas existências 298

Conclusão 308

APRECIAÇÕES DE ANTÔNIO TORRES SOLANOT Y CASAS

(Transcritas da 5ª edição em espanhol) [1]

Se a vida é o sofrimento e a luta, a arte de bem viver consiste em sabermos sobrepormos aos sofrimentos, buscando os meios de os afastar para realizar a nossa missão regeneradora, isto é, lei do progresso, em virtude do nosso próprio impulso, e como sendo o fim primordial da existência terrena, uma das tantas etapas da peregrinação dos Espíritos pela imensidade do Universo.

Manter serena a inteligência quando o coração é despedaçado, dominar com a razão as mais aflitivas situações com o fim de converter o martírio em gozo; evitar o desalento, por maior que seja a desgraça, pois comparando-o se acha que há outros que sofrem mais; gravar em nossa consciência a necessidade do infortúnio recebido com resignação para se alcançar a felicidade com glória, e, finalmente, pregar a realidade da vida de além-túmulo: é o ensino moral que se desprende das Páginas de duas existências *e das* Páginas de além-túmulo, *deste precioso livro intitulado* "Marieta", *apoteose da virtude, idílio do amor, tesouro de consolos e esperanças, inspirado nos princípios fundamentais do Espiritismo, desenvolvendo-os com magistral critério e como insensivelmente, no curso da narração.*

1. Em Saragoça fizeram-se duas edições, uma econômica e outra de luxo, e em Madri outras duas. Esta é, portanto, a quinta, de Barcelona.

É vasto o campo que se oferece para que a inteligência arranque os profundos conceitos esparsos nas belas páginas deste livro; a imaginação se lance em arrojado vôo, penetrando nos ideais magníficos que ele faz vislumbrar, e o senso analítico desenvolva os vários problemas que ali se iniciam, diretamente relacionados com o da identidade ou persistência do Espírito através de sucessivas encarnações, isto é, a preexistência e sobrevivência da alma aos corpos que revestiu em diferentes vidas e formou com a sua força plástica. O entendimento, porém, se reconhece pequeno, a faculdade criadora fica deslumbrada, e o sentimento se julga impotente para se elevar ao cimo, donde se podem apreciar os raios de luz emitidos por focos poderosos, aos quais a nossa pupila não pode resistir; e diante desses difíceis obstáculos eu renunciaria ao desejo de escrever um prólogo para a quinta edição de "Marieta", *mesmo faltando à promessa feita, se para satisfazer a esse desejo, que de certo modo é um dever, não me tivesse vindo à mente a consideração especial de que a pobreza de conceitos e o desalinho da frase do prologuista contribuirão para fazer sobressair a exuberância de idéias e o brilho da forma, que as reveste neste livro.*

Consagrado a apresentar o problema de além-túmulo, expondo a doutrina das vidas anteriores e posteriores da alma, a solidariedade de todas as humanidades e seu parentesco universal, única doutrina que explica satisfatoriamente a nossa existência e as desigualdades dos homens, harmonizando-se com a justiça divina, mostra este livro que, como Vitor Hugo disse: — "o berço tem seu ontem e a tumba o seu amanhã" — ou, em outros termos: — "o instante atual resulta de um precedente, e o instante que há de vir, daquele que hoje é". — Assim a vida terrena tem sua razão de ser na existência precedente, e a futura será conseqüência da atual, elevando-se a alma a Deus à medida que o vai melhor conhecendo, e, por conseqüência, mesmo sujeita às leis universais, obrando por sua escolha voluntária, com liberdade de movimento para ter a responsabilidade de seus atos, descobrindo eternamente uma fagueira esperança além de uma outra, e desen-

volvendo em suas obras a intensidade do seu amor, em tempo que não finda e em horizontes ilimitados, porque "nunca se deterá o primeiro impulso de amor, em virtude do qual a criação foi, é, e será".

Feitas essas considerações gerais sugeridas pela leitura de "Marieta", *e antes de entrar em outras apreciações, importa dar algumas notícias a respeito das raras condições em que foi escrito este livro.*

Uma das várias sociedades estabelecidas em Espanha para estudar e propagar o Espiritismo, intitulada — Progresso Espírita de Zaragoza — *obteve a primeira parte: —* "Páginas de duas existências" — *que publicou nessa Capital no ano de 1870.*

Aquela sociedade consagrava suas sessões ao estudo da filosofia espírita, coordenada por Allan Kardec, e às investigações acerca dos fenômenos que lhe deram origem. Depois de discutidos os temas submetidos ao debate pela ordem do dia, debate em que também tomavam parte os médiuns *(pessoas que podem servir de intermediários entre os Espíritos e os homens), costumavam pedir o a que chamavam "Comunicações espontâneas", e os* médiuns escreventes *transladavam para o papel, com mão vertiginosa, ensinos filosóficos ou científicos, conselhos morais, seletos pensamentos revestidos de uma forma correta, quando não belíssima, e às vezes, fragmentos, que, ligados depois, formavam livros como* "Marieta", *ao qual precedeu o* "Tratado da educação dos povos", *escrito pelo* médium *César Bassols, e também publicado no mesmo ano de 1870.*

À frente do dito livro aparece uma Ata firmada pelos dezenove indivíduos, que então constituíam a Sociedade Progresso Espiritista, *a fim de fazer constar o modo por que o trabalho fora obtido, e expor o método simples e maravilhoso com que fora escrito, reduzindo-se ao seguinte:*

"Colocado o médium *na atitude de escrever, com um dos sócios à sua frente para sujeitar e mudar o papel, toma um lápis grosso, que apóia de leve sobre aquele, e depois de evocar mentalmente o Espírito com quem se deseja comunicar, instantaneamente a mão começa a mover-se, traçando com velocidade inconcebível*

as idéias emitidas pelo Espírito evocado. O médium *nada acrescenta de seu, e longe de exigir silêncio com receio de ser interrompido, porque a sua imaginação aí não trabalha, responde às pessoas que lhe falam, e toma uma parte ativa nas questões que se ventilam, sem por isso deixar de funcionar a mão que escreve, gravando mecanicamente no papel os mais sublimes pensamentos."*

Em condições idênticas foi escrita a primeira parte de "Marieta", *obtida na presença dos que firmamos a Dedicatória da primeira edição.*

Em uma das comunicações espontâneas pedidas no final da sessão, o médium *Daniel Suárez escreveu: "Vinde a mim; vós todos, e eu vos narrarei as delícias da nova vida..."*

Do mesmo modo escreveu ainda na seguinte sessão: "Eu sou aquela que, em rápido vôo, passou desconhecida pelas asperezas da vida..." E assim, em sessões sucessivas, foram escritos os parágrafos do primeiro capítulo que terminam com reticências.

Notou-se logo que eles faziam parte de um todo, e soube-se que eram o princípio de um livro, que pretendiam ditar ao citado médium *os Espíritos de Marieta e Estrela, que já haviam dado notáveis comunicações na Sociedade Espiritista de Saragoça. Depois, escreveu ele parágrafos muito mais extensos, até completar a primeira parte, ou* Páginas de duas existências, *publicada pela mesma Sociedade, e cujo objeto principal foi servir de fundamento à segunda parte do livro* Páginas de além-túmulo.

Os primeiros capítulos dessa segunda parte, foram também escritos em Saragoça, e os outros num povoado da província para onde tinha ido na qualidade de secretário interino da Junta, o médium *Daniel Suárez, que desempenhava o modesto cargo de escrevente na Deputação provincial, e não tinha carreira alguma definida, científica ou literária, nem possuía mais que os conhecimentos superficiais que se adquirem no curso do ensino secundário. Por isso os que não conheciam o Espiritismo, ficaram maravilhados de vê-lo repentinamente revelar-se como fecundo e brilhante escritor, sob cujas produções medianímicas, isto é, ditadas pelos Espíritos ou devidas a uma inspiração evidentemente*

estranha, podia o mais afamado literato honrar-se de colocar a sua assinatura.

Circunstâncias particulares produziram a ditosa coincidência de se reunirem em Madri, em 1871, quase todos os elementos ativos da sociedade Progresso Espírita, *que aí continuaram os estudos e trabalhos começados em Saragoça, até que aquele centro se fundiu na "Sociedade Espiritista Española", de cujos* médiuns *ficou então fazendo parte do Sr. Suárez. Este concluiu* "Marieta", *e, inspirado pelos Espíritos que haviam ditado essa obra, fez ligeiríssimas correções na primeira parte —* Páginas de duas existências *— dividindo-a em capítulos com os seus correspondentes títulos, para a acomodar à forma das* Páginas de além-túmulo, *e assim uniformizar o livro , sob a confirmação desta segunda parte, muito superior à da primeira, que, como já disse, tinha de servir de fundamento àquela, que é realmente a transcendente.*

•

Para dar agora uma idéia desse livro, que é um monumento da literatura espiritista e, além disso, uma jóia literária, seja-nos permitido reproduzir os principais parágrafos do artigo bibliográfico que lhe consagramos, quando apareceu em Madri em 1874.

As Páginas de duas existências, *primeira parte do* "Marieta", *são "a narração simples de alguns fatos culminantes da vida de duas mulheres, que passaram pela Terra e aí morreram, tão desconhecidas como aquelas flores solitárias que num recanto do vale brilham um só dia e no outro se desfolham, sem que uma vista sobre elas se fixe para lhes admirar a beleza". Além de que "elas interessam e fazem ver aos que em silêncio sofrem e são virtuosos, assim como aos que, entregando seu coração à força das paixões, julgam achar um bem nas ficções do mal, que somente as almas acrisoladas na virtude podem serenas confiar no porvir, e, tranqüilas, encarar o céu".*

Essa apoteose da virtude que, mesmo oculta não deixa de brilhar, como brilham as estrelas inacessíveis, ainda que as não

vejamos; esse idílio de amor puro e simples que se engrandece inspirando a caridade, e se sublima conduzindo pelo caminho que leva a Deus; esse poema, enfim, da sinceridade, tão ingênuo quão elevado, precisa ser lido demoradamente para se poderem saborear as suas belezas. É preciso meditar-se sobre os pensamentos e considerações com tanta oportunidade intercalados na narração, para se admirarem essas descrições, que nos pintam tão claramente o bom e o mau que o coração encerra; que denunciam um conhecimento perfeito e profundo da Humanidade, e que estão inspirados no reflexo imortal do Bem, centelha desprendida da própria Divindade.

Respirando sempre os sentimentos puros que se realizam na virtude, o trabalho, a caridade, a justiça e o amor; debuxando os sentimentos que dão vida às más paixões; pondo estas, às vezes, em ação, com as suas funestas conseqüências, para a condenar; comparando-os uns e outros à luz da esperança e do arrependimento; as Páginas de duas existências *instruem deleitando, para fazer-nos avançar no caminho da virtude, onde se adquirem forças avançando:* Macte nova virtute — Vires acquirit eundos, *como dizia o poeta latino.*

É o que se depreende da pintura, tão real quão delicada, que nos oferecem aquelas "Páginas", *do amor que ressalta sobre os outros, e para os outros, e do amor egoísta; do amor dignidade, e do amor orgulho; do amor espontâneo, natural e inalterável, e do amor calculado, violento e vário; do amor que é uma oferenda, um sacrifício, e cujo aroma, mesmo sem ídolo se eleva ao Céu, e do amor que é todo inquietação, e só se derrama na Terra; do amor, enfim, de Marieta, e do amor de Estrela, ambos ideais, mas aquele destinado a viver sem esperança, sempre purificando o espírito que ia obter sua recompensa, e este condenado a morrer com o arrependimento que o devia lavar, para reviver puro em outra existência; porque o justo e o arrependido caminham para Deus, recebendo o primeiro logo o prêmio, e o segundo tendo o seu castigo proporcional à lentidão de sua marcha.*

Por último, as Páginas de duas existências *têm por fim mostrar à mulher o caminho do dever, e da virtude e ensinar-lhe*

que, se vir tudo perdido, se estiver reduzida a um amor sem esperança ou a uma virtude sem ser apreciada por outrem, saiba salvar-se a si mesma com uma piedosa resignação, porque a vida do Espírito, essa alma onde se aninham os sentimentos não termina na Terra, mas se desenvolve em outras existências, onde se realizarão seus sonhos de amor inspirados por uma justa esperança, e alimentados por uma virtude sem mácula.

As Páginas de além-túmulo, *segunda parte de* "Marieta", *têm por fim demonstrar: "Como além da vida humana se colhe o fruto, e se conhecem os efeitos de todas as obras e de todas as causas, que, aparentemente, foram perdidas e esquecidas na Terra, e como, no abismo de luz que sucede ao abismo do sepulcro, o mal se resolve em tempestades, e a virtude em serenos horizontes." — "Nem a existência, nem o trabalho, nem a dor findam na tumba. Se o sonho agitado da vida não é o repouso, também o não é o profundo sono da morte." — "Se a vida é movimento, a morte é o começo de um outro; o termo de um lance da existência para principiar um outro, conseqüência do anterior; o fim de uma jornada no caminho do progresso."*

— "Esse espírito, que parece desfeito com o último movimento da artéria, e a derradeira pulsação do coração; que parece aniquilado pelo esforço da agonia, deve depois desenvolver suas tantas faculdades e aptidões, tão infinitas e várias, como são várias e infinitas as combinações do elemento físico sobre o qual vive e trabalha."

Assim, a notabilíssima segunda parte de "Marieta" *é escrita principalmente para aqueles que, sem desprezar o presente, tudo esperam do porvir, no além. É a vida de duas almas, a descrição de como além do sepulcro o espírito vive, trabalha e chora, descansa e goza.*

Essa descrição encerra grandes ensinos, esperanças e consolos para aqueles que acreditam na vida espiritual e nas reencarnações, único meio de explicar as desigualdades, que tanto atormentam ao homem sem fé, com a justiça infinita. Essa descrição abre ao pensamento horizontes novos, onde irá encontrar a crença racional que não é, em última análise, senão a fórmula

hoje possível do Cristianismo, para o qual as correntes se dirigem, como o demonstra o moderno movimento religioso. Essa descrição, finalmente, quando nada mais fizesse, prende por sua novidade a atenção do leitor.

Quer a considerem como obra medianímica, *isto é, ditada pelos Espíritos, quer a julguem produto da fantasia daquele que, no entanto, mais não foi que mero escrevente, intérprete de alheio pensamento, nessa obra se acharão bases suficientes para sobre ela se firmar uma hipótese racional, mais lógica que as propagadas até hoje, já como verdades ou dogmas religiosos, já como concepções ou preceitos de filosofia; hipótese que se há de conformar com a teoria espiritista, baseada em um critério científico, e comprovada por aqueles que se dedicam a estudar aquilo que de um simples passatempo se converteu em doutrina filosófica destinada a modificar as opiniões religiosas da Humanidade; em suma: o Espiritismo, que, se aparece nesta época, é porque nem as teorias católicas nem as protestantes nos podem mais satisfazer, e sentimos a necessidade de alguma coisa mais elevada e adequada ao presente estado do progresso.*

•

Como quer que o considerem, este livro é eminentemente moral, e tende, primeiro que tudo, a fortificar o sentimento religioso.

Para os que crêem na reencarnação, na passagem sucessiva do espírito imortal por diversas existências; os que duvidam, nelas acharão algo de sublime, que, talvez, lhes desvaneça as dúvidas; e também os que negam serão seguramente atraídos pela beleza da forma, e pelo profundo senso moral de alguns capítulos, capazes de criar uma reputação de escritor.

O que dá começo a essa brilhantíssima segunda parte de "Marieta", *intitulada* — O primeiro dia de um morto, *é comovedor; não por descrever com tintas lúgubres e estilo tétrico esse transe, horroroso passo para o desgraçado que cerra os olhos sem fé em Deus e sem esperança na outra vida, mas por minudenciar com mestria o momento da separação do Espírito do organismo, confirmando os ensinos da doutrina espiritista. O capítulo*

segundo — Voz do Céu — *é um cântico consolador, que sem dúvida escutarão as almas acrisoladas no infortúnio, e aquecidas pelo sopro da virtude, ao transpor os umbrais da nova vida, da verdadeira vida espiritual.* Nápoles vista por uma alma e vista por um pássaro *e* Fenômenos de luz, *capítulos com que termina o livro primeiro, encerram belíssimas descrições e parágrafos de primeira ordem, como os que em duas curtas páginas condensam a história de cem séculos de Nápoles, a largos e maravilhosos traços, com pinceladas verdadeiramente magistrais, que delatam um exímio historiógrafo, e contudo foram escritos pela pena ou pelo lápis (falamos sem metáfora) de quem apenas tinha leves noções de história e geografia.*

E não menos notáveis são os seis capítulos, que formam o livro segundo, sobressaindo especialmente o intitulado — Alma entre fumo e cinza, *delicadíssima, ao mesmo tempo que acerada censura daqueles* autos de fé *que para extirpação de heresias, esplendor da Igreja e exaltação da Santa fé se praticavam, celebrando-se a morte dos sentenciados com brilhantismo e luxo, queimando-se em nome de Deus, diante de Deus e pedindo-se a Deus por eles; porque era preciso destruir, amordaçar o poder do pensamento, sempre inclinado a pensar fora do que ensina a Igreja; era preciso selar com o ferro em brasa aqueles lábios sempre dispostos a dizer mais do que dizia a Igreja. Como se os mártires não continuassem no espaço, depois de sua morte, a obra começada na vida, lançando aos ecos a palavra sufocada pela tirania, para que nunca mais se perca; ecos que a vão reproduzindo de geração em geração, e alentam nos cérebros essa contínua insurreição das idéias contra a obscuridade, não subindo a mais altas esferas, não abandonando o campo de sua constante luta, até que a razão acenda o seu facho e a virtude teça a sua coroa.*

Os outros capítulos do citado livro segundo, além de outros são ensinos, tendem a provar que "os que nascem, vêm do lugar para onde vão os que morrem", isto é, a realização da imortalidade.

A visita de um morto, A sombra *e* A razão de duas existências, *são os capítulos que formam o livro terceiro, destinam-se*

a demonstrar a necessidade de encarnações sucessivas, nas quais se realize o progresso do Espírito, em harmonia com a justiça divina; lances da vida infinita, e solução do problema da desigualdade com que vemos distribuídos a dor e o prazer, sem jamais deixar de corresponder a um princípio equitativo, pois o infortúnio é sempre uma obra nossa.

Não criminemos a Providência, que só sabe derramar o bem a mancheias sobre os mundos e as humanidades.

Essas doutrinas necessariamente felicitam os que nelas crêem, e acomodam a essa fé no porvir os atos de sua vida planetária. Aos que têm a desgraça de não crer, diremos como as Páginas de além-túmulo: *"Esperai que a vida termine." E acrescentaremos, dirigindo-nos a todos: Se pelos frutos se conhece a árvore, julguem do Espiritismo por* "Marieta", *e reconhecerão que essa doutrina é eminentemente moral e consoladora, e tem a virtualidade suficiente para improvisar escritores tão notáveis como o que se revela nesta produção, ou honestidades tão pouco comuns como a do* médium, *que produzindo uma obra apreciável, se confessa um simples instrumento dos Espíritos.*

•

Simples amanuense, dócil servo para lançar sobre o papel o ditado dos Espíritos, Daniel Suárez era bem conhecido por todos que com ele tínhamos relações, como carecendo em absoluto das condições precisas para escrever um livro, sem uma inspiração estranha, e muitíssimo mais do modo por que foi este escrito ao rápido correr do lápis, e sem fazer correção alguma no original medianímico.

Também sabíamos que nenhum ser humano lhe podia prestar a inspiração. Se algum desconfiado pretendeu atribuir-me uma colaboração nesta obra, creio que a minha negação basta para destruir essa falsa suposição. É certo que dirigi as publicações que se fizeram em Saragoça e em Madri, mas o meu trabalho limitou-se a examinar e corrigir as provas sem alterar o original. Para demonstrar o meu escrúpulo nesse ponto, vou recordar dois fatos.

Ao imprimir-se a parte que continha o magnífico resumo histórico de Nápoles, síntese digna de ser assinada por Castelar, o nosso incomparável tribuno e professor de História, ou pelo imortal poeta e filósofo vidente Vítor Hugo, ou por outro historiador genial, ainda que não notasse anacronismos nem algum erro grave de apreciação, fui verificar as citações no meu favorito Compêndio de História Universal, *de Weber-Sanz del Rio, e resolvemos escrever Totilas, como dizia o compêndio, em vez de Totila, como escrevia a comunicação e como outros historiadores denominam a esse rei godo. Pois bem, na nova edição do compêndio a palavra vem sem* s, *como o* médium *a havia escrito.*

Outro fato: Colaborando no jornal ilustrado El Globo, *há muitos anos, publiquei trechos do capítulo de* "Marieta", *intitulado —* Almas entre fumo e cinza, *por me parecer oportuno, em um dia 30 de maio, aniversário do* auto de fé *que deu assunto para esse capítulo. Embaixo da última tira, e adiante do meu nome escrevi a palavra* extraído, *que a Redação suprimiu, atribuindo-me a paternidade do artigo, contra o que eu oportunamente reclamei, pois não queria adornar-me com penas de pavão, apesar de que muito me honraria em firmar esse artigo, se fosse meu. Nesse mesmo número do* Globo *apareceu um notável artigo de Castelar, que em nada absolutamente fazia desmerecer o escrito pelo* Médium, *segundo o juízo de muitos, era por este superado na profundeza dos conceitos, e na beleza da forma.*

Ninguém melhor que eu podia apreciar as aptidões literárias e os conhecimentos científicos de Suárez, porque, sendo eu o presidente e ele o secretário da "Sociedad Espiritista Española" passamos alguns anos no local dessa sociedade, em circunstâncias que me permitiram aquilatar da capacidade e do grau de instrução desse jovem, bem como de suas excelentes faculdades medianímicas.

Algumas das notabilíssimas comunicações por ele obtidas, especialmente o livro "Marieta", *convenceram-me da realidade e caráter extraordinário dos fenômenos espiritistas, e foram a causa determinante para que eu consagrasse ao seu estudo toda minha atenção e desvelos, recompensados com maravilhosas manifes-*

tações dos Espíritos, particularmente do de Marieta, e por médiuns *diferentes; convertendo-me em infatigável propagandista de uma doutrina que traz tantos benefícios de ordem moral àqueles que a professam, e na qual encontrei elementos bastante para fundar, não só uma fé racional, necessária à época presente, e indispensável ao porvir imediato, mas também um completo sistema filosófico, apresentando-nos o grande problema moral, e arrastando-nos à sua solução, a fim de se renovar, como é de necessidade, em um sentido harmônico, a vida em todas as suas esferas.*

A esse propósito já uma vez dissemos (Preliminares al estudio del Espiritualismo, *final do cap. IV), e nos permitirão repeti-lo:"*

"As ciências físicas ensinam-nos que nada morre, no sentido de aniquilamento, mas apenas se dão transformações; do mesmo modo na ordem espiritual o ensino espiritista, vem firmar e demonstrar, que a morte não é mais do que uma transformação, nascer não é começar, mas continuar, morrer não é finalizar, mas continuar também.

"Uma grande ciência matemática, prolongados estudos e poderosos instrumentos óticos vieram revelar-nos os erros, em que até hoje esteve imersa a Humanidade. Grandes esforços da inteligência, e uma luta tenaz contra o testemunho enganoso dos sentidos e das preocupações foram necessários para encerrar nos limites do natural, o que era tido por sobrenatural.

"Prosseguir no caminho traçado pelas ciências, e impelir a inteligência para a frente, pondo ao alcance de todos o que só alguns gênios pressentiram, é o trabalho do Espiritismo, que, estudando o mundo físico e o mundo moral, a matéria e o espírito, como a química demonstra que na matéria só o elemento se transforma, afirma que nada se perde nos seres espirituais, criados para o bem e para ele encaminhados, exercendo-o sempre em relação e acumulando quantidades positivas, que, na série das existências, produzem adiantamento, e são a origem do progresso do Espírito através da matéria, e do da matéria pelos esforços do Espírito, que sempre atua sobre ela.

"Esses novos princípios hão de operar a renovação que representa o Espiritismo; esses novos princípios são o resultado imediato e simultâneo do ensino dos Espíritos e da Filosofia Espírita, formada da recopilação, concordância e análise do dito ensino, que em último termo nos leva, por meio de raciocínios e trabalhos próprios, ao ponto de convergência com o real, o fenomenal e o ideal, ao ponto onde as várias unidades se resolvem logicamente na unidade fundamental.

"A nossa filosofia deriva-se, pois, das diversas fontes, que as ciências nos proporcionaram para chegarmos à síntese de todos os fatos conhecidos da ordem física e da ordem moral; nela nós estudamos o laço que prende os seres da criação, compreendendo os atributos orgânicos e os morais.

"Por esse modo o Espiritismo apresenta o sistema que fará progredir as ciências exatas e as ciências morais, sem, contudo, se encerrar no exclusivismo nem no dogmatismo; mas, admitindo o progresso indefinido, oferece ao estudo das teorias, produto da reunião e agrupamento metódico dos fatos físicos e morais que recolheu, e das leis que vai descobrindo, e às quais vai acomodando aqueles fatos.

"Por isso afirmamos que essa doutrina, essa filosofia, essa ciência chamada Espiritismo, vem harmonizar a Ciência com a crença, da vida à fé, apresentando-a como irmã da razão; e vem imprimir nova e saudável direção à Humanidade terrena, que começa a deixar a infância de sua agitada vida, a conhecer a Deus, seu Pai, e a suas irmãs, as humanidades que povoam os mundos espalhados pelo espaço; e a descobrir, conhecendo-se a si mesma, porque existe, de onde vem e para onde vai.

"Tais são os fins a que se propõe, e os resultados que consegue a nova doutrina, tomando por guia a ciência e o raciocínio que conduzem à verdade, pelo caminho que nos indica o Espiritismo, que é a luz que o invade todo, *assinalando na época atual o despertar da Humanidade, ajudando-a a levantar-se com atrevido vôo, e atirando-a para os progressos que ela deve realizar."*

A esses mesmos fins tende a interessantíssima obra, que vê hoje de novo a luz da publicidade.

Para os que a conhecem, tudo o que dissessemos a respeito das belezas que ela entesoura, empalideceria ante o juízo vantajoso, que já dela formaram; para os que não a conhecem ainda, só diremos que abram essas Páginas *em qualquer capítulo e a sua leitura lhes despertará o desejo de conhecer todo o livro. Meditem sobre ele, depois de saborear a singeleza da narração, a beleza do estilo e a sublimidade do pensamento, e encontrarão aí os ensinos superiores do Espiritismo, graças aos quais tudo se explica com maravilhosa facilidade, tudo é lógico, tudo se encadeia; compreende-se a criação, na medida do que ao homem é dado compreender, e a obra divina nos aparece em sua admirável unidade, em sua concepção grandiosa, em sua sublime beleza.*

E se Marieta *não lograr, por acaso, incutir no leitor esses ensinos e o desejo de estudar a doutrina, que neles se funda, não se deixará de reconhecer, que o livro tratou de fazer compreender aos infelizes: "Que nem um só instante de uma existência é perdido, e que não há no mundo seres desconhecidos, pois se algum não deixa uma só lembrança de sua passagem pela Terra, no além da vida se descobre qual foi a missão do que passou despercebido." "Que só a alma acrisolada na virtude pode tranqüila encarar o céu onde as esperanças justas que a acariciam em sonhos, chegam a ser uma realidade; e que o puro e simples amor a um ser conduz à caridade, que é o grande e sublime amor a todos os seres, amor do qual sai purificado o maior e o mais sublime dos amores,* o amor a Deus."

ANTÔNIO TÔRRES-SOLANOT Y CASAS

Saragoça, 1888

PRIMEIRA PARTE

Páginas de duas existências

Bene e pietà che, la pietade e 'l zélo
uman cedendo, autor sen creda il ciélo.

.....

INTRODUÇÃO

Todas as escolas filosóficas têm seu ideal, seu céu.

O céu de toda a escola filosófica é a virtude.

Pouco valem, pois pouco ensino oferecem, estas *Páginas de duas existências.*

Narração singela de alguns fatos culminantes da vida de duas mulheres, que passaram pela Terra e aí morreram, tão desconhecidas como as flores solitárias, que, no recanto de um vale, se expandem brilhantes num dia, e no outro se desfolham, sem que para lhes admirar a beleza uma só vista sobre elas se detenha; estas *Páginas,* que oferecemos a todos aqueles que vivem do mesmo modo, e tão ignorados morrem, têm por principal objeto servir de fundamento à segunda parte deste livro, *Páginas de Além-Túmulo.*

Como, porém, nem um só instante da existência se perde, nem o menor propósito é infecundo, e nem o mais pequenino ato é inútil, tem estas páginas, precursoras das segundas, o interesse e o cuidado de fazer ver, assim aos que sofrem em silêncio, e no silêncio, são virtuosos, como aos que, entregando seu coração à ferocidade das paixões, julgam achar um bem nas ficções do mal, como somente as

almas acrisoladas na virtude podem, serenas, confiar no porvir, como só elas podem tranqüilas encarar o céu.

Depois provaremos como, no além da vida humana, se colhe o fruto, e se conhecem os efeitos de todas aquelas causas, que, segundo as aparências, foram na Terra perdidas e olvidadas; e como no abismo de luz que vem depois do abismo do sepulcro, o mal se resolve em tempestades, e em serenos horizontes e virtude.

A virtude! A maior apologia de sua lei é a veneração, com que, forçados, a confessam no silêncio de suas consciências, mesmo aqueles que se desviam da senda por ela traçada, única para se subir através dos tempos e dos espaços.

Aurora sempre nova, oferecendo sempre dias mais brilhantes que aqueles que nos deslumbram já, esperanças mais lisonjeiras que as já possuídas, aroma de todos os sacrifícios, felicidade que sobrepuja a dor, até transformá-la em gozo; entra com a verdade de suas oscilações, e com a justiça de seus raios, nas trevas do erro, pois não podem ser eternas as negras sombras nem a certeza do mal, que vem, por ser indispensável à virtude, mas encontra afinal o seu corretivo.

Por isso o bom é bom, porque deve ser; o mau não é bom, porque não quer.

Seres, que, sem deixar uma só lembrança na Terra, um só átomo de imortalidade, vos sacrificais em silêncio, e na soledade permaneceis inflexíveis nas provas duras de uma existência: ainda que a vossa memória se apague, quando emudeça o último eco que repete o vosso nome, sois conhecidos e contemplados, e vossos feitos, vosso heroísmo, como se estivessem escritos no mármore, brilham nesse olvido que só existe no pensamento dos homens. As virtudes ocultas, e as estrelas inacessíveis, mesmo não sendo vistas, não deixam de brilhar.

MARIETA

LIVRO PRIMEIRO

(Ditado de Marieta)

CAPÍTULO I

O CHOQUE DE DUAS ALMAS

I

Vinde a mim, e vos contarei as delícias da nova vida.

Eu sou aquela que, em rápido vôo, passou desconhecida por entre as asperezas da Terra...

O mar açoitou-me o berço, em uma cabana de pescadores, lá, em Nápoles, no coração da ardente Itália.

Buscando expandir-me no espaço, nada achei de melhor e de mais fácil que vir ter convosco...

Continuo amando os seres a quem amei...

É grande terem-se presentes aqui os sítios da Terra, onde se sofreu e recordar os seres com quem e por quem se padeceu.

Triste de mim! Abandonei a vida sem aí deixar alguém, e...

Fiquei só na Terra; todos a quem eu amava morreram antes de mim, sem que eu pudesse também morrer.

II

Pensar no que foi o nosso corpo não é coisa extraordinária, como não o é o pensar uma menina em seus vestidos. Dir-vos-ei como era o meu.

Já havia para mim soado a hora dos dezesseis anos, e ainda minha alma não se tinha entregado aos vaivéns da vida.

De alta estatura, a ponto de, como as flores de comprida haste, inclinar-me ligeiramente para a frente; ruiva, com os meus dourados cabelos caindo-me em grossos cachos sobre os ombros; de andar majestoso e pé pequeno, que apenas aparecia sob a orla do meu vestido azul, como querendo fugir à minha própria admiração; olhar profundo como se escondesse um mistério; a minha beleza, pois a tinha, velada por uma tristeza lânguida e tranqüila era estranha na terra italiana.

Era uma tímida ave do Norte, nascida em ninho alegre, junto ao fogo do Vesúvio. Era como dizia minha mãe, em seus arroubos de amor materno: *Marietta, figlia mia, púra siccóme uno angelo.*

Ninguém poderia suspeitar que, sob aquele exterior tão frio, palpitava um coração de fogo. Todo o calor que resplandece nos olhos, nos movimentos vivos e na fronte das mulheres meridionais se tinha refugido em minha alma; alma de arma de fogo, onde se esconde matéria combustível, capaz de reduzir a cinzas, em um instante, o cano de aço frio, ao menor contato com um sopro cálido.

Ah! Que mão, que faísca, que sopro poriam em comoção o vulcão que dormia em meu peito! Quem me viria despertar, a mim, imagem viva de Pompéia, que devia sucumbir sob o peso de suas próprias cinzas! Ai de mim! Jamais minhas mãos apertariam uma outra; jamais me seria permitido contemplar, a não ser de longe, como se dá com as estrelas, o fulgor de um olhar: jamais hálito algum se viria confundir com o meu.

Tranqüila deslizou minha existência até os dezesseis anos; tranqüilos eram os meus costumes, reduzindo-se minhas maiores emoções a seguir com os olhos, até perdê-lo de vista, o barco de meu pai, e a recebê-lo em meus braços, com alegria, quando ele regressava.

Vou descrever uma parte da minha existência, que decidiu do meu destino; e como as afeições humanas são eternamente as mesmas, nada de novo encontrareis nisso.

III

Nápoles, ah! Nápoles! Paraíso onde se pode dizer que o meu espírito descansa! Cidade formosa, situada ao fundo de uma soberba baía de cinqüenta milhas de extensão, tendo, de um lado, os cimos do Vesúvio com as suas coroas de neve eterna, e seu grande penacho de fumo avermelhado, que toca o céu; e de outro, o promontório Posilipo; e assemelhando-se a uma pomba ladeada por dois gaviões.

Nos começos do ano de 1647, era ela dominada pelos Espanhóis, e tinha por vice-rei o duque de Arcos.

Nápoles é uma cidade essencialmente italiana. Ali dominaram os gregos, os bárbaros do Norte, os sarracenos,os normandos e os espanhóis por muito tempo; mas nenhum deles aí deixou sinais da sua passagem; a influência do seu clima, do seu *dolce farniente,* venceu e suplantou tantos domínios; sempre aquele paraíso se conservou puramente italiano.

IV

A casa de meu pai, situada à beira-mar, em um dos bairros mais populosos da cidade, era grande; sua próspera fortuna a havia levantado sobre a antiga choupana.

O meu aposento, cujas janelas davam para um pequeno jardim, dominava quase toda a extensão da baía.

Eu não abandonava esse ninho senão nos dias de festa, para acompanhar minha mãe à missa.

Minha mãe, levemente apoiada em meu braço, era quem me conduzia, ainda que parecesse dar-se o contrário.

Transpúnhamos o pórtico da igreja pelo meio da multidão de jovens, que, em todos os países, se reúnem à porta dos templos.

Orávamos durante a missa.

Os pórticos, mais que uma passagem para os fiéis, são tronos onde se ostenta a majestade da beleza purificada pela santidade do templo.

Sempre que eu aparecia à porta, diante de minha mãe, para lhe abrir passagem, se elevava esse murmúrio de admiração, que segue a formosura.

E eu passava tranqüila por meio daquele incêndio, sem que alguém conseguisse, por muito tempo, alterar, sequer por um momento, a fria impassibilidade do meu rosto.

Havia, então, em Nápoles, um costume original: muitos jovens rodeavam uma só moça, e cada qual lhe oferecia pelo menos um ramo de flores, dando-se, muitas vezes, o caso de cada um dos ofertantes trazer três ramos. A jovem tinha o dever de os aceitar todos, e levá-los até sua casa; pois de outro modo, o desaire, por causa de algum ramo abandonado, podia acarretar queixas e reclamações, e, às vezes, piores conseqüências.

Um dia, ao sair da igreja, cercou-me uma multidão de jovens, e caiu em meu braços uma infinidade de preciosos ramos, a ponto de eu me ver em grave risco de perder algum.

Pude, apesar disso, romper por entre a multidão que me rodeava; e, então, aproximou-se de mim um jovem, com um pequeno ramo.

— Quanto sinto — me disse ele — haver chegado tarde!

— Como tarde? — respondi-lhe — o vosso ramo é pequeno, e não lhe faltará lugar onde couberam tantos outros; dai-mo.

— Não — insistiu o jovem — não sabe; só ele, apesar de sua pequenez, ocuparia mais lugar que todos os outros.

— Não vejo como — retorqui.

— Pois, vejo eu; mas se o seu lugar, agora, está ocupado por tantos outros, prometo-vos que o tereis. E confundiu-se na multidão.

— Estará ébrio? — pensei eu, sorrindo.

Cheguei a casa, dirigi-me ao jardim, e aí passei duas horas, entretida a escolher flores, com as quais formei novos ramos, que dispus em jarros, deixando-os no compartimento que nos servia de sala de jantar, no andar inferior.

Subi, depois, para o meu quarto; e, ao aproximar-me da janela, vi que o ramo de flores, que havia pouco me tinha sido oferecido, mas não me fora entregue, estava colocado sobre as dobras da cortina branca, à entrada de um pequeno compartimento contíguo ao meu.

Recuei cheia de admiração, e não me atrevi a tocar-lhe; pareceu-me que devia respeitá-lo em seu abandono.

Dia fatal foi aquele para mim... Noite cruel a que se lhe seguiu. Creio que pela primeira vez na minha vida perdi a consciência do que fazia. Que se passava? Por que tão infundado desassossego se apossara de mim? Não o sabia. Apossou-se de mim uma emoção atormentadora, que me não abandonava, nem durante o sono, que eu sempre tivera tão plácido.

No dia seguinte levantei-me de mau-humor. Que tinha eu? Casualmente a minha vista fixou-se naquele ramo de flores, que ainda permanecia no mesmo sítio. Senti um ímpeto de indignação... atirei-me para ele... segurei-o, e, irada, lancei-o pela janela ao jardim. Mas, por que fiz isso? Não sei dizê-lo.

Na aparência fiquei tranqüila depois desse ato injusto.

Os dias que se seguiram foram de calma, mas era a calma que precede as grandes tempestades depois da sua primeira explosão; temerosa e, ao mesmo tempo, cheia de afeto, eu via aproximar-se o domingo.

V

Despertava, então, a Primavera — a formosa estação das flores. Os jardins de Nápoles começavam a revestir-se de um matizado manto verde, bordado das mais preciosas flores. Límpido e brilhante que era o céu! E risonho que era tudo! Oh! Sim! Tudo, em torno, me sorria; mas, o coração triste se conservava, com todo esse alegre despertar da Natureza.

Ah! Como o seu pulsar se acelerava, à medida que o domingo se aproximava...

Tinha medo, e não compreendia se a minha situação era lamentável, ou se devia estar com ela satisfeita; mas sabia que um passo fora da morada de meus pais desfaria o meu passado tão tranqüilo e que, no meio de toda aquela natureza, que sorria, fenecia a flor da minha inocência, ia rasgar-se o tênue véu que me ocultava largos e dilatados horizontes...

Afinal, amanheceu o domingo, que meu coração temia, e a minha imaginação desejava.

Chegou a hora de nos dirigirmos ao templo: nunca, estou certa, minha mãe sentiu, como então, o peso de sua filha, que lhe devia servir de apoio; ela houve de arrastar-me, antes que conduzir-me aos pés do altar.

Chegou o sacerdote, abri o livro de orações, e, maquinalmente, sem nelas fixar a vista, percorri as primeiras linhas.

Cada momento me parecia uma hora; as pulsações do coração produziam-me o efeito das pancadas de um pêndulo; houve um momento em que ele bateu mais precipitado; o suave rumor de uns passos por mim percebido, através desse abafado murmúrio da multidão, feriu-me e fez-me

estremecer; uma luz deslumbrante passou a meu lado. Que seria?

Ele!

Não tive ânimo para encarar de frente a situação; recolhi-me em mim mesma, cerrei os olhos, e os braços me penderam ao comprido, com o livro preso pelas duas mãos; não sei quanto tempo permaneci nesse estado, mas pareceu-me uma eternidade; um impulso involuntário fez-me erguer a cabeça; abri os olhos, e, lá, junto de um pilar estava... estava ele.

De pé, com a cabeça inclinada, e o olhar fixo no solo, com os longos cabelos castanhos a caírem-lhe em ondas pelos ombros, o traje negro, a leve capa espanhola dobrada no braço esquerdo, e a mão segurando o chapéu, ligeiramente apoiada ao copo da espada, a minha vista fincou-se nele, sem poder ver outro objeto, qual se fosse um abismo que me estivesse atraindo a alma.

Creio que outro movimento involuntário lhe fez levantar a cabeça; ergueu a vista à abóbada da igreja, ao mesmo tempo que o meu olhar também se levantava; creio, também, que os nossos olhares fixaram o mesmo ponto, e depois como impelidos por uma só mola, baixamos as cabeças e nossos olhos se confundiram, deslumbrando-se mutuamente. O sangue me afluiu do coração à cabeça, e refluiu ao coração; um grito dalma, imperceptível, morreu-me na garganta, enquanto um sorriso inefável e indescritível me aflorou aos lábios.

Saímos da igreja, e percebi que ele me seguia.

— E minhas flores — disse, ao passar junto a mim — ocupam algum lugar predileto em vossa casa?...

E foi-se, rápido.

Não pude responder; ser-me-ia impossível dizer qualquer coisa; cheguei a casa sem saber como, e, logo que fiquei só, imóvel, de pé no meio do quarto, comecei a refletir e a ter consciência da minha situação.

Levei, involuntariamente, as mãos à cabeça, que me ardia; qual relâmpago, uma idéia me cruzou a mente; desci precipitadamente, e alcancei a porta do jardim; essa porta era a mesma da primitiva cabana de meu pai, ali conservada como lembrança, porque no local da cabana havia ele edificado a casa que nos servia, então, de morada; procurei... procurei... e no meio de uma porção de ervas, encontrei, ainda no maior abandono, aquele ramo, já seco e desbotado; apanhei-o, ocultei-o nas vestes, como quem esconde um tesouro, e voei para o meu quarto.

Onde colocá-lo? Não encontrava lugar bastante digno. Depositei-o, afinal, no lugar onde guardava o que mais prezava; nesses sacrários que todos possuem, e procuram ocultar, porque as vistas estranhas profanam sempre as recordações queridas.

Minha emoção era grande, não sabia o que fazer; abri as janelas; a Natureza, o campo, o mar, o céu, o Sol, tudo brilhava em seu maior esplendor.

— Sim! — disse eu, como se alguém me pudesse ouvir; e dirigindo-me ao precioso panorama que se estendia diante de meus olhos bradei: Sim! o teu ramo ocupa um lugar predileto, em minha casa.

E uma torrente de lágrimas me saltou dos olhos, correndo-me pelas faces, traçando nelas como que sulcos de fogo.

Então, abriram-se-me os olhos da alma, que, pode-se dizer, abrangeu todo o espaço e todo o preencheu; pareceu-me pequeno toda a amplitude do horizonte, para conter a plenitude que meu espírito havia adquirido; compreendi, então, por que o Sol brilhava, por que os pasasarinhos, cantando, esvoaçavam junto da minha janela, porque as flores se inclinavam ao sopro da brisa, por que tudo vivia, porque tudo se movia, porque toda a Natureza se agitava; então, ah! compreendi-me a mim mesma.

Como fogem as sombras ao despontar da aurora, fugiram as que me envolviam a alma; aquele dia decidiu da mi-

nha vida na Terra, e nesta mansão dos espíritos; tudo se me afigurava mais belo, e, por assim dizer, mais lógico; em meu coração, desde aquele dia, vibravam cordas, que soavam em harmonia com os sentimentos até então adormecidos em minha alma; sentia-me muito mais satisfeita nos meus labores domésticos; minhas orações brotavam de mais íntimo, e chegavam mais profundamente ao céu; já eu tinha maior gosto em dar realce à minha beleza; uma alegria tranqüila e melancólica se apossou de todo o meu ser.

VI

Tornei a vê-lo de relance, e ele forçosamente adivinhou o que me ia nalma, porque também li nos seus olhos a felicidade, que nasce do coração satisfeito.

Vi, com prazer, que guardava sempre uma respeitosa distância, que nenhum de nós procurava nem desejava fosse menor; e, se por qualquer circunstância, que não podíamos evitar, já por nos obrigarem a isso os vaivéns da multidão, ou pelo desejo de não nos perdemos de vista, nos aproximávamos mais, eu corava e ele também. Nossas almas, para conservarem o equilíbrio, precisavam guardar certa distância, fora da qual se sentiam mal.

O templo foi muitas vezes teatro daquelas mútuas e respeitosas expansões; parecia-nos que só o santuário era o lugar em que, abertos nossos corações, neles podíamos ler os mais íntimos sentimentos; ali nos adivinhávamos. Não podeis imaginar até que ponto nos chegávamos a compreeder; é que a linguagem humana, com todos os seus recursos, não podia substituir com vantagem a dos nossos olhos.

Quantas coisas dizíamos! Deste modo, comunicávamos todas as nossas alegrias, todos os nossos temores; falávamos num instante muito mais do que poderíamos fazê-lo em uma hora, comunicando-nos de perto.

Ainda não tínhamos percebido o som de nossas vozes, e, contudo, já era tal a nossa intimidade, que reconhe-

cíamos o seu timbre com a segurança de quem a houvesse escutado toda a vida.

Não vos quero importunar mais com os pormenores da minha paixão, que cansariam sem dar gosto a alguém; julgo-o desnecessário, porque os conhecem todos aqueles que deram vida à própria alma com a vida de outra alma; pormenores que formam a escória de que nenhum ser humano pode prescindir; não, não vo-lo direi; além disso, meu único fim, ao abrir a urna das mais sagradas recordações, é que, ouvindo esta minha confissão, só percebais o que nela há de mais puro: os seus perfumes.

VII

Assim passou aquela Primavera, assim o seguinte Verão, assim me supreendeu o Outono, nesse êxtase da alma separada do mundo, estranha a tudo o que me cercava, com o espírito flutuando sobre todas as coisas que não se relacionavam com o objeto da minha adoração; assim se passavam os meus dias com a velocidade de um minuto; assim se passaram sete meses, sem que eu os sentisse, nem contasse. Que era para mim o tempo?

Nada mais que a tela onde se destacava, com magníficas cores, a perspectiva preciosa que a minha vista descobria, fixando-se em um só ponto — ele.

Esse estado de contemplação de nossas almas exigiu que déssemos mais expansão ao teatro da nossa felicidade. Não longe da cerca do meu jardim, quase à borda mesmo do mar, erguiam-se umas ruínas, que a minha janela dominava; ali, todos os dias, ao cair da tarde, ele vinha sentar-se numa grande pedra, e a nossa muda conversação prosseguia, como as nossas mútuas confidências e colóquios, ora tristes, ora alegres, consoante o estado de nossas almas, até que a noite, envolvendo-o em sombras, e confundindo-o com os escuros relevos dos velhos muros, mo fizesse perder de vista.

VIII

Que eram, que me importavam os ruídos, os acontecimentos do mundo e as agitações da sociedade?

Nada. Eram ecos longínquos que soavam, e vinham tão de leve ferir-me a imaginação, quanto uma pedrinha pode chocar a imensidade do Oceano.

Naquele tempo, deram-se em Nápoles os acontecimentos que elevaram um pobre pescador, Tomás Anielo, ao cargo de soberano daquela população, agitada pela fome e aguilhoada pela tirania dos seus dominadores; tudo isso, que antes tanto me teria impressionado, não era, então, para mim, como já disse, mais que uma ligeira onda no mar de minhas ilusões.

IX

Ao revestir-se o Outono do seu manto triste e amarelo, turbou-se a, até então, pura e límpida fonte em que se banhavam os doces momentos do conjunto daquela felicidade. Como nada, que se referisse a ele, me podia passar despercebido, e escapar à minha penetração, notei, com certa angústia, no seu semblante, um leve indício de tristeza, além da que lhe era habitual. Meu cuidado cresceu, ao ver que gradualmente progredia aquela alteração do seu estado habitual.

— Deus meu! — dizia — qual será a causa do seu sofrimento? Terá visto em mim alguma coisa que lhe desagrade?

Fiz-lhe notar, em seguida, meus receios por meio de ligeiros sinais. — "Que tens?" — perguntava-lhe, movendo imperceptivelmente os lábios, como se ele me pudesse ouvir. — "Que é que te faz sofrer?" Cruzava as mãos, apertando-as contra o peito, e elevava os olhos ao céu, como pedindo que de mim afastasse esse cuidado; um ligeiro sorriso, porém, que lhe passava pelos lábios, não fazia mais que tranqüilizar-me por um momento, para ver depois

crescer a ansiedade, contemplando a sua impassível atitude, cada vez mais melancólica.

Um dia (nunca a sua recordação me sairá da mente), vi aquela tristeza transformar-se em inquietação; ele não se assentara no lugar do costume; movia-se, ia e vinha a largos passos; observei o desalinho dos seus cabelos; o chapéu caiu-lhe algumas vezes das mãos que ele cruzava, como se quisesse dizer-me alguma coisa; sua emoção era extrema. Meus olhos o seguiam, eu também estava agitada, e interrogava-o da melhor forma. Alguma coisa de extraordinário ameaçava a nossa felicidade; sendo nós os únicos seres que enchíamos com a plenitude de nosso amor aquele ninho escondido nas praias do golfo de Nápoles, alguma ave de rapina nos havia descoberto, e se aproximava do nosso solitário recanto. Esse temor impressionou-me tanto, que provocou logo um mar de lágrimas.

Ao ver que chorava, seu desespero não teve limites; levava as mãos à cabeça, ia e vinha, e, o que antes não tinha ousado fazer, aproximou-se quanto pôde da cerca do jardim, levou a mão à região do coração, como querendo indicar-me que eu ali vivia; aproximou-se mais ainda, e, com voz clara, cujo eco ainda repercute em mim, disse: — "Espera" — e desapareceu...

Esperei; nem por um momento me afastei da janela; meu coração pulsava com violência. — Espera! Também lhe dizia eu, buscando conter-lhe a agitação com as mãos. Esperei algum tempo; os minutos passavam com a lentidão de séculos; ele não vinha e o Sol já se havia ocultado; a Lua começava a mirar-se nas águas; a impaciência atormentava-me; de quando em quando, lançava um olhar indagador para todos os lados.

— Espera! — dizia eu a mim mesma. Esse estado de incerteza produziu-me certo delírio. — Espera! — dizia aos barcos de pescadores, que corriam velozes sobre as águas tranqüilas. A noite fechou e eu comecei a desesperar...

— Marieta!... Marieta! — disse a sua voz.

Achava-se ali perto, no mesmo lugar donde pouco antes me pedira que esperasse.

— Que há? — respondi com voz desfalecida.

Uma coisa branca girou por cima da cerca do jardim; senti um leve ruído; alguma coisa caíra no chão.

— Adeus! — disse ele — e não o vi mais...

Não sei como me achei ao pé da cerca; tateei, e minhas mãos encontraram uma pedra e um papel; subi ao quarto, e li o que se segue:

"Não chores, Marieta; não chores, por Deus; é certo que nuvens se amontoam no céu da nossa felicidade; é certo que alguma coisa grave vem perturbá-la; mas, Marieta, não sabes que não se pode ter, na Terra, uma felicidade sem mescla? Até amanhã; não chores, Marieta; espera, espera e tem fé em mim, como eu espero e tenho fé em ti; espera, não chores."

Li, e o meu primeiro impulso foi obedecer ao que ele me pedia naquela carta; busquei conter as lágrimas para atender ao seu pedido; cobri o rosto com as mãos, e mesmo sem o ver, eu o via. Meditei, muito tempo, na minha situação, que tanto havia mudado com aquelas linhas por ele traçadas. Até então, eu crera que a minha dita era inviolável.

Que desengano!

Acreditava que o céu jamais se toldaria para mim. Era uma ilusão! Começava a pressentir a dor, que ia amargurar a felicidade que eu saboreava, como se pressente a amêndoa amarga no âmago do mais saboroso fruto. Quanto custou à minha alma desprender-se daquela primeira ilusão! Pobre alma, destinada a arrancar de si todas as suas esperanças, como o cisne se despoja de suas penas uma a uma!

Dormi essa noite com aquele sono que só se apodera da cabeça; e, à janela, fui surpreendida pela aurora, quando ela começava a raiar no horizonte. Nada mais magnífico e surpreendente que o despontar do dia em Nápoles, e contudo minha alma não soltou esse grito de admiração, que sempre se eleva diante de tão deslumbrante fenômeno: ne-

nhum encanto me seduzia, se com ele se não relacionasse, depressa o compreendi. Talvez movido pelos mesmos sentimentos, apressou-se a vir ver-me. Aquela visita matinal, agradeci-a mais do que a Natureza, animada a meus olhos pela sua presença, agradecia o primeiro raio de sol. Um grito de entusiasmo e gratidão se escapou de minha alma; e meu coração, túmido de lágrimas ali represadas, manifestou-se em meus lábios como um beijo eterno. Passei três dias naquela janela, e ele três dias entre as ruínas; três dias de um culto contínuo, culto da religião de nossos espíritos, sem outro templo que o Universo, sem mais altares que aquela janela e aquelas ruínas, sem outros ídolos que nós mesmos; acreditamos que éramos os dois pólos sensíveis do mundo; tudo mais nos era indiferente. Que delírio! Só os que amam possuem essas naturezas duplas: a própria, e a do objeto amado.

Na noite do terceiro dia, pelo mesmo processo por que me viera a primeira, recebi a seguinte carta:

"Marieta, sofro muito; vejo que também sofres; coragem; devemos dispor-nos a sofrer ainda muito mais; talvez que breve nos tenhamos de separar; mas Deus nos reunirá outra vez... Se soubesse! Marieta...

"Perdoa-me pelo que te faço sofrer; não duvides um momento; esperança e valor. Ah! pobre Marieta, pobre de mim! Se soubesse!"

"Rude golpe me desfechou esta segunda carta.

Como? Separar-se de mim!... Perdê-lo de vista!... Seria possível? Nunca tal pensamento me havia ocorrido; concebia que poderia morrer, mas uma separação... Notei, por suas palavras, que me ocultava alguma coisa; e era o que transparecia da expressão: "se soubesses!..." Decidi-me a responder, e, a custo, tracei as seguintes linhas:

"Não devo, não quero, não posso saber coisa alguma; só sei que me queres, como eu te quero. Isso me basta, e enche toda a minha vida; estou disposta a tudo, menos a perder um só átomo do teu amor."

Essa minha carta impressionou muito o pobre rapaz, como se pode depreender da seguinte, que recebi no dia imediato:

"Marieta, tua alma está impressa na tua carta, tal como em teus olhos; a generosidade, o desinteresse que manifestas, mostrando-te somente avara do meu sentimento para contigo, são um reflexo fiel da tua alma nobre, generosa e elevada. Não sei se me competia adorar-te mais do que já te adorava; só sei que tuas palavras prenderam ainda mais meu coração ao teu. Elas me dão valor; e lutarei com o destino para te fazer feliz, e transformar a Terra em paraíso, para nós. Espera tu, também, e dize-me se admites e fazes a promessa solene e formal, que só Deus ouça, de ligar numa só alma as nossas almas separadas pelas barreiras que o mundo levanta, onde quer que, com elas possam estorvar e romper a felicidade."

Recebi essa carta, vinda daquela mão que, involuntariamente, começava a ferir-me mas me deu valor para, com maior firmeza, fazer frente ao porvir.

Minha resposta foi a seguinte:

"Sim, prometo; porque, do contrário, trairia meu próprio coração, trairia a mim mesma; seria o suicídio da minha alma; o meu mundo resume-se em ti, e renunciar ao teu amor, seria renunciar ao mundo. Não me é possível viver sem o alento da esperança que bebo em teus olhos; e pedir-me que a isso renuncie, seria o mesmo que pedir trevas ao Sol, e escuridade ao dia."

X

Essa promessa solene que fizemos perante Deus, foi o ponto de partida da nossa desgraça; desde então, os dias que nos haviam sorrido, começaram a apresentar-se tristes e sem consolação. Pobre rapaz! não mais pôde ser feliz; a fatalidade ergueu-se de permeio aos nossos desejos e sonhos do porvir. Pobre rapaz! desde então, teu espírito anda mui-

to longe do meu, desde então eu choro por ti; ferias-me; incomodavas-me sem o saber.

Eu sou o teu sol, tu a nuvem que passa rápida e lhe empanas a luz; meus raios, porém, te iluminam, como o sol poente ilumina as nuvens que perseguem no horizonte, ao cair da tarde.

Vi-te desaparecer, para não mais tornar a ver-te com os olhos da matéria; não mais te vi, nem tu a mim; e quando podíamos cumprir, no céu, as nossas promessas terrenas, o destino levou-te para longe de mim. Poderemos, dizem-me, em outro céu realizar nossas mútuas aspirações.

Estaremos destinados a conservarmo-nos sempre separados em nossa marcha pelo espaço? Não, porque eu farei por me deter, para que voes, até que unidos possamos cumprir aquela promessa feita perante Deus.

Meu espírito não te perde de vista no espaço, da mesma forma como meus olhos não te perdiam entre o povo de Nápoles. E fixos ainda em ti, eles não se distraem, senão para contemplar os lugares que foram teatro do nosso eterno delírio; lugares que conservam a mesma topografia, os mesmos encantos, o mesmo céu, os mesmos perfumes; lugares nunca esquecidos que, como os quadros dos grandes gênios, poderão ser apagados, mas viverão eternamente impressos na memória dos seus admiradores.

Sigo-te de perto, espírito do meu espírito, como a mãe segue ao filho; sou para ti arrastada como o ímã para o Norte; sigo o teu curso, como o rio segue o declive do seu leito, até que juntos nos confundamos no mar imenso de todas as existências. Não te abandono, assim como o pássaro não abandona o ninho, donde, com suas débeis asas, espera lançar ao espaço os tenros filhinhos; não te deixo, não. Deixar-te, abandonar-te, esquecer-te, seria faltar à promessa que te fiz perante Deus.

Como esquecer-te, se a gratidão, como a hera adere aos velhos muros, se prende a todas as boas almas; se a gratidão, digo, me obriga a girar ao redor de ti, como um satélite em torno de um planeta! Abandonar-te, eu, que tanto te devo, a ti que, abrindo em meu peito uma cratera, fizeste que por ela fosse expulsa toda a escória cabível e concebível num coração insensível? a ti que, com o fogo da tua alma purificaste a minha? Que seria de mim sem ti na minha passagem pela Terra? Nada, ou antes, massa inerte animada por um espírito débil e indiferente, que teria necessidade de passar por muitos mundos para alcançar a glória que te deve. Que teria sido de mim, se o contato de tua alma não me tivesse elevado a tão grande altura? Sim; a minha gratidão tem de ser imensa, e devolver cento por um; pois ela é a hera do jardim das virtudes que devolve cem flores por um raio de luz, cada flor com cem aromas por um sopro de vento.

XI

Passaram-se ainda muitos dias, durante os quais entretivemos uma correspondência diária, na qual, vertendo as nossas esperanças, os nossos anseios e temores, apurávamos mutuamente, em doce ou amargo cálice, ora felizes pressentimentos do porvir, ora as amargas realidades que víamos aproximarem-se de nós. Finalmente, uma tarde apareceu-me triste e pálido; seu andar era lento e pesado, como o de uma consciência extraviada; um estremecimento de dor estendeu-se-me do coração a todo o corpo. Recebi a seguinte carta:

"Marieta, o dever me conduz para longe de ti; um dever inflexível, mais imperioso que todos os deveres. Uma carinhosa mãe, para quem sou toda a sua vida, e um pai pundonoroso, que quer que seu filho também o seja, chamam-me e obrigam-me a abandonar o meu paraíso. Muito tenho meditado, minha Marieta! Quanto vai ser triste o insulamento de tua alma, quando te achares só com a minha lembrança; e em vão procuro um meio de conciliar a nossa felicidade com a dureza do meu dever. Só há um meio, mas violento, que é romper com o passado, esquecer tudo o que

amo depois de ti, e na minha vacilação, na minha dúvida, resolvi que só tu decidisses. Ouve, Marieta: queres ser feliz? Queres que eu também o seja? pois bem, farei desaparecer minhas pegadas da terra, de modo que mais ninguém me possa encontrar; renunciarei ao meu nome para aceitar o que me quiseres dar; renegarei minha mãe, meu pai, minha pátria, tudo; queres mais? renascerei aqui para morrer contigo; por Deus, Marieta, concede-me tão grande ventura, pois de outro modo não sei como poderá voltar a ti o teu Rafael."

Meu Deus! Ele e eu unidos para sempre, confundidos no último recanto da Terra, numa existência ignorada; que ventura! mas à custa de quê? Não havia que vacilar um momento, sequer. Como pude, como me permitiu a agitação violenta que me dominava, tracei as seguintes linhas:

"Nunca, Rafael, nunca; foge de mim, foge. Pois quê?! queres comprar a nossa felicidade à custa do coração de uma mãe? O remorso de semelhante ato faria que a ventura que sonhamos, envenenasse tudo o que há de puro em nossos corações. Não! nunca! foge, foge daqui, e se Deus o quiser, premiará o teu sacrifício, que me afaga a alma, me faz estremecer de prazer, e fará que volvas a mim e me encontres, porque eu, atentamente, te ficarei esperando."

Dois dias depois, recebi a sua última carta, assim concebida:

"Adeus, Marieta, alma generosa, adeus... Parto esta noite, e tu ficarás só. Pobre Marieta! Pobre de mim! Tens razão: nosso remorso começaria onde findasse a nossa felicidade, porque esta iria ter por fundamento o desespero de uma mãe. Espera-me, anjo protetor, espera-me nestes sítios onde voltarei, eu, ou o meu último alento. Eu to juro. Adeus, Marieta, adeus."

Como descrever minha situação? Não é possível, não há palavras que possam exprimir esses momentos excepcionais da vida. Meus olhos estavam secos, minha alma às escuras, meu coração hirto. É preciso senti-lo para o conhecer,

porque, se não há lágrimas nos olhos nem fogo na alma, nem movimento no coração, que é a vida? Não se vive, morre-se lentamente, vive-se sem se viver, sente-se sem se sentir. Renuncio a tão difícil tarefa.

Foi aquela a última tarde em que o vi; o Sol acabava de ocultar-se entre nuvens, no horizonte; o vento fazia redemoinhar as folhas secas no jardim; o mar agitava-se como querendo harmonizar a sua angústia com a do meu seio. Tarde horrível! Ele achava-se ali, nas ruínas, dando-me o último adeus. Julguei ver-lhe lágrimas nos olhos! Eu não podia chorar! A noite cobriu com seu manto negro a tristeza da Terra e a desolação dos nossos corações. As sombras invadiram, pouco a pouco, as ruínas e foram-no arrebatando à minha vista, confundindo-o com elas! Já o não via; pressentia-o apenas, sentia o seu último adeus! Procurei fixar a treva, sem pestanejar, e... não mais o vi!

Caí de joelhos, ergui os olhos ao céu, e pronunciei longas e fervorosas orações pelo meu pobre Rafael. Afinal, pude chorar, e chorei muito. Na manhã seguinte meus olhos estavam fitos nas ruínas. Que digo? no dia seguinte? sempre o estiveram, porque, se, antes, elas foram o lugar santo onde, adormecidas ou despertas, tinham vivido as minhas esperanças, mais tarde foram o mausoléu das minhas mortas ilusões. Quantas vezes, muito tempo depois, lá ia olhar a pedra onde ele costumava sentar-se, de olhos fixos na minha janela, e ao céu rogava e pedia o seu bem-estar e ventura eterna! Quantas vezes, sozinha, lá me parecia ouvir o ruído dos seus passos, no menor movimento das folhas, no mais leve rumor do vento! Ah! nunca mais os tornei a perceber.

Com que afã buscava, no templo, o lugar em que ele sempre se colocava, para apoiar os joelhos na mesma pedra em que ele apoiara os seus; aquele lugar, donde havia posto sua alma na minha, e, roubando-a, a havia prendido à sua! Quantas vezes apertei contra meu peito aquele ramo de flores murchas, que eram o símbolo, a origem daquele delí-

rio em que viveram os nossos corações! Quantas vezes li aquelas cartas! Como as recitava de memória! Toda a minha vida estava concentrada nessa recordação sagrada.

Que soledade! Que deserto a vida! que tristeza em tudo!

Que inveja tinha eu das nuvens que fugiam para o Ocidente, para a pátria de Rafael! Dizia-lhes adeus e enviava-lhes os meus suspiros, para que lhos transmitissem. Como estremecia de prazer à chegada de alguma galera ao porto! Como me despedia do Sol, que, sem dúvida, ia envolvê-lo em seus raios! Como passava horas inteiras contemplando as estrelas para nelas surpreender uma vista sua, e talvez confudi-la com a minha!

Metódica, triste, monótona, foi desde então a minha existência, com a alma longe, e o coração despedaçado. Que me restava? Uma consciência tranqüila, que, para se conservar pura, precisou que lhe sacrificasse alma e coração. Triste destino o do coração humano! Não poder ser violentado sem se partir!

XII

Era já, ai de mim, uma estranha em minha própria pátria; planta exótica daquela terra, emurchecia qual flor transplantada, e empalidecia como se aquele solo não fosse bastante ardente para aquecer meu sangue, e dar vida e movimento a todo o meu ser. Vivia estranhamente. Era como se a raiz que alimentava meu coração houvesse sido arrancada para longe, e com dificuldade a seiva lhe pudesse chegar apenas alimentada pelo influxo de uma esperança e uma recordação.

Onde vos ocultais, oh! dias cuja luz me inundava de felicidade? Para onde fostes, noites cuja sombra me envolvia na misteriosa ventura, que, nos momentos de calma, só a noite proporciona e resume toda a feliz existência que se adivinha no porvir? Tudo fugiu com ele, tudo. Por que não era permitido ao meu desejo abrir as asas, rasgar o espaço e

cair num rápido vôo de águia no único ponto da Terra onde a própria morte seria um dom inestimável?

Que dias de embriaguez, aqueles; que noites misteriosas passaram impelidas pela inflexível mão do tempo, trazendo, após outros dias sem luz, novas noites sem mistérios!

Na minha nova vida a alma só tinha expansão durante a noite. Quando tudo dormia, ela despertava.

Assentava-me no peitoril da janela com as mãos cruzadas aos joelhos, o rosto voltado para o Ocidente, onde se ia extinguindo a tênue luz que fica no horizonte muito tempo depois do crepúsculo, e ali, no meio daquele concerto da Natureza ao seu primeiro sono, meu coração entabulava um diálogo mudo com o céu e a Terra, com as sombras que envolvem os homens, e com as nuvens que nos escondem os anjos; e esse diálogo, só interrompido pelo quebrar das ondas na praia, o estremecimento das folhas e o zumbido dos insetos, muitas vezes se prolongava tanto, que a aura da manhã e a luz da nova aurora vinham surpreender-me, fazendo fugir, em tumultuosos tropel, as sombras da Terra e as nuvens do céu. Adormecia... então.

Durante o sono Rafael vinha ver-me, e eu o via também. Uma vez, vinha envolto na luz do novo dia, aproximava-se da janela, estendia os braços, colhia-me as mãos nas suas, fixava os olhos nos meus, como a dar-me mais alma de sua alma, e pronunciava debilmente algumas palavras que eu mal percebia; outras vezes, chegava junto ao jardim, lançava a capa, a espada e o chapéu no chão e sem compreender o fato, eu o via logo assentado em frente a mim; às vezes ocultava o rosto nas mãos e soluçava; outras vezes, sorria e me olhava com languidez, como se com aquele sorriso quisesse esconder uma dor incurável e eterna; outras vezes, vinha, fazia-me levantar, segurava-me a mão, obrigava-me a caminhar com ele, e de repente detinha-me , impunha silêncio, aproximava-se mais, passava o braço pelas minhas costas, punha a mão no meu ombro, e

eu lhe sentia o pulsar do coração, o calor do hálito... "Adeus", dizia como um sopro, e desaparecia.

Às vezes, ainda, chegava como arrufado comigo, escondia-se entre as cortinas do leito para não me ver; eu então chorava e saía; segurava-me a cabeça, beijava-me os cabelos; e outras vezes, finalmente, parecia-me que o solo vacilava sob os seus pés, e eu o via ir afundando; em vão me esforçava para detê-lo, ele continuava a afundar; a cabeça chegava ao nível de meus pés, e afundava ainda mais. Então, eu dava um grito e achava-me com a triste realidade da minha vida, despertando.

Penteava então os cabelos, e consertava toda a desordem produzida por uma noite de insônia; tomava o livro de orações, ajoelhava-me e orava com fervorosa lentidão. Já mais tranqüila, chegava à janela, e dava os bons dias a Rafael.

Dirigia-me logo ao jardim, assentava-me sob copada oliveira, que se elevava no centro e, à sombra dos seus tristes e escuros ramos, soltava as rédeas aos meus tristes pensamentos. Depois, ocupava-me dos meus misteres ordinários; com a noite vinham à minha soledade no infinito, os meus diálogos com as sombras, os meus sonhos com Rafael. E assim, lentos, tristes e monótonos corriam os meus dias.

XIII

Minha saúde começou a alterar-se visivelmente, porque, os desenvolvimentos da alma sempre se verificam à custa do ser material; por isso, a minha excelente mãe me obrigava a sair com mais freqüência, a fim de respirar a viração pura do mar. Aos domingos, continuávamos a assistir à mesma missa, e sempre esses passeios matinais ou vespertinos se tornavam triunfais para a minha beleza, que se havia aprimorado com a purificação de minha alma, tão certo é que, sempre se grava no rosto o reflexo dos fogos santos que alimentam o coração. Por esse motivo, mais que nunca eu sentia, ao redor de mim, as explosões de admiração que a juventude tributa à formosura; mas, se antes esses arroubos de entusiasmos não faziam vibrar qualquer corda sensível do meu coração; que se daria agora quando todas essas cordas estavam partidas por não terem podido resistir à elasticidade adquirida com a separação daquele que as tinha presas ao seu próprio coração?

Aquela admiração, aquele entusiasmo, se antes em vão haviam pretendido fazer explosão em minha alma, por virem demasiado cedo, chegavam agora demasiado tarde. Antes, alguma coisa dormia em meu coração, como dorme a pólvora nos paióis subterrâneos de uma fortaleza; chegou um dia, um momento solene, um desses instantes em que duas almas se combinam transmitindo-se uma faísca, e deu-se a explosão, deixando despedaçados dois corações, duas almas, e cobrindo duas frontes com suas cinzas. Onde se deu uma explosão, não se pode dar segunda; a pólvora incendiada deixa uma escória negra, que não mais se pode inflamar.

CAPÍTULO II

POBRE RAFAEL!

I

Quem descreve cenas da vida, quem faz a história de um povo, ou estuda a Natureza, e se esquece da parte que move o sentimento da sua descrição, comete um erro grave, e ilude-se, se a sua obra for boa; porque, a seu pesar, encontrar-se-á poesia no fundo do que queira dizer; por isso, em minha narração, solto as rédeas ao sentimento, tanto quanto possível, pois a parte poética da vida tem tanta realidade como a positiva.

Há tanta verdade na poesia, que, sem ela a ciência seria um campo inculto, sem belezas nem flores; e a poesia sem a ciência seria uma flor artificial. Uma não pode existir sem a outra; e são ambas tão indispensáveis à vida do Universo, que, sem uma, a matéria se desorganizaria, e, sem outra, o mundo moral seria um caos. Além disso, será sem um fim útil que existe, no coração e na inteligência humana, essa tendência que dá ao homem tanto gozo e elevação? De modo algum; na imensidade, nada há de inútil, nada é estéril.

Ciência sem poesia! Quem poderá compreendê-la? Onde há inteligência, a mais elevada faculdade do espírito; onde há coração, o mais elevado pedaço da matéria, há ciência

e há poesia; e essa ciência e essa poesia, únicas em todo o Universo, se vão apoderando de todas as inteligências e de todos os corações, e lhes vão prestando, à medida que se desenvolvem, à inteligência em sua marcha progressiva e ao coração sem vida, toda a parte de si mesmas, de que são suscetíveis. Por isso não é na imaginação do poeta que existe a poesia, não; ela vive, também, no coração dos que a sentem; como não vive o sentimento do belo somente o gênio do artista, e sim, também aqueles que lhe admiram as obras.

Despertarei, por ventura, algum sentimento com esta desalinhada descrição de uma vida? Não o creio!... Talvez alguém se comova com ela. A minha glória só consiste no modo de desvendar os secretos arcanos de um coração que despertou para a vida do sentimento aos dezesseis anos, depois de haver pulsado pela primeira vez. A arte do sentimento não reside no sentimento mesmo, mas no modo de o expressar; no poeta e no orador ele se mostra no estilo; no pintor e no escultor, na expressão que dão às formas.

Se os homens sabem interpretar bem a verdade e o sentimento, que são a ciência e a poesia, que não faremos nós, que vemos com uma vista mais profunda, e de um ponto mais elevado, esses dois pólos em que se apóiam os conhecimentos, que à inteligência é dado penetrar, e ao coração sentir? Que não faremos nós, que não sentiremos em um só instante, rápido como um pequeno átomo de força do pensamento, durante o qual podemos exprimir todas as idéias, todos os sentimentos a que a vontade nos impele? Que não sentiremos nós, que percebemos melhor a harmonia que se desprende em torrentes no espaço, da imensa lira tangida por Deus no princípio de todos os tempos, e que ainda soa e soará por toda a eternidade? Que não faremos, que não seremos capazes de sentir nós, que melhor sentimos, que melhor penetramos?

Ah! quanto nos falta ainda para sentir de perto a harmonia mais delicada, o sentimento mais puro, que, do Além, vibram sobre nós!

E eu, que já tão longe do meu jovem coração, trouxe sentimentos que, para se desenvolverem buscaram noutro a realidade de suas aspirações, e me acompanharam puros à vida espiritual, que não farei hoje, que, no caminho da ciência, cheguei a um ponto que já satisfaz aos meus desejos, que tenho o dever de conservar modestos? Que não farei eu, que emprego a verdade que possuo, e os sentimentos que abrigo, em favor da dita pela qual aspiro há dois séculos? Que já não fiz eu, que não farei ainda, para que desçam do Céu à Terra, no único ponto dela que me é predileto, essas gotas de verdade e sentimento que, uma a uma, se vão desprendendo de mim?

II

Há lugares, há músicas, há horas e até perfumes que despertam na memória recordações, que nos pareciam mortas; e esses lugares, essas músicas, essas horas e esses perfumes são buscados por nós, se nessas recordações houver pureza, por mais tristes que elas sejam. Eu também as tenho, também as busco, também nelas aspiro à felicidade, que toca a quem não vê de pronto o seu anelo satisfeito.

Sítios, sons, momentos, e ainda aromas pelos quais o homem despreza a Terra, e contempla o Céu, e o Espírito esquece por um instante o Céu para viver com a sua encarnação. Sítios, sons, momentos e ainda aromas, que põem em harmonia a prática da vida com a realidade do Espírito, e que enchem os dois hemisférios da prosa e da poesia de todo o ser; que formam o mundo da verdade, a caminhar constantemente para a sua origem, para a fonte donde brotou — Deus!

Lugares e sítios onde, se o homem viveu, seu espírito livre vem habitar de novo; cantos e sons que, se o homem os ouvir, seu espírito ouve-os de novo; horas e momentos que, se já passaram para o homem, tornam a passar para o

seu Espírito; e até perfumes e aromas que, se o homem os percebeu, o seu Espírito os percebe ainda, quantas vezes o queira.

Singular privilégio que a Natureza nos outorga constantemente! Favor especial que nos concede a faculdade de poder ver passar, continuamente por nós, tudo o que nos foi grato, triste ou alegre!

É essa a melhor recompensa dos momentos doces ou amargos da vida, em que se goza e sofre ao mesmo tempo; desses momentos em que o coração cresce e se despedaça, e o espírito cai e se eleva ao mesmo tempo; momentos que, renovados na vida espiritual, o fazem soluçar ou rir, se antes também o fizeram sorrir ou verter lágrimas.

Volto, pois, a esses lugares para gozar e verter lágrimas; renovo esses momentos para vos comunicar os azares de uma vida alegre por ser tranqüila, triste por ter sido sacrificada; torno a eles e os recordo para prender o fio deste poema, pobre, porém sagrado; torno a eles para viver outra vez, recordando as doçuras e as tristezas da encarnação que decidiu do meu destino.

III

Enquanto minha alma se evolava para o Céu, era Nápoles teatro das lutas mais sangrentas da sua história moderna. A revolução começada por Tomás Anielo, e terminada com a sua morte, foi o prólogo de um desastre que se verificou ao redor de mim, sem que sequer eu percebesse o ruído do seu torvelinho espantoso. O sangue espanhol e napolitano corriam a jorros, e a insurreição tomou tais proporções que o domínio espanhol desapareceu por muitos dias, sem poder mais ser uma realidade, antes que as discórdias e as divisões do povo e seus chefes lhe reabrissem as portas da formosa cidade.

No começo do Outono o vice-rei, fugindo à fúria popular, teve de se homiziar numa das fortalezas; as tropas espanholas foram rechaçadas e o escudo de suas armas desapareceu de to-

dos os edifícios; a prataria das igrejas foi recolhida e cunhada, em moedas que tinham de um lado Carmen, e do outro a figura de um cavalo desbridado, simbolizando a liberdade; a República napolitana foi aclamada e o príncipe de Massa nomeado caudilho do povo; o governo de Felipe IV encarregou de sujeitar essa formidável insurreição, que se estendia pelas duas Sicílias, a João de Áustria, filho natural do rei, o qual chegou à vista de Nápoles, com uma esquadra poderosa, nos primeiros dias de outubro daquele ano de 1647.

Ao aparecer João de Áustria, o príncipe de Massa fez propalar o boato de que trazia ordem do rei para conceder aos napolitanos os foros, que lhes havia concedido Carlos V. Nápoles declara-o traidor, e, resolvendo-se a vencer ou morrer, obriga-o a passar a chefia a Anesi, e envia embaixadores a Roma, para oferecer a chefia da República ao duque de Guise, descendente dos Lorenas, que aspiravam à coroa de Nápoles.

João de Áustria tenta penetrar na cidade; uma luta horrorosa se trava nas ruas; mais de duas mil casas arruinadas; tudo é pranto, desolação e morte; os napolitanos conseguem, de novo, repelir as tropas espanholas; chega o duque de Guise, que é recebido com honras quase régias; mas a rivalidade dos caudilhos populares, entre os quais está Anesi, homem de valor e capacidade, faz que afinal os espanhóis se apoderem da cidade, e Guise, caindo prisioneiro, seja levado à Espanha, e encerrado no alcáçar de Segóvia.

Todos esses acontecimentos de sangue e destruição formam o fundo negro do quadro da minha vida; por eles passava eu, sentindo-os perto, tocando-os quase, mas mal os entendendo. No meio deles Rafael disse-me adeus, e neles se confundiu a sua sombra para não mais ser vista. Não era natural que eu também me perdesse e ficasse confundida no báratro de tanta ruína? Sem dúvida que não, pois me estavam reservadas ainda muitas provas de abnegação e sofrimento.

IV

Nápoles! Cidade querida! Com razão se diz: "Ver Nápoles, e morrer depois!" Assim, Rafael se foi para não mais te ver: já podia morrer! E eu, sendo tua filha, querida Nápoles, havendo-se ele afastado de ti melhormente também podia, também devia morrer!...

Depois da Itália só é bela a Espanha; só o seu céu se pode comparar ao da Itália. Só na Itália pode existir uma Nápoles, como só em Espanha pode haver uma Granada.

Granada! lugar para mim tão grato quanto o da minha cidade querida; seus ecos me despertam como os de Nápoles; os tempos que passam pelas duas cidades, passam por mim também; e os perfumes dos seus jardins são por mim aspirados com igual delícia; duas jóias das minhas recordações, hoje a mim somente unidas pelo que foram para mim.

Nápoles! teu ambiente está cheio dos meus suspiros. Granada! tu os sentias repercutir em teus poemas. Oh! Nápoles! teu sol abrasou-me a fronte; sentiste as pulsações do meu coração; minhas lágrimas regaram teu solo. Oh! Granada! tuas noites esconderam entre sombras a minha alma, que voava para ti nas horas de recolhimento e mistério.

Nápoles e Granada! — jamais meu Espírito desceu a uma delas sem confundir as duas, sem deixar de se expandir de uma à outra.

Nápoles! paraíso dos meus olhos! Granada! paraíso no qual minha alma sonhava; volvo a vós para renovar em mim as recordações, que, transformadas em rocio, caem e fecundam outro espírito e outro coração.

V

Moravam naquele tempo em Granada um cavalheiro e uma dama de elevada hierarquia, que, depois de viverem

na corte por muitos anos, e aí se haverem conhecido, amado e unido, jovens ainda, para ali se retiraram, longe de toda intriga e maledicência cortesãs, a fim de terminarem tranqüilamente os dias que o Céu ainda lhes concedesse.

Não baldos de fortuna e do mútuo afeto que se dedicaram, para maior dita tinham um filho único, esperança do pai, que, já avançado em anos, nele se sentia reviver, e encanto da mãe, que nele havia concentrado esse amor das mulheres do Sul, amor que, conforme a natureza humana, se gasta com a mocidade e os gozos tranqüilos do matrimônio, mas nunca desaparece, porque se renova nos filhos.

Deram-lhe uma educação correspondente à sua posição elevada, e para que ela fosse completa, e de acordo com os seus desejos, tiveram de, resignando-se com a separação, fazê-lo sair da corte, passando depois a estudar humanidades na Universidade de Alcalá de Henares.

De volta à casa paterna, completados os dezoito anos, seus pais receberam-no como só tais pais recebem os filhos. Já homem, podia-se prever o que se devia esperar do seu mérito, por suas inclinações e caráter.

De estatura mais que mediana, ar grave, caráter reservado e calmo, era ele quase a imagem do pai; de vista penetrante, paixões fortes, amor às letras, e idéias elevadas, um perfeito reflexo de sua mãe.

VI

Mais dois anos, viveram unidos esses pais e esse filho, dois anos, que, para os primeiros, se escoaram com toda a rapidez do tempo, que passa envolto na felicidade; lentos para o último, com toda a lentidão que tem o tempo para a mocidade, ávida sempre de mais amplos horizontes que possa encher, no ardor que lhe é natural, das suas grandes aspirações.

Dois anos em que o mútuo amor dos pais crescia no filho; dois anos em que o desejo de elevar o seu vôo aumentava neste último; dois anos que corriam para o pai entre o

temor de perder o filho, e de vê-lo de novo partir, e a esperança de vê-lo depressa digno de si; dois anos que voavam, para a mãe, nas asas do temor, e para o filho nas asas do ideal.

Contrastes cheios de harmonia da juventude e da velhice; da Primavera e do Outono da vida; a juventude sempre suspirando pelo porvir, a velhice sempre chorando pelo passado; a primeira, olhando para a frente; a segunda, vendo com tristeza o que vai ficando atrás.

Os anos passaram, e terminaram num mesmo ponto, tanto para aqueles a quem pareceram rápidos, como para os que os julgaram lentos; eis aí uma prova da relatividade do tempo; sempre, quer caminhe veloz, quer demorado, terminando no minuto indispensável, no instante presente.

E assim como há lugares a que se deseja chegar cedo, e outros a que se receia aportar demasiado depressa, há momentos aguardados com ânsia, e instantes que se teme verem-se chegar.

Admirável relação de espaço e do tempo, que, a partir de Deus, se estendem infinitamente, e são, como este, eternos e ilimitados.

Lugares e tempos, dignas feituras do Criador, dentro das quais todas as coisas se fazem, passam, se transformam, deixam de ser, para serem o que não foram, e realizarem em uma infinidade de existências e transformações, os fins sempre elevados a que são destinadas; eternidades de seres sempre em ação, laboratório imenso onde tudo se combina e purifica, com o santo fim de que tudo se aperfeiçoe por si mesmo.

Forças latentes, que levam daqui a todos os limites que dividem a infinidade dos espaços, e desde então a todos os minutos que constituem a infinidade dos tempos, toda a riqueza da vida, toda a combinação de movimentos, todo o manancial de luz, que são a existência, a marcha, o brilho de tudo; porque tudo vive, morre e brilha, cumprindo, assim, a eterna lei do progresso.

Ilimitados campos onde vibram eternamente as harmonias do espírito; vibrações que constituem a sua existência, combinam sua luz, facilitam sua irradiação, fazem-no sentir toda a beleza do imenso lugar que lhe é dado abranger e lhe permitem calcular o seu próprio valor, para que por seu próprio impulso os Espíritos possam cumprir e realizar todos os atos, sem os quais o progresso seria impossível.

VII

Afinal, aquele pai e aquela mãe viram partir o filho. Nomeado alferes do Exército, recebeu ordem de se incorporar a um dos batalhões que guarneciam Nápoles. E ali chegou a tempo para inflamar o meu coração e abrasar o seu. Aquele choque de duas almas era inevitável. Pobre Rafael! meu pobre coração!

Cheio de fagueiras esperanças no porvir, ali chegou para sucumbir envolto numa ilusão irrealizável. Pobre Rafael! Por que não se modificou o seu destino? Por que quis a sorte que nos víssemos? não teria sido melhor que morrêssemos antes de nossas almas se haverem compreendido? Talvez não; há destinos fatais, que, em seu próprio dano, trazem escondido o germe de um fim elevado, que pode, num tempo dado, converter-se em manancial de felicidade eterna e perenal.

Ali chegaste, absorveste todo o meu ser, e seguiste para morrer longe de mim. Ah! Por que tive eu ainda forças para viver? Por que, como morre o casal de pombos em seu ninho, não sucumbi contigo, ferida pela mesma arma? Em vão, por mim chamaste; o destino ainda me prendia à Terra, apesar do meu ardente desejo de voar ao teu encontro; assim é que, quando cumprida minha missão, vi, com alegria, aproximar-se o instante supremo de me confundir contigo, ai de mim! lançado outra vez por teu próprio destino, impelido pelo dano que eu te havia causado, tinhas voado, tinha tornado outra vez ao lugar onde é necessário

reaver o perdido; eu, porém, sigo-te, giro ao redor de ti; não te abandono, até que, de um só impulso, te possa oferecer o fruto dos meus trabalhos e dos meus doces sacrifícios por ti.

LIVRO SEGUNDO

(Ditado de Estrela)

CAPÍTULO I

LAMENTOS PELOS QUE NASCEM... E NASCERAM EM GRANADA

I

Impelida pelo amor que voto a Marieta, tão querida e respeitada por todos, a vós venho, ó espíritos por quem ela tem um cuidado especial!

Sim, venho com fé, por ela obrigada a satisfazer uma dívida sagrada, contraída por um coração que pulsou na Terra. Chamei-me Estrela.

Venho, porque mil tristes recordações me empanam a felicidade; venho para participar com Marieta do louvável trabalho da regeneração dos vossos espíritos, a benefício dela também.

Sou bastante audaz, eu, Espírito inferior ao seu, para tomar parte na sua divina história, e faço-o somente porque o que tiver a satisfação de comunicar-vos, será inspirado por ela.

Por isso, todas as belezas que puderdes encontrar no que vos refira, todas essas descrições com que ela sabe cadenciar tudo o que de mau e de bom encerra o coração humano, indicando um profundo conhecimento da humanidade, serão dela, sem dúvida alguma, serão por ela inspiradas.

II

Que estranha sensação experimenta o espírito, que, livre no espaço, tem de sofrer a triste prova de animar alguma organização humana! Como é triste ter de circunscrever o vôo a esse abscôndito rincão do Universo!

Que turbação tão longa, que sensação tão penosa, que mudança tão brusca experimenta, ao sentir que aquilo que ele mais aprecia, e que constitui a sua maior dignidade, a sua amada liberdade, lhe desaparece, em sua maior parte, ao cair precipitado no profundo golfo que chamais mundo!

É realmente triste por demais, e obscuro, esse golfo em que vos achais mergulhados; e para aumentar-lhe ainda a tristeza e a obscuridade, contribui o raio de luz, pálido e frio, que brilha sobre as vossas cabeças, como contribui para aumentar a tristeza e a obscuridade de uma noite o débil reflexo de uma luz solitária no horizonte!

Que diferença entre o ter por trono o éter, por espaço maior extensão, que a necessária, por céu um milhão de céus, e o ter por assento a crosta áspera de um planeta; por espaço uma atmosfera limitada, por céu uma cortina azul manchada de nuvens!

Que diferença entre o ver desprender-se a luz em torrentes de um milhão de sóis, combinando-se em rios de uma nova luz, ser iluminado por mananciais de cores, assim como pela própria luz que a irradiação desprende; e o ver a vossa sombra projetada pelo raio branco do vosso Sol, pelo pálido reflexo da Lua, e pelo débil cintilar de algumas estrelas!

Que tormento para o espírito que deve abandonar um tão doce e eterno bem-estar, a fim de purgar seus erros, confundido num corpo que, para viver e se sustentar, precisa mastigar o pó do lodo que o mantém, muitas vezes amassado com o próprio sangue ou com o sangue dos seus irmãos!

Que queda tão espantosa, que golpe tão terrível, que sustam a liberdade, turbam a inteligência e entorpecem os mais belos sentimentos!

Que transição essa, da livre expansão do Espírito, para a tirânica sujeição do homem? Uma morte lenta, na qual cada passo é uma dor, cada minuto um século.

Eu caí, e caí quando meu Espírito mais se expandia; caí na veiga de Granada, nas imediações do Darro e do Genil, quase aos pés de Alhambra, a 25 de junho do ano da graça de 1629.

III

Caí e caí envolta em lençóis nobres, no seio dum suntuoso palácio. Deram-me o nome de Estrela.

Pobre condição da humanidade, que, para distinguir indivíduo, necessita de um nome, ou de um bordado na ponta de um trapo!

Caí para me levantar, orgulhosa, como aquela cidade sultana do Meio-Dia, radiante de formosura como os jardins, e altiva como as tulipas que neles brotam.

Nasci. Que é nascer na Terra? O princípio da asfixia do Espírito num elemento esmagador, assim como se asfixia a chama submergindo-a na água, pela contração violenta da sua irradiação em organismo débil, que, por seu próprio peso e rudeza, só corresponde às leis mais rudes e pesadas do Universo.

Também vivi. E que é viver na Terra? Abrir os olhos, e senti-los impressionados pela exterioridade dos objetos mais próximos, e de um só lado, graças a um raio de luz, que se for demasiado penetrante, nos fere e nos deixa cegos; e,

se demasiado fraco, nos faz vagar inúteis, envoltos nas sombras de uma noite que não existe; uma sensação penosa e continuada de impressão de gosto e tato, que só deixam após si um curto e miserável prazer; o fastio e a agitação dolorosa oriundos da situação de impuros desejos; perceber, continuamente, o zumbido áspero da matéria, e ser inacessível às suas mais delicadas belezas, como às suas mais delicadas harmonias. A vida é, enfim, a luta violenta do espírito consigo mesmo, levada ao campo da matéria, onde o acabrunha o reduzido do espaço que o prende, o peso de uma atmosfera que o afoga, e o acidentado de um terreno que, a cada passo, o obriga a tropeçar e a cair.

Morri, depois. Morrer! momento solene de desespero ou de glória. Desesperado, se na luta da vida se traiu ou se enganou; glorioso, se na contenda se portou com altivez; nobre e generoso desprendimento da própria vida, nas aras do bem-estar dos outros, da verdade e da justiça; momento solene, aterrador para a matéria, e de esperança para o espírito.

IV

Em que estado volta o Espírito da sua fadigosa prova! Por muito tempo ele se sente perturbado pelo brusco desprendimento da matéria, aturdido pela reaquisição tão repentina, e às vezes, inesperada da sua liberdade! Recuperada esta, parece ao Espírito achar-se ainda envolto em densa nuvem de pó, como se essa nuvem o viesse perseguindo na luta. Em quanto tempo, com que lentidão vai ele adquirindo toda a força da sua irradição!

Recordações da nossa passagem pela Terra, fantasmas aterradores de um sonho agitado, ao ver-vos passar sob as nossas plantas como o ponto do Universo onde sofremos convosco, da altura donde vos contemplamos, causais-nos vertigens, como os abismos as causam aos homens.

Recordações aterradoras da nossa passagem pela Terra, se há Espíritos bastante elevados para se comprazerem

ainda convosco, é porque souberam dar mais atividade à força do seu espírito que à vida da matéria.

E se muitos há, entre nós, que ainda descem até aqueles lugares que, de certo modo conservam ainda a forma e a cor, é para aí encontrarem expansões afetuosas que lhes faltam aqui, atraídos por irmãos que estão expiando seus desvarios em novas peregrinações.

Se assim não fosse, que viria eu buscar a Granada, lugar onde calquei o sentimento inato de justiça, por Deus impresso na consciência humana? Que iria fazer a Nápoles, onde viveu a mais inocente causa do meu extravio? Que iria buscar a qualquer outro sítio da Terra, onde se arrasta e vegeta algo, que um dever sagrado, e uma solene promessa me obrigam a seguir e a proteger com as minhas débeis forças?

Busco, arrastada pela força simpática que prende todos os seres, e, mais estreitamente, os contemporâneos, o meio de fazer um grande bem, e de me redimir o mais possível, aos olhos da própria consciência.

Busco o bem, remediando o mal que por desgraça fiz; é tão odiosa a injustiça, que somente ao horror que ela desperta entre os bons Espíritos, se deve o fato de serem mais vezes justos pelo prazer de o ser, do que por amor das recompensas que a justiça eterna promete a tão elevada virtude.

Elevada virtude, disse eu? Não, não é virtude, é somente a presença de Deus em toda parte; é a lei inquebrantável, que guia para Ele a criação inteira, e que, se alguma vez, em qualquer parte, por escondido que se ache no Universo, se desquita, ou rompe o seu equilíbrio, em virtude da grandiosa faculdade por Deus concedida a todo espírito de obrar com relativa liberdade, nesse lugar desconhecido, um dia, tarde ou cedo, soará indispensavelmente a hora solene da justiça.

Como goza o espírito quando, ao observar o dilatado e luminoso caminho que traçou em sua marcha, vê que vão

desaparecendo e adquirindo brilho próprio as manchas que nela deixou impressas, a pegada injusta de um procedimento censurável!

Com que ânimo empreende de novo a caminhada pelo Infinito, para Deus, e abençoa todas as dores sofridas nas aras do advento da justiça, na parte com que deve contribuir para a grandiosa obra levantada por todos os seres que enchem o Universo, obra cada vez maior, cada vez mais digna da grandeza e da majestade de Deus!

Somente assim se compreende que poderá realizar-se a iniludível Lei do progresso; só redimidas, se pode tolerar que tenham existido faltas; só um presente que salva um passado de crimes, pode encarar tranqüilo um porvir de glórias! Seria uma idéia entristecedora imaginar-se que possa ficar oculta, sem ser reparada, uma só injustiça na perenidade dos tempos.

Em que lugar de desterro, por despresível ou triste que seja, deixará de haver, reservado, um sítio onde chegue uma bafagem, onde penetre um raio daquela beleza sempre perene, daquele bem-estar sempre inalterável, que são o matrimônio eterno de outros afortunados lugares da Natureza?

Qual o deserto que não é alguma vez interrompido por oásis, que suavizem a sufocante atmosfera criada por suas areias de fogo? Em que lugar de neve eterna não se achará um sítio abrigado, que mitigue o rigor das brisas glaciais desencadeadas das montanhas de gelo?

A toda parte chega a poderosa sedução da beleza, e, neste triste e desprezível desterro da Terra, há lugares que são oásis e sítios aprazíveis, onde se refugiam, onde chegam os bafejos, e algum débil raio da beleza eterna, que cobre mais afortunados espaços.

V

Granada, tu és um desses lugares em que os Espíritos degredados neste mundo, e destinados a remir seus erros,

encontram algum resto do bem-estar perdido, algum raio de beleza obscurecida; por isso, os Espíritos elevados que chegam a respirar tuas auras, e a repousar sob o teu céu, esses Espíritos que cantam, e cujo canto pressente, porque adivinha, através do raio que te coroa, a beleza eterna, acham em ti um além mais belo; por isso tu, Granada, inspiras os poetas.

Tu és um desses lugares que encerram alguma coisa de superior à compreensão humana, um desses lugares que obrigam a neles se deterem as almas contemplativas e inspiradas, que o acaso a eles conduz, forçando-as a olhar para o céu; singular atrativo que os distingue de outros sítios, que, não possuindo um céu tão belo, não atraem, da mesma forma, o olhar para o alto.

Somente te envolve a desgraça, que persegue os lugares afortunados da Terra, que, sempre disputados, sempre destroçados pelo insaciável afã do domínio que cega a humanidade, se tornam teatro de suas contendas, campo de suas batalhas e se vêem avermelhados do sangue de seus dominadores, e do de seus melhores filhos.

A humanidade vos disputa como jóias preciosas desprendidas do Céu, e lançadas à Terra para premiar o mais valoroso, e satisfazer a vaidade do mais forte; e as raças passam por vós, deixando-vos com a sangüenta pegada do seu domínio, entre os restos mutilados dos monumentos erigidos em honra vossa pelo entusiasmo de todas as gerações.

Foste disputada, Granada, e valorosamente defendida pela ardente raça árabe, que tanto te amou, tanto, que foste o mais apreciado objeto do afã dos seus guerreiros, a inspiração dos cantos dos seus mais distintos poetas, o centro onde brilhou o gênio de seus melhores artistas, e o berço de suas mais ilustres sultanas; ainda hoje, ó Granada, aquela raça suspira por dormir sob o estrelado manto de tuas noites.

Ainda choram os último restos da geração que foi expulsa de teus baluartes, naqueles dias em que a prateada

meia-lua altiva brilhava na mais alta torre de tua Alhambra. Alhambra! ainda seus caudilhos suspiram por dormir algum dia, tranqüilos, sob os teus artísticos tetos.

E como é estranhável que tu mesma dês pouca importância à suntuosa corte dos teus senhores, para te não desprenderes desse sabor oriental que tanto te distingue! Como não hão de suspirar por ti, se tu também, ao que parece, suspiras, disputando ao tempo, que apaga tudo, o cunho indelével do gosto árabe que te deixaram como penhor de amor eterno, e que a todo custo parece desejares conservar, para que te reconheçam um dia, ó Granada! se tornares a encontrá-los?

Se os filhos do Profeta não olvidaram Granada, esta também ainda não perdeu os ecos do Corão. Como se identificam os povos e as gerações que vão passando, com os países que os sustentam! Se um povo é capaz de se modificar até o ponto de adquirir costumes difíceis de serem modificados, devido à influência dos lugares que habita, com que dificuldade também desses lugares se desprendem as pegadas que neles deixou impressas a passagem dos povos!

CAPÍTULO II

OLHAI O CÉU

I

Minha existência tinha atingido os dezoito anos, tendo, até então, deslizado tranqüila, sem que acidente algum tivesse vindo perturbar-me o coração, apesar do temperamento ardente que me dominava, apesar da impetuosidade dos meus sentimentos.

Qual Marieta, vou fazer uma descrição de mim mesma.

De tez morena, feições delicadas, olhos rasgados, vista penetrante, cabelos de ébano, e aspecto altivo e majestoso, era um desses tipos que distinguem as mulheres do sul da Espanha, de todas as mulheres do mundo. Tipo cedido pela Arábia à formosa terra de Andaluzia.

Dezoito anos, e eu ainda zombava das palavras apaixonadas, das promessas sedutoras, dos olhares de fogo da multidão de jovens que giravam ao redor da minha formosura.

Tinha já dezoito anos e, apesar da precocidade natural aos seres concebidos ao calor do Meio-Dia da Espanha, meu coração, como se fosse insensível, não tinha ainda sido ferido.

Até então, soubera defender-me com desdenhosa altivez de qualquer ataque exterior, que me pudesse pôr em risco a tranqüilidade do espírito, ou em choque os sentimentos da alma.

Até então, soubera rechaçar, com toda a inteireza de que me achava dotada, esses movimentos do coração, que tão facilmente abalam as almas juvenis, agitações que eu previa e, como por instinto, sabia que haviam de suplantar a rigidez do meu caráter.

Já havia lutado demasiadamente, e a Natureza reclamava seus direitos; era preciso sucumbir, e pagar o tributo a que ninguém escapa.

Afinal, fui vencida; mas como? Ah! como a leoa em sua toca, sem perder a força até o último momento.

Já que era preciso ceder, já que era indispensável ser dominada, cabia-me também dominar, a meu turno; para tormento do meu orgulhoso coração, quis a sorte que fosse objeto de meus afetos outro coração altivo, sim, mas já vencido.

Como é cega a insensatez do orgulho! só abre os olhos, só vê claro, quando se sente esmagado pelas ruínas da sua própria obra. Só retrocede e detém o passo precipitado, quando lhe corta o caminho, e paralisa os esforços a aglomeração de escombros, obra da destruição de suas próprias mãos.

E abatido sob o peso de tanto dano, esgotada a sua altivez até o último de seus esforços, até ver ultimado o tecido de suas injustiças, torna-se incapaz, crê-se impotente, cansado para reproduzi-los e empregá-los em apagar os tristes efeitos de afãs tão insensatos.

II

Ah! eu havia trazido comigo a prova mais cruel da humilhante queda daquele que, nas asas da sua vaidade, se levanta demasiado; tanto mais humilhante, quanto mais arrojado foi o seu vôo.

Cansada de meus injustos esforços, caí precipitada com as ruínas da minha obra detestável; e o pesar, com a sua mão dolorosa, abrindo em meu coração profundos sulcos, deixou-me livre da intumescência do meu orgulho, fazendo-o correr dissolvido em minhas próprias lágrimas.

Quem sabe quanto tempo assim teria permanecido confundida com o pó, se me não viesse em auxílio, para me levantar com mão carinhosa, a generosidade das minhas vítimas!

Em vão eu resistia ainda, inutilmente, dominada pelos ressaibos do meu vício principal; repelia suas carícias e cuidados; mas, graças aos seus afagos fraternais e aos desvelos que, se não eram de mãe, só a eles se assemelhavam, minhas vítimas conseguiram levantar-me e fazer-me brilhar a seu lado, entre os bons Espíritos.

Como eu vivia enganada! Entre o orgulho que cega, e a baixeza que humilha, existe uma modéstia natural que eleva; não essa modéstia que se envaidece de não ser orgulhosa, mas a que acompanha aqueles que, dotados de um grande mérito, mal o reconhecem.

Aquele que se humilha, será exaltado; e o que se exalta, será humilhado. Jamais, de lábios humanos, saiu verdade alguma de mais tangível exatidão, de tão imediato cumprimento.

III

Quem pudesse retroceder, com o meu Espírito, à noite de 3 de dezembro de 1647, à veiga de Granada, haveria de sentir frio; uma brisa glacial soprava dos cumes da Serra-Nevada.

Eu sentia-o, apesar do grosso albornoz que me cobria os ombros, e do trote largo do fogoso cavalo que me conduzia à cidade, ainda distante três horas perigosas de mau caminho.

Ia apressada, não tanto por minha própria vontade, mas pela impaciência que manifestavam de chegar breve às portas da cidade, dois cavaleiros que galopavam a meu

lado, envoltos em longos mantos e com os rostos ocultos sob as largas abas dos chapéus. Mais dois ginetes, a respeitosa distância, nos seguiam.

Já a noite ia avançada, e, assim, o silêncio, companheiro inseparável das sombras, estendia seu domínio sobre toda a veiga; unicamente se percebiam esses ruídos estranhos, e envoltos no mistério, que, durante a noite se fazem ouvir, e ninguém pode averiguar quem os causa nem como se produzem, e que tanto amedrontam as almas timoratas.

Vinham para nós, e resvalavam ao nosso lado, com a velocidade do nosso passo, os fantasmas, em turbamulta, que povoam durante a noite os arvoredos e as curvas dos caminhos, multidão que a preocupação medrosa imagina que foge ao menor ruído, para voltar ao menor descuido.

Ruídos, que existem, e formas impalpáveis de magnitude assombrosa, que o medo inventa, e vê que se levantam, voam, crescem e passam, seres que só vivem na mente, criados pelo espanto dos olhos; seres que às vezes tomaram corpo, e deixaram ouvir a voz na narração de alguma história verdadeira, tal o poder da imaginação.

Seguíamos afoitos nosso caminho, interrompendo todos os ruídos, espantando todas as sombras com os vultos reais de ginetes e cavalos, com o rugir dos arneses, o choque das ferraduras e o tinido das armas.

O firmamento estendia-se majestoso sobre as nossas cabeças, oferecendo-nos à vista, no seu fundo de veludo, toda a riqueza fulgurante de que podia dispor, ao alcance da vista humana. De quando em quando, meus olhos cansados das sombras, erguiam-se para buscar alívio contra a obscuridade, na luz das estrelas.

IV

Com que indiferença tem até hoje passado o mar da humanidade, impelido pelas ondas de suas gerações, sem se atrever sequer arriscar, uma vista mais curiosa que inves-

tigadora, para esse céu azul, que eternamente a vem protegendo com a luz dos seus dias, e a obscuridade das suas noites!

E séculos e séculos se passaram, em que essa humanidade só buscava nas entranhas das vítimas sacrificadas à ferocidade dos deuses por ela inventados, a certeza dos seus destinos, crendo ouvir a voz da verdade na de seus oráculos, e falsos profetas, quando essa verdade só se encontra através desse céu sempre exposto às suas vistas.

Que é o que se acha nesse além, que se estende eternamente sobre as vossas cabeças, sob os vosso pés, à vossa direita e à vossa esquerda? Quem o sabe? A mais poderosa inteligência se fatiga, e a cada passo busca um ponto de repouso ao expandir-se pelos espaços imensuráveis; porque para remover a imensidade das distâncias com a alavanca do pensamento, são indispensáveis esses pontos de repouso, qual o que imaginou Arquimedes para apoiar sua alavanca e levantar o Mundo.

Será possível que se percam no infinito os raios que, em todas as direções, partem do ponto que cada ser ocupa? Não esbarrarão num limite, por imensa que seja a distância em que ele se encontre? Não! nunca!

Se a imensidade tivesse um limite, seria pequena; e nela nada cabe de mesquinho, nada que tal se pareça.

Há seres capazes de dominar grandes imensidades, como o homem domina o mundo, e se tiverem de escolher entre um grão de areia e um mundo, não o saberão fazer, pois ambos têm, para eles, a mesma magnitude.

E essa verdade, em busca da qual tanto se agitam, cada vez mais, as humanidades todas, que povoam todos os mundos, só poderá ser encontrada em algum deles? Não; cada ser busca a verdade necessária, nos limites de cada geração; cada geração, nos de cada humanidade; e todas as humanidades reunidas a encontrarão somente onde a podem encontrar — em Deus.

Todo o ser inteligente, livre, ou sujeito a qualquer individualidade humana, por grande que seja a sua esfera de ação, sempre encontrará além dela a Eternidade insondável, que será obrigado a encarar de frente e de olhos erguidos, e pensamento ajoelhado.

Erguei a fronte, filhos da Terra, arrancai os segredos do pedaço de firmamento que vós envolve, e, nessa página somente do grande livro da Eternidade, onde Deus escreveu a sua grandeza, lede as primeiras palavras, que nele indicam o seguro conhecimento da verdade.

Empregai vossos esforços em abrir passagem à ciência, removendo as entranhas da Terra para surpreenderdes a história do vosso passado, escrita em caracteres indeléveis nas camadas sobrepostas; buscai, nos movimentos do Universo, a história do vosso porvir, escrita, não fatalmente, como pretendem as falsas teorias de uma ciência vã, mas tão naturalmente como algum dia a encontrareis descrita entre as imutáveis leis do Universo.

Confundi em uma só análise o Céu e a Terra, assim como o menor átomo, que nem podeis perceber, com a última estrela cujo brilho dificilmente alcançais; e eles resolverão o indecifrável problema, entre cujas incógnitas, desde o princípio, a humanidade se tem debatido, e em busca das quais tanto se tem afadigado; eles vos dirão, donde vêm os que vedes nascer, e para onde vão os que vedes morrer.

E assim como a partícula posta em relação com o mundo vos descobriu muitas e grandes leis do Universo, pondo em relação o mundo com todos os mundos, que a investigação alcança, chegareis a descobrir muitas e grandes leis da Imensidade.

V

É tempo de vos levantardes abandonando a marcha tortuosa das gerações passadas e seguindo a passo majestoso a estrada firma da verdade, na vanguarda das gerações

vindouras; é tempo de abandonardes as preocupações fatalistas que tolhem e debilitam o espírito, tolhendo o vôo de suas grandes aspirações; é tempo de pordes um termo às vossas lutas materiais, e de vos preparardes para os embates do pensamento, para as lutas da inteligência; só assim vos podereis erguer do pó que vos atrai, para confundir o vosso espírito com a imensidade do espaço, que até o presente tendes não propriamente olvidado, mas confundido com esse apego exagerado que tendes à Terra. Está em vossas mãos fazê-la grande, fazendo-vos grandes vós mesmos; podeis levantá-la e dar-lhe um posto digno no Universo, levantando com dignidade o vosso pensamento; os grandes mundos, como os grandes homens, não são os mais volumosos, mas os que são animados por grandes Espíritos.

É tempo, filhos da Terra; é mais que tempo; chegou o momento de, deixando de caminhar aos saltos pela estrada do progresso, avançardes como deveis, para o bem recíproco, para o bem da Humanidade, para o bem universal.

O homem já chegou ao cume das grandes negações, para empreender a marcha precipitada para o cume das grandes afirmações; já chegou ao cimo donde todas as suas crenças contraditórias, condensando-se, o levarão precipitadamente ao ponto em que se assenta a única crença universal.

O passado foge, o presente chega e o futuro se entreabre cheio de sedutoras promessas para a Humanidade! O passado aparece escuro, o presente claro, o futuro brilhante.

Foge, sim, esse passado envolto na obscuridade dos seus tempos; foge com seus deuses falsos e iracundos, com a extravagância das suas crenças, com os desacertos dos seus régulos, com a ferocidade dos seus magnatas, com os rios de sangue a jorrar de suas próprias veias, pela impiedade dos seus Césares, com as ruínas dos seus extermínios, com os restos da sua pilhagem; foge, sim, em tumultuoso amontoado entre o fogo da sua intolerância, com a farsa dos seus sacerdotes, e a ara sangrenta dos seus altares; foge esse

passado só ligado ao presente e ao porvir pelos laços ora partidos, com que os prendeu a palavra divina de Jesus, que depois dele conseguiu ligar a Terra ao Céu.

E se o passado foge vacilante por entre o pó de suas ruínas, surge o novo modo de ser da Humanidade; o presente aparece claro e quase livre de tantos horrores, com a unidade de suas crenças, com seu conhecimento mais perfeito da Divindade, com seus filhos mais livres de perseguições, para se dedicarem com maior segurança à penosa tarefa de realizar o fim de suas grandes aspirações.

VI

E o porvir? Quem ousará dizer uma só palavra acerca do porvir? Se eu quisesse descobrir-vos o grandioso quadro em que ele se destaca, acharíeis um fundo confuso, cores indefiníveis, formas ilimitadas; se vos quisesse descrever a largos traços para os que o abarcassem, em traços acanhados para os que o pintassem , só colheríeis idéias confusas, palavras incompreensíveis, caracteres indecifráveis.

O porvir brilha sobre nós, habitantes do espaço, como o Sol no vosso horizonte, habitantes da Terra. Os arcanos do porvir são para nós tão insondáveis, como outros espaços secretos da imensidade.

Se o passado de todas as coisas se firma nos abismos do tempo, e se o presente desliza à nossa vista com a incansável velocidade do seu movimento, o porvir, que se perde no pináculo das idades, causa vertigens, quando se tenta devassá-lo pelo pensamento.

Vemos o porvir mas não nos é possível analisá-lo; vós, mais cegos que nós, só percebeis o seu calor. Nós somos dotados de uma vista que sonda; a vossa, efeito de um delicado órgão material, detém-se, fica paralisada nas superfícies.

Só formamos uma idéia tão incompleta do porvir, como a que vós formais do mundo dos espíritos; só podemos adivinhar o que se esconde atrás do véu, que o oculta,

com a poderosa força de um raciocínio, propriedade de elevados espíritos; e estes apenas chegarão a perceber, além, uma apoteose grandiosa, resumo de todos os heroísmos, de todos os gênios, de todas as virtudes que a infinidade dos mundos vai acumulando, e cada geração vai desprendendo.

Só inteligências poderosas, livres de todo o domínio material, poderão vislumbrar que a ciência, a arte e a estética ali encontrarão suas últimas fórmulas, e que dali, talvez, seu último crisol de apuramento, poderão partir para se irem confundir no lugar em que impera a Verdade absoluta. E quem sabe as novas fases, as depurações novas por que terão de passar, para se elevarem, e cada vez mais se tornarem dignas de se aproximarem de Deus.

Tudo, absolutamente tudo o que constitui a essência da Verdade e da Beleza, se vai purificando, para que a escória fique e a pureza suba. Acreditais, por ventura, que fique oculta nas dobras do manto de um esquecimento eterno, a mais insignificante das vossas ações? Acreditais, por acaso, que brote inutilmente a mais insignificante flor num recôndito terreno que o homem jamais pisou, e que a sua existência foi perdida pelo fato de nenhum olhar humano se haver nele detido para lhe contemplar a beleza?

Viveis em grave erro, se não estiverdes convencidos do contrário. Um grão de areia perdido na profundeza dos mares, não se acha oculto: e ali, ou mais tarde, em outro ponto, por efeito das transformações contínuas que a matéria sofre, é levada em conta, é indispensável a parte que lhe está confiada na grande elaboração da obra universal.

A mais indiferente das vossas ações, quando vos achais não a sós, mas convosco mesmos, não passa despercebida, e é levada em conta pela justiça eterna, correspondendo no mundo moral que se expande sobre as vossas cabeças, a iniludíveis leis ainda por vós desconhecidas.

Nada está oculto, nada passa despercebido. Tudo se vê, tudo está patente. O átomo, a flor, o animal, o homem, a Natureza, tudo, tudo a si mesmo se contempla.

A matéria está em contato com a matéria; os seres vivos vigiam-se; o homem julga-se; os mundos vêem-se; os espaços tocam-se.

E Deus, estendendo a tudo a sua proteção, tudo cobrindo com o majestoso manto da sua grandeza, vê tudo e tudo mede na infalível balança da sua justiça.

VII

Nada, por oculto que esteja à vossa vista indagadora, deixa de realizar por um momento as funções que lhe estão destinadas.

Ainda quando a Humanidade inteira desaparecesse da face da Terra, nem por isso, no dia imediato deixaria o Sol de brilhar majestoso acima dela; a luz emprestada da Lua não perde o seu brilho durante o vosso sono; a flor solitária brota, ostenta suas galas, emite o seu aroma e cai emurchecida, ainda que nela nunca tenhais fixado a vossa vista; tão formosa é a pérola na profundidade escura dos mares, como a luz do dia na palma de vossa mão; e a própria ave não deixa de alegrar o bosque, por mais solitária que aí se encontre.

Se tudo se cumpre de modo tão admirável, como vedes; se tudo, indispensavelmente, se realiza ao redor de vós, ainda que se oculte a todas as vistas, como ousais não vos conduzir, quando julgais estar só, em todos os vossos atos, do mesmo modo que quando estais diante de muitas testemunhas?

Direis, para não parecerdes tão culpados aos vossos próprios olhos, que as leis que regem toda a matéria são a própria matéria e constituem o seu modo de ser, tendo só de obedecer a forças exteriores, também puramente materiais; ao passo que vós, seres animados, tendes, não só que ceder a forças físicas, mas também a outras muitas, morais, que, na maioria das vezes, quando vacilais

entre o bem o e mal, vos obrigam a seguir o pior caminho contra a corrente da vossa vontade. Direis que a todos os corpos inanimados não se apresenta mais que um caminho a seguir, que é o da natureza; ao passo que à vossa vista aparecem outros muitos, sedutores, que vos fazem perder a retidão de vossas intenções.

Vergonhosa desculpa, fundada em multidão de erros! Precisamente essas mesmas forças morais, sobre as quais tentais lançar todo o peso da vossa ignorância, seriam o mais poderoso impulso que vos devia obrigar a seguir o bom caminho, se não as destruísseis com as vossas próprias mãos. Em todo o Universo não há *força* exterior que encontre o seu equilíbrio em forças interiores; se a luz afugenta a sombra, esta também turva aquela; se à vossa vista se apresentam caminhos sedutores, conduzindo-vos ao lodaçal do vício; se a riqueza deslumbra, se a beleza seduz, se os prazeres encantam, também soa em vosso peito a voz poderosa da vossa consciência, tribunal misterioso, que fala mesmo antes do crime ser cometido.

Para afugentar tantos males, tantos horrores, que na Terra vos cegam, dir-vos-ei mil vezes: Erguei a fronte, vós que caminhais na vanguarda das gerações, que no porvir virão regeneradas; buscai no Universo o ponto mais elevado a que as vossas forças aspirem, e avançai para ele na certeza de o alcançar; sim, se em, vossos olhos brilhar o raio da virtude, se em vossa fronte luzir a coroa da ciência, e em vossa mão a espada da justiça, medindo-vos com o espaço, não acrediteis que sejais tão pequenos; não, sois grandes; se vivem seres imperceptíveis aos vossos olhos, outros vivem também imperceptíveis para aqueles que não podeis ver; e se há mundos que admirais pela sua grandeza, eles também se admiram da grandiosidade de outros mundos; caminhai, pois; ganhai o Céu levantando-vos com a Terra; não contempleis com indiferença o manto salpicado de mundos que embeleza as vossas noites, tal como essa que eu contemplei a 3 de dezembro de 1647.

CAPÍTULO III

ENTRE SOMBRAS E CUTILADAS LEVAM A DAMA CONSTRANGIDA

I

Seguíamos nosso caminho. Como já disse, com a pressa que nos permitiam os acidentes do terreno, e a obscuridade da noite. À medida que nos íamos aproximando do ponto de chegada, mais difícil se tornava a marcha, com a presença de altos muros, rápidas vertentes, e vultosas árvores, que ocultavam o caminho com as suas sombras gigantescas, concorrendo para que os acidentes se fizessem mais perigosos, e a obscuridade mais profunda.

Esse silêncio, que os mistérios da meia-noite impõem à voz humana, apenas era, uma ou outra vez, interrompido por palavras mal articuladas e imperceptíveis, que entre si trocavam os que me acompanhavam, ou por alguma das interjeições com que tão admiravelmente se faz o cavaleiro compreender pelo seu cavalo. Os mistérios da meia-noite não se podiam queixar de mim; o meu silêncio era tão profundo como o deles.

Pouco a pouco, as margens do caminho foram surgindo mais limpas, e chegamos a uma espécie de esplanada, onde vinham ter dois outros caminhos.

Íamos entrar no que levava a Granada.

— Alto — bradou uma voz, que parecia sair de espesso matagal, à esquerda.

— Quem vive? — perguntou meu companheiro, da direita.

— Nem mais um passo! — respondeu a primeira voz.

E uma súcia de homens, uns a pé, outros a cavalo, repontou de todos os lados.

— Meu irmão! — exclamei, segurando-me com todas as forças à capa do meu companheiro, da esquerda, ao mesmo tempo que uns braços, arrebatando-me no silhão, me arrancaram da montada.

Subjugada por esses braços, que, de modo tão violento, me haviam arrebatado, senti-me levar pelo caminho que acabava de deixar. Era inútil a minha débil resistência. Perto, eu percebia o galopar de outro cavalo, que depressa nos alcançou. Aquele que o montava, fazendo-o dar uma pequena volta, bradou:

— Por aqui, D. Luiz!

E seguimos outro caminho, que se perdia entre as árvores.

Tínhamos percorrido uma pequena distância, quando sentimos que, de um lado, vinham para nós outros cavaleiros.

— Viva Deus! — gritou o que me conduzia — aperta, Antônio; saltemos, se for preciso, por cima dos que vierem.

Foi tumultuoso o choque dos nossos, com os que vinham; e, no meio da refrega, só pude perceber uma voz que dizia:

— Segui a dama, meu alferes; deixai o outro comigo.

Com efeito, só um ginete nos seguiu, enquanto, atrás, se ouvia o estridor do rijas cutiladas.

O cavalo daquele que nos seguia, era mais ligeiro, pois passou a nosso lado a pequena distância; e voltando-se diante de nós, vimos o cavaleiro puxar da espada e bradar ao meu condutor:

— Larga a tua carga, miserável!

— Aí vai ela — exclamou o outro.

E um medonho tiro deixou-me cega com a sua luz, e surda com o estampido.

— Toma, e aprende a não errar os teus golpes! — retorquiu o primeiro.

E uma cutilada terrível, descarregada, por mão segura, à cabeça do meu raptor, fez-nos, a mim, e a ele, cair de costas em cima do cavalo.

Senti-me, de novo, arrebatada, e conduzida sem saber para onde.

Tantas emoções e cenas violentas, realizadas em tão curtos instantes, fizeram-me perder o sentido do que se passava em torno. Em vão busquei dominar-me; fiquei, por fim, desmaiada nos braços que me seguravam.

II

A hora e meia de Granada, há um lugar delicioso, abandonado, não pelos seres que enchem o espaço, e que nunca mancham nem transformam os lugares que habitam; mas, pelos pesados seres materiais, que deixam pegadas por onde andam , e tudo alteram.

O homem aí não mora.

É um lugar privilegiado, onde nunca a alegria calma se perturba, como se dá em outros igualmente belos.

Sítio comparado por algum poeta muçulmano ao primeiro céu prometido aos bons pelo Profeta, e com certeza esse poeta não exagerou, pois eu sei que, perguntando-se a um filho daquela raça impressionável se preferia esse lugar ao primeiro céu, respondeu que sim.

Ali, se o tempo passa, não passa a beleza; e se o homem é capaz de ali chegar, e passar indiferente, sem ficar preso, o espírito não o pode fazer.

Que seria do homem sem certos lugares, mesmo nas regiões onde mais sofre? Que seria do Espírito?

No correr dos tempos, foi este lugar o teatro de mais de cem histórias notáveis, ora tristes como o canto das rolas, que ali constroem seus ninhos, ora alegres como os seus dias.

Eu o sei, porque, nas vezes que ali fui com o fim de recolher as minhas recordações, topei outros Espíritos que também vinham com o mesmo fito, ora alegres, ora tristes como eu.

Uma vez, acolheram-me ali, com patentes demonstrações de alegria, dois Espíritos que haviam encarnado uma dama e um campeão godos; ali morreram e se reergueram, até hoje confundidos, amando-se ainda, e felizes.

Ali, encontrei outro Espírito desditoso, pertencente a um patrício da opulenta Roma, que removia a terra em busca da essência da que fora sua amada, morta pela ferocidade de um pai cioso da sua honra, para que não caísse em poder de uma legião vitoriosa de Pompeu; removia o pó, encontrando nisso consolação, porque o Espírito amado, sempre sumido na humanidade, não tinha ainda sido encontrado.

Triste dele!

O Espírito de uma formosa moura também ali me confiou suas penas; trouxe-a para aquele ponto um mau cavaleiro cristão, ali a abandonando para não mais ser visto. O Espírito ainda o esperava, chorando pela sua ingratidão, para lhe perdoar melhor, fazê-lo repetir, como Espírito, as palavras falsas de outrora, e obrigá-lo a realizar as promessas que, apesar de feitas com fingimento, tinham sido aceitas com fé, e deviam ser cumpridas.

Um outro, ali me fez ver o azulado torreão de um castelo levantado sobre pequena colina, e do qual já há séculos não existem vestígios, e a janela por onde o arrojou, à escabrosidade de um arroio, a irascível fúria de um marido, mais cego pelo ciúme que pela lealdade que lhe era devida.

Outro, constantemente ali lamentava o atraso em que se havia conservado um Espírito a quem amara sempre, e que havia animado o corpo de um capitão, morto, por seus

erros, naquele lugar, poucos dias antes da conquista de Granada, e da entrada nela dos reis católicos.

Também dois Espíritos ali chegados pela força atrativa dos lugares se identificaram com o seu passado, mostrando um deles o sítio onde sofrera os desdéns do outro, e este reparando com manifestações carinhosas as palavras evasivas que um dia pronunciou, e hoje reconhece terem sido de uma crueldade inaudita.

Vejo ali uma multidão de Espíritos que animaram outros tantos jovens, sacrificados um dia em uma das cruéis lutas intestinas dos árabes, durante o seu longo domínio na província granadina.

Ah! seria interminável a narração, se tratasse de descobrir todas as dores refugiadas naquele lugar afortunado. Mesmo depois de o abandonar, temos necessidade de chorar muito neste mundo de lágrimas.

Com muita freqüência ali me encontra toda a multidão de Espíritos que, em sua maioria, gemem naquele lugar para mim tão sagrado, onde se decidiu o meu destino, e onde, como já disse, vou, a fim de reavivar as minhas recordações.

Foi ali que — ai de mim! — abri os olhos depois de um longo desmaio, na manhã fria, porém formosa, do dia 4 de dezembro de 1647.

Ali meus olhos se abriram. Ah! quantas vezes amaldiçoei, depois, o momento em que os abri! Hoje, bendigo tal instante e tal hora. Quem se pode fiar nos seus próprios sentimentos?

III

Abri os olhos e um raio de sol me deslumbrou; não pude resistir ao seu brilho, tive de cerrá-los novamente. Abrindo-os de novo, lancei ao redor de mim olhares indagadores; e, que vi?

Reclinada em leito de relva amontoada, vi através de grande porta ogival que me ficava em frente, uma paisagem magnífica, e o Sol surgindo entre nuvens. Cobria-me uma abóbada elevada, sustentada por altos pilares; no chão, dispersos, restos mutilados de colunas e capitéis góticos.

Como fora parar ali? quem me havia levado? onde estava? Em vão buscava uma resposta nas recordações confusas, do dia anterior; só me respondia o rumor produzido pela água de uma cascata, ou caudalosa fonte, que bem perto se devia encontrar.

O albornoz branco ainda me cobria os ombros; minha cabeça descansava numa capa negra, e uma outra me envolvia os pés, preservando-os do frio: não me sentia mal, mas estava só.

Bastante tempo fiquei nessa situação embaraçosa, que só pode ser compreendida por aquele que, como a mim sucedeu, desperta de um sono profundo e, achando-se em sítio estranho, apenas fixa recordações anteriores, sem se atrever a dar o primeiro passo, nem fazer um só dos movimentos que a atividade da vida exige. Momentos raros, em que parece que os laços que nos ligavam ao passado se despedaçaram.

Assim permaneci algum tempo, meio abstrata, naquele leito improvisado, até que, afinal, pareceu-me ouvir passos.

Ao fundo da porta, inundada de luz, avultou a figura de um homem.

Um grito, apenas perceptível, escapou-se-me dos lábios; meu primeiro impulso foi fugir, mas a debilidade obrigou a conservar-me sentada.

Ele se deteve, sem ousar transpor a porta. Trazia as mãos unidas, formando com as palmas uma cavidade que parecia conter alguma coisa. Ao notar o meu movimento, deixou cair os braços e algumas gotas molharam o solo. Afinal, decidiu-se; deu pausadamente alguns passos para mim.

Era um jovem de vinte e dois a vinte e cinco anos, vestido de preto, e com a fronte oculta pelas largas abas do chapéu, do qual pendia uma pluma branca.

À medida que se aproximava, pude observá-lo melhor; sua estatura, mais alta que baixa, caracterizava esses movimentos tão naturais em que se patenteia logo a distinção da pessoa; um pequeno bigode lhe sombreava os lábios; seus cabelos castanho-escuros ondulavam ligeiramente até os ombros.

À proporção que se aproximava, seus passos eram mais lentos; deteve-se a respeitosa distância, descobriu-se, cruzou os braços, e seus olhos apagados, mas de vista profunda, fixaram-se docemente em mim.

— Ah! minha senhora — disse ele — começava a suspeitar que não sairíeis do vosso letargo, e isso inspirava-me cuidado; mas, felizmente, vejo-vos abrir os olhos. Sentis-vos mal? Confessai-mo sem receios; sou um vosso servo; mandai, e estou disposto a cumprir exatamente as vossas ordens.

Estas palavras pronunciadas com voz dulcíssima, impressionaram-me de tal modo, que nem pude responder. Ele também guardou silêncio por algum tempo, mas, por fim, exclamou:

— Por Deus, dizei-me se vos sentis mal; nada receeis; podeis fazê-lo com inteira liberdade; dai-me as vossas ordens. Tereis, por acaso, receio de mim, que só procurei fazer-vos bem durante estas poucas horas, desde que vos conheço?

— Não deveis estranhar minha perturbação — respondi. — Agradeço-vos; compreendo, sem conhecer o motivo, tudo o que acabais de fazer por mim. Não vos conheço, creio mesmo que nunca vos vi. Não há aqui outra pessoa? Estaremos sós? Onde estamos? Como vim parar aqui?

— Tranqüilizai-vos, senhora; eu vos suplico. Não me conheceis, é certo; mas confiai em mim, e não tereis de que vos arrepender; quando estiverdes disposta a sair deste lugar, que eu mesmo não conheço, conduzir-vos-ei ao ponto que me indicardes; e juro-vos, pela fé de cavaleiro, que sou, que nada de mal vos sucederá, enquanto estiverdes confiada aos meus cuidados.

— E como é que me acho só, em vosso poder, num sítio que vós mesmo não conheceis? Que fizeram de meu pobre irmão que me acompanhava? Podeis explicar-me a causa do tumulto que se deu ontem à noite, e do qual conservo apenas uma vaga lembrança? Falai, por Deus; tirai-me desta ansiedade, dizei-me tudo.

— Muito me perguntais, senhora, e sinto ter de começar obedecer-vos com a declaração de não poder responder completamente às vossas perguntas, porque também ignoro quase tudo. No que mais vos interessa, só vos posso dizer que, se um dos que ontem iam ao vosso lado era vosso irmão, talvez que a esta hora ele ande a procurar-vos por toda parte, julgando-vos perdida; pois certamente os que a noite passada tão bruscamente interromperam a vossa marcha, não o fizeram com o intento de lhe causar dano algum, e sim com o único fim de se apoderarem da vossa pessoa.

— Não reparais, porém, cavalheiro — disse eu — que, buscando desvanecer todas as minhas dúvidas, deixais de parte a que melhor podeis esclarecer? Por que me acho em vosso poder, entregue aos vossos cuidados, quando nem mesmo me conheceis?

— Ah! senhora — replicou — tendes razão; hei de esclarecer-vos, pois é indubitável que tendes direito de o saber; mas só o farei quando, recuperada a vossa serenidade, puderdes ouvir-me mais tranqüila. Desde já, porém, vos previno que só a casualidade me colocou em vosso caminho.

— A casualidade?! — disse eu, com certo ar de incredualidade.

— Acreditais, por ventura — respondeu ele, em tom sereno — que, se eu fosse capaz de enganar alguém, viria, fazêlo a uma dama, nesta soledade? Aqui, neste lugar, um

dos sagrados deveres que temos a cumprir é: vós, o de me acreditardes, e eu o de vos dizer sempre a verdade.

— Sim, creio em vós, meu amigo — repliquei, não podendo resistir à sinceridade de suas palavras. — Há pouco me dizieis que podia dispor de vós; creio que vos equivocais, que era o contrário que devieis dizer; sou eu que devo obedecer-vos. Começai, pois, por dispor a maneira de sairmos daqui. Além de que — disse-lhe depois de breve pausa — espero que antes me expliqueis por que acaso vos devo os serviços que, com tanto desinteresse, me haveis prestado.

— Assim o farei, já que o prometi; mas previno-vos, senhora, de que não posso consentir me escuteis por mais tempo aqui; noto que esta abóbada é demasiado fria, e poderá alterar-vos a saúde, mais do que já o está. O Sol há de reanimar-vos.

— Obrigada, meu amigo; obrigada pelos vossos cuidados; depressa estarei às vossas ordens. — disse-lhe, pondo-me de pé.

— Sou eu quem aguarda as vossas —, respondeu inclinando-se — aguardarei fora, junto da porta, até que queirais sair ao meu encontro. Uma vez reunidos, tomaremos nossas resoluções.

Dirigiu-se para a porta e ao chegar ao umbral, disse:

— Até logo. Como terei a honra de vos chamar, doravante?

— Chamai-me Estrela. — E vós, se precisardes de mim, chamai-me Rafael — disse ele, saudando de novo, e saindo.

Um quarto de hora depois, saí também, e, ao chegar à porta, detive-me para observar onde se achava o meu galante desconhecido. Não me esperava longe.

De pé, braços cruzados, e fronte inclinada para o chão, parecia meditar profundamente; não demorou, porém, que notasse a minha presença; e que, abandonando o seu posto, viesse apressadamente ao meu encontro.

— Vamos, Estrela — disse com ligeiro sorriso, logo que se acercou de mim —, apoiai-vos, querendo, ao meu braço; a debilidade produzida pelos maus instantes que passastes, não permite que caminheis só.

Não sei que ligeiro estremecimento de satisfação, até então para mim desconhecido, experimentei aceitando o seu oferecimento. Não sei por que, apoiando minha mão no seu braço direito, o fiz com receosa timidez.

Sem dúvida a minha perturbação se fez notar demasiado, a ponto de o jovem desconhecido me dizer com amarga indiferença:

— Apoiai-vos sem temor, minha amiga, como se este braço fosse o do vosso próprio irmão; se estais acostumada a pôr em perigo, com os vossos encantos, as almas impressionáveis dos que de vós se aproximam, não receeis que a minha se perturbe; só poderia suceder tal, se a minha alma estivesse comigo; mas como há de ela estar comigo, se a deixei presa, tão longe daqui?

Uma palavra, um gesto, um só olhar, nos momentos supremos da vida, decidem, muitas vezes, do destino de um homem; mudam seu modo de ser , e lhe desviam o rumo da marcha no seio da Humanidade.

Um só gesto, um só olhar, uma só palavra, que decidem em tais momentos do destino de um homem, podem, pela influência que ele exerça, sobre os destinos e de um povo, transtorná-los também, e, desviada a marcha de um povo, pode mui facilmente alterar-se o destino de todos os povos.

Sim: um olhar, uma palavra, um só gesto, devidos ao acaso, em qualquer recanto da Terra, podem, mercê de um encadeamento incompreensível, decidir do porvir da Humanidade. Quem o poderia crer? No entanto, é uma verdade que se manifesta nos momentos difíceis em que se joga o porvir. Arcanos impenetráveis, desígnios incompreensíves, que só Deus pode sondar!

Quem diria a Rafael e a mim que as palavras que ele pronunciou no momento, e que acabo de escrever, iam decidir da sua sorte, da minha, e da de outras pessoas tão queridas!

Que influxo já exercia aquele jovem sobre a minha alma, para que de tal modo essas palavras pudessem exercer um tão pernicioso efeito em nosso futuro?

Sei que, ferida profundamente no meu amor-próprio, unicamente tratei, desde então, de atrair a mim aquela alma, que dizia ser impossível sujeitar-se à minha vontade, por já se encontrar presa noutro lugar.

Sei que o meu coração, até então frio, e indiferente ao contato de outros, se incendiou, ao choque desse outro coração também frio e indiferente.

Sei que desde aquele momento, minha alma revoltada por ver passar tão perto uma outra, que, indiferente, não era chocada pelo brilho dos meus olhos naquela soledade, tratou com o seu próprio fogo de reanimar as cinzas daquele coração.

Tenaz empenho, que, minando lentamente a minha existência e a de outros seres, abriu com orgulhoso esforço a porta que ocultava o mais delicado segredo, o qual, lançado por mim ao vento, se condensou sobre a minha cabeça em nuvem de remorsos!

Castigo justo da minha profanação!

Rafael tinha razão: eu estava acostumada a não ver passarem indiferentes outras almas perto da minha; mas ignorava que essa novidade revoltava um coração orgulhoso de ser objeto da solicitude de tantos que ainda se não tinha rendido.

Pobre Rafael! Suas palavras foram o rastilho, que, incendiando o amor-próprio que enchia meu peito, e já não podendo mais ser nele contido, alcançou em sua explosão mais três corações, reduzindo-os a cinzas.

Pobre Rafael! Estavas destinado, por desgraça tua, a ferir as cordas sensíveis de todos os corações, fazendo-as vi-

brar sempre, fossem as que correspondem a sentimentos belos, fossem as capazes de despertar as mais perversas paixões!

Que magia essa de teus olhos, que moveu o coração de Marieta? Que magia essa de tuas palavras, que assim abalou meu coração, despertando em um os mais belos, e noutro os mais perniciosos sentimentos?

Foi cruel o teu destino na Terra; lutaste contra a sua força irresistível, fizeste todo o possível para remediar o desastre dos dois corações que mais te amaram.

E que conseguiste? ... Sucumbir também.

CAPITULO IV

LEITOR: DE NOVO A MESMA HISTÓRIA

I

Um momento mais tarde, achava-me sentada numa grande pedra, junto à queda dágua cujo murmúrio me havia ferido os ouvidos, ao tornar a mim após o desmaio! Estava só.

Meus olhos fixavam-se, tristes, nos rolos de espuma cujos salpicos me molhavam os pés; assim permaneci por muito tempo, refletindo, no mesmo lugar.

Estava só, pois Rafael partira em busca de alguma coisa que mitigasse a fome que já nos molestava; eu não quisera segui-lo, a fim de que ele voltasse; sabia que, sair dali, era separar-me dele; aquele lugar atraía-me; era preciso operar de modo que, ao abandoná-lo, fosse impossível a Rafael deixar de me seguir. E ele voltou...

— Minha amiga — disse alegremente, apeando-se —, já sei por onde sairmos desta soledade; já sei por onde iremos a Granada; honrai o nosso frugal almoço, e, quando estiverdes disposta, partiremos.

— Honremos o vosso almoço — respondi. — Confesso que me sinto fraca, podendo apenas mover-me; sentai-vos junto a mim, e fazei-me o obséquio de me dar as explicações prometidas.

— O meu maior prazer consiste em agradar-vos — disse. — Quero que daqui em diante, quando vos venham à memória esta hora e este lugar, vos recordeis também de quanto fui complacente.

Satisfeita a fome, inundados da luz de um formoso Sol de inverno, começou a sua narração do modo seguinte:

— Vou explicar-vos, senhora, por que feliz acaso cheguei, na passada noite, tão oportunamente para vos salvar, arrebatando-vos das mãos de um raptor, que não sei como qualificar. Vinha da corte, para onde viajara há uns quinze dias, procedente de Nápoles, ponto onde estive de serviço por algum tempo.

— Alto! — disse-lhe eu, interrompendo o discurso.

— Por que? — perguntou, respeitosamente.

— Porque não começais, mas concluís uma narração, que começa pelo ponto em que devia terminar.

— Fazei-me, então, o favor de dizer por onde devo começar — disse ele, galantemente — pois não sei o que exigis de mim.

— Francamente, meu amigo, creio que me concedereis uma coisa que não deixa de ser natural; interessais-me, porque, expondo a vossa vida, também vos interessastes por mim; por isso, como me dissestes que a vossa alma está cativa longe daqui, desejo saber, antes do muito que por mim tendes feito, onde a deixastes. Da minha parte, não pode haver mais franqueza; sede também franco comigo.

— Mas ...para que, senhora? Acaso, fazendo-me lembrar o sítio sagrado em que ficou minha alma, quereis ver se posso tão facilmente recuperá-la?

— Talvez... — respondi.

— Ah! — acrescentou — renunciai a esse propósito; é um impossível, e por isso não quero, nestes momentos de que tanto precisais para vós mesma, molestar vossa atenção com uma narrativa inútil.

— Não creio no meu poder, até o ponto de pretender realizar o fim a que me propunha, e que vós adivinhastes;

meu desejo, porém, vai além; e se vossas recordações vos mortificam, podeis, depositando-as em um coração amigo, encontrar o alívio de que tanto precisam certas mágoas ocultas. Quero vos ser útil, de algum modo; e espero que ponhais, no lugar que merece em vosso ânimo, este meu tão justo desejo.

II

É realmente triste — disse ele — viver na Terra com o coração ferido, sem perceber perto de nós uma voz amiga que console, um ouvido atento que escute, sem se mortificar, seus abafados gemidos. Essa tristeza, sem dúvida, foi por vós lida em meus olhos, e creio que, abrindo-vos meu coração e patenteando-vos um segredo que é a minha própria vida, o acolhereis de modo que não perca o sagrado perfume do seu mistério. Sofro, senhora, e já que assim o desejais, que o vosso coração sensível participe dos meus sofrimentos.

Rafael, que se levantara para pronunciar estas palavras, estendeu-me as mãos; e a solenidade das suas palavras comoveu-me a ponto de me causar remorsos o fato de a nobreza de meus propósitos se achar tão abaixo da dos seus. Vacilei um momento; momento de terrível luta, entre o amor-próprio ferido, e a dignidade do espírito ressentida! Ele, porém, atraía-me, e o amor-próprio venceu.

Venceu, sim; mas com que orgulho se levantou depois da sua vitória! Minhas pupilas dilataram-se, um estremecimento nervoso agitou todo o meu ser. Rafael engrandeceu-se a meus olhos; pareceu-me envolto no seu mistério, digno da tenacidade do meu coração; a idéia de uma luta heróica brilhou no meu tenebroso pensamento, como um relâmpago na escuridão da noite. Procurei armar-me de serenidade e preparei-me para o combate que ia travar ali, só, e frente a frente com ele.

— Fala, fala, Rafael! — disse apaixonadamente.

III

Ao som do murmúrio da corrente, ouvi, então, de seus lábios a seguinte narração:

— "Se ainda não respirastes as brisas da Itália, não vos incomodeis, senhora, porque respirais as da Espanha. Se não vistes ainda o céu de Nápoles, não tenhais pena, pois vos cobre o de Granada.

"Nápoles é para a Itália, o que é Granada para a nossa pátria.

"Saí da casa de meus pais arrebatado pelo entusiasmo buliçoso que anima os corações juvenis, que sonham um porvir brilhante, e cheguei a Nápoles, para onde me destinava o meu posto de alferes.

"Como ainda nada me atormentava, e a alegria ainda era o patrimônio do meu coração, entreguei-me a todas as expansões da juventude, apesar do meu caráter um tanto grave e contemplativo.

"Não é possível entrar-se em Nápoles, sentindo pulsar no peito um coração de vinte anos, sem experimentar, por frio e indiferente que se seja, o abalo que provoca o entusiasmo pela beleza.

"Sei-o, porque eu mesmo, desde o momento em que pisei aquelas ruas, amei tudo que via; o belo entusiasmava-me, e eu seguia com apaixonado empenho a formosura que o acaso me deparava.

"Não é possível entrar em Nápoles, e alongar a vista pela extensão da sua imensa baía, sem se sentir que a alma também se nos engrandece; não é possível chegar a Nápoles e erguer os olhos até o cimo do Vesúvio, sem se sentir o fogo no coração.

"Depois, lançarmo-nos nos braços da populosa cidade, cruzar o seu recinto, respirar suas brisas e banharmo-nos no seu sol, não é mais que firmar e alimentar o fogo do coração e a grandeza da alma."

Ali se vive sem se sentir que a vida se escoa, até que, em qualquer recanto daquele paraíso, o coração se perca, e a alma se subverta, atraídos por algum encanto.

"Sair dali, abandonar Nápoles sem que o sentimento se revolte, não é possível; os olhos não mais serão capazes de recuperar a luz que os alegrava, depois de perdida a do seu céu; só o dever, com os seus imperativos inalteráveis, nos pode impelir a perder Nápoles de vista.

"Ah! desgraçado daquele que, como eu, deixou, em qualquer canto daquele paraíso, o coração perdido e a alma submergida, atraídos por algum encanto.

"Desgraçado, sim, porque, se um outro qualquer, que sinta o pesar de abandonar Nápoles, pode ao menos ser feliz recordando-se dela, os que, como eu, sofrem com essa recordação, que mais poderão fazer senão morrer, ou tornar à posse do seu coração e da sua alma?

"É-me preciso morrer, Estrela, ou voltar; voltar, sim, porque me esperam... Assim o prometi, assim me foi prometido. Voltar, esperar, nisso se encerra uma solene promessa, feita perante Deus.

"Sabeis já que hei de tornar a Nápoles; mas quem me espera, onde e até quando, é o que ignorais, e o que vou dizer-vos:

"Já vistes alguma vez passar junto de vós um desses seres angélicos, tão raros na Terra, tão difíceis de ser encontrados entre as maiores multidões?

"Já vistes alguma vez erguerem-se uns olhos de olhar indescritível, e que, apenas entreabertos, deixam adivinhar em seu brilho uma alma misteriosa, e baixam, como envergonhados da luz do dia?

"Viste já passar alguma vez, junto de vós, uma dessas figuras misteriosas, que, sem que se saiba como, nos atraem o olhar, nos tomam a alma e nos arrebatam o coração?

"Pois eu já vi, senhora; e vi numa formosa manhã, aparecer sob o pórtico sombrio de uma grande igreja de Nápoles.

"Vi-a, no meio de uma multidão numerosa, formando o ponto mais radiante e luminoso. Sem saber por que, meus olhos seguiram-na, e não mais a abandonaram; minha alma seguiu-a, depois, e meu coração também.

"Segui-a, sim, segui-a até o encantado recanto onde se ocultava; e, desde então, ali jaz minha alma submersa, e meu coração perdido.

"Ali terei de ir buscá-los, Estrela.

"Pensar noutra coisa, quando a alma assim está presa, é impossível. Se vós, senhora, vos vísseis de tal modo perdida, ninguém melhor que vós mesma vos poderia explicar por que, em tais momentos, o pensamento fica paralisado num ponto só.

IV

"Depois que a aparição desse anjo, mergulhando-me num êxtase, me arrebatou da Terra, para me elevar ao céu, todo o bulício, todo o ajuntamento, toda a explosão de regozijo eram para mim um tormento.

"Na soledade, minha alma não era livre, por que quando toda ela se emprega na contemplação de um só objeto, outro qualquer lhe é estranho, e, de certo modo, repulsivo; em tais momentos, tudo que não seja o objeto da sua adoração, estorva a alma.

"Desde então, amei também o silêncio, por que todo o rumor fatiga a alma, se não partir do ponto da sua contemplação; em tais momentos, todo o ruído estranho, todo o estrépito que distraia a sua atenção, aturde a alma.

"Ah! senhora, nem eu mesmo compreendia tão estranha transformação! Se buscava a solidão, se amava o silêncio, de que vivia, então, minha alma? Vivia do pensamento, e este do objeto único em que se havia fixado; e, nesses momentos, em que uma exuberância de vida corre por nossas veias, é que há também exuberância de pensamentos embaraçando a nossa alma.

"Existe em Nápoles, perto de um dos seus populosos bairros, quase à beira-mar, um montão de ruínas composto de arcos e paredões, que dia a dia se vão desaprumando: são os restos de um grande edifício.

"Era ali que eu buscava a solidão e o silêncio.

"Era dali que via muitas vezes nascer e sumir-se o Sol; e confundido na obscuridade da noite com as sombras projetadas pelos velhos muros, ali permanecia horas inteiras, mudo e imóvel como eles.

"O silêncio e a solidão daquele sítio, durante a noite só eram interrompidos pelo rugir das ondas, que se despedaçavam na praia, a meus pés; pelo canto de algum pescador que tarde voltava na sua barca, ou pelo piar de alguma das aves noturnas que tinham seus ninhos por sobre a minha cabeça. Lugar digno da contemplação, a que a minha alma se havia entregado.

"E quando o Sol, erguendo-se no horizonte, derramava a sua luz no panorama que a meus olhos se desenrolava, a soledade daquele sítio era tão solene, senão tão grave, como o da noite; somente o silêncio perdia o mistério que adquiria na obscuridade.

"Que magnificência a daquela natureza sempre esplêndida, sempre nova! À minha direita o mar, sempre tranqüilo, da baía de Nápoles; à minha esquerda uma longa fila de casas rodeadas de jardins, onde a verdura é constante; e em frente, desafiando o céu e a Terra, o cimo do Vesúvio.

"E o que era todo aquele esplendor, toda aquela riqueza de luz, toda aquela sublimidade que se me apresentavam aos olhos? Nada, quase nada; um pequeno incidente do único ponto apenas perceptível, que para mim naquele sítio era o mais luminoso.

"Se me ardesse na fronte a chama que dá calor ao gênio da pintura, com que vivas cores eu trasladaria para a tela a imagem viva daqueles lugares envoltos na atmosfera de luz com que sempre, e ainda daqui, os contemplo.

"Sim, Estrela; sobre o fundo formoso do quadro que vos descrevi, meu pincel teria traçado no primeiro plano, destacando-se, um pequeno jardim, o aspecto severo de uma casa com uma janela, e no vão sombrio desta o vulto de um anjo, com seus longos cabelos ruivos, e seu olhar de virgem; sim, Estrela, do meu oculto retiro, entre as ondas de um povo, e as da imensidade do mar, era este quadro o objeto único, imagem de um porvir ditoso pelo qual, dali, minha alma suspirava.

V

"E aquele anjo só deixava o seu retiro aos domingos para se dirigir ao templo. Eu esperava-o no extremo de uma longa rua, a fim de lhe seguir os passos, sempre demorados, por terem de se regular com os de uma respeitável anciã.

"Não sei que temor religioso me impedia de me aproximar mais, para melhor me extasiar com a sua presença; mas as pulsações do coração que me indicavam a sua aproximação, a cor dos seus cabelos, e o azul dos seus vestidos, ajudavam-me a não lhe perder os passos no meio da mais compacta multidão.

"Ela entrava no templo, e eu fazia o mesmo. Geralmente, procurava o mesmo lugar; eu escolhi também um outro, donde, à vontade, podia extasiar-me em sua contemplação; aquela meia hora passava rápida como o pensamento, sem que eu tivesse consciência da sua duração; saía e eu seguia-a, até a ver desaparecer no umbral da sua porta.

"Que longos eram os dias que permeavam os domingos! Com que dificuldade se sucediam! Como eu lhes contava as horas! Que morosa era, então, a marcha do tempo!

"Um acontecimento estranho veio, um dia, pôr em contato aquela alma com a minha; o destino, sem dúvida, as havia lançado ao mundo para se encontrarem.

"A juventude, em Nápoles, é alegre e buliçosa. Aquele horizonte sempre limpo, aquele céu sempre sereno, não podem deixar de dar ao coração a alegria e a felicidade.

"Para prestar à beleza o culto da sua admiração, aquela mocidade tem costumes especiais, em harmonia com a alegria do coração, e da Natureza, sempre pródiga, que a rodeia.

"Um deles consiste em sitiar as jovens, lançando-lhes ramos de flores, que elas procuram guardar sem perderem um só; a que é objeto de minhas homenagens retirava-se, um dia, da igreja, quando foi assaltada por não pequena quantidade de rapazes estonteados, que lhe encheram os braços de ramos de flores. Acostumado a vê-la passar sem que acidente algum lhe detivesse a marcha, esse acontecimento despertou minha atenção, e, como é natural, desagradou-me, e pôs-me em sobressalto.

"Eu sou daqueles que não podem recuar diante do perigo; e um havia ali no aproximar-me da minha deidade; pelo menos, corria o risco de perder a serenidade, se antes não reunisse todas as minhas forças para que me não abandonassem.

"Tal era já o estado do meu ânimo, quando fui surpreendido por esse incidente.

"Passava naquele momento junto de mim uma das muitas floristas, que a toda a hora percorrem as ruas de Nápoles; ao ver-lhe a cesta de flores, uma idéia luminosa me cruzou a mente.

"Comprei o ramo menor que a minha perturbação me permitiu encontrar entre os que continha o açafate da florista, e, sem saber como, achei-me de frente, quase tocando aquela que dias antes me havia arrebatado as faculdades da alma.

— "Sinto muito — lhe disse — haver chegado tarde..."

— "Como tarde? — questionou-me — o vosso ramo é pequeno, e não lhe faltará lugar, onde couberam tantos outros, dai-mo."

— "Não — respondi —, não cabe; só ele, apesar da sua pequenez, ocuparia mais lugar que todos os outros."

— "Não vejo como — respondeu sorrindo, docemente."

— "Pois vejo eu — acrescentei — mas, se o seu lugar, agora, está ocupado por tantos outros, prometo-vos que o tereis."

"E desapareci, deixando-a admirada do modo especial por que lhe fiz o meu oferecimento.

"Dado o primeiro passo, era preciso concluir.

"Chamada assim, para mim, a sua atenção, era preciso cumprir o que havia prometido.

"Transpostos os limites da minha reserva, convinha manter-me fora deles, até que levasse a feliz termo as conseqüências de um passo que o estado da minha razão qualificava de atrevido.

"Mas, como? De que modo faria chegar o ramo de flores ao seu poder?

VI

"Afastei-me com rumo preciso e fixo, sem saber por onde ia; daí a pouco, porém, achei-me por detrás de sua casa, perto do jardim, ao pé das ruínas que me serviam de templo para adorar aquela diva, com o ramo na mão, vacilante e sem saber o que fazer.

"O tempo voava; urgia aproveitá-lo. Era indispensável que o meu ramo de flores entrasse naquela casa antes que a ela chegasse aqueles que, mais felizes que o meu, vinham ocupando o lugar mais predileto da Terra, e que eu pretendia, só, para o que lhe oferecera.

"A solidão era completa naquele momento; a janela estava aberta, e essa circunstância sugeriu-me a idéia de a alcançar lançando o ramo por cima do jardim; mas, por mais que me aproximasse do cercado, corria o perigo de não conseguir o meu fito, por ser grande a distância que o ramo tinha de percorrer. Desisti, pois, de realizar meu propósito por esse modo, visto que, se o ramo caísse no jardim,passaria despercebido, e meus esforços teriam sido inúteis.

"Hesitei por muito tempo, mas, afinal, impelido pelo desejo de conseguir, a todo o custo, o meu intento, tive subitamente, uma outra idéia.

"Nos momentos críticos da vida é necessário porem-se em prática as idéias, que a força das circunstâncias faz brotar, para salvar a nossa situação; essas idéias, quanto mais impossíveis pareçam de realizar, mais pronto cumprimento exigem.

"Naquele momento, levei a cabo a idéia que as circunstâncias me sugeriam, sem saber como, e logo, apenas a concebi.

"Sem poder explicar como, saltei, num ápice, para cima do muro; depois, equilibrando-me, e com grande risco de cair, fui, como pude, aproximando-me da janela.

"Quando vi que mediante pequeno esforço podia alcançar com o ramo o interior da habitação sentei-me para, com o impulso, não perder o equilíbrio, atirei-o com força e certeiramente, e voltei, para descer por onde havia subido; mas tive que me deter, e fiquei sem coragem de tentar o menor movimento.

"A porta do jardim que comunica com o interior da casa, e que eu divisava por entre os ramos de uma grande oliveira situada no centro daquele, abriu-se, e ela apareceu.

"Trazia as flores. Fechou cuidadosamente a porta, dirigiu-se para o centro do jardim, à sombra da oliveira; sentou-se e começou a arranjá-las, combinando novos ramos. Apenas lhe podia perceber o perfil do rosto, mas, em compensação, podia admirar-lhe os anéis abundantes dos cabelos de ouro.

"Era preciso permanecer assim, na posição constrangida em que fora surpreendido; era necessário conter a respiração para não assustar com um movimento nem o menor ruído, o anjo daquele paraíso impenetrável.

"Além de que, se ela chegasse a descobrir-me, que pensaria logo da minha audaciosa escalada, para me atrever

a chegar com a vista, onde os raios do Sol apenas ousavam penetrar?

"Não sei, Estrela, que tempo me conservei ali: só sei que, ainda que esse tempo tenha sido longo, passou rapidamente. Nesses momentos de contemplação da alma, em que só ela vive, o tempo voa, ou não se move.

"Ou, antes: nem voa, nem fica imóvel, mas detém-se; é que a felicidade quando é completa não mede o tempo; não conta as horas, nem os minutos.

"Terminada a tarefa, dirigiu-se para a porta e desapareceu: então, somente, comecei a sentir o incômodo produzido pela posição constrangida em que me havia conservado por tanto tempo; desci, ou melhor, deixei-me escorregar pelo muro.

"Tinha chegado o momento em que o meu ardil deveria produzir o efeito que eu desejava. Dirigi-me, pois, ao meu posto de observação, e esperei; conquanto não tivesse ainda conseguido chamar sua atenção para aquele lugar, contudo, esperava.

"Em vão, porém, aguardei durante aquela dia, durante o dia seguinte, e outro, e mais outro; era preciso esperar pelo próximo domingo, e cheguei a persuadir-me de haverem as minhas flores passado despercebidas.

"Não sei que vago temor se apoderou de mim; não sei porque me entristecia a aproximação da hora em que poderia tornar a vê-la; via gostosamente passarem-se os dias, e temia, ao mesmo tempo, que chegasse o domingo.

"Temido ou desejado, Estrela, tudo na Terra tem a sua hora; e aquele dia, que eu tanto desejava quanto temia, chegou afinal demasiado cedo para o meu temor, demasiado tarde para o meu desejo. Compreendeis isso? Certamente não. Quem pode, quem é capaz de compreender essas misteriosas contradições de um coração que ama?

"Vi-a sair de casa, e segui-a; vi-a entrar no templo, e entrei também; já ela ocupava o lugar do costume, e eu busquei ficar mais próximo que das outras vezes; tive valor;

confesso-vos que precisava de valor para observar bem; com as mãos cruzadas, e os braços caídos em todo o seu comprimento, a fronte inclinada e movendo quase imperceptivelmente os lábios, parecia meditar, e orava com fervor.

"Longo tempo se conservou nessa atitude; por fim, meus olhos abandonaram-na, buscando na grande abóbada levantada sobre as nossas cabeças, um lugar digno para descansarem, depois de terem sobre ela esgotado toda a sua intensidade. Perdoai, mas estou certo de que só no céu se podem refugiar e encontrar alívio uns olhos que, como os meus, se deslumbraram com a sua presença.

"Não sei que força atrativa me obrigou a volver os olhos para ela, ao mesmo tempo que surpreendia a sua vista também descendo da abóbada. Nossos olhares, que juntamente se tinham dirigido ao céu, encontraram-se.

"Naquele olhar comprendi que o meu ramo de flores tinha sido reconhecido, e sorri como dizendo: "fui e sou o mesmo". Um leve rubor, que lhe cobriu as faces, foi a resposta que obteve a minha afirmação; e não podendo, sem dúvida, continuar confessando que me havia compreendido, inclinou a fronte, e, para evitar a minha vista, cerrou os olhos.

"Tinha conseguido mais do que esperava; e o meu coração, arrastado por tão feliz êxito — talvez para a desgraça do seu, cuja tranqüilidade assim punha em perigo — propôs-se a levar ao fim aquela obra de minhas mãos, obra de destruição que tem por objeto manchar a inocência das almas puras. Quanto me pesou depois o não ter sido o único depositário dos meus sentimentos para com ela!

"Só eu seria o desgraçado; ela ao menos poderia ser feliz.

"Nos combates do coração, a primeira vitória exige imediatamente uma segunda, que a confirme; e, depois, uma terceira qe confirme a segunda. Nunca a alma se sente satisfeita, mesmo com a completa posse do coração amado,

e o valor cresce à medida que o triunfo se vai tornando mais seguro. Um coração desdenhado é covarde; ele só é audaz quando é aceito. Pela temeridade do meu, sei que, não satisfeito com o primeiro triunfo, teve valor para buscar, em seguida, o segundo, livre, já, da timidez com que fugia no começo da luta.

"Ao sair da igreja, procurei passar junto a ela.

— "E minhas flores — disse-lhe — ocupam lugar predileto na vossa casa? — Só um sorriso amargo, como se fosse a primeira expressão da dor que havia de atormentar aquela alma, só uma vista apagada como o fogo que até então permanecia oculto naquele peito, foram a resposta que obtive.

"A experiência de alguns dias de soledade, empregados no exame dos meus próprios sentimentos, fez que eu compreendesse toda a amargura em que se achava envolto aquele sorriso, e toda a dor concentrada no seu olhar.

"Ditas essas palavras, confundi-me no meio da multidão, como fugindo, ferido pelo pressentimento da desgraça que ia cair no coração daquele anjo.

VII

"Desde então passamos a ver-nos quase todos os dias, e a felicidade com que mutuamente nos recompensávamos, sem outra forma de comunicação, além dos nossos olhares, linguagem pura dos sentimentos de nossas almas, só se interrompeu uma que outra vez, principalmente quando o dever me chamou ao meu posto, durante os acontecimentos desencadeados, em Nápoles, por Tomás Aniélo.

"Não vos quero minudenciar tudo que aconteceu entre aquele coração puro e o meu, durante a muda correspondência a que nos entregamos, logo que nos compreendemos. Além de que seria difícil, explicar o que se deu entre nós. A linguagem muda com que se exprimem os movimentos da alma, só para ela compreensível, não pode ser traduzida em qualquer outra linguagem .

"Sempre conservamos, e nunca tentamos diminuir uma respeitosa distância entre nós. De longe, nos compreendíamos melhor. Eu temia e, sem dúvida, ela também, que, aproximando-nos, pudesse o nosso hálito empanar a pureza dos nossos sentimentos. Sem combinação alguma, sem o sabermos, velávamos por eles, para que não degenerassem, tornando-se banais. Talvez vos pareça impossível que pudéssemos, a tal ponto, dominar os impulsos de dois corações, que só aspiravam a reunir-se."

CAPÍTULO V

CONTINUA A HISTÓRIA, E A ALMA DE ESTRELA DÁ-SE A CONHECER

I

Amigo Rafael — disse-lhe eu, interrompendo a sua narração —, chamastes desgraçada a essa mulher. Não o seria, se soubesse que há poucas na Terra, que desse modo se tenham feito amar. Vós mesmo, Rafael, compreendeis quanto é invejável o tesouro de amor que possuís! Continuai.

— E vós, Estrela — disse ele —, sabeis o que é guardar esse tesouro com o pressentimento de o perder para sempre?

"O cardeal Filomarini — continuou Rafael — a quem meus avós haviam conhecido, e tratado com intimidade, fora por meu pai encarregado de me vigiar durante a minha estadia em Nápoles.

Esse homem, levado por um zelo excessivo, filho da amizade e dos favores que diz dever à minha família, velava com efeito por mim, mais do que fora desejável.

"No começo da minha estadia em Nápoles, ia freqüentemente à sua casa, como me havia sido recomendado ao sair de Granada, e por ele mesmo assim o exigir; às vezes, convidava-me para a sua mesa; tomou-me amizade, e confesso que, a seu lado, passei bons momentos, visto ter-

me agradado muito a sua vida íntima, e o seu trato especial.

"Desde, porém, que tudo se me tornou indiferente, e dediquei todos os momentos, que o dever militar me deixava livres, à contemplação da virgem que adorava, lá das ruínas que vos descrevi, minhas visitas ao cardeal foram rareando, até caírem em completo esquecimento.

"Como é natural, estranhou ele o meu abandono, e, um dia, chamou-me a fim de me interrogar acerca dos motivos por que havia tão completamente esquecido o caminho de sua casa. Desculpei-me com as exigências do serviço, então apertadas, visto o estado de insurreição da cidade de Nápoles.

"Acreditou-me o bom homem, aceitando a desculpa, e despediu-me, mas não sem recomendar muito que de modo algum deixasse de o procurar; e assim, lhe prometi. Depois, foi-me ainda mais difícil cumprir a promessa.

"Tornou a chamar-me; e ao avistar-me, antes mesmo que eu o saudasse, disse: — "Meu cavaleirozinho, já conheço os poderosos motivos, o dever inquebrantável que impedem suas visitas com a freqüência que eu desejava; por isso, fui forçado a chamá-lo com urgência, para lhe dizer que, em virtude dos poderes que recebi de seu pai, não posso tolerar, de hoje em diante, coisa alguma que se não conforme com o decoro e a posição da sua família."

"Simulei ignorar as acusações que me fazia, e, atenciosamente, pedi-lhe explicações. — A única explicação que lhe posso dar — disse, sorrindo — é dizer-lhe que seu pai o observa de Granada, e me pergunta se há conveniência em afastá-lo de Nápoles.

"Calculai o efeito que produziram essas palavras; elas me gelaram o sangue, e, sob tal pressão, não pude mais manter meu fingimento aos olhos do cardeal.

"Não compreendia como haviam chegado a tal extremo as negociações para me afastar de Nápoles; confesso que tive medo, e fiquei odiando o inventor dessas palavras, que não podiam produzir em mim pior efeito.

— "Adeus, meu caro — disse ele ao despedir-me. E batendo-me no ombro, acrescentou: — Uma resposta afirmativa à consulta de seu pai depende só do meu amigo, pelo seu proceder daqui por diante."

II

"Preocupado, saí da casa desse algoz dos meus mais delicados sentimentos, e resolvi defendê-los, como melhor pudesse, dos seus ataques; convenci-me da necessidade de resistir, no caso de me quererem violentar, e de sofrer com paciência as impertinências do cardeal, que, suspeitava, haveriam de prosseguir.

"Chocava-me a idéia de desgostar a meu pai, mas consolei-me, por que, caso não fosse possível evitá-lo, não era só o meu coração que tinha de defender, mas também um outro, que para mim é o melhor e maior de quantos pulsam na Terra.

"Comecei por tomar seriamente minhas precauções, a fim de não me ver obrigado a uma resistência que sempre, no mínimo, comprometeria a calma e a serenidade do culto de dois corações.

"Propus-me, em primeiro lugar a freqüentar com mais assiduidade, a casa do cardeal, a fim de remover qualquer suspeita de insistência da minha parte, e a deixar-me ver nos lugares mais concorridos, para assim envolver em maior mistério aquela religião de duas almas, já a meu ver profanada com um começo de divulgação.

"Convinha, além disso, radicar o menor tempo possível à necessidade crescente, de nos vermos a todas as horas, para nos guardarmos da curiosidade estranha, que derrama o veneno onde aparece, tanto mais violento, quanto mais delicado é o ente surpreendido.

"Entretanto, para levar a cabo todas essas precauções, era indispensável que o anjo contra quem as néscias prevenções do mundo começavam a desencadear-se, as levas-

se a bem. Quão longe estava ainda de suspeitar que a desgraça viria envenenar as nossas belas ilusões!

"Eu preferiria defendê-la desses perigos, sem que ela o soubesse, de modo que não chegasse a suspeitar da perversidade com que nos assediavam; mas, também precisava do seu auxílio para preveni-los, tendo, além disso, de me justificar fazendo-lhe conhecer os motivos que nos impediam de nos vermos sempre, como quiséramos.

"Tratei de fazer que ela o soubesse indiretamente; demasiado era o respeito que me inspirava, para que com as próprias mãos lhe fizesse ver a realidade do tormento; mas a fatalidade surpreendeu-me, apenas dado o primeiro passo; a desgraça que eu supunha ainda longe, caiu de repente sobre nós, como a águia, quando, mostrando-se entre nuvens, repentinamente se lança sobre a sua presa.

"Então, por meio de uma pessoa a quem tive de recorrer, ainda que tarde, avisei-a da necessidade que nos impunha suas leis. Só então lhe soube o nome... Marieta!"

III

— Ah! senhora! Não vos fatigará esta triste e monótona narração de acontecimentos que só podem interessar a dois seres, cuja existência depende deles? Por que me obrigais a preencher estes momentos com outra coisa que não seja o vosso serviço, qual mo ordena o dever?

— Assim também me estais servindo, Rafael — disse-lhe eu —, pois me interessais demasiado, para que deixe de ouvir com prazer os sucessos de que podem depender o vosso porvir e o daquela cujo nome, com tanta solenidade, acabais de pronunciar. Continuai, pois eu vos ouço com interesse.

— Continuarei, senhora, já que assim o quereis, até o fim, que está próximo.

Essa primeira nuvem, que veio como precursora da tempestade a desencadear-se no céu de nossa felicidade,

assentou-se-me na fronte banhando-a de sombria tristeza; ela o notou, e eu vi que fazia esforços para conhecer o motivo.

"Busquei tranqüilizá-la. Pobre menina! Por sinais expressivos, perguntava-me se era ela a causa das minhas penas; se, por ignorância, me havia desgostado, e mostrava veementes desejos de remediar o mal que houvesse feito...

"Enquanto eu buscava os meios de lhe fazer compreender qual devia ser o plano da nossa conduta, dali por diante, recebi ordem de me apresentar imediatamente no palácio do Vice-rei, onde me esperavam para negócio urgente e importante.

"Ali compareci tomado de tristes pressentimentos, e não me enganava, pois recebi ordem de aprontar-me para deixar Nápoles à primeira voz.

"Calculai o efeito que me causou essa ordem tão inesperada; vi com surpresa, que as ameaças do cardeal Filomarini se realizavam antes do tempo necessário a justificá-las. O primeiro impulso do coração, revoltado pela injustiça que me faziam, foi resistir, disposto a suportar as conseqüências de uma rebeldia.

IV

"Saí do palácio desnorteado, perambulei muito tempo sem rumo por várias ruas, e, afinal, fui ter ao único sítio onde podia achar alívio aos meus pesares. A infeliz Marieta viu-me nesse estado, e sobressaltou-se ao observar minhas feições alteradas; noutras ocasiões, bastava um sorriso seu para me tranqüilizar e para me fazer recuperar a calma; desta vez, porém, nem as mais expressivas provas do mais ardente carinho puderam bastar-me.

"Pobre Marieta! No auge do sofrimento, vendo-se impotente para calmar a minha ansiedade, impaciente, sem dúvida, por desconhecer a causa dos meus pesares, deixou pender a cabeça, magoada pela dor, entre as mãos, para a erguer, depois, com o rosto banhado em lágrimas.

"Lágrimas nos seus olhos! Chorar! Ser eu a causa da sua dor! Esse espetáculo comoveu todo o meu ser, e causou-me um estremecimento que me deu naquele instante valor para desafiar tudo quanto se opusesse à felicidade que a todo transe anseio conquistar para ela.

"Quis, naquele mesmo instante, fazer-lhe compreender que, se havia no mundo um poder assaz forte para tentar separar-nos, havia um outro no meu coração, capaz de lhe resistir.

"Aproximei-me o mais que pude do muro do jardim, do lado que mais próximo ficava da janela, e com voz comovida, mas que pudesse ser ouvida, disse-lhe:

— "Espera!...

"Retirei-me no intuito de voltar imediatamente, mas o serviço deteve-me por muito tempo. Voltei à noite ao mesmo lugar, para o qual, como vos disse, havia chamado a sua atenção. Ela esperava-me ainda, e eu via destacar-se a sua figura no fundo sombrio da janela.

— "Marieta! Marieta!

— "Que há? — perguntou.

"Eu tinha na mão um papel que amarrei a uma pedrinha, e lancei por cima do muro ao interior do jardim. Ela desapareceu da janela, ouvi uma porta que se abria; depois, iluminou-se a casa e a minha carta estava em suas mãos.

"Nessa carta lhe suplicava que não chorasse, e que, se havia perigos a arrostar, para que se não interrompesse a mútua correspondência de nossas almas, vivesse sem cuidados, e tivesse fé e esperança em mim, como eu as tinha nela.

"No dia imediato recebi uma carta vinda de Espanha; era da minha querida mãe, que me expunha os motivos poderosos que obrigavam meu pai a solicitar o meu regresso ao nosso país, para negócios de família, entre os quais o de um casamento honroso, para o qual contavam com o meu indubitável assentimento; em seguida, dava a si mesma parabéns pela felicidade que ia para sempre caber a seu filho

e pelo prazer de me tornar a ver, se não se demorasse minha volta a Espanha.

"Esta carta desconcertou-me completamente. Os acontecimentos precipitavam-se de modo desvantajoso para mim.

"Como resistir-lhes? Não havia outro meio, a não ser uma tenaz resistência ao que de mais sagrado nos domina. Que casamento seria esse de que se tratava? Não o sabia, nem nisso queria pensar. Teria, em tudo, intervido o cardeal meu protetor? Sem dúvida.

"Algum tempo depois chegou-me às mãos uma segunda carta de minha mãe, dizendo-me que a solicitude de meu pai tudo havia conseguido; que ela bem avaliava o sentimento com que eu ia deixar Nápoles; que até o coração lhe haviam chegado os ecos da paixão de seu filho; que a respeitava muito, mas, que me apressasse a regressar para junto dela, onde encontraria alívio à minha dor; e que, sobretudo, não procurasse molestar qualquer coração com fagueiras esperanças que jamais se poderiam realizar, e me repetia muitas vezes que me não demorasse, pois me estava esperando.

"Já não havia remédio. Refleti um pouco no que tinha a fazer e tomando da pena escrevi a Marieta que uma boa mãe me chamava, mãe adorada; que não me restavam mais que dois caminhos a seguir: o da desgraça, que era partir, e o da ventura, que era ficar; mas, que para seguir este último caminho era necessário renunciar a meu pai, a minha mãe, a minha pátria, ao meu nome, a tudo... Que escolhesse...

"Aquela alma generosa repeliu o último alvitre; aconselhou-me a que partisse, porque, dizia, não queria edificar nossa felicidade sobre a desgraça e o desespero de uma mãe.

"Ah! senhora! Com lágrimas de gratidão banhei a carta em que li algumas palavras traçadas com mão trêmula, e na qual me comunicava a sua generosa resolução, aquela débil e encantadora criatura.

"Queira o céu que algum dia eu possa pagar o sacrifício do seu coração, dedicando-lhe toda a minha vida!

"Aceitei a grandeza desse sacrifício nas aras do sagrado amor de minha pobre mãe; só por ele me pude decidir a deixar na mais triste soledade aquela alma que se alentava da minha: de outro modo, nunca a teria abandonado... nunca...

"Chegou, finalmente, a ordem para deixar Nápoles na noite seguinte, em direção a Barcelona; participei-o a Marieta, numa carta, em que lhe dizia adeus, e lhe prometia voltar para não mais a abandonar.

"Todo aquele dia, seguido de uma noite que ainda perdura para mim, passei-o perto dela, empregando as horas num adeus contínuo, que se extinguiu com o último raio do crepúsculo. Não a abandonei, até que as sombras da noite ma tivessem roubado; só quando me foi impossível continuar distingui-la, deixei, com a alma contristada e o coração despedaçado, aquele lugar tão já identificado comigo, que me pareceu também entristecido à minha partida.

V

"Desembarquei em Barcelona, cheguei a Madri; ali mandaram-me aguardar ordens em Granada. Deixei Madri; mas, antes de cair nos braços de minha mãe, que me esperava, quis o acaso demorar-me para ter ocasião de vos ser útil, e a satisfação de vos conhecer.

"Findava o dia de ontem e achava-me em uma venda, que deve demorar a mais de três horas daqui; esperava, para seguir caminho de Granada, que o meu cavalo, e o do meu pajem tivessem descansado da longa jornada.

"Casualmente, pouco depois da minha chegada, parou diante da mesma venda um grupo numeroso de gente armada, cuja presença mal notei, tal era o estado do meu espírito.

"Meu pajem, porém, que possui um desses caracteres indagadores, que se envolvem em tudo que os rodeia, veio avisar-me com muita cautela que conseguira compreender que toda aquela gente se dispunha a praticar uma torpe empresa naquela noite, isso graças a certas palavras que pudera surpreender.

"Disse-me que entre eles vinha uma pessoa que lhe parecia de categoria nobre, porque notara que se diferençava muito dos outros por seus modos distintos; e acrescentou tratar-se do rapto de uma dama, que não devia estar muito longe daqueles sítios. Tudo isso ele ouviu e observou, usando de toda a sua habilidade, pois aqueles homens se conduziam e falavam com muita reserva.

"A princípio, não prestei grande atenção ao que ouvia; mas, depois, quando me trouxe mais informes, minha curiosidade e interesse se avivaram, sobretudo tratando-se de uma criatura inerme, contra quem se preparava algum vil atentado.

"Não tardaram eles a pôr-se em marcha, e alguns minutos depois, também eu saía da venda com o meu pajem, resolvido a segui-los a conveniente distância, para lhes observar as intenções.

"Detiveram-se, e tomaram atitudes, quando a noite já ia adiantada, num ponto que parecia de antemão escolhido; também nós, a fim de os não perder de vista, nos detivemos e tomamos as nossas precauções, procurando o mais possível aproximarmo-nos deles, sem que desconfiassem da nossa presença.

"Ao fim de uma hora, pouco mais ou menos, toda aquela gente pareceu animar-se; movimentos, assobios e vozes imperceptíveis se fizeram notar na obscuridade da noite; depois, um silêncio profundo anunciou a aproximação dum momento solene para todos.

"Com efeito, pouco depois, pareceu-nos perceber o ruído compassado do trote de alguns cavalos; conservamo-nos em nosso posto, contendo a respiração e dispostos a lançarmo-nos, a toda velocidade dos nossos cavalos, para qualquer ponto onde nos chamasse o dever imperioso de proteger sempre o mais fraco.

"Assim tudo disposto, fez-se claramente ouvir a voz de "Alto!"; o tropel dos cavalos cessou, e então, eu e meu pajem, movidos por um só impulso, atiramo-nos para o lugar onde corríeis iminente perigo.

"Desembocamos precisamente no caminho que havíeis trilhado com vosso irmão, quando, à voz de "por aqui, D. Luiz!", o vosso raptor fazia meia volta levantando-vos nos braços, e seguia a rota do caminho por onde eu viera. O vosso albornoz branco e a fuga de quem vos conduzia, indicaram-me que o meu dever era seguir-vos.

"Não me enganei: consegui alcançar-vos e caístes em meu poder, graças a uma boa cutilada descarregada na cabeça do vosso raptor, depois de haver evitado, devido ao seu aturdimento e ao movimento dos cavalos, um tiro de pistola quase à queima-roupa.

"Assim que logrei salvar-vos, apressei-me a deixar aquele sítio, antes que se apercebessem do acontecido os que protegiam a retaguarda do meu adversário.

"Corremos por muito tempo sem destino, até que chegamos a este lugar. Julguei-o seguro e longe dos que poderiam prejudicar-nos, resolvi que nele descansásseis das passadas comoções. Por muito tempo não pude despertar-vos do vosso desmaio; mas, afinal, a luz deste formoso dia reanimou a dos vossos olhos, para que disponhais dos meus préstimos, como melhor entenderdes.

"E eis aí, senhora! A história do coração e da alma que, como já sabeis, deixei cativos, e tenho de ir resgatar, a Nápoles."

VI

Assim terminou Rafael a sua narração; a voz lhe morreu nos lábios, a água continuou murmurando, e eu, imóvel, olhos no chão, procurando ocultar o interesse crescente que me haviam despertado tanto a sua narração, como a maneira sentimental e expressiva por que pintava os sentimentos de sua alma, e os impulsos do seu coração apaixonado.

O que em meu íntimo se passava naquele momento, o que senti enquanto Rafael falava e depois que terminou, é indescritível.

Depois de nos extasiarmos na contemplação de um céu azul e sereno de vernal manhã, não será surpreendente vermos o horizonte ir-se imperceptivelmente adornando de pequenas nuvens brancas, que, levantando-se cada vez mais, vão crescendo, e tomam, por fim, ao mesmo tempo que formas gigantescas, um aspecto sombrio e ameaçador?

E depois de se reunirem todas as nuvens em uma só massa, não é surpreendente a solene lentidão com que, apoderando-se de todos os limites do céu, vão devorando o azul, cobrindo a Terra com o peso de um vapor asfixiante, e as tristes variantes de mil reflexos escuros?

E depois de haver invadido o espaço sem deixar livre um só ponto, não se observará com vacilante inquietação como chega o furacão indômito que, com impetuoso impulso obriga a dobrar a cerviz, sob pena de ser arrebatado, a tudo que não se tenha ainda inclinado ante a majestade, com que em tais momentos a Natureza se apresenta?

E apreciando a calma que precede, e é mais espantosa que o próprio estrépito, e o silêncio mais pavoroso que o próprio ruído, quem não se sentirá abalado pelo estremecimento dos elementos em luta, que fazem brilhar sua fúria em relâmpagos, que sempre surpreendem os olhos por mais que se ocultem, e com o estrondo com que se abrem e fecham os abismos, onde se esconde o raio?

A Natureza estremece nesses instantes em que os elementos lutam; tudo parece levantar-se para tomar parte no choque atroador que então se produz, e a calma não se restabelece senão quando as forças se equilibram, voltando purificadas a exercer as suas funções com mais vigor, no grande concerto universal, que vem desempenhando de toda a eternidade.

Pois bem; tudo no Universo, do mínimo ao máximo, sofre os mesmos efeitos, porque é a mesma a causa que os

produz; e assim como em cada uma das individualidades que, reunidas, formam sistemas de mundos, estalam, de quando em quando, essas grandes tempestades que põem à prova e vigorizam suas forças, também nos grandes sistemas se verificam grandes abalos, com o mesmo fim; e em cada uma das pequenas individualidades, que reunidas formam cada uma das humanidades vigentes em cada mundo, há também comoções que fazem estremecer cada indivíduo, pondo-lhe à prova o valor e a firmeza.

Na matéria, depois desses abalos tempestuosos, a calma se restabelece sem deixar vestígio algum da sua fúria; o céu reaparece mais sereno, o ar balança-se mais puro; mas, o mesmo não se dá quando, ao impulso desses movimentos, é sacudida toda a matéria animada, cujo destino seja secundar os estremecimentos de uma alma: restabelecida a quietação, fica por toda parte espalhada, por muito tempo, a ignomínia que as paixões em choque amontoaram no espírito, durante a tempestade.

Quem não se sente às vezes estremecer com a tormenta que se desencadeia em seu organismo, tormenta que se percebe primeiro pela perturbação do límpido céu da razão, e, depois, por movimentos convulsos nos músculos, e crispações violentas nas extremidades?

Quem não sente, às vezes, no peito movimentos tempestuosos, que dilatam todo o seu ser, fazem eriçar os cabelos, e passar pelas arcadas do crânio luzes fosforescentes, cujos fulgores cintilantes se manifestam exteriormente no brilho e dilatação de suas pupilas?

Nesses momentos de crise tão espantosa, não se agitam e chocam as paixões, manifestando o seu estrépito pelos rugidos do peito e estentores da voz?

Ah! essas tempestades do organismo inteligente são de conseqüências mais pérfidas que as da matéria inanimada. Estas, limpam um céu, purificam uma atmosfera, dão vida e louçania ao solo: ao passo que as outras deixam, após si, rastos sangrentos, manchas de ignomínia, pegadas crimi-

nosas e, pondo em fermentação a escória das paixões depravadas, conservam constantemente obscurecido o céu da inteligência, e corrompido o ambiente dos belos sentimentos.

Sempre que a razão se turba, e as más paixões despertam, a verdade se esconde, o sentimento da justiça foge, as virtudes choram, e todos os sentimentos nobres adormecem.

Por que são tão funestas estas convulsões do ser que alenta? Por que razão, a calma que se segue à violência não é benéfica, como a que vem depois de outras convulsões da Natureza?

VII

Enquanto Rafael falava, terrível tempestade se desencadeou em meu peito. Minha razão obscurecida só dava passagem ao que nela podia animar o fogo das paixões depravadas; cada palavra sua era um passo para aumentar o meu desejo. Eu queria para mim só, toda aquela aspiração de uma outra alma.

Aquele idílio de amor, aquele canto de duas almas que se haviam compreendido sem se falarem, aquela paixão tranqüila levada até ao heroísmo do sacrifício, quando as néscias exigências do mundo trataram de lhes pôr obstáculos; tudo isso, que eu percebia como perfume que me chegava envolto nas palavras de Rafael, embriagava-me.

Meu coração até então inacessível, e refugiado na fortaleza do meu orgulho, já estava cansado de rechaçar os assaltos de mil corações vulgares que o assediavam. Forte como era, e apaixonado por empresas difíceis, acreditou chegado o momento de atacar também; encontrava uma ocasião digna para experimentar sua força; não lhe bastava dominar um coração, era preciso arrebatá-lo a um inimigo poderoso.

Rafael apresentou-se a meus olhos, e declarou-se invencível e seguro da sua defesa; teve valor para se aproxi-

mar de mim sem tomar precauções; meu coração orgulhoso considerou-o uma conquista digna e não levando em conta os percalços de uma luta, dispôs-se ao combate.

Com que violência atuam os maus impulsos do coração!

Como arrastam, atrás de si, todas as faculdades do ser que dominam! Abafam, apenas se manifeste, todo o germe da virtude; rechaçam, com irascível fúria todo o pensamento nobre que tente dissipar suas iníquas inclinações!

Que vitória a de quem, alienando-se de si mesmo, corta os fios dessa rede infernal, que sujeita entre suas espessas malhas os sentimentos bons, sempre latentes no coração!

Que foi feito, então, da energia do meu caráter? Empreguei-a em apertar mais os fios que me ligavam o coração.

Nessas lutas em que se empenham a cada momento os movimentos dignos e os maus impulsos do coração, poderia muitas vezes dar-se a vitória dos primeiros, se não viesse em auxílio dos segundos um servo fiel e inseparável: esse sentimento indigno que se traduz, para melhor disfarçar sua sanha, em amor-próprio, em infundado orgulho, em falso valor, em aparência hipócrita de desprendimento da vida; sentimento que pretende ser nobre, e não é senão vaidoso.

Deixar-se arrastar pelo brilho de sua falsa aparência, é perder dez vezes mais do que se acreditou ganhar.

Mas, que perda violenta, que contração dolorosa para o espírito!

Quem não sentiu alguma vez, depois que o bem foi vencido, a crispação que segue ao grito da consciência? É que a alma sente-se mordida pelo orgulho, ao retirar-se, indignada da sua derrota.

Quem não sentiu alguma vez, depois que o bem venceu, o gozo expansivo que segue ao aplauso da sua consciência? É a elevação da alma que marcha em triunfo, levada pela virtude a dar mais um passo no caminho da glória.

Ah! Quem pudera modificar certas leis para tornar atrás com a espontaneidade do raio; surpreender no tempo esses momentos que estou descrevendo, adquirir a força do furacão, e a impetuosidade da torrente, apagando-os, confundindo-os, num olvido eterno!

Como nos angustiam as recordações funestas de um passado eivado de faltas! Não, elas não pertencem somente ao passado, mas também oprimem a consciência no presente, e adivinham o porvir manchado por sua infausta memória.

É preciso que a consciência se ilumine dez vezes com o fulgor que desprende quando nela se refletem as ações elevadas e generosas, para que se veja extinguir lentamente, como se dá com a dor, o sulco negro nela vincado por um passado de crimes.

Não há dor comparável à de uma consciência que se acusa de haver feito o mal; nenhum prazer dela nascido poderá contrabalançar a pena, e o seu pesar seria eterno, se o bem semeado por toda parte, com a inesgotável profusão com que Deus o derrama, não viesse dominar o seu rigor, e obscurecer a horrível causa que o produz.

Sim, o bem! Falarei dele para, por minha vez, minorar a dor que me causa o ter de ocupar-me com a minha existência terrena, fazer certas descrições, traçando quadros melancólicos em que, pondo-o sempre de parte, o mal aparece com todos os seus horrores.

VIII

Há uma idéia que não nasce na ocasião, que existe antes do ser que a concebe; idéia guardada e conservada com religioso cuidado na ara santa, diante da qual se curvam todas as outras idéias; idéia impenetrável e de existência real, que, elevando-se cada vez mais ao cimo do pensamento, à medida que a inteligência se dilata, força todo o ser que a resguarda, a buscar nela o princípio de todas as coisas, que não se concebe tenham em si mesmas a causa de sua existência.

Essa idéia que se libra a grandes alturas no céu que cada inteligência cria para si; essa idéia, à qual se elevam condensadas todas as ilusões dignas, desvanecidas todas as esperanças consoladoras perdidas; idéia que é a aspiração de tudo o que de grande, belo e doce se desprende e eleva do fundo do coração, esse mistério. Esse refúgio sagrado, essa luz do nosso pensamento, essa idéia é Deus.

Deus! Quem ousará tentar descrevê-lo? Não há palavras na linguagem, nem idéias no pensamento, nem extensão na inteligência que possam definir a sua existência: se fosse possível fazer um esforço para começarmos a concebê-lo, seria preciso purificarmo-nos mais, apagar todas as outras idéias, e romper o pensamento, para só abraçar a produzida por tal concepção.

Mas, não é possível; seria preciso resumir numa só inteligência todas as inteligências que tenham povoado o Universo, todas as que o povoam e todas as que renascerem eternamente, cada vez mais poderosas, para podermos alcançar uma ínfima parte de um só dos atributos de Deus. Mas, como também é preciso que todos os seres nele vivam, ele deixa chegar a cada inteligência, sem esquecer uma só, um raio da sua grandeza.

E nesse raio vêm envoltos, para que o homem lhes dê aplicação, com a liberdade de que é dotado, a verdade em toda a sua extensão, o amor em toda a sua pureza, o bem com as suas manifestações diversas, a beleza com a sua infinidade de aplicações. E o homem, que sente em si todas essas emanações da Divinidade, procura cultivá-las, experimentando a dor quando as aplica mal, ou quando as abandona.

Torcer esses sentimentos, que afinal, se hão de manifestar bem; aplicar mal essas belas emanações, que, afinal, terão de ser bem aplicadas; eis o Mal, que não pode vir de Deus, nem tem a fonte em algum lugar de eternas penas abandonado de Deus, como até agora acreditou a maioria

das teogonias falsas, inventadas pelo homem. Mas é criado por este, dando uma falsa interpretação ao Bem.

E como toda a obra humana, que não tenha por objeto a elevação e o engrandecimento do espírito, tem de ser destruída, a mesma Humanidade apaga e redime com lágrimas e sangue o rastro que vai deixando essa obra nefasta de suas mãos — o Mal.

Só o inesgotável bem, de Deus procede eternamente, e é capaz de centuplicar-se, para remover esse insondável e pavoroso abismo de horrores, que o homem está sempre cavando a seus pés.

O Mal, esse dano que o homem por tanto tempo acreditou residir fora dele, não é perene nem se acumula como o Bem; para cada suspiro há uma esperança de consolo; para cada lágrima um momento de alegria; para cada dor um prazer; e se essas compensações não são encontradas na Terra, temo-las aqui onde o espírito é livre.

O Bem, essa essência de Deus, estendida por todo o Universo, é o que o homem, abusando do precioso dom da liberdade, tenta corromper com seus atos.

Mas, como poderá uma essência de Deus ser por alguém corrompida? Nunca isso se poderá dar; e ali onde se busca desvirtuar qualquer das emanações de Deus, acha-se à mão o bem em suficiente abundância para fazer desaparecer o vestígio de tão grande crime.

Enquanto o homem não se decide a recolher parte do imenso cabedal de bem que o rodeia em quantidade suficiente para satisfazer à justiça conspurcada, o grito de sua consciência e o remorso pungente clamam, incessantemente, pela remissão das faltas cometidas.

Só a vaidade de um orgulho infundado é capaz de abafar esses gritos que ressoam ameaçadores em cada peito, e fazer que eles cheguem amortecidos ao coração do homem; cada minuto de demora em satisfazer a essa justa exigência, reclama maior soma de sacrifícios.

Feliz aquele que, prestando atenção à consciência, remedeia o mal que tenha feito; nada reclamarão contra ele, diante da justiça eterna! Mas, que horror, se, deixando-se dominar pela vaidade, permanece na prática do mal.

O bem praticado, existirá eternamente, e crescerá brotando de si mesmo; o mal, existindo o bem, não pode ser eterno e será destruído.

IX

Declinava a tarde, daquele dia em que Rafael me contou a sua história, começando o prólogo de uma outra já urdida pelos meus desejos, quando avistamos as torres de Granada, onde, com grande dor para mim, devíamos chegar dentro em breve. Íamos eu, no seu cavalo, e ele, a meu lado, num outro que, naquelas circunvizinhanças, pôde encontrar.

Quanto mais nos aproximávamos da cidade, maior era o meu desgosto.

Rafael, solícito e atento, mas com a ingenuidade de um coração verdadeiramente nobre, chegou a notá-lo com inquietação. Temeroso, apressava o passo do seu ginete, ao passo que, pelo contrário, eu continha o meu.

Pobre Rafael, não adivinhava que a minha tristeza se transformaria em alegria se volvêssemos atrás.

Já muito perto de Granada, interrompendo o longo silêncio que havíamos guardado, disse-lhe:

— Rafael, vamos separar-nos, e asseguro-vos que bem a meu pesar; nunca me esquecerei deste dia, mas creio que não será o último, para vos agradecer a vossa dedicação. Se alguma vez precisar de vós, e vos chamar, poderei contar convosco?

— Se chegar esse dia, senhora — respondeu ele — quisera ter a faculdade de adivinhar o vosso pensamento, para me achar a vosso lado e responder aos vossos desejos no mesmo momento em que lembrardes de vos utilizar dos meus préstimos.

Os últimos fogos do crepúsculo apenas iluminavam as torres de Alhambra, e as primeiras estrelas começavam a cintilar, quando, penetrando no recinto da antiga corte dos árabes, nos confundíamos com as sombras de suas ruas estreitas e tortuosas.

LIVRO TERCEIRO

(Ditado de Estrela)

CAPÍTULO I

TRAMA INFERNAL

I

Nada mais difícil que profundar o coração humano.

Muitos têm estudado os seus mais notáveis movimentos; mas poucos, bem poucos, são os que conseguiram penetrar, e trazer à luz, de sua misteriosa profundidade, algum arcano.

E se é difícil nele penetrar, ainda o é mais traduzir em idéias, e exprimir por palavras a diversidade de seus sentimentos e rápidas transições.

Pode-se dizer que estas se sucedem tão precipitadamente quanto as suas palpitações, e estas, pode-se asseverar que marcam um a um, o fim de uma, e o nascer de outra emoção.

Nenhum dos seus movimentos é concêntrico de outro, e daí resulta que a inteligência se perde, e é impotente

para decifrar e definir os efeitos, que tanta confusão produzem.

Se a razão e a inteligência, declarando-se neutras, não se revestirem do valor suficiente para contrabalançar os efeitos exagerados de uma paixão desordenada, ai do ser que não tenha forças para reagir! Ai daquele que em atitude covarde presencia o naufrágio do que de mais nobre traz consigo, e deixa indiferente que isso se perca entre os choques das paixões!

O Universo é um produto eterno e infinito, das forças que resultam de alguma coisa emanada do próprio Deus, como também dos movimentos resultantes da combinação dessas forças; e nesse encadeamento que se estende de qualquer ponto do espaço, por imensa que seja a distância em que o busquemos até perder-se no infinito, num e noutro sentido, em toda essa imensa extensão que o pensamento não pode abranger, por mais esforços que faça, não há mais que uma só natureza.

E essa natureza, cuja direta influência alcança tudo, constituindo seu único modo de ser, modifica-se sem que perca a sua essência primitiva em cada grupamento de mundos que correspondem a uma lei direta; vai-se modificando em cada grupo de seres animados ou inanimados que os habitam, e continua modificando-se cada vez mais, diversificando-se em cada individualidade animada, até o ponto de parecer, à primeira vista, que cada indivíduo possui uma natureza própria, e independente das que constituem cada ser da sua própria espécie.

Como se poderia explicar de outra maneira a diversidade dos seres, a diversidade de formas, e dentro da Humanidade, a diferença de raças, de tipos e de famílias, e, ainda dentro destas, a distância de ser a ser, sem que seja possível encontrar nem um movimento nem um gesto, nem um rosto inteiramente igual a outro?

Como explicar-se de outro modo a diversidade de aspirações e fins de cada raça, de cada povo e de cada família,

e, dentro da mesma, a diferença de indivíduo a indivíduo nos movimentos que o impulsionam, no caráter que o distingue, nos sentimentos que o dominam?

Será possível encontrar uma alma igual a outra, um coração igual a outro?

A natureza de cada ser, que a simples vista parece diferenciar-se de todas as outras, não é mais que uma ramificação da única natureza que enche o Universo; a natureza de cada ser parte de um todo sempre inalterável, e produz, segundo as causas em que opera, efeitos diversos, sem que as leis gerais sejam infringidas.

É assim que no coração humano se manifestam o furor, a ira, o medo, o entusiasmo, o amor e o ódio, com tão idêntica expressão e modalidades tão diversas, conforme o ser em que se produzem, de modo a ser completamente impossível classificar esses efeitos segundo regras fixas, por quanto cada ser é uma exceção dos outros.

Toda a descrição é imperfeita, qualquer linguagem pobre, e a palavra mesquinha para compendiar, pormenorizar e conservar com o esforço só do espírito, por perfeita que seja, tudo o que há de grande, de justo e de belo na Natureza.

Só assim a grandes traços, como faço agora, com a mão trêmula sobre as inteligências que me prestam atenção, se pode debuxar o perfil da sombra, que a Natureza possa projetar; à luz do raciocínio, na mais fecunda imaginação.

Como é grande, como é justa, como é bela a Natureza!

Ela é a presença de Deus em toda parte, por isso é grande; é a mão de Deus que toca em tudo, por isso é justa; é o sopro de Deus que alenta tudo, por isso é bela.

Ela é infinda, é una, é vária; providência de Deus, sempre presente, e atuando por toda parte, que abarca e penetra tudo e de nada se esquece. No infinito é una, na unidade igual e na igualdade diversa; por isso é justa, bela e grandiosa.

Ela é infatigável obreiro da criação; vigilante interposto entre Deus e o Universo para atender a tudo.

Não há átomo nem mundo a que sua mão não chegue; recanto nem abismo onde a sua vista não penetre. A tudo ela atende, sustentando o que existe, completando o deficiente e suprimindo o superabundante.

Não é torpe quem adora a Natureza, seduzido e fascinado por sua imensidade, por sua sabedoria e por sua bondade.

Se o espírito nela não visse a obra do próprio Deus, inevitavelmente a reconheceria como sendo o próprio Deus.

Só o que é mau não é obra de Deus; pois não pode ser obra sua a imunda lava das más paixões, posta em fermentação nos abismos do coração humano, que, expelindo-a com raivosa força, cobre de cinzas a obra perfeita e verdadeira.

Haverá quem diga que o coração vulcanizado corresponde à sua própria natureza! Quem o disse? Não é a Natureza quem põe em combustão tão perversos elementos, mas o *Eu*.

A Natureza, pelo contrário, sendo como é, justa e boa, emprega todos os meios para abafar o mal, onde quer que este se manifeste; onde há valor suficiente para praticar o mal, sobra força de vontade e caráter para o dominar, e contrariar o seu impulso.

Só o *Eu* é capaz de não empregar essas forças de vontade e caráter, que a Natureza lhe proporciona para lutar e vencer.

Nos momentos tristes da existência que estou descrevendo, desprezei essas forças que a minha natureza encerrava, deixei-me arrastar pelo cálido vendaval que, desprendido do meu coração tempestuoso, me precipitou no abismo, onde caíram comigo as ilusões e esperanças, por minha causa, tornadas vãs e frustras, de duas almas hoje para mim tão queridas.

Marieta!... Rafael!... Sacrificaria, com prazer, todo o progresso que meu espírito tem feito desde então, para voltarmos àqueles momentos em que cheguei a tempo de interromper a vossa felicidade, e proporcionar-vos um só instante da dita com que haveis sonhado.

Vossos Espíritos caminham, ainda, afastados pela senda do progresso; eu contribuí para isso, e esse é o meu maior pesar, que não cessará, enquanto, concorrendo com as minhas débeis forças, não conseguir ver-vos caminhar de novo unidos.

O pesar que me causa a lembrança de minhas faltas, mitiga-se, porque vós ambos escutais esta confissão que delas faço, e à qual já precedeu, de há muito, o vosso perdão — o perdão que as almas generosas estão sempre dispostas a outorgar.

II

Muitos dias se passaram sem que visse Rafael, depois daquele em que cheguei a Granada em sua companhia; desejei que assim fosse a fim de amortecer, evitando a sua presença, o que supunha ser apenas capricho de uma hora. Tal era a altivez do meu caráter, que nem por meus próprios desejos queria ser vencida.

Era, porém, um impossível. As vagas de um coração apaixonado são tão indômitas como as do mar revolvido pela tempestade.

Chegou o momento de, cansada de lutar contra a tormenta em que o coração flutuava, abandoná-lo completamente, agarrando-me à única tábua de salvação que me restava, e que alcancei com todas as minhas forças, que era satisfazer o mais cedo possível o desejo de rever Rafael.

Recorri a todos os meios que a imaginação me podia sugerir, para encontrar um que justificasse a seus olhos o motivo que me obrigava a chamá-lo para junto de mim.

Afinal, não havia mais remédio senão cumprir o que tinha resolvido no dia em que me havia salvado, isto é, per-

dê-lo conquistando o seu coração, soltando as rédeas ao desejo que por tanto tempo encerrara no meu.

A imaginação aguilhoada pelo desejo não descansa enquanto não encontra meios de o satisfazer; eu encontrei um, que pus em prática, logo que o concebi.

Escrevi a Rafael, dizendo-lhe:

"Meu amigo, suponho que não vos esquecestes de mim, bem como da promessa que me fizestes, de vir a mim se eu precisasse de vós; chegou o momento de cumprirdes a palavra que me destes; preciso de falar-vos; e, para isso, vos peço que, hoje, à meia-noite, passeis por baixo das janelas da minha casa; parai em frente à porta do pátio onde nos apeamos no dia em que juntos chegamos a Granada; aí encontrareis uma mulher que, pronunciando vosso nome, vos acompanhará até o ponto em que nos encontraremos."

Rigorosamente, à hora marcada, Rafael entrou em minha casa.

Apesar da grande comoção e impaciência com que o esperava, não pude conter um grito de surpresa, quando, ao descobrir-se e deixar a capa, lhe observei no semblante lívido, os fundos sinais de uma grande dor, que em pouco tempo o desfigurara visivelmente.

— Estou às vossas ordens, senhora — disse, ao descobrir-se — disposto a servir-vos como vos prometi no dia em que tive a honra de vos acompanhar até à porta desta casa.

Convidei-o a sentar-se perto de mim, e, depois de pequeno intervalo de penoso silêncio, interrompi-o dizendo:

— Antes de conhecerdes os motivos que me obrigaram a chamar-vos, antes de vos expressar o meu agradecimento pela solicitude que mostrais por mim, desejo, se ainda mereço a vossa confiança, indagar da causa, da pena, cujos sinais vejo, com mágoa, impressos no vosso rosto.

— Ah! senhora! — disse ele — não falemos de mim; já sabeis que confiança me inspirais, pois que sois a única pessoa que sabe, que o viver longe de Nápoles é para mim morrer lentamente.

— Mas, meu amigo — disse-lhe eu — observai que não posso estar ao vosso lado, e notar indiferentemente sinais que me assustam pelo muito que demonstram que estais sofrendo.

— Não importa — respondeu —, para mim não há remédio; conhecida a causa do meu sofrimento, também conheceis o seu único remédio; empregai-me, sem demora, ao vosso serviço, e proporcionar-me-eis um grande consolo, que aliviará algum tanto a minha dor.

— Bem — disse eu —, buscarei e acharei a ocasião de vos ajudar, para que desapareçam os obstáculos que vos detêm aqui, e vos matam lentamente, como dizeis; escutai-me:

Entre os muitos apaixonados que até hoje me têm solicitado, em Granada, o que mais se tem distinguido, por seu maior empenho em conquistar meu coração, tem sido D. Luís de Sotomaior, jovem de grande mérito, mas demasiado audacioso quando os seus caprichos não são satisfeitos no momento em que o exige; esse senhor colocou-me em tal apuro com as suas impertinentes perseguições, que me vi forçada a abandonar Granada, tanto para que, perdendo-me de vista, fixasse sua atenção noutro ponto, como para gozar da completa liberdade, que tanto ambiciono.

Refugiei-me em Madri, ao lado de meu irmão, que goza de grande conceito na corte; poucos, porém, foram os dias em que pude desfrutar da tranqüilidade que ali tinha ido buscar. D. Luís mudou-se para Madri, e passou a assediar-me com mais empenho que nunca.

Para não cansar vossa atenção, não quero minudenciar neste momento os mil modos engenhosos e atrevidos de que serviu para me sujeitar à sua vontade; teve, porém, a desgraça de lutar com um coração que tanto mais dele fugia, quanto mais tenaz era o seu louco empenho em o possuir.

Devendo meu irmão achar-se em Granada nos primeiros dias do último dezembro, para negócios de família,

aproveitei a ocasião para vir também, procurando envolver-me no maior sigilo a fim de desorientar o mais possível a D.Luís. Essa reserva, porém, não pôde ser tão completa como eu desejava, visto o meu perseguidor me assaltou quando ia entrar em Granada, com o fim de se apoderar de mim, e tê-lo-ia conseguido, se a casualidade não me tivesse protegido, pondo do meu lado a vossa decisão e arrojo.

Foi um ato de desespero que lhe perdôo, tendo em conta a impetuosidade do seu caráter, que é daqueles que, soltando rédeas aos desejos apaixonados, chegam a exigir pela força o que a boa vontade lhes não concede.

Restabelecido da grave ferida que recebeu da vossa mão, em minha defesa, voltou a perseguir-me com mais tenacidade que nunca. Pensei, pois, amigo Rafael, em buscar um meio para conseguir pela astúcia o que nem a força nem o conselho até hoje conseguiram. Pensei em tomar o vosso conselho, como maior e melhor amigo que sois, a fim de que me ajudeis a sair airosamente desta empresa.

Além de que, meu irmão voltou a Madri, onde seus negócios o deterão por algum tempo, e mesmo estando rodeada de pessoas fiéis, que velam por mim, não é grande a minha tranqüilidade, receando algum outro ataque desesperado de D. Luís; portanto, o meu sossego só será completo se tiver junto de mim o vosso apoio e valentia, que tão úteis já me foram.

Poderei, pois, D. Rafael, contar convosco para me ajudar a defender de toda a violência que tentem fazer-me, e a que estou exposta, como o podeis compreender pelo que testemunhastes?

Rafael ofereceu-se para me proteger, como lhe suplicava, apesar de encontrar um inconveniente que me poderia prejudicar, no fato de, sabendo-se ter sido ele quem ferira gravemente D. Luís, poder este redobrar a sua fúria, que afinal redundaria em meu prejuízo.

Desvaneci todos os seus temores e dúvidas, provando-lhe que D. Luís não podia saber quem o havia ferido,

visto de tal fato só nós dois termos conhecimento, além do meu irmão.

Assim convencido, decidiu-se a cumprir a todo transe o que me havia oferecido.

Desde esse dia Rafael começou a vir ver-me com freqüência.

Eu, por todos os meios que a imaginação me sugeria, buscava atraí-lo cada vez mais.

Minha dissimulação para lhe ocultar, o mais possível, a força irresistível que me obrigava a acariciá-lo para o reter a meu lado, era em extremo grande, apesar do quanto me custava o emprego de tais meios, para vencer na luta que o coração fora forçado a provocar.

Esforçava-me por lhe tornar agradáveis as horas que passava a meu lado, despertando no seu coração recordações de Nápoles; procurava fazer que as nossas conversas fossem entretecidas com o nome de Marieta, levando-o a pensar num porvir fagueiro, ponderando-lhe a facilidade da realização de suas esperanças. Insensivelmente, fui ganhando seu afeto e confiança, até o ponto de me confiar seus segredos.

Foi devido a esses meios que pude conhecer as menores particularidades da sua paixão, o que me convinha para descarregar com mais segurança o golpe que preparava.

III

Pobre Rafael! Não suspeitava que aquela a quem chamava sua mais carinhosa amiga, e que, como confessou algumas vezes, ocupava o segundo lugar no seu coração, lhe preparava a mais perversa das traições.

Cega, cruel, sem consideração alguma, dispus-me a operar quando julguei chegado o momento de destruir com as minhas próprias mãos as mais belas e legítimas esperanças de dois corações.

Rafael de tal modo me havia informado de todas as circunstâncias e menores incidentes que rodeavam a infeliz Marieta; assim como de tudo que entre os dois se havia passado, que foi essa a arma escolhida, como sendo a mais segura para levar a cabo o meu cruel projeto.

Meu irmão possuía perto de Córdova uma bonita casa de campo, onde eu havia passado algumas temporadas.

Foi aí que conheci um criado que sempre considerei com especial predileção, porque à distinção das maneiras juntava uma sagacidade e um engenho que, em serem raros, se tornavam apreciáveis. Lembrei-me do quanto esse homem me podia ser útil para pôr em execução o plano, e mandei chamá-lo secretamente, marcando-lhe o dia e a hora em que deveria chegar a Granada.

Descansei especialmente nele, porque também me lembrava de que, havendo servido muitos anos na Itália, conhecia perfeitamente o idioma daquele país, o que me convinha bastante no caso.

Certa manhã, logo depois de amanhecer, anunciaram-me a sua chegada; era precisamente a hora emprazada.

Mandei-o entrar num dos meus aposentos, e esperar.

Não me demorei muito, e, apenas lhe apareci, disse-lhe que mais que nunca precisava da sua astúcia e fidelidade, para um grande serviço que lhe ia confiar.

Respondeu que estava disposto a servir-me do melhor modo possível, sem outra recompensa que a de ver satisfeita e contente a sua senhora.

Interrompi-o para dizer-lhe que o que dizia respeito à recompensa corria por minha conta, e que por grande que ela fosse, nunca pagaria o serviço que ele me ia prestar.

Despedi-o exigindo que durante aquele dia procurasse ocultar-se absolutamente de todas as pessoas que entrassem e saíssem da casa; e à noite viesse ver-me no lugar em que estávamos, quando fosse avisado.

Com efeito, às nove horas em ponto, de novo o recebia.

— É muito fácil — disse-lhe — o que tens a fazer; só necessidade de um pouco de habilidade, e executar pontualmente o que eu ordenar.

Fiz que me seguisse, e conduzi-o a outro aposento mais retirado.

— Em primeiro lugar — disse-lhe — a partir deste momento, deixas de ser espanhol para seres italiano, por exemplo, de Nápoles.

— Já o sou, sem dúvida alguma, senhora — respondeu no mais puro italiano.

— Bem — tornei eu —, em segundo lugar, aqui tens roupa, e todo o necessário para te disfarçares, de modo que sejas um italiano que, de passagem, acaba de chegar a Granada, e de modo que ninguém reconheça o que realmente és. Apenas estejas pronto, virás ter comigo a este mesmo lugar, onde te direi o mais que deves fazer.

Saí, e deixei-o só.

Não se fez esperar muito. Não pude conter um grito de surpresa ao vê-lo; a transformação era completa.

— Admirável — disse — estás às mil maravilhas. Agora, toma esta carta; guarda-a. Sai por uma porta falsa do jardim, busca um cavalo quanto mais longe melhor, e dentro de uma hora, pouco mais ou menos, detém-te à porta da casa cujos sinais estão consignados neste outro papel. Pergunta pelo cavalheiro cujo nome se acha no sobrescrito. Faz-te anunciar como italiano, que acaba de chegar de Nápoles, e que para longe segue, imediatamente. O cavalheiro que te receber e a quem em mão própria entregarás esta carta, conhece perfeitamente o italiano.

— E da parte de quem lhe vem esta carta? — perguntou ele.

— Lá chegarei — respondi —; antes de lha entregares, deves dizer que, vindo à Espanha para daí partir logo para as Américas, foste procurado por um frade napolitano, que te pediu que, uma vez que tinhas de passar pela cidade de Granada, te encarregasses da entrega de uma carta à

pessoa cujos sinais te daria; que não havia inconveniente na aceitação de uma missão tão simples, tanto mais quanto, como te disseram, se tratava de uma obra de caridade; entregue a carta, deves retirar-te dando a desculpa de que te esperam para seguir viagem; evita o mais possível dar respostas; e no caso de te interromperem, alega a tua completa ignorância do assunto. Vou acompanhar-te até a porta do jardim por onde tens de sair! Feito o que te indiquei, voltarás a esta mesma porta, onde te estarei esperando, e te direi o que mais deves fazer.

Cinco minutos depois eu mesma abri a porta, por onde saiu o improvisado italiano.

IV

Passou-se uma longa hora de mortal angústia; hora de horrível inquietação — a do criminoso que espreita a vítima.

Decorrido aquele tempo, aproximei-me da porta onde devia esperar; pouco depois, senti o tropel de um cavalo; abri; o criado entrou; tudo estava feito.

— Agora — disse-lhe — deixarás o cavalo onde o tomaste, e, imediatamente, parte para o sítio donde vieste; esquece tudo o que se passou esta noite, e nada mais.

E deixei cair-lhe na mão uma bolsa cheia de ouro.

O criado partiu sem dizer palavra.

Retirei-me para o interior, mas não me foi possível fixar as idéias; minha inquietação crescia.

Nada mais tinha a fazer que martirizar-me esperando. *A sorte estava lançada.*

Não havia decorrido meia hora quando me anunciaram que Rafael pedia permissão para me ver.

Entrou. Era preciso que a paixão me tivesse de todo cegado, para que naquele momento não me arrependesse do que estava fazendo; a palidez do seu rosto e a desordem do seu traje eram extremas; segurou-me a mão, trêmula, e suas primeiras palavras foram monossílabos apenas articu-

lados; ainda que eu conhecesse perfeitamente a causa daquele estado, por mim mesma produzido para fins ulteriores, não pude deixar de me assustar, a ponto de meus rogos, mais que fingidos para que me explicasse o que havia, terem o efeito de uma ansiedade verdadeira.

Mais se deixou cair do que se assentou num divã; insisti, outra vez, pela explicação da causa daquela dor.

— Estrela! Estrela! — disse — tudo está acabado!

— Como acabado?! Por quê?... — perguntei.

Com o ar desolador, apresentou-me uma carta, exclamando:

— Lede!

Tomei a carta, passei-lhe a vista, e disse:

— Está escrita em italiano! Sabeis, meus amigo, que não conheço essa língua; se vós mesmo não ma lerdes, ficarei ignorando o conteúdo.

Tomei uma vela, e entreguei-lhe a carta, que, com muita dificuldade pôde ler.

Estava datada de Nápoles, e, pouco mais ou menos, dizia o seguinte:

"Senhor; o anjo que na Terra se chamou Marieta, deixou-a para voltar ao seio de Deus; prestei-lhe os consolos da religião nos últimos momentos; neles exprimiu seu pesar por ter de abandonar-vos, e o de vos não poder dar o seu último adeus; prometi-lhe, para minorar sua agonia, indagar do vosso paradeiro, o que só consegui depois de grandes e penosas pesquisas; prometi-lhe, também, pedir-vos, em seu nome, que, com resignação e paciência, passeis os dias que o céu vos queira conceder de vida, até que chegue aquele em que tenhais de ir, na eternidade, viver a seu lado. Fazei-o assim, porque assim vo-lo suplica do céu a infeliz Marieta, que, com o santo nome de Deus pronunciou o vosso, ao exalar o último alento. Fica por vós rogando a Deus, para que vos ajude a suportar a vida, o *padre Fiorino.*"

V

Não pretendo descrever a extrema dor e o grande desespero a que se entregou o infeliz e enganado Rafael; digo apenas que muitas vezes cheguei a temer por sua vida, ou que o desespero o levasse a um extremo desfecho. À força de afagos, e com o domínio que já exercia sobre ele, pude acalmar algum tanto o ímpeto da sua dor, fazendo-lhe sobretudo sérias reflexões acerca do que Marieta lhe havia pedido pouco antes de morrer, por intermédio do seu confessor, e que era suportar a vida com resignação.

A dor, como o prazer na Terra, é um fogo que se extingue com rapidez; a vida seria insuportável, se a dor não cedesse no momento em que chega ao seu auge; se a força da dor é capaz de minar lentamente uma existência, não é, por certo, quem mata, e sim a aspiração do espírito por maior liberdade, aproveitando esses momentos de debilidade.

CAPÍTULO II

(Ditado de Marieta)

ESPERANÇA E AMIZADE

I

Não há obscuridade mais profunda que a que nos envolve quando buscamos penetrar o insondável porvir; a inteligência mais bem disposta, e mais bem organizada para dar alguns passos no tenebroso caminho que guia aos seus arcanos, fica aterrada e detém-se; quanto mais se avança mais aumenta a obscuridade, e mais misteriosa se torna; o mais valoroso espírito se arreceia e volta atrás; conhecer um só pormenor desse além oculto é um impossível; somente ao que medita e se aprofunda é dado, às vezes, pressentir alguma coisa desses pormenores.

Há, contudo, nas profundezas do porvir, alguma coisa de sedutor que atrai as vistas do Espírito; alguma coisa de belo que move o coração, e é a luz da esperança que irradia e brilha no meio de uma estranha confusão de sombras.

A existência na Terra é tão penosa, entre o passado que foge, o presente que o cerca, e o porvir que avança, que o homem se sente fatigado com o pesar do que foge, com a ansiedade do presente, e com medo do que há de vir.

Talvez a alegria anime o semblante do que vive no meio dessa luta, mas é quando o passado é por um momento olvidado, ou quando o porvir se adianta deixando entrever raios de alguma esperança, no meio da sua obscuridade e das suas dúvidas.

Oh! esperança! Tu és uma centelha da divindade, que se reflete no espírito; tua luz é mais viva, quanto mais com sua fé e amor, o espírito te alimenta.

Não há esperança fundada em propósitos razoáveis que algum dia não tenha uma realização; tarde ou cedo, essas ambições nobres do espírito chegam a cumprir-se; a esperança fundada é razoável, e o razoável matemático; como a pedra lançada ao ar, cai, a esperança se realiza.

Esperar! Como é penoso! Mais penoso, porém, é não esperar bastante; a realidade é tanto mais grata, quanto mais penosa foi a esperança; assim é que a felicidade produzida pela posse do bem desejado parece pequena quando curto foi o tempo de espera, e chega-se a desejar que a pena de esperar seja mais prolongada.

Dizem que a esperança é doce; é certo; mas também tem amargores, porque ela flutua entre a realidade e a negação do objeto desejado; ela se torna tanto mais doce, quanto mais cresce a possibilidade da posse, e tanto mais amarga quanto mais difícil é essa posse; enquanto a esperança vive, é doce e é amarga.

A esperança é uma luz mais ou menos viva, mas que nunca se extingue; nem mesmo o último suspiro que parece exalar-se com as realidades todas, é bastante para apagá-la; ao contrário toma, então, mais corpo, qual chama ao vento; porque ao renascer o Espírito, sua esperança cresce, toma corpo, deixa de ser luz para ser chama.

A esperança nobre nunca é frustrada; crer o contrário é cometer um grande erro; e se muitas vezes na vida parece dar-se esse caso, indubitavelmente a hora da esperança soará na vida verdadeira. Se todas as esperanças, por serem justas, se realizassem mais ou menos imediatamente, deixariam de ser esperanças, deixariam de o ser por não haver dúvida quanto à sua realização, quando é necessário que esta dúvida exista.

A vida do Espírito é a sua liberdade; ao passo que enquanto ele geme prisioneiro, preso a um corpo material, sua vida é a esperança.

Esperar, e esperar ainda, à medida que a realidade se for confirmando, é o constante trabalho do Espírito; esperar, e esperar duvidando, entre a negação e a confirmação da realidade, é o trabalho do Espírito do homem.

Quanto maior a elevação do Espírito, mais extenso é o raio da esperança; quanto maior a inteligência, mais lato é o vôo da imaginação; quanto maior a força de vontade e a elevação de pensamentos, maiores são a grandeza de vistas, as esperanças e as nobres aspirações.

Nada contribui mais, nada ajuda mais o Espírito a levantar-se, do que a esperança nobre, digna e fundada; quando realizada é um bem, tanto para aquele que a abriga, como para os outros, e é tanto maior, quanto mais se estende o raio do bem que alcança.

Crescendo, a esperança premia aquele que a cultiva, e conserva-se ilesa aos golpes das maiores contrariedades da vida. E como devolve, convertidas em inesgotáveis gozos, as angústias e dissabores, que resultam do fato de a havermos abrigado sem a segurança de a ver cumprir-se!

Se há alguma coisa de que me possa gabar, se alguma coisa fiz de bom durante o triste período que descrevo, de minha existência, essa coisa é, sem dúvida, o nunca ter duvidado, o nunca, um só momento ter perdido a esperança; e se alguma coisa hoje me causa admiração, essa coisa é sem dúvida o não a ter ainda perdido.

Os tempos passam a meu lado com vertiginosa rapidez; os espaços cruzam rápidos ao redor de mim; os mundos giram, passam e tornam a passar; a matéria em toda a sua magnitude modifica-se, combina-se e transforma-se; o Espírito eleva-se; mas as minhas esperanças não variam,

nada perdem, nem um só raio de sua intensidade se extingue.

Se a fraqueza do meu coração criou lágrimas abundantes para meus olhos; se as queixas da alma me obrigaram, muitas vezes, a elevá-los ao céu com triste languidez; e se o sorriso, que alguma vez me passou pelos lábios, era forçado, e envolto em amargura; Ah! no meio das minhas grandes dores nunca me abandonou a esperança, brilhando constantemente, e trazendo um doce consolo ao mais íntimo do meu espírito.

Nunca duvidei; nem uma só vez a minha imaginação concebeu a idéia de que a felicidade a que eu aspirava na vida terrena, pudesse ser um sonho desprovido de toda a realidade. O que me prejudicou, o que minou a minha existência, o que me levou ao sepulcro, não foi a certeza de haver tudo perdido; foi o fato de, confundindo o *grande Céu* com o *pequeno,* em que eu pretendia viver na Terra, ver com dor a demora da realização das minhas esperanças.

Desde o momento em que tive tal certeza, a vida não foi para mim mais que um desterro, no qual minhas aspirações eram voar à morada onde me esperava um lugar que, na Terra, não tinha tido ocasião de ocupar.

Vim a essa morada, e ainda devo esperar. Esperar é o trabalho do Espírito; e minha esperança não vacila; cresce e crescerá.

II

Já disse que depois da partida de Rafael minha saúde começou a alterar-se profundamente, a ponto de assustar minha pobre mãe. Consistia esse mal num abatimento de ânimo e desfalecimento físico, que impossibilitou por muito tempo os meus trabalhos intelectuais.

A precocidade do coração opera sempre à custa de todas as forças orgânicas e morais.

Minha mãe, apesar de haver desconfiado da minha muda correspondência com Rafael, jamais podia suspeitar

que a privação de um simples olhar, acompanhado de um contínuo silêncio, que durante alguns meses haviam ocupado toda a minha atenção, pudessem ser a causa daquela crescente debilidade. Por isso, buscando indagar dos motivos do meu sofrimento, assediava-me com perguntas, que nunca eram satisfeitas senão muito vagamente, como se eu mesma ignorasse o que em verdade me ia matando lentamente.

Disse já, também, que saía então com mais freqüência a fim de respirar um ar mais puro; durante meus pequenos passeios procurava, sem mesmo disso me aperceber, encaminhar minha mãe, que era sempre quem me acompanhava, para a beira do mar, para aqueles sítios que tantas vezes Rafael tinha pisado; e ali o meu espírito gozava de alguma expansão, calcando a mesma areia que ele havia pisado, e fazendo que me ferissem os olhos os mesmos raios de luz que haviam ferido os seus, naquele tempo em que os não desfitava da minha janela.

Cheguei até a adotar o hábito de, sempre que o cansaço nos forçava a buscar um assento, ir procurá-lo naquelas ruínas que eram um templo para o culto do meu coração; assentava-me na mesma pedra onde tantas vezes ele se assentara, e adorava ainda ali, em sua própria ara, o ídolo que havia desaparecido.

Quantas vezes a noite nos surpreendeu naquele lugar! Quantas vezes, entreguei ali às minhas meditações, o mais leve sopro da brisa, o movimento longínquo de alguns passos, produziam em mim a ilusão de serem dele, e me faziam involuntariamente voltar a cabeça para o lado donde me pareciam vir.

A noite, o silêncio e a soledade com os seus ruídos misteriosos, e escuras sombras, levantavam muitas vezes na minha imaginação sombrias formas, que, a meus olhos, iam aos poucos tomando corpo, e cujo negro perfil era idêntico ao que ele projetava, quando, ao sumir-se o crepúsculo, também se sumia no seio das primeiras sombras.

Quantas vezes, ao sentir aquele suave ruído da espuma, quando as ondas se quebravam na praia, me parecia ouvir-lhe a voz abafada, pronunciando o meu nome, do mesmo modo que naquela noite em que, aproximando-se quanto pôde da janela, me chamou pela primeira vez.

E eu involuntariamente respondia; meus lábios não podiam deixar de responder, dizendo: "Que é?" E isso se repetia sempre, apesar da experiência me haver feito compreender quanto me enganava.

"Pode muito bem suceder — pensava eu — que efetivamente me esteja chamando, e que os elementos sejam seus mensageiros, e repitam junto a mim com os seus ruídos, para que eu o escute, o nome que sem dúvida seus lábios pronunciam nessas horas de meditação e recolhimento."

Talvez não me enganasse. Agora que posso melhor observar o movimento dos elementos, penetrar o coração humano, e pesar-lhe os sentimentos, dores e alegrias, estou certa de que não me enganava.

III

Há um enlace tão misterioso em tudo o que sustenta e rodeia o homem na Terra, com os movimentos de sua alma, e as evoluções do seu pensamento, que muitas vezes suas ilusões não deixam de ser realidades, devidas, seja ao que chamamos casualidade, seja a alguma lei universal desconhecida.

Que são os pressentimentos, ora tristes ora alegres, oriundos das impressões do momento, produzidos pelo quadro que à vossa vista se apresenta? Que são esses palpites tão certeiros em algumas criaturas?

Daquele sítio, daquelas ruínas, daquele templo do meu coração, e daquele êxtase completo da minha alma, só me arrancava a voz carinhosa de minha mãe.

O dia surpreendia-me ali, sem notar o curso do tempo, aparentemente mais lento na obscuridade, e sem sentir o frio da noite.

Depois de me retirar para casa, e sempre antes de me recolher ao leito, para me entregar ao sono, abria a janela, e despedia-me com um último olhar, daqueles lugares onde com mais freqüência havia visto Rafael, acreditando desse modo despedir-me dele, e produzindo em mim a ilusão de que também ele me respondia.

Depois, nas minhas orações, pronunciava às vezes o seu nome, e rogava a Deus por ele com todo o fervor que a fé e a esperança me infundiam.

Essas orações eram para meu coração um grande consolo; por isso, o tempo que nelas empregava era sempre maior do que o previsto; ao despertar, e ainda a qualquer outra hora do dia, as mesmas orações eram por mim repetidas; e desta forma, sempre com o pensamento em Rafael, minhas horas deslizavam entre preces e meditações, das quais ele era o único objeto.

A meditação, o recolhimento e a prece são para uma alma triste o mesmo que o repouso, a quietação e o sono para o organismo enfermo; a alma que medita e ora, descansa das fadigas que nela produzem as contrariedades da vida, libertando-se por alguns momentos da existência material, e elevando-se quanto possível ao mundo das abstrações, e ao céu das ilusões, que cada espírito cria para si mesmo.

A realidade, se existe, e está à vista sempre, e perene no pensamento, é capaz de acabar em curto prazo com a mais privilegiada organização; lentamente, ela a vai minando, e conduz à desgraça o Espírito sensível. Para a sua conservação material, e para seu descanso, o Espírito fatigado pela dor necessita, de quando em quando, de se lançar no sonhado paraíso que as esperanças inventam.

E a oração verdadeira, que conduz à meditação, bálsamo consolador de todas as penas do Espírito, é o melhor

apoio para elevar o pensamento ao céu, e esquecer completamente o mundo, que o fere com as suas contrariedades.

Ninguém que tenha sofrido poderá negar que, entregando-se à meditação, e à súplica da alma para mitigar suas dores, deixou de o conseguir, achando-se depois mais consolado, e disposto a suportar as inquietações que o atormentam.

IV

Passou-se um ano sem que nada viesse alterar esse modo de viver; orando, esperando, e sofrendo a minha saúde alternativas várias, segundo a maior ou menor firmeza infundida em meu ânimo pela esperança, e segundo a maior ou menor consolação que o meu Espírito encontrava nas recordações do passado, aparentemente, naturais fundamentos de um porvir lisonjeiro.

Nesse ano a fortuna de meus pais, adquirida com o grande trabalho e desvelos que reclama sempre a indústria a que se dedicava o autor de meus dias, sofreu abatimentos por causa dos transtornos e revoluções de que Nápoles foi teatro nessa época; mas os prejuízos não foram tantos que impedissem minha piedosa mãe de socorrer algumas pobres famílias da mesma profissão, e que pelo mesmo motivo tinham caído na miséria, que, então, se tornou quase geral.

Entre as poucas famílias que em nossos socorros encontraram algum alívio, havia uma composta de pai, mãe e uma filha, pouco mais ou menos da minha idade; a desgraça dessa pobre gente era ainda maior, porque o filho, esperança de todos eles, e rapaz de vinte e cinco anos, perecera, vítima da revolução.

Essa família, digna e estimável em todos os sentidos, chegou a interessar-me em extremo, a ponto de atrair minha atenção, coisa que, confesso, não era muito fácil, visto que o meu pensamento estava sempre num só objeto.

Cheguei a entabolar estreita e carinhosa amizade com aquela menina, que, de trato tão simples quão bondoso, pouco a pouco foi ganhando o meu afeto e confiança; seus pais, que por gratidão me adoravam, eram sicilianos, e descendentes, como os meus, de pais espanhóis.

Essa jovem era, como disse, da minha idade, um pouco mais baixa do que eu; não era bela, mas os seus grandes e formosos olhos negros, velados por largas sobrancelhas e o sorriso que constantemente lhe pairava nos lábios, modificando-se conforme as sensações de sua alma eram tristes ou alegres, sem deixar de ser sorriso, davam ao seu rosto uma tal expressão de doçura e graça, que seduzia e encantava.

Chamava-se Hermínia.

O nosso mútuo afeto chegou a ponto de fazer-nos inseparáveis.

Ambas nos dedicávamos aos trabalhos próprios do nosso sexo; ela para ajudar sua família, eu para aliviar, quanto possível, minha velha mãe do peso do governo doméstico.

Nossas almas, porém, estavam mais em contato quando, deixando nossos trabalhos ao cair da tarde, nos assentávamos à janela da minha casa, e contemplávamos a formosa campina de Nápoles, e o mar, refletindo os últimos esplendores do dia com os primeiros fulgores das estrelas.

Aí entabulávamos, algumas vezes, essas conversações tão cheias de minúcias e de encantos, que são próprias da juventude; conversações superficiais, filhas do momento, e de valor tão insignificante que passam, e são esquecidas tão instantaneamente como o pensamento que as concebe.

Outras vezes, um longo e ininterrupto silêncio era para nós mais eloqüente que as palavras.

Até então a minha tristeza tinha sido grave e podia muito bem a olhos estranhos confundir-se com o meu caráter algum tanto sombrio; desde, porém, que Hermínia veio

com a sua amizade atenuar a soledade das minhas horas, minha tristeza manifestou-se através do meu sorriso.

As emanações amargas de uma alma triste brotam no exterior com mais intensidade em um rosto que é obrigado a rir.

Hermínia chegou a compreender que alguma coisa me fazia sofrer. Algumas vezes, também surpreendeu lágrimas em meus olhos; mas, respeitosa ante certa superioridade que sempre me atribuiu, observava, via e calava.

Isto agradava-me, porque não desejava soltar uma só palavra que descobrisse o estado de minha alma; considerava-me sacerdotisa do templo levantado em meu coração, ao ídolo a cujos pés alimentava o fogo sagrado, não achando bem que outro coração e outro pensamento fossem dignos de lhe refletir a chama.

O santuário de minha paixão, onde guardava a arca santa de minhas recordações, somente era expugnável ao meu pensamento, que, se ali penetrava a qualquer hora para depositar mais alguma oblata, o fazia sempre com respeitosa timidez. Considerava profanação traduzir em palavras meus sentimentos.

Meus lábios pareciam ásperos, o hálito impuro e o som imperfeito, para servirem de meios de transmissão, descrevendo e explicando aquele estado tão sutil de minha alma.

Contudo, à medida que a amizade de Hermínia se foi graduando em carinho fraternal, a necessidade de desabafar meu peito foi aumentando; cada novo dia arrancava uma pétala da flor de minha esperança; a dor crescia, à medida que alguma ilusão do porvir se afogava em meu coração.

Se o infortúnio cresce, a alma busca outra alma que a ajude a carregar o seu fardo, quando este começa a ser insuportável.

V

Há, na vida, acontecimentos insignificantes que, aparentemente, sem transcendência, e sem valor algum, por si mesmos, vêm arrastando outros, que são os primeiros prelúdios de uma dita contínua, ou os primeiros queixumes de uma grande dor.

Quem dirá que o encontro casual com um indivíduo qualquer, por estranho que seja; que a passagem de uma ave; a falta de uma luz; o esquecimento de um objeto podem ser causas de qualquer desgraça ou de uma felicidade, que decidem uma existência? E, o que mais estranho é: quem será capaz de adivinhar que a melhor obra, feita com um propósito bom, pode fazer variar o curso de uma vida, mudando completamente o seu futuro? Se a preocupação da idéia de fatalidade embaraça o ser que sofre essas influências, não é de estranhar que se pense e se diga que o destino obra com pronunciada intenção, para fins determinados.

Preocupado o pensamento com o poder da Divindade, que, abraçando a um só tempo o passado, o presente e o futuro de todos os fatos, é capaz de saber tudo; sentindo em si mesmo o ser que pensa, uma força irresistível, que o arrasta para aquilo que ele, muitas vezes não deseja; e crendo cumprir o que supõe estar escrito no livro do seu destino, não conhece, não adivinha esse ser, que ele mesmo é quem se arrasta, que ele mesmo é quem se predestina; que não há, além da sua própria, outra força que o precipite para onde talvez ele não queira precipitar-se.

Nada, matematicamente, se verifica fora das leis que regem as duas naturezas, física e moral.

Muito facilmente se confunde o ato — que é o fato, oriundo da lei — com a ação —, que é o impulso, filho da inteligência que quer, ou não quer obrar; e dessa confusão procede a idéia perniciosa da fatalidade.

Qualquer combinação química que se realize, responderá irremissivelmente às mesmas leis, que não fazem mais que repetir mais uma vez a sua ação; também pode o ser que opera fazer que a combinação não se verifique, e nem por isso a lei deixa de existir e de se cumprir.

Que tem que ver o fato, que deve ou não realizar-se, segundo a liberdade de obrar de cada um, com a lei que o determina?

Quem, por um momento meditar no seu destino, sabe perfeitamente que tem liberdade de ação dentro dos justos limites que as leis indefectíveis da Natureza guardam e sustentam; se não separar em seu raciocínio o vasto campo da sua liberdade de ação do da Natureza, quando obra por si só, cairá em círculo vicioso, sem saber como conciliar a liberdade com a lei, que, indispensavelmente tem de se cumprir.

A variada sucessão de fatos, que, reunidos, formam a história da existência, não só de um indivíduo, como também de um povo e da Humanidade, são conseqüências uns dos outros, e neles não há outra fatalidade além da imperiosa necessidade de que as coisas sucedam, segundo o impulso que se lhes tenha dado; modificando-se, porém, continuamente pela força da vontade ou da soma das vontades.

Na natureza física, um pequeno movimento, o sopro de uma brisa, ou o calor de um raio de sol, podem ser origem de grandes transtornos e transformações; no mundo moral um fato insignificante, a rapidez de uma idéia ou uma palavra olvidada, podem produzir fatos que decidam do porvir de milhares de existências.

Quem me poderá provar que o bom propósito de socorrer uma família desgraçada, como conseqüência da minha amizade por Hermínia, não me fez dar o primeiro passo para a morte do meu coração, e para a desgraçada sorte de Rafael, apesar de viver a grande distância, fazendo indubitavelmente variar a marcha impressa a outras existências?

Incompreensível e complicada é a ligação dos fatos e das coisas, que têm sucedido de toda a eternidade; labirinto em que a inteligência mais vigorosa se perde aos primeiros passos. Só à Suprema Inteligência, que tudo penetra e tudo vê a um tempo, é dado abranger todas as coisas, sobre as quais paira em alturas que jamais poderão ser alcançadas.

VI

Um dia de março do ano de 1649, foi tristíssimo para mim; fazia dois anos que pela primeira vez, tinha fixado minha atenção em Rafael; dois anos, ao fim dos quais, se minhas esperanças não tinham começado a desvanecer-se, pelo menos tristes pressentimentos e temores começavam a levantar-se.

Naquele dia, que tão presente eu conservava na memória, desejei visitar as paragens onde se dera o prólogo de minhas novas afeições, e, a pretexto de um pequeno voto, fiz-me acompanhar àquela igreja, onde ainda costumava ir praticar as minhas devoções. Fui, com efeito, em companhia de Hermínia.

Ao rogar fervorosamente ao céu pela ventura daquele que era constante anelo do meu coração, não pude deixar de misturar às minhas preces abundantes lágrimas.

Hemínia, junto a mim, acompanhara-me nas minhas orações, sem saber por quem eram feitas; sentia o seu coração oprimido, vendo-se incapaz de dar alívio a um pesar secreto que tinha forças para se exprimir em queixas, mas não para se manifestar abertamente. E observava, e respeitava a minha dor.

Chegada a casa, a melancolia não me abandonou, e buscava conter, como podia, as lágrimas que me assomavam aos olhos.

Na noite daquele mesmo dia, achava-me assentada, com Hermínia, num banco de pedra, que havia no pequeno jardim. Ao ver aquele lugar, que sempre me fazia revi-

ver recordações, apesar de o visitar diariamente, dei largas à minha dor.

Então, Hermínia, impelida pelo que sofria vendo-me sofrer, e aproveitando os instantes de insulamento em que nos encontrávamos, dirigiu-me algumas perguntas, para me obrigar a desabafar minhas mágoas, protestando a sua fidelidade e carinho, e acrescentando que, não obstante julgar-se impotente para de pronto remediar meus males, pelo menos poderia eu encontrar grande consolação depositando em seu peito os meus pesares, que seriam também seus, desde o momento que os conhecesse.

Com efeito, depois de muitos rogos seus, e alguma resistência minha, não pude deixar de ser arrastada pelo desejo, que, havia muito, sentia de encontrar outro ser que se impressionasse ao peso da minha dor; e ali, em seus braços, com voz trêmula e abafada, com um rubor que devia ser percebido mesmo na débil claridade da noite, como confessando o que julgava serem apenas as minhas irresistíveis fraquezas, contei a Hermínia a história do meu coração órfão havia ano e meio, isto é, desde a partida de Rafael.

Ouviu-me atenta aquela amiga, ou antes irmã carinhosa, e depois de me expor todas as esperanças, sobressaltos e temores do seu coração naquele dia, separou-se de mim assegurando-me que nada devia temer ainda, mas esperar cada vez mais, pois confiava muito que o céu estava disposto a premiar a sinceridade de uns desejos, que indubitavelmente ele mesmo protegia.

Desafogado o coração, e satisfeita com as últimas palavras consoladoras de Hermínia, posso assegurar que naquela noite fui feliz; e se nos dias seguintes alguma lágrima apareceu em meus olhos, era antes de gratidão pelo vôo que tomava minha esperança, quando a voz da minha amiga vinha renová-la.

Assim decorreram muitos dias, mais suportáveis que antes, porque, afinal, já tinha onde depositar alguma recordação, algum pensamento ou alguma esperança nova.

VII

Tudo o que na Natureza se alegra, ou entristece, busca um lugar onde possa refletir-se a sua alegria ou melancolia.

Assim, vemos a superfície da Terra e das águas; assim vemos a atmosfera tomar a cor triste ou deslumbrante dos céus; assim vemos o mesmo céu escurecer ou avermelhar-se, e aclarar-se com as mais vivas cores, ao estenderem-se por ele as sombras da noite, ou os primeiros fulgores da aurora; assim vemos secar-se a delicada folha verde, ou reviver com mais vigor ao primeiro sopro do frio ou com o primeiro cálido ambiente do Verão; e assim, também, ouvimos como amortece e como renasce, com surpreendentes trinos, o canto das aves ao primeiro assomo do Inverno, ou ao primeiro esplendor da Primavera.

Onde, porém, mais se patenteia essa necessidade natural do ser, é no homem, que vê, no Céu, na Terra, e em tudo, a mesma cor que turba ou regozija sua alma; por isso, nada o satisfaz tanto como encontrar outros corações que gozem quando o seu goza, que chorem quando o seu chora.

De tal modo se identificou com o meu coração o de Hermínia que chegou, à força de explicações, a conhecer todos os lugares, e todas as comoções que eu havia experimentado neles, durante dois longos anos, de venturas no começo, de angústias e sobressaltos depois; ela sofria ou gozava com as minhas recordações, como se por ela houvessem passado, e, afinal, Rafael não lhe era já um desconhecido, porque, tantas vezes eu lho havia descrito, que, se ela o visse pessoalmente sem o ter conhecido, não hesitaria em dizer: — *é ele.*

Uma formosa manhã de estio, em que como sempre, contemplávamos juntas o quadro magnífico e deslumbrante do golfo de Nápoles, ao separarmo-nos por poucas horas depois de uma das nossas infindas conversas sobre as mi-

nhas recordações, Hermínia, abraçando-me, com o seu habitual sorriso, teve coragem para me dizer:

— Que me darás, querida, se um dia, talvez próximo, eu te puder dar notícias de Rafael?

Era preciso ter valor e segurança para assim apresentar, de chofre, um campo tão amplo à esperança de uma alma enferma; abri desmesuradamente os olhos, dei um passo atrás, tornei a cair nos seus braços e, confundindo os meus lábios com os seus, murmurei entre lágrimas:

— A vida; e... ainda me parece pouco.

— A vida! — disse ela — não sabes que, além, da que tens, precisarás depois, mais vida que compense a felicidade que não caberá no teu coração? Peço-te menos do que me queres dar, minha Marieta; e é que seja do teu agrado que eu te proporcione um instante da felicidade que tanto desejas.

Não pude recusar. Tal era a violência da comoção que me subjugava!

Um outro dia, assegurou-me que havia dado os primeiros passos para obter notícias certas de Rafael; não quis informar-me dos meios que empregava, mas deu-me a segurança necessária para que me calasse e esperasse.

Desde então, sempre que via chegar Hermínia, parecia-me que vinha com ela toda a minha existência, e a daquele que eu amava; acreditava ver pendente de suas mãos a minha sorte, feliz ou adversa.

A humanidade infortunada tem em suas desditas a consolação de ver só o lado por onde, legítima ou infundada, a sua esperança pode vir.

Eu esperava; mas a minha esperança que eu julgava ser a vida, era a morte para Rafael e o gelo para o meu coração. Se eu não tivesse esperado, se tivesse renunciado à minha esperança até que o coração me cessasse de pulsar, outra viria a ser a sorte de Rafael, que talvez pudesse ser feliz naquela sua encarnação terrena.

CAPÍTULO III

(Ditado de Estrela)

IMÓVEL E TRISTE QUAL UMA RUÍNA!

I

Se o grande, se o imenso e ilimitado, se o infinito, enfim, causam admiração à inteligência, que, com supremo esforço, busca atrevidamente investigá-los, maior é o seu pasmo quando, circunscrevendo-se à esfera do seu poder, se fixa num incidente ou num átomo da imensidade.

A inteligência aturde-se, a razão transtorna-se, quando, ao fixar-se em tudo o que rodeia o ser, encontra o infinito no espaço, o infinito no tempo, o infinito na agregação das moléculas, e bem assim na divisão dos átomos, sempre divisíveis, ainda que eternamente se dividam.

Onde o princípio? Onde o fim? E se não os há, se não existem limites, onde se encontrará, onde estará o ponto de partida do infinito para o grande, e do infinito para o pequeno?

Onde estará o ponto do Universo que reúne as condições de ser o justo meio, do qual se possa abranger com um único olhar tudo o que, aumentando-se, cresce infinitamente, e, diminuindo-se, infinitamente se reduz?

Por mais que a inteligência se fatigue, não encontrará um além, ao qual não se possa juntar um mais-além, nem achará um menos, que não tenha também o seu menos.

Vendo seres que podem crescer cada vez mais, e outros que se podem tornar cada vez menores, a razão nos diz que há um Ser, princípio dos seres que começam, e fim dos seres que se transformam.

Sendo indispensável um Ser completo, princípio e fim de todos os seres, poderá haver um outro ser também completo, e da mesma maneira princípio e fim?

Não, porque mesmo que fossem só dois, dois seriam os princípios e dois os fins de todos os seres.

Além disso, supondo existirem dois princípios e dois fins, com forças por si sós suficientes para despedirem e atraírem todas as coisas, seria necessário haver dois infinitos, dois espaços, dois tempos e duas criações independentes; e claro está que num todo que enche tudo, não cabe outro; e que o que essencialmente é, não pode ser outra coisa.

E o que é o *Ser* que é, o *Ser* único, o *Ser* que não é nem mais nem menos, o *Ser* completo, o *Ser* princípio que se esconde além do infinitamente pequeno, e o *Ser* fim, que se estende além da imensidade? Esse *Ser* é Deus, simplesmente.

Como, porém, Deus não é *mais* que se possa alcançar, por mais que se ajuste infinitamente mais a mais, um ser completo e culminante, fora de todo o aumento, o homem que é menos e que está dentro da esfera onde tudo é suscetível de aumento, não conhece nem é capaz de conhecer o Ser completo — Deus, senão na parte que cabe em sua limitada inteligência.

E, como há somente um *Ser* essencialmente *ser*, *Ser* único, *Ser* exato, *Ser* completo; não pode haver mais que um Deus.

Ser que estendeu pelo infinito uma criação única, essencial, completa, exata; que quanto mais se aperfeiçoa e

progride em sua constituição, mais se dignifica em Deus; mas que, por mais que progrida e se aperfeiçoe, nunca alcançará a suma perfeição, que só a Deus pertence.

Cada ser é uma partícula dessa criação, tanto mais perfeita, quanto mais inteligente e sensível.

Dentro de cada espécie de seres, o mais perfeito é aquele que reúne em maior grau essas duas qualidades indispensáveis para a melhor perfeição.

O homem observa e cumpre esse princípio verdadeiro no homem, visto que reconhece superioridade naquele que mais sente e melhor entende.

II

Hoje, que posso apreciar quanto vale a ciência, e quanto o sentimento eleva, conheço ao comparar-me com Marieta, quanto era ela superior a mim na época, que descrevemos, da nossa existência.

Seu amor ressaltava dela nos outros e para os outros; o meu não passava de mim.

Seu amor fazia-a duplamente feliz, porque o devolviam à medida que ela o sentia; o meu só a mim fazia feliz; felicidade cheia de inquietação, porque ninguém me podia devolver o que de mim não passava.

Que diferença! Ela amava Rafael, por ele; eu amava-o por mim. Seu amor era a dignidade, o meu era o orgulho. O seu foi espontâneo, natural e inalterável; o meu calculado, violento e vário.

Seu amor foi uma oferenda, um sacrifício feito pelo objeto amado; o meu um rapto sacrílego, com que desvaneci suas esperanças, mas não a sua fé inquebrantável. O aroma do seu amor, mesmo sem ídolo, continuou a elevar-se ao céu; o do meu desceu e derramou-se pelo chão.

Ela sacrificou, enfim, o seu amor aos deveres de Rafael; e eu sacrifiquei esses deveres ao meu amor.

Que enorme, então, era a distância entre nós!

III

Depois daquele golpe tão rude, com que levei a cabo a mais iníqua das traições, Rafael não pôde deixar de concentrar em mim todo o seu afeto; o que era natural, porque, vivendo, precisava de alguém que compensasse a perda dolorosa que havia sofrido.

Em fins do ano de 1649, foi ele à Catalunha encarregado de uma missão puramente militar. Durante essa ausência, sua virtuosa mãe deixou de existir; por esse motivo, regressou precipitadamente a Granada, e, então, encontrou em mim todo o consolo que podia esperar de um coração carinhoso, o que o forçou a fixar em mim toda a sua atenção.

Não era justo que eu pudesse desfrutar por muito tempo o resultado da minha traição.

A mentira deixa sempre, por mais que se oculte, uma porta aberta por onde a verdade possa entrar e destruí-la.

Já havia passado quase metade do ano seguinte, de 1649, quando um dia, um companheiro de armas de Rafael lhe anunciou que de Nápoles pediam notícias dele.

É necessário ter sofrido uma dessas grandes perdas que entenebrecem o futuro e matam a perspectiva de uma grande felicidade; ver que, depois de haver sobrevivido a golpe tão terrível, essa felicidade perdida ressuscita, e nos apresenta o mesmo quadro fagueiro de antes de a termos suposto morta, para se poder explicar e conceber o abalo que Rafael experimentou, ao saber que Marieta vivia.

Não mais o tornei a ver. A primeira notícia que tive da perda do fruto das minhas fadigas, adquirido por meios tão perversos e indesculpáveis, foi um bilhete concebido nos seguintes termos:

"Adeus, não me tornareis a ver. Fui vítima de uma traição; não pretendo lançar-me em averiguações, que talvez me levassem a vingar-me de quem foi por tanto tempo objeto de minhas atenções e desejos. Pela minha parte perdôo, porque sei que também perdoará quem comigo foi vítima. Vou para não voltar, e de modo que nunca mais me encontreis. Vou dar cumprimento à promessa que fiz diante de Deus.

Rafael."

Para compreender e sentir o abalo que experimentou minha alma ao ler esse bilhete, é preciso ter-se possuído tudo, e tudo perder de um só golpe.

A leoa perseguida na sua toca, será, talvez, capaz de manifestar tanta cólera; mais, não.

Os planos mais sangrentos não me pareciam bastante vastos para satisfazer minha vingança.

Passados os primeiros arrancos do meu furor, as lágrimas vieram modificar algum tanto meus propósitos violentos, mas, não sendo elas filhas do arrependimento, não me obrigaram a desistir nem a ceder.

Compreendi que me era preciso evitar a todo transe que Marieta e Rafael se encontrassem.

Não havia mais remédio senão obrar imediatamente.

Soube que ele partira para Madri. A cólera deu-me asas e tive a habilidade de chegar, lá, primeiro.

À força de ouro e pesquisas, consegui conhecer-lhe a residência; fiz que o espiassem; não me descuidava um momento; ele ocultava-se, mas a sua pista não era perdida por aqueles que o seguiam.

Por fim, quando se dirigia a um dos portos do Mediterrâneo, com a intenção de embarcar para a Itália, graças a uma traição e intrigas minhas, foi preso; e mais tarde mandado para o exército.

.....

IV

Para que magoar-me mais com a descrição de sua morte prematura? Evitem-me a dor de chegar até o fim daquela vida, que, tocando a sua última hora, paralisou também os movimentos de outro grande coração.

Estas confissões, quando se fazem publicamente, tem seus limites.

Basta que o remorso puna em silêncio. Basta que na solidão se tenham devorado lágrimas. Basta isto para o muito que ainda sou obrigada a dizer.

V

(Ditado de Marieta)

Viver sem experimentar movimento no coração, viver com a alma constantemente aspirando pela eternidade, não é viver.

A história de uma existência acaba onde o centro que a rege, o coração, fica sem movimento.

Quando murcha o formoso ramo da esperança, que brota em coração que desperta; quando se fanam as pétalas da flor sem ter esta dado fruto; esse coração e essa vida sem ramo de esperança nem flor de ilusões, não vivem, vegetam: são seres que testemunham a sua própria morte, que vivem depois de mortos.

Eu tive uma existência e um coração assim, vivos depois de haverem presenciado a sua morte, mortos e presenciando a sua vida.

Viver, e ver a noite no dia; viver, e não pressentir o dia durante a noite; ver tudo com vaga indiferença, e em nada encontrar uma emoção; não chorar; não sentir; não encontrar outro sítio onde se descanse a vista, a não ser algum ponto predileto do céu, no qual parece que alguma coisa nos espera, e se impacienta, não é existir, é ter morrido.

Se há alguma coisa que se pareça com ser e não ser ao mesmo tempo é sem dúvida esse modo de viver; é difícil descrevê-lo, porque onde não há calor, nem movimento, nem sensações que exprimir, qualquer linguagem se agita demasiado, qualquer expressão é viva.

Vou continuar; mas só irei agora até o momento em que meu coração deixou de existir; a palavra, se tem de ser fiel,

deve expirar nos lábios, quando os sentimentos morrem.

O último período da minha existência sem o coração era de mais, e o que é de mais afasta-se.

Hermínia disse-me um dia que sabia, com certeza, que Rafael estava em Granada, cidade de Espanha, e residência de sua família; que o soubera por um capitão do exército espanhol, que o conheceu muito, e se ofereceu para fazer que lhe chegassem notícias minhas, fornecendo-lhe informações seguras sobre o seu paradeiro.

Essa solicitude, e as promessas de Hermínia reanimaram-me, faltando-me só para me considerar completamente feliz, a certeza de que Rafael me esperava, como eu o esperava.

Passou-se muito tempo, e as investigações de Hermínia pouco adiantaram; só chegou a saber, a força de importunações, que Rafael havia desaparecido de Granada, sem se saber para aonde fora.

Apesar do incompleto dessas notícias, já eu não deixava de acariciar a idéia de que talvez, na hora em que menos o esperasse, a sua presença viria cumular a dita, com que eu sonhava.

Tudo em vão; há satisfações que só podem ser alimentadas por sonhos, porque o mundo é demasiado árido para as sustentar.

VI

Afinal... um dia chegou a notícia de Rafael haver morrido...

Nos distúrbios da Catalunha um ferro inimigo rasgou-lhe o peito.

Recebi a sua despedida e o seu último suspiro, enviado do seu leito de dor.

Suplicou-me que vivesse, para que meu coração lhe servisse de sepultura, até que no céu pudéssemos cumprir a promessa que havíamos feito diante de Deus.

Vivi, sim, porque, havendo-me Rafael pedido que vivesse, a minha própria existência era sagrada para mim.

Vivi... mas como?!... Sem movimento, sem luz, sem amor, como se pode conceber que se viva, sem alma. Vivi, até onde não pude mais, até que não tive mais remédio senão morrer.

VII

Exigências de família me obrigaram a casar pouco tempo depois de ter sabido da morte de Rafael.

Corria o risco de ficar completamente só no mundo, e pensaram em escolher-me um marido.

A fortuna de meu pai tinha-se reduzido muito, não era possível que uma jovem ficasse sem recursos, abandonada no mundo.

Um engenheiro naval, que gozava da fama de construir as mais ligeiras e esbeltas embarcações que cruzavam o golfo de Napóles, ofereceu-me o seu coração; e eu não lhe pude oferecer senão a minha mão, quando assediada pelos conselhos de todos me decidi a unir à dele a minha sorte.

Fui ao altar, imóvel e triste qual uma ruína; o coração seco, sem alma.

O meu prometido casou-se com uma estátua.

Ele sabia-o, porém, quanto me pesou, depois, não haver resistido ao juramento de deveres que me era impossível cumprir!

Minha mãe morreu logo e a desgraça continuou, cevando-se em mim, até que me tornei insensível aos meus golpes. Tudo perdi: esposo e filhos, em pouco tempo. Era o meu destino viver, ainda jovem, completamente só na Terra.

Pouco sobrevivi ao último de meus pobres anjinhos. Ah! O céu nos arrebatou, talvez, para que fossem viver num outro seio mais fecundo de amor e de vida. Que gélido era o meu...

Deixei o mundo, onde tanto sofri, sem pesar, e, se ainda o amo, é porque nele minha alma entreviu a felicidade, que abre à virtude as portas do porvir.

Fim da Primeira Parte

SEGUNDA PARTE

Páginas de Além-Túmulo

Bene e pietà che, la pietade e 'l zélo
uman cedendo, autor sen creda il ciélo

INTRODUÇÃO

I

Nem a existência, nem o trabalho, nem a dor findam onde o sepulcro começa.

Se o agitado sono da vida não é repouso, também o não é o profundo sono da morte.

Se viver é movimento, morrer é começar um outro movimento; é terminar uma tarefa imposta, da existência, para empreender outra, conseqüência da anterior; é o termo de uma jornada, que conduz a um progresso.

Morrer é desviar a visão do nervo ótico que transmite a imagem; é romper o pensamento através do crânio que o encerra; é eliminar a vontade do músculo que lhe obedece; é despojar a memória das densas brumas da matéria; é dar amplitude à matéria, sujeita a ondulações limitadas; é, finalmente, emancipar-se a alma da escravidão de uma organização por natureza perecível.

A matéria, sem força impulsiva que a mova, que a renove e sustente, cai, para continuar a sua elaboração em transformações naturais. E a alma, esse poder eterno que se agita independente do tempo e do espaço, voa a confundir-se com perfeições mais altas, com conhecimentos mais vastos e maiores virtudes.

Para haver o nada na cessação de uma vida, seria preciso haver o vácuo, onde tudo está cheio.

Ao contrário, a alma é fonte de eterna vida, e multiplica a potência criadora que recebe.

Esse espírito que parece desfeito com a última pulsação da artéria e a última agitação do coração, que parece aniquilado pelo esforço da agonia, deve desenvolver, depois, faculdades e aptidões tantas, infinitas e várias, como várias e infinitas são as combinações do elemento físico, sobre o qual vive e trabalha.

II

Tende a demonstrá-lo este livro, escrito principalmente para vós, que, sem prescindir do presente, tudo esperais do porvir, no além-túmulo.

Espíritos daqueles seres cujo vestígio se apagou do mundo, e cuja memória se evaporou com a última lágrima que se verteu por eles; espíritos daqueles seres confundidos e amontoados na massa comum das gerações passadas, cujas cinzas o vento removeu e a tempestade espalhou; somos nós que queremos contribuir para alargar em vossa inteligência a idéia nova, que vos foi transmitida em momentos de meditação e silêncio.

Queremos contribuir para que seja menos denso o véu que se estende entre os vossos olhos e a luz; queremos ser das primeiras aves mensageiras do mundo que descobris; queremos fazer parte do vosso cortejo ao empreenderdes a conquista do céu; queremos que, do mar das revoluções por onde receosos navegais, possais entrever a costa que se avizinha, a borda de um paraíso que esconde, nas entranhas do seu solo, o cobiçado veio de todas as filosofias, o ouro puro da *Verdade.*

Que não degenere em desalento o cansaço da dúvida na jornada que empreendeis, porque já soou outra hora de renascimento, porque ides entrar moralmente na sociedade do Universo, porque tendes de assinalar o caminho que conduz o homem às *moradas* que o esperam, onde, ao integrar-se, irá encontrando o seu problema de sempre, e vendo realizados os seus mais belos ideais; porque o céu se entreabre para falar convosco, deixando de ser, desde já, o confidente mudo de vossas esperanças; porque ides encontrar harmonias mais brilhantes e acordes mais sonoros para a harpa de vossos músicos, novos encantos e outras façanhas que o gênio de vossos pintores possam reproduzir; outros heróis, e sentimentos novos para o canto de vossos poetas.

Que o cansaço da dúvida não detenha vossos passos, porque ides sentir o infinito, tocá-lo, medi-lo, como só se pode medir o infinito, apreciando as suas belezas.

E seria triste, bem triste, que, quando o raio de outros sóis ferir a vossa pupila, a voz dos anjos vos despertar, e o *Espírito da Verdade,* se aproximar, seria triste que desviásseis os olhos e continuásseis a dormir.

III

Quando o *feudalismo* morria, refugiado no torreão mais sombrio dos seus castelos arruinados, o gênio do Norte forjava os caracteres de ferro, com os quais se pode falar a um tempo com a humanidade inteira.

Assim, vós, quando a intolerância — esse feudalismo da consciência — apenas se atreve a transpor o pórtico dos templos, traçais sobre o papel com um movimento rápido, convulsivo, elétrico, os primeiros caracteres com que a imensidade vos pode transmitir o seu pensamento.

Enquanto o *dogma* se ria do visionário, que previu regiões novas, além do deserto dágua que as separava do mundo antigo, a visão daquele sonhador ergueu-se do seio dos mares, adornada dos mais sedutores atavios da Natureza, e envolta em maiores riquezas que as até então sonhadas pelo mais avaro desejo. Do mesmo modo, enquanto os restos carcomidos do passado zombam de vós, visionários de hoje, a eternidade fala, faz suas promessas, e apresenta-se-vos em um mundo for-

mado de pó de sóis, no qual se agita e vive o espírito de vossos antepassados.

IV

Há uma força moral, justa, que em toda parte mede com eqüidade o merecimento.

Cada espírito há de ganhar seu reino e fabricar seu trono, se quiser entrar no Paraíso.

Nas moradas do Pai não se entra de surpresa.

Tudo ali há de ser legitimamente adquirido.

Cada ser há de ser coroado por suas obras, ou há de cegá-lo o pó do que destruiu.

O Éden nunca se fecha. Ninguém, para conquistá-lo, está privado de força necessária.

Não há espírito a quem não ajudem a vontade e a razão. Sempre a fadiga do trabalho há de preceder a embriaguez do triunfo; se assim não for, o grito da dor pode converter-se em remorso.

Há nos céus, campo para um eterno desejo do bem, e fonte para uma sede insaciável de saber.

O espírito vai encontrando na abóbada estrelada de cada mundo uma coroa. A cada uma que conquista, encurta a distância que o separa de Deus.

O íris da paz, arco atriunfal da esperança, bandeira de luz com que a Natureza sela seu pacto com a sabedoria, estende vivas cores, e o seu brilhante anel encontra, assim, caminhos que conduzem à maior ciência, e expansões que levam às mais altas virtudes.

V

Mais além do sepulcro a alma vive, trabalha e chora, descansa e goza.

Vejamos nas páginas seguintes a vida de duas almas.

LIVRO PRIMEIRO

(Ditado de Marieta)

CAPÍTULO I

O PRIMEIRO DIA DE UM MORTO

I

Sentia-me morrer. Estava doente, muito doente.

A dor que algum tempo antes se fixara no meu coração, agravando-me o sofrimento, precipitava-lhe as pulsações.

A febre abrasava-me a cabeça, o frio regelava-me os pés.

Morrer! Esse refúgio dos fatigados do cansaço da vida, essa esperança única das almas, que, acrisoladas num sentimento puro, não encontram na Terra quietação para o seu sonho, manancial para a sua sede, nem amor para o seu amor. Morrer! Essa idéia que tanto intimida os próprios seres que têm de morrer, foi acariciada pelos meus desejos, e com os afagos tristes de infinita mágoa.

Sentia-me morrer, mas sem receio, porque um coração hirto e deserdado de todos os afetos não tem horror ao vácuo; é, por si mesmo, abismo profundo onde cabe o abismo da morte.

Tocava o termo da vida sem ter começado a viver, sem ter a quem deixar uma dessas recordações, que são a presença viva de um ser afastado e querido, através do sepulcro do qual me aproximava, ainda jovem, enlanguecendo num leito solitário, junto ao berço vazio dos filhos arrebatados aos meus carinhos pela morte, na mais tenra idade.

Só! Inteiramente só, ia morrer a filha, a esposa, a mãe, a mulher tão amada um dia! Sem pais, sem marido, sem filhos e sem o seu bem-amado!

Oh! Deus meu! Se não tivésseis vigorizado a natureza da dor com a virtude da resignação, essa força dos débeis que ampara os desgraçados, nem o esquecimento eterno seria bastante para expelir de uma existência as nuvens negras de uma desgraça imensa.

II

No ano de 1661, ocupava eu o compartimento mais esconso de uma pequena casa situada em uma estreita e tortuosa rua que desembocava na de Toledo, da cidade de Nápoles. E como a soledade contribui, de certo modo, para dar vida mental aos seres amados, que se foram, vivia inteiramente só, crendo-me assim mais próxima deles.

Unicamente Hermínia, a carinhosa amiga, a irmã da juventude, costumava visitar-me quase todos os dias; e uma pobre mulher do povo, moradora no mesmo prédio, e mãe de um gracioso menino a quem eu mesma havia ensinado a pronunciar as primeiras orações a Jesus e a Nossa Senhora, cuidava de mim e do meu pequeno lar, nos poucos momentos em que eu dela necessitava.

Na Primavera desse ano, uma noite, devorada pela febre, que em mim produzia constantemente a enfermidade que me matava, dificilmente consegui arrastar-me até o leito.

Pude adormecer, mas, ao despertar com os primeiros alvores do novo dia, meu cérebro adquiriu uma lucidez que

eu jamais conhecera; e contudo, a debilidade era tão grande, que não podia estender a mão e alcançar a água, com que umedecesse os lábios, que sentia secos e ardentes.

Naquele momento, pela primeira vez, tive medo de estar só.

Padecia muito, e mais que nunca, a dor me atormentava.

Nem uma palavra, nem o menor gemido exalou meu peito angustiado.

Estava tão acostumada a sofrer sem me queixar!... Como único consolo, busquei fixar a cruz de ébano que pendia à cabeceira da cama, e uma lágrima silenciosa, devorada pelo fogo das pálpebras, uma dessas lágrimas capazes de remir uma eternidade de remorsos e de faltas, assomou-me aos olhos, arrancada pelo sofrimento, do mais íntimo da alma.

Aquela lágrima, mais que queixume, foi uma oração elevada em nome de todos os infortunados.

III

Esse grande sentimento invadiu todo o meu ser.

Pungia-me a cabeça o latejo precursor da perda dos sentidos.

Minha vista velou-se, mas percebia clara e distintamente, como se existisse, adiante e em volta de mim, um espaço sem limites, um imenso vácuo, vermelho com o reflexo dessas nuvens cor de fogo, que do horizonte arrojam dentro da noite os últimos raios que lhe empresta o dia.

Naquele pélago de indecisa luz, via também manchas ou sombras de forma incerta, e uma multidão de pontos luminosos, focos de infindos círculos concêntricos, que se dilatavam buscando as bordas daquele abismo, com a mesma lentidão que as ondulações violentas de um lago se vão perder nas margens.

Assim como, ao contemplar o céu de uma noite serena, os olhos buscam alguma estrela que com os eflúvios do

seu cintilar estabeleça com a alma uma corrente de simpatia e atração desconhecidas, eu, naquele momento, sentia involuntariamente atraída a minha atenção para um dos centros daquelas ondas imensas.

Pude, depois, observar que aquele ponto se condensava, e ia imperceptivelmente adquirindo corpo, e por fim, uma forma humana...

Um grito dalma, que senti ressoar em toda aquela imensidade, escapou-se-me da garganta seca.

A sombra de Rafael era a que mais acentuava os seus contornos. Sua atitude e feições se reproduziram, ali, com tal fidelidade, que excluíam qualquer dúvida.

Era ele mesmo, com um pronunciado movimento de vida; seus lábios sorriam; o brilho de seus olhos me envolveu, seus braços se estenderam para mim, como se me quisessem atrair, ou buscassem abençoar-me.

IV

Logo a memória, saindo da confusão do olvido, e convertendo em presente o passado, fez que a vista atônita não perdesse um só ato, uma só minudência, por insignificante que fosse, da minha existência, que deslizava em vasto quadro atrás daquela sombra querida.

Ali, encontrei-me criança, e, depois, mulher; ali presenciei a infância alegre do lar, a triste juventude e a velhice prematura do meu coração.

Entre mil cenas, vi passar primeiro a clara silhueta de um ser que logo conheci, seguido de perto por um outro, venerável, os quais, rodeados dos cuidados e mimos da minha meninice, me trouxeram à memória, com a sua presença, todos os seus desvelos e privações por que passaram por minha causa.

Eram meus pais, e, seres ou sombras, realidade ou sonho, tiveram para a filha, depois da morte, um sorriso doce e um terno olhar. Vi seus rostos estremecerem de prazer, e inundarem-se de alegria; vi que ainda no reino das almas, e

no mesmo lugar onde se amontoam os restos dos que deixam a vida, mais que os ciprestes e as flores balouçados ao vento, se comovem as cinzas dos que foram pais, se vão interromper-lhes o silêncio sagrado das tumbas os passos vacilantes ou a prece de gratidão dos que foram seus filhos.

Vi, depois, o rosto de outro ser, de porte modesto e maneiras simples, que me inspirou gratidão e respeito. Era meu marido, arrebatado à vida no pleno viço dos anos.

Seguiam-no nossos filhos, cujas vistas inocentes traziam, em revérberos, para minha alma um mundo de felicidade, e também um mundo de dores.

Num só momento, experimentei ternura e desgosto.

No instante supremo em que os tornara a ver, senti o calor da vida e o frio da morte.

Realmente, eu havia-lhes dado o ser e todo o meu sangue. Ah! mas que importa? se os havia perdido...

Não, não há amor como o amor de mãe; como não há dor que se compare à sua.

Não há rajada de indiferença nem de olvido que anuviem o céu de sua ternura, não há gozo que amorteça o tormento do seu coração.

Assim comovida, segui revendo, em tudo quanto havia conhecido e amado, os sítios, os dias, todas as amarguras e pequenas alegrias, que haviam esmaltado minha curta e modesta existência.

Nem uma só emoção, nem uma esperança ou temor, de mais de trinta anos de existência, deixaram de se reproduzir naquele momento: assim em mim, como fora de mim; assim ante meus olhos, como no santuário da consciência.

V

Naquele imenso sepulcro sem limites e sem tempo, não havia outro rumor a não ser o do meu corpo enfermo, outra sombra a não ser a das minhas recordações.

Assim como o fraco reflexo se perde no raio vivo, todas aquelas figuras submergiram seu movimento e colorido no ambiente vermelho daquela atmosfera de fogo.

Consumadas as coisas, desapareceu o quadro que as reproduzira; meu corpo, como se fosse o único que pudesse gravitar em toda aquela fantástica criação, começou a cair naquele abismo de luz.

E a imaginação, única faculdade animada da inteligência em que se dilatava o Espírito, acreditou que não haveria ponto de repouso naquele espaço, nem hora final naquele tempo.

O Ilimitado e a Eternidade pesavam no meu crânio com acumulada gravidade, e por longos instantes sofri a cruel suspeita de que o Averno se abria para mim; mas a vertigem daquela queda embotou-me as sensações, e apoderou-se da minha mente um verdadeiro delírio a que poderei chamar *sonho da morte.*

VI

Não sei por quanto tempo permaneci nesse estado, confundida no *não ser*, submersa no *nada*...

Só sei que cheguei a reconhecer-me, que me senti em mim mesma, que despertei em meu próprio leito, com os olhos inundados de luz.

VII

Indubitavelmente, havia sonhado.

Acaso o sonho, lenitivo dos males, por mais penoso que houvesse sido, tinha reparado minhas forças esgotadas e a saúde quebrantada, porque... me sentia tão bem!

A febre desaparecera, e eu, longe de me sentir prostrada pela debilidade, tinha impulsos de grande movimento.

A gravidade do meu mal durante aquela noite de angústia tinha produzido um delírio, e mais nada.

É certo que acabava de passar momentos em que acreditara que a morte me envolvera em seus mistérios; mas, não; debilidade e febre, eis tudo.

Por quê? Na tarde anterior não me havia eu dedicado às minhas ocupações ordinárias?

É certo que estava enferma, mas o mal era dos que minam lentamente a existência. Devia morrer ainda nova, mas, talvez não tão depressa.

O alívio que experimentava, então, confirmava as minhas reflexões.

Nem sequer sentia a dor, que, mais ou menos me molestava sempre.

Levantei-me, vesti-me, aproximei-me da janela, e conservei-me longo tempo contemplando o puríssimo céu, que alegra sempre a cidade de Nápoles.

Via-o, achava-o mais formoso que nunca, como mais formosa que nunca entrevê a pátria distante, em sonhos, o desterrado.

Voltei-me, e, sem um objeto fixo, meus passos se dirigiram até ao centro do aposento...

VIII

Retrocedi, porém, aterrada, até me apoiar na janela, que havia pouco tinha abandonado... Retrocedi com o espanto nos olhos, o medo no coração e o frio na alma!

Acabava de me ver estendida na própria cama. Sim. Acabava de ver meu rosto pálido, imóvel, olhos e boca entreabertos, como se exprimissem uma última vista e um último suspiro.

Acabava de ver a minha cabeleira loura rodeando aquela cabeça abandonada, como a do ente em que deixa de viver o pensamento.

Acabava de ver uma das mãos oprimindo o próprio peito, como procurando conter os últimos latejos da minha dor, e a outra estendida em rigidez, como se quisesse aderir eternamente ao último objeto que tivesse de tocar.

Acabava de ver a própria roupa que vestia naquele momento, dobrada em abandono, no mesmo lugar em que a deixara na noite anterior.

Apertei a cabeça com as mãos, e um suor frio me ensopava os cabelos. Levei-as, depois, ao peito, e senti o calor e as pulsações precipitadas do coração.

Eu estava ali, e também estava lá! Sentia-me e tocava-me, ao mesmo tempo que me via fora de mim!

Que era aquilo? Continuava o delírio? Durava ainda o sonho? Não. De nada se tem mais consciência do que de estar acordado.

IX

Fiquei algum tempo na atitude em que o terror me surpreendera; petrificada, imóvel, com a vista fixa naquele *outro eu*, naquela reprodução de mim mesma, incerta sobre se era uma visão o que eu via, ou se a visão era eu.

Tirou-me dessa imobilidade o ruído de uns passos, que faziam ranger os degraus da escada estreita, que conduzia ao meu aposento.

Ouvi, depois, chamarem-se suavemente à porta, sempre fechada por dentro, para que eu dormisse tranqüila.

Havia de ser Hermínia, a minha querida amiga, que vinha fazer-me a sua visita quotidiana.

Dirigi-me à porta, mas, observei com estranheza que a fechadura não cedia aos esforços da minha mão. Ela tornou a chamar; respondi uma, duas, três vezes; ela, porém, não me ouvia, pois continuava chamando cada vez mais impaciente.

Chamou pela última vez; respondi, e nada! Depois, ouvi, e estranhamente, vi, através da porta que ela descia a escada.

Gritei, bati, bradei; ela porém continuava a descer. Tentei de novo abrir a porta, nada pude conseguir.

Daí a pouco, senti na escada passos ainda mais precipitados. Três vezes pronunciaram meu nome; vozes bem

conhecidas, a de Hermínia, a da mulher que me tratava, e a do seu filho... E por mais que respondesse, grandes e repetidas pancadas soavam por toda a casa.

Eram inúteis os esforços desesperados de uns e outros; inúteis nossas vozes, porque nem eles me ouviam, nem eu conseguia fazer-me ouvir; chegou-me aos ouvidos claramente que comentavam a causa do meu silêncio ou da minha estranha ausência, se cautelosamente eu houvesse abandonado o meu retiro.

Começaram a temer e a sentir-se aguilhoados por um receio estranho, e uma suspeita cruel, e depois de esgotarem todos os meios para se fazerem ouvir por quem estivesse imerso no mais profundo sono, sem obterem resultado, abandonaram-me pela segunda vez.

X

Que triste situação, a minha! Só; encerrada com aquele fantasma, morto ou adormecido, sem que alguém ouvisse minhas vozes nem me pudesse socorrer!

E que fazer? Só me restava a única solução de todas as desgraças: Esperar!

Eu sabia que Hermínia voltaria. Ela não deixaria as coisas em tal estado.

Esperei, pois, ainda meia hora, longa e angustiosa, quais os momentos que precedem um acontecimento grave, que há de decidir da nossa sorte.

XI

Novos passos se fizeram ouvir.

A voz de Hermínia, abafada em soluços, pronunciou o meu nome.

Atirei-me para a porta e, aplicando quanto pude os lábios à fechadura, disse com acento desfalecido pela emoção:

— Hermínia! Não me ouves? Estou aqui.

— Arrombo? — perguntou uma voz varonil, que eu não conhecia.

— Sim — respondeu Hermínia, resoluta.

Forte martelada, que soou quase junto à minha cabeça, fez-me recuar apressadamente.

Poucos momentos depois, a porta abriu-se com estrépito, de par em par.

Um homem apareceu no limiar da porta, empunhando as ferramentas, e Hermínia, o pequeno e sua mãe entraram no quarto.

Não deram mostras de perceberem minha presença, por mais que me colocasse à sua frente, e, com visível inquietação, dirigiram-se para o leito.

XII

Presenciei, então, uma cena desesperadora.

— *Marieta!* — bradava Hermínia, sacudindo com força aquele corpo. Fala! Responde-me! E o menino, profundamente comovido, também me chamava.

— É inútil. — disse a pobre mãe, chorando.

— Oh! meu Deus! Morreu como viveu! Só; inteiramente só, com a sua dor!

O desespero de Hermínia não tinha limites. Ergueu os braços ao céu, dizendo: *"Deus de bondade! Oh! Minha infeliz! desventurada Marieta!"* E, ferida pela dor, caiu sobre meu cadáver...

XIII

Tudo compreendi...

Faltava-me uma só coisa para o compreender melhor. Quis socorrer Hermínia, acariciar o menino, consolar sua mãe, mas... nada! Não me viam, nem ouviam minhas sentidas palavras.

Então, compreendi que acabava de morrer. Mas como? Era aquilo a morte? É *morrer?* ver, ouvir e tocar, como quando se vive?

Sim. Eu não era mais, então, que a sombra modelada ainda pelos contornos de uma forma; o sopro de um pensamento e a ação de uma vontade, sem objetos sobre os quais pudesse produzir os efeitos de suas sensações. Já não era mais que uma alma sustentada pelas ilusões da vida orgânica.

E parece que ainda se arrasta a cadeia, depois de obtida a liberdade.

XIV

Empregados todos os meios para me fazer entender, sem conseguir sequer despertar naquelas pobres e desditosas criaturas a idéia de que as estava vendo e ouvindo, uma força desconhecida me obrigou a abandonar aquela casa, onde a dor deixara naquele leito meus despojos inanimados, abandonados à morte.

Que restava a fazer ali? Nada. Precisava de espaço. O Infinito já exercia sua influência e me atraía com irresistível fascinação. O teto do meu lar, único refúgio dos meus dias de parcos prazeres, era já acanhado para a expansão a que minha alma aspirava; e a palavra dos homens, seus lamentos e queixas produziam um eco que me era desagradável.

Saí dali, com o atordoamento do prisioneiro, a quem inesperadamente se abriram as portas do cárcere.

XV

Andei longo tempo por um dédalo de ruas estreitas, espantada qual o criminoso que vai fugindo à perseguição da voz que o acusa, até que um cansaço desconhecido, que não produzia fadiga, me obrigou a deter os passos.

Sentei-me numa grande pedra, junto do muro enegrecido de um imenso edifício. Era o convento dos frades de São Francisco.

Diante de mim, estendia-se a praça do Mercado da risonha cidade de Nápoles, na qual alguns grupos de mulheres do povo, com seus vistosos trajes, crianças e marinheiros, pescadores e *lazzaroni*, andavam mesclados nos montes de verdura e nas barracas de madeira.

Procurei meditar um momento. Queria assentar idéias para compreender mais exatamente o que em mim se passava, mas não foi possível.

Minha imaginação, qual chama brilhante de uma força, impelida não sei por que sopro misterioso, tinha momentos de grande lucidez, e outros, sucessivos, de adormecimento.

Às vezes, dirigia um olhar indagador aos poucos transeuntes que por mim passavam, entre os quais um só, casualmente, fixou em mim seus olhos com tanta indiferença, como se os fixasse no vácuo.

Eu continuava a ser visível somente para mim; diáfana como o ar puro, que ajuda o raio visual a reconhecer a imagem do objeto mais longínquo, transparente como o cristal, a quem a luz não empana nem divide.

XVI

Qual ia ser meu destino naquela situação?

Continuará a peregrinação da existência, seremos o patrimônio da dor, será tão incerta a sorte depois da morte, como durante a vida?

Não se abrirão os céus para as almas virtuosas?

Não haverá lugares de repouso para as almas fatigadas?

Nunca chegará o tempo de se verificarem os temores do remorso?

Todas estas perguntas eu as fazia a mim mesma, e o desconsolo do silêncio, e o abandono da soledade, respon-

diam-me com as lágrimas dos meus olhos e o medo do meu coração.

Em vão buscaria amparo e auxílio noutros seres.

Ninguém se apercebia de mim, ninguém poderia libertar-me daquele penoso estado, nem desvanecer as dúvidas que me atormentavam.

Mas, não haveria muitos outros nas mesmas circunstâncias? E entre esses, não haveria uma alma amiga, que se interesasse por mim?

XVII

Uma idéia iluminou a noite da minha incerteza: idéia fagueira, terna, apaixonada, que comoveu todo o meu ser.

Talvez Rafael!... Oh! Se o pudesse encontrar... Deus meu! Se o pudesse ver!

Deixei aquela pedra, agitada por febril impaciência e impelida por um ardente desejo.

Um raio de esperança, no reino das sombras, é mais brilhante e vivifica mais que a luz dos sóis.

XVIII

Já tinha um objetivo, um fim, alguma coisa a que sorrir, a que temer e esperar.

A atividade de uma nova vida havia seguido à inércia da morte.

O sentimento que minha alma conservara puro, de novo estendeu suas asas por tanto tempo contraídas pela tenacidade da desgraça, e pedia, agora, dirigir um vôo para o bem-amado que a atraía.

Corri por cem ruas diversas, percorri-as de novo; fiz perguntas ao céu e esquadrinhei a Terra.

Em um tão pequeno recanto do mundo, eu queria encontrar o princípio de uma senda que me conduzisse à glória.

Afinal, o desalento arrancou lastimosos suspiros do íntimo de minha alma; quando o Sol cercava o Posílipo de uma auréola de ouro; por sepultar seu disco no mar, descia eu diretamente do bairro do Loreto para os lados da praia que se chama Margelina.

Já o dia declinava, e com ele as minhas esperanças.

CAPITULO II

A VOZ DO CÉU

I

Sem precisar que lho digam, aquele que já amou, sabe quanto falam ao pensamento os lugares em que amou.

Nas sinuosidades e acidentes de qualquer sítio, a alma vai deixando como que lascas de si mesma, que talvez mais tarde torne a recolher; e comovida pela arrebatadora eloqüência com que os objetos mais inertes insistem mil vezes na mesma idéia, lê no seu silêncio o seu passado, e encontra intactas as suas recordações.

Que harmoniosos são esses rumores que vêm de novo despertar o coração! Que atrativo tem a repetição das mesmas horas, a reprodução dos mesmos cantos, de um tempo em que esperar e crer constituíam a única vida possível!

Atrás desse ideal, viera eu até ali, porque perto dali, quase na mesma praia, a alma de Rafael e a minha haviam estabelecido aquela corrente secreta, e aqueles colóquios mudos, que criaram um paraíso para os dois.

Para ali encaminhei meus passos, quando já o crepúsculo dobrava no horizonte as asas de prata e púrpura.

II

Marginei o mar; aproximei-me o mais possível da cidade; breve cheguei ao pé da antiga morada paterna.

Ainda por cima do muro do pequeno jardim, aparecia a sombria copa daquela oliveira, sob a qual eu tantas vezes permanecera imóvel, largo tempo, enquanto esvoaçavam meus tristes pensamentos.

Muitas vezes, também, ali, o suspiro do meu coração se havia confudido ao rumor das folhas movidas pelas brisas do Golfo.

E ainda dominando seus últimos ramos, erguidos à maior altura, se via a janela daquela estância, ao abrigo da qual, tantas vezes, sonhara outra existência, na qual pudesse utilizar-me da então reprimida força do meu Espírito.

Mais além, mais próximas do mar, aquelas ruínas, de um passado magnificente, depois templo do meu amor, agora túmulo das minhas recordações; aquelas ruínas donde, envoltos no murmúrio das ondas, Rafael me havia enviado seus pensamentos, ainda ali estavam, protegidas pelo severo e negro aspecto com que os elementos revestem a antiguidade.

Para melhor interrogar as silenciosas testemunhas das cenas íntimas do segredo de minha vida, que respondiam às minhas rápidas e medrosas vistas, ocultas na noite que já nos envolvia, busquei um momento de descanso, como o fizera de outras vezes, sob a abóbada artisticamente levantada pela força do homem e entre os escombros desprendidos pelas mutilações do tempo.

O vôo de alguma ave noturna, desprendendo-se das fendas dos velhos muros, o silêncio e a obscuridade, confundindo seus mistérios, enchiam-me de pavor.

Aquele abandono, sem achar aonde colhesse um consolo, abriu larga porta ao desespero de minha alma, que, em seu temor e pena, arrancou gemidos e lágrimas abundantes. Chorei como nunca havia chorado.

III

Poucos momentos depois pareceu-me perceber uma voz fraca e doce, suave como o zéfiro, a pronunciar meu nome.

Busquei conter a violência dos soluços e clara, e distintamente, me tornaram a chamar.

Ergui-me precipitadamente, querendo penetrar com a vista através da obscuridade.

Queria sondar a sombra para distinguir o ser que ali me vinha buscar. Não o vi, mas o terno acento daquela voz, que vinha do alto, exercendo sobre o meu ânimo uma atração desconhecida, replicou ao ver o movimento natural da minha surpresa:

— "Marieta, senta-te, e ouve o que te vou dizer."

Sentei-me e as seguintes palavras me chegaram a tempo de não maldizer da existência.

IV

— "Cara irmã, não chores e não temas. Não procures ver-me, pois não o conseguirás. Sou para ti, ainda, o que tu és para os homens. Morreste para eles, e gozas de melhor saúde. Em pouco tempo verás, tanto quanto eu, que vejo muito mais que tu. Não me entendes?... Pois enlaça teu pensamento à Eternidade. Compara o bem que colheste com o bem que sonhava tua alma bondosa. Compara-te, também, com o que nem pudeste pressentir, e verás que a vida que abandonaste hoje, não pode ser mais que um passo no caminho de uma existência eterna, antes de chegar a Deus.

"Não te queixes do estado em que te encontras. É assaz natural, para te ser muito fatigante, a transfiguração do teu espírito!

"A Natureza opera sempre com lentidão e harmonia, nada produzindo com precipitação ou violência.

"A própria dor é a reação do bem-estar a que tende.

"Não te lembras de que, quando encaravas o Sol e o olhavas de frente, teus olhos por longo tempo conservavam a imagem do seu disco vermelho, por mais que os privasses de toda a luz? Pois é o mesmo que agora se está dando.

"A alma retém por largo tempo, também, a presença viva do modo de existência que abandonou, porque é muito recente a impressão de suas forças. Esse modo de ser persegue-a até que, sem os órgãos que lhe transmitiam as sensações, ela as receba de modo diferente noutro mundo, em que sejam distintos os agentes intermediários entre os seres que o habitam.

"Teu estado, pobre anjo que acabas de dormir na Terra, é equivalente ao atordoamento do cérebro que desperta de um profundo sono. Impressionada com o que deixaste de ver e ouvir, ainda sonhas.

"Mesmo vendo-te, tocando-te e sentindo que respiras, como quando os homens te viam, és tão invisível e impalpável para eles, como o tênue sopro que move a folha ou sacode o floco de espuma.

"Antes, estavas mais sujeita aos acidentes da vida terrena.

"O íngreme escarpamento da descida fazia-te demorar o passo.

"Doravante poderás explorar o abismo e voar com a nuvem; submergir-te na gota dágua e estender-te no Oceano, ou sondar uma consciência e remontar um pensamento.

"Não te deixes, pois, cara irmã, dominar pelo desespero. Ao contrário: alegra-te, porque o céu é quem me envia a ti, e a minha voz é a voz do céu.

"É a maior das injustiças duvidar do bem, desesperar da suprema bondade pelas contrariedades da sorte, pois o Destino nunca é implacável, mas sempre justo com os desditosos. Que grande será o teu erro, se te entregares à dor, sabendo já que teu espírito vai gozar das delícias da imortalidade?"

V

Essas frases pronunciadas com entonação ao mesmo tempo doce e grave, e cuja veracidade eu reconhecia em mim, por uma aspiração íntima da consciência, foram, para o meu ser abatido, torrentes de consolo e de esperança.

Senti-me estremecer pela íntima alegria dos bons, fonte de inefáveis gozos que dimanam não sei de que regiões do mundo, mas que cada um de nós tem em si mesmo.

Aquele que me falava com tanta doçura, sem dúvida experimentara o mesmo abalo que eu, porque, depois de uma breve pausa, continuou:

VI

— "Estás vendo? Tens já uma prova da verdade do que acabas de ouvir. Um pressentimento secreto que é para o espírito dom de profecia te obriga, sem que o saibas, a aceitar o que te digo. A promessa envolta nas minhas palavras te seria incompreensível, irrealizável, desconhecida, se eu a tivesse comunicado a ti quando vivias na Terra. Hoje a compreendes e admites. Parece-te que se possa pensar num bem, impossível de ser realizado?

"Neste instante, eu o estou vendo, começa em tua consciência uma luta tenaz entre a fé religiosa, que herdaste de teus pais, e uma convicção profunda de ser o teu futuro mui diverso do que te prometia a religião de teus maiores.

"Muito ganharás vencendo essa resistência que o teu credo oferece à razão.

"Os fulgores sinistros de uma pena eterna, simbolizada em fogo inextinguível, não te intimidaram, sequer um momento, na tua curta existência, mais de criança que de mulher. O sonho dourado da tua alma religiosa, apesar das preocupações do mundo, era unicamente o Éden para todos os seres, sem exceção alguma, no qual Deus era sempre amor e benevolência.

"Tu mesma, sem o saberes, repelias mentalmente os anacronismos inventados por uma impiedade que fazia crer que o Criador podia amaldiçoar sua própria obra. Teu cândido coração, protestava contra o fato do transviado perder até a esperança. Nenhum temor veio alguma vez perturbar a tua esperança, tão fagueira quão generosa.

"Fizeste muito bem em crer e esperar assim, pois é assim que devem honrar a Deus as almas verdadeiramente grandes e virtuosas. Serás bendita por teres feito justiça ao seu amor!

"Conhecerás em breve o mundo em que tanto sofreste. Verás a Humanidade patentear à tua vista os móveis secretos de suas comoções e de suas dores. Conhecerás a sua história; preverás o seu fim, assistirás ao drama íntimo daqueles almas que, como a tua, passam ilesas, sem que alguém o note, entre as violências de infundada moral, e a barreira mística que as religiões levantam, para que se não veja além.

"Vou responder à pergunta que, desde o começo, o teu pensamento me está dirigindo.

"Ouves-me e não me vês; sentes-me e não me tocas; queres saber quem sou, como e onde está este ser que te conhece...

"Não me é fácil, agora, poder satisfazer teu desejo, e ainda menos fazer-te compreender a minha natureza e a do mundo em que me agito, porque a tua percepção é limitada, e ainda conserva os restos daquela organização, que acredita poder conduzir às últimas extremidades, os mandatos da sua vontade.

"Meu nome pronunciado diante de ti, seria uma voz desconhecida, que não saberias donde vinha, como a onda que, sem saber aonde, ouvimos murmurar.

"Breve me reconhecerás, depois de longa ausência; breve verás quem sou.

"Eu estava a teu lado, e senti o primeiro grito de dor que lançaste ao mundo. Embalei teu berço; ajudei-te a pronunciar as primeiras palavras, reflexo das tuas idéias; acompanhei-te na soledade; assisti ao silencioso martírio do teu coração; fui, muitas vezes, a brisa que vinha da praia acariciar-te a fronte; e muitas outras vezes, a luz que surgia na noite dos teus pensamentos.

"Em resumo: eu sou o teu anjo de guarda, invisível e sem nome, que tua mãe te ensinava a evocar para que protegesse o teu sono.

"Não era em vão que balbuciavas a oração em que me chamavas. Eu acudia e contemplava o teu rosto inocente, como mais tarde contemplei o teu coração cheio de santo amor. Podia magoá-lo a impiedade, nunca a impureza!

"Não era em vão que buscava na meditação um descanso ao teu trabalho, e que a oração era um hábito para ti em tuas horas de recolhimento, porque não é falso o Deus em que acreditavas, nem falsa a moral que te guiava os passos.

"Que a tua alma se alegre, e seja o seu ato principal uma ação de graças, porque chegou ao fim da sua peregrinação no reino dos homens, e pisa os umbrais doutra morada, onde a Verdade brilha mais, e é mais espaçosa a estrada que a ela conduz.

"Por tua inteireza e virtude, por teres sabido suportar, resignada, os sofrimentos de uma existência, que não foi mais que um martírio, vais entrar em esferas que ainda desconheces. E antes que o teu espírito penetre a plenitude do mundo que te espera, acompanhar-te-ei, porque deves saber que aqui também se correm perigos; há inimigos de que fugir, e abismos a evitar.

Na escala dos céus, que conduzem a perfeições maiores, há trevas de erros que anuviam ainda os tempos e espaços a percorrer.

"Encontrarás anjos bons, mas também entes maus, sem outra ocupação que a de atormentar e mentir. Estes te hão de inspirar mais lástima que horror; tu os guiarás à sabe-

doria e ao bem, visto estares muito mais adiantada do que eles.

"Espera, pois, Marieta. Rebusca em tua alma os últimos restos de resignação. Apura a última gota de amargura restante no cálice da tua dor. Por mais alguns momentos, conserva a tua esperança, porque se aproxima o grande dia de paz e de glória para ti..."

VII

Estas últimas palavras daquele ser desconhecido foram-se extinguindo lentamente, como se a voz, pouco a pouco, se lhe apagasse; e a sua última frase já soou no limite do que meus ouvidos podiam alcançar.

Poucos momentos antes o desespero me fizera chorar; depois que esse cântico de consolação me chegou, chorei muito mais, porém minhas lágrimas eram de gratidão.

No mesmo lugar onde se havia obscurecido o meu amor na Terra, recomeçava o entusiasmo pela vida. A atonia da minha alma desapareceu, e presa de uma comoção estranha, levantei-me, saí das ruínas, e aproximei-me do mar.

CAPÍTULO III

NÁPOLES, VISTA POR UMA ALMA, E COMO DEVE SER VISTA POR UM PÁSSARO

I

A Lua crescente acabava de se levantar sobre a cadeia de montanhas que cercam o oriente daquele anfiteatro, onde a própria Natureza alardeia a sua força na cratera do Vesúvio, tanto quanto a formosura nas suas vertentes calcinadas.

O semicírculo de prata do astro notívago tingia de suave luz aquela imensa baía, admiração de todos os povos aventureiros do mundo, que confiaram seu poder marítimo à tranqüilidade de suas águas.

Só permanecia na sombra aquela extensão que também encanta os olhos, e que vai da Torre del-Greco a Castellamare.

Interrompia o silêncio a animação das últimas barcas, que regressavam de Ischia e Prócida, e o canto alegre dos pescadores de Margelina.

Eu, sufocada em lágrimas, presa de comoção estranha, encantada pelo que acabava de ouvir, fixava o olhar nas ondas que vinham despedaçar-se a meus pés, apagando com o frouxo brilho o seu monótono murmúrio.

Depois de me conservar assim por alguns momentos, sem fixar idéias, o pensamento imóvel, segui com os olhos a faixa de reflexos brancos que a Lua traçava na água, até que, tendo-os elevado ao céu, a imensidade, numa atração semelhante à do abismo, fez que o corpo simulado que me sustentava perdesse o equilíbrio.

Caí no solo, mas não experimentei os naturais efeitos do meu peso; a areia daquela praia sustentava-me branda, suavemente.

II

Senti nos ombros uma suavíssima pressão. Pareceu-me que a cabeça me tomava o corpo, e a mesma voz que antes me havia chamado, voltou a dizer-me:

— "Alegra-se tua alma, porque chegou o fim da sua peregrinação no reino da Humanidade, para franquear os umbrais doutra morada onde a Verdade tem mais brilho, e mais largo é o caminho que a ela conduz. Por tua inteireza e virtude, por teres sabido suportar resignada os sofrimentos de uma existência, que não foi para ti mais que um martírio, vais entrar em esferas que ainda não conheces."

Senti, então, a fronte bafejada pelo sopro da Eternidade, que apaga do pensamento a distância dos séculos.

Abriram-se os céus, e a luz dos dias que o tempo havia devorado, baixou sobre mim, trazendo em seus raios todas as coisas e atos, que formam a história das gerações que viveram ali, desde Gaêta a Salerno.

Tudo, ali, vi presente.

O golfo de Nápoles, como se fosse um livro imenso, ia fazendo surgir do seio as páginas cronológicas do seu passado. Cada época se me apresentava com seus costumes e vicissitudes, com suas glórias e sofrimentos.

Cada revolução virava uma folha, aparecendo outra com a sua civilização e a sua decadência.

Uma secreta intuição despertou em mim para poder conhecer tudo o que via. Adivinhava os nomes dos heróis, as invasões, as lutas e o dia de cada acontecimento, nos quadros que se iam desdobrando. Lia naquela crônica viva, como se tudo tivesse sido registado por mim mesma.

III

Vejamos alguns dos fatos que se reproduziram diante de mim, com toda a animação e colorido da vida. O solo de Partênope, onde o paganismo encontrou a sua deusa de loucura, agitou-se elaborando o seu assento com a lava de mil vulcões. Sobre os escombros de seus furores, a Natureza prodigalizou belezas, e, no meio da cinza quente das erupções do seu bojo, arrojou à terra os mais fecundos gérmens da sua riqueza.

Vivo ficou, somente, o cimo do Vesúvio, para que de século em século a Criação por ali exale a calcinada escória do seu titânico trabalho.

Veio o homem buscando, sob esse céu sempre sereno, as voluptuosidades do paraíso e as brisas do mar mais belo do mundo. Ali, vinha encontrar, nos próprios flancos do monstro, os deliciosos pâmpanos, as flores de Sorrento e as laranjas de ouro de Ischia.

Ali, veio uma multidão dessa massa flutuante de povos, que buscavam terras para os filhos; e a Grécia, que criou a mais exata forma da vida, ali, deixou vestígios da sua grandeza.

Ali, vi descansar o Lácio, antes de ele invadir o mundo; vi Spártaco, à frente de todos os escravos, lançar na Campânia o grito de liberdade; vi a coluna de fogo que sepultou Herculano e Pompéia, e Sila escrevendo e embriagando-se.

Passou a sombra de Tibério por Capréia, e a de Alarico com as riquezas do saque de Roma. Vi a figura do vândalo Genserico, chamado pela vingança de Eudóxia; a do

ariano Teodorico com a magistratura de Casiodoro, governando e embelezando com arte a cidade já tão bela, por natureza.

Vi Belisário entrar por um aqueduto e derrotar os godos e os judeus, e depois Totila restabelecer o reino dos ostrogodos.

Vi uma invasão de francos e germanos dizimar-se por seus excessos nas delícias daquele Eliseu. João III, conferenciando com o general Narsés, alma viril em corpo enfermo. Os lombardos, sectários do bárbaro culto de Odim, bebendo pelos crânios de seus inimigos. Vi o bispo Etien, duque de Nápoles; as valentes legiões de África, querendo estender, até ali, o império do *crescente;* os normandos e as eternas lutas de *Guelfos* e *Gibelinos*.

Presenciei a vitória de Carlos de Anjou; e Roger de Lauria vencer, naquela baía, o príncipe de Salerno.

Vi o turbulento reinado de Joana; as guerras de sucessão; e Sforza, promovendo a insurreição, do fundo do seu cárcere.

Vi Fernando II, vítima de uma traição refugiar-se em Ischia, a cidade sublevada, e Carlos VIII triunfante.

Vi Gonçalo de Córdova e as naves de André Dória; o governo dos Vice-reis, e Guise, surpreendendo Castell-Mare. Vi a sombra de Virgílio sair do sepulcro para viver na memória dos homens; ouvi as queixas de Tasso, e presenciei a proclamação de Petrarca.

Que mais? Vi, sempre, o cavalo desenfreado de Partênope, símbolo da liberdade, sujeito pela mão de outros povos.

IV

Quanto mais recentes eram os acontecimentos, ali reproduzidos, mais fraca era a claridade dos dias em que tiveram lugar; de maneira que, o movimento, a agitação e os incêndios da insurreição capitaneada por Massanielo, e iniciada quatorze anos antes, quase se sumiam na sombra.

À noite, a Lua, o mar, Nápoles e seus arredores, retomaram o estado real. Continuava a mesma animação das barcas, e o mesmo canto dos pescadores.

Desapareceu, da minha inteligência, aquela lucidez, e, da minha razão, aquela centelha divina. Fiquei como dantes, submergida nos limites da vida humana, e o cansaço fez-me adormecer. É que, em poucos momentos, cem séculos tinham passado diante de meus olhos.

V

Quando já me parecia que o sono me ofereceria descanso, a mesma voz, sempre dulcíssima, chamou-me a atenção, dizendo:

— Vamos. Será tanta a tua ilusão, que acredites estar fatigada e que vais adormecer? Levanta-te e move-te; pergunta, indaga e busca a vida. A alma não recupera forças na quietação. Dormir é muito útil para a vida material.

Obedecendo aquele ser amado, levantei-me e senti, outra vez, em meus ombros, a mesma suavíssima pressão.

— Que desejas? — perguntou — que queres? Fala, minha querida. Não te condenes à imobilidade e ao silêncio. Diz alguma coisa, pois ainda que eu esteja vendo o teu pensamento, será bom que o exprimas em palavras. Para tua consolação, não basta meditar. Exprime tuas queixas com a voz que ainda julgas poder sair de um peito que supões vivo.

— Ah! — respondi-lhe, com a voz velada pelo pudor com que a alma confessa certas idéias ocultas — vi tudo, mas não vejo Rafael!

— Pobre anjo! Desejas vê-lo? — perguntou — e sabes quanto terás de sofrer para o veres?

— Como? — repliquei — eu que sofri tanto por perdê-lo, não me sujeitaria a maiores sofrimentos para o tornar a encontrar?!...

— Sim. Já o encontraste. Já te não recordas que foi ele o primeiro que viste, ao morreres?

— Mas não lhe toquei as mãos, aquelas mãos que tantas vezes me estendeu suplicantes, e que eu nunca consegui estreitar nas minhas.

— Por algum motivo essas pena te foi imposta. Foi o teu destino; e o destino se mantém inflexível, enquanto não forem reparadas as faltas que o engendraram. Somos nós mesmos os árbitros da nossa sorte, e tu, somente, escolheste essa privação que tanto te mortifica a alma e te fará sofrer, enquanto te perseguir a vida que acabaste de viver, e que ainda não rechaçaste inteiramente para longe de ti. Tua mão estreitará a dele, se o desejares, mas a mão dele estará hirta. Já sabes que ele morreu há bastante tempo.

— Não importa! — disse eu, inclinando a cabeça em sinal de assentimento. — Quero ter dele alguma coisa, do contrário, as tuas promessas de felicidade...

— Cala-te! — interrompeu-me o meu bom Guia — não continues, que ofendes a Providência. Sabes qual será o objeto de tuas fadigas dentro em pouco? Esse amor, por grande que seja, pode desaparecer, como desapareceu a grandeza de tudo o que acabas de ver. Vamos, pois. Para que vejas Rafael, temos que empreender uma viagem. Caminharemos sobre o mar.

VI

Sem que tivesse tido tempo de responder, senti que me arrebatavam, e que a terra como que faltava sob os meus pés.

Com rapidez vertiginosa fui lançada para o alto em direção ao Zênite, e como que cerrei os olhos, dominada pelo medo.

— Nada temas — murmuravam-me aos ouvidos —, não sentes que te conduzo?

Então, confiante, entreguei-me ao Anjo que durante toda a vida me guiara os sonhos.

Após alguns instantes, experimentei uma espécie de choque como de uma parada instantânea.

— Olha — ouvi — e verás tua pátria.

Com efeito, tive uma impressão idêntica à do descerrar das pálpebras, mas a vertigem da imensidade fez que de novo as cerrasse.

VII

Elevada de noite àquela altura, insulada, e sem um lugar de repouso, ou de apoio à minha cabeça, assediada pelo murmúrio da vida que se faz sentir no silêncio, eu havia cerrado os olhos magoados, como se o ilimitado me houvesse ferido a retina com a luz dos seus sóis.

Ao ver-me ali, sem ter onde apoiar as mãos nem fixar os pés, sem outro contato que o do vento, que agitava com força os meus vestidos e, as tranças dos meus cabelos, estendia os braços e movia os pés, buscando com a ansiedade do medo e o instinto do perigo, alguma coisa que me livrasse da violenta queda julgada inevitável.

A ilusão do efeito físico da gravidade, dura ainda por muito tempo após a morte.

— Olha! Olha! — disse-me a voz que sempre acudia pressurosa aos meus temores — Acostuma-te a olhar assim, porque assim vais ficar por muito tempo.

Lentamente, fui entreabrindo as pálpebras; levantei a fronte, inclinei-a para o abismo, e lancei para todos os lados olhares atônitos.

Às vezes, levantava precipitadamente a cabeça, pensando recuperar assim o equilíbrio, que julgava perder a cada instante.

VIII

Vi, através do vapor branqueado pelos raios da meia-lua, de um lado a terra da Itália, dilatando-se, até onde as primeiras derivações dos Apeninos se confundiam com o céu, cuja abóbada se estendia até apoiar do lado oposto, no Mediterrâneo, que vinha banhar as praias do reino das Duas Sicílias.

E como se fosse o remate desse colar azul, que cinge tantas maravilhas encerradas em pequeno recanto do mundo, eu via, lá no fundo, a Vênus de Anadiómenes, a cidade buliçosa, desafiando com as suas cem torres as iras do Vesúvio, e a altura do Posílipo, que a seguram entre as garras.

Apesar da distância, pareceu-me distinguir as enegrecidas moles de pedra muitos edifícios, como S. Felipe Néri, a Catedral, os Comandulenses, S. Domingos, os fortes, o castelo de Santelmo, Castéllo-Nuovo e a Vicária ou palácio dos Vice-reis.

Os povoados de Campânia mostravam-se quais pontos brancos entre os seus afamados vinhedos.

À entrada do Golfo destacavam-se perfeitamente as verdes ilhas de Prócida, Ischia e Cápri, três esmeraldas desprendidas da coroa de louros disputada por tantos povos, que gozaram daquele paraíso.

Depois que esse belo panorama se desenrolou a meus olhos, empreendi a marcha.

Desta vez, porém, a força que me arrastava conduzia-me horizontalmente. Deixei a baía de Nápoles, passei sobre a ilha de Cápri; Salerno ficou à minha esquerda, e entramos no mar Tirreno.

CAPÍTULO IV

O MEDITERRÂNEO E OS FENÔMENOS DA LUZ

I

Pouco a pouco, as brumas da noite iam amontoando no céu densas cortinas, que já ocultavam a débil claridade da Lua.

A obscuridade estendia-se.

A força que me elevava, apoderou-se de todo o meu ser.

Nada do que era invisível para mim, me molestava.

Ligeiramente inclinada, não sei em que apoio imaterial, sentia-me protegida por cuidados que unicamente se podiam comparar aos de mãe solícita.

Às vezes, voltava a cabeça, e a negra sombra da Itália, que se afastava, e uma que outra luz dali desprendida como exalações inflamadas do fundo de um abismo, tornavam mais tétrica a forma do mundo que passava abaixo de mim.

Outras vezes descia, porque era menos vigoroso o esforço que me sustentava na atmosfera; e descia tanto que sentia a impressão do tumulto das ondas e o surdo gemido que elas exalam ao despedaçar-se.

Aquele rumor parecia-me ser o silêncio que, durante o descanso, a eternidade impõe à Natureza.

Salpicavam meus pés as gotas dágua e espuma sacudidas pelo elemento inquieto; o ar úmido, movido pela corrente, gelava meu corpo impalpável, mas ainda acessível às mais penosas sensações da vida.

II

Depois de avançar algum tempo assim, ora subindo, ora descendo, descobri em frente uma grande massa negra. Eram as montanhas da ilha de Sardenha, por cima de cuja banda setentrional passei a grande altura. À direita, distingui o estreito conhecido pelo nome de Bonifácio; e, além, a terra da Córsega.

Deixando tudo isso para trás, entrei de novo no mar.

O Mediterrâneo ocidental apresentou-se-me em toda a sua largura. Segui sempre na mesma direção, a ponto de ainda hoje poder, sem me enganar, traçar a linha que então percorri no espaço. Ia invariavelmente, de este para oeste, na altura do quadragésimo primeiro paralelo.

III

De quando a quando, a voz do meu Guia dirigia-me palavras de animação e consolo, e a solicitude de que me fazia objeto dizia-me o quanto buscava minorar meus sofrimentos.

Durante aquele trajeto somente pronunciou algumas palavras, que me fizeram estremecer.

— Vamos! — disse, quando no horizonte se debuxava o grupo das Baleares — avanças muito na tua marcha. Além dessas ilhas não encontrarás mais terra além da que foi regada pelo sangue de Rafael.

Um estremecimento de dor, e um gemido da alma foram a minha resposta.

Poucos momentos depois, a antiga *Minorca* velozmente passava à minha esquerda.

O céu ia-se limpando e a Lua, e uma que outra estrela apareciam entre as nuvens.

Experimentei certo temor ou ansiedade, semelhante ao peso de um pressentimento funesto.

Cruzei os braços, cerrei os olhos e deixei-me arrastar.

Assim, transpus um longo espaço, sem querer ver coisa alguma, até que murmuraram ao meu ouvido, muito debilmente, como se temessem fazê-lo, a palavra *Espanha*.

Olhei; e, com efeito, entre o nevoeiro em toda a extensão que a cúpula celeste parecia cobrir, dilatava-me uma linha escura. Eram as costas da Catalunha.

Suspirei penosamente, como se me fatigasse aquela esperança que se ia realizar, e cobri o rosto com as mãos. Se nesse momento alguém pudesse ver-me naquela atitude cruzando os ares, acreditaria que a dor tinha tomado uma forma, e corria a ferir algum coração demasiado feliz, para o qual era preciso começar a desventura. Tal era o meu abatimento.

IV

Muito mais longo me pareceu o tempo que decorreu desde que descobri a costa desejada, até que comecei a descer sobre ela, do que aquele que havia empregado a vir de Nápoles até ali.

O mesmo choque que experimentei ao parar sobre o país natal, advertiu-me ser chegado o termo da viagem.

Continuava ainda a cobrir os olhos com as mãos; e com a mesma suavidade com que chega ao solo a folha seca desprendida da árvore, assim toquei a terra com os pés.

Achei-me em grande planície ligeiramente acidentada, onde a vegetação não era tão exuberante qual a que sempre admirara nos vales da Campânia. Mais além, no horizonte e junto dum grande promontório, destacava-se o severo contorno de uma grande povoação.

V

— Terminou a tua expedição — disse o meu invisível mentor — ali tens Barcelona, perto da qual morreu Rafael.

Olhei em volta de mim, e a incurável enfermidade de minha alma, a tristeza, obrigou-me a inclinar a cabeça.

— Insiste em querer vê-lo?

— Sim! — afirmei, como quem cumpre um penoso dever imposto pelo coração.

— "Pois vais presenciar um raro acontecimento. Não estranhes; ele é tão natural como a sombra que criava teu corpo, quando te iluminava a luz do Sol.

"O homem ainda não chegou a conhecer as extraordinárias propriedades da luz, a qual conserva viva, latente em seus raios, a imagem das coisas e objetos que ela fere. Ignora que não há obscuridade, e que a noite só existe para os seus olhos, assim como também ignora que o som se reproduz eternamente no espaço. Aproveitando-te dessas leis da Natureza, agora que estás livre dos sentidos materiais, porque, os que acreditas que te ajudam, são ilusórios; agora que é puramente fantástico o que se ergue entre a tua vista e o real, vais presenciar a luta em que Rafael foi ferido, sem ter a mesma perdido, em sua forma, um só incidente, um só colorido, tal como se deu.

— "Vem! Vem! — disse — a vida vai retroceder nove anos."

Senti que me conduziam a uma pequena colina, a cinqüenta passos dali, e que dominava aqueles arredores.

VI

Apenas cheguei ao cimo, observei que a Lua, que já havia avançado bastante em sua carreira, tinha desaparecido completamente.

O céu mostrava-se densamente encoberto, e a treva escondia já os objetos mais próximos.

Vi surgir na planura uma ou outra luz, aparecendo também algumas na cidade; e pareceu-me perceber esse rumor surdo que se eleva do seio dos ajuntamentos numerosos, mesmo que se conservem em silêncio.

Ouvia o grito das sentinelas, o eco de algumas vozes e o tinir metálico das armas. Todo o ruído confuso de um acampamento, chamava a minha atenção.

— Olha — disseram-me ao ouvido — aí perto está uma grande guarda avançada das tropas do rei Felipe IV, que bloqueiam Barcelona, onde reina Margarit, porque a influência da França domina-a dentro de seus muros. Lá está La Motte Hondencourt, que, à frente dos franceses, tenta romper as linhas do marquês de Mortara, para entrar na cidade e protegê-la. Se a noite fosse mais clara, verias como, aproveitando-se da obscuridade, ele se propõe neste momento a realizar seus propósitos. E verás como o consegue.

Calou-se a voz; fez-se um longo intervalo de silêncio.

VII

Ouvi, então, à minha esquerda, e a grande distância, gritos e o estrondo de armas de fogo. Comecei a ouvir vozes. A ver sombras que se moviam em completa confusão.

O grito: *às armas*! encheu os ares. Vi abalar-se uma escura massa para o sítio onde haviam soado os primeiros tiros, e onde continuavam sem interrupção. Depois, vi caminhar à minha frente outra massa, que produzia obscuridade ainda maior. Senti o relinchar de muitos cavalos, o choque de suas ferraduras, e o estrépito das armas brancas. Observei um movimento semelhante à ondulação do mar, e que se observa quando vemos marchar um troço de cavalaria.

O fogo da mosquetaria recrudescia por trás do pelotão, que avançava para o ponto aonde eu estava, e voltou-se porque o outro, sem dúvida, o do inimigo, vinha sobre ele a

todo galope. Senti, então, o estrondo de um choque terrível. A confusão foi-se estendendo até à cidade.

VIII

— Rafael está ferido — disseram — e para vê-lo vais descer.

Daí a instantes, passava eu por entre grupos de soldados que falavam, comentavam e permaneciam inquietos, apoiados nas suas armas.

Às vezes encontrava algum cadáver; outras, algum vulto que passava.

Um destes aproximou-se de dois outros, que conversavam em voz baixa.

Ouvi clara e distintamente, em castelhano, ainda que eu não o compreendesse bem, apesar de ser muito falado em Nápoles:

— Capitão, o meu alferes está mortalmente ferido, e chama-o.

— Ferido?! Rafael! — exclamou o que devia ser o capitão — e onde está?

— Apareceu desmontado e moribundo, perto da colina próxima; conduziram-no à cabana que se encontra antes da curva do caminho.

— Vamos! — disse o capitão.

E começaram a caminhar adiante de mim. Senti uma dor intensa e segui os dois vultos, que fizeram grande rodeio, perdendo-se atrás dos muros de um edifício.

Companhias de soldados, e alguns ginetes iam e vinham com freqüência.

Sentia-me obrigada a entrar e temia fazê-lo. Minha garganta apertava-se, e o peito arfava com violência.

Olhei, do umbral da porta.

O local era grande, e vários soldados empunhavam archotes.

Alguns grupos rodeavam leitos improvisados, nos quais gemiam, e eram pensados quatro feridos. Não sei por que, aproximei-me da direita.

Um pesar imenso me fez apoiar a cabeça à parede... Vi o rosto lívido de Rafael! Era ele...

O único céu concebido por mim! O ídolo dos meus sonhos! O pensamento que me acompanhava na mesma soledade! Depois de tanto chamar, era assim que vinha encontrá-lo! Ferido mortalmente, ele! que fecundara a vida do meu coração!

No momento em que entrei, falava com dificuldade; cada palavra levava alguma coisa do que lhe restava de vida.

— É inútil... capitão... vou morrer. Satisfareis... religiosamente... o único desejo que me resta?

— Dizei-me, Rafael! — respondeu o capitão, segurando-lhe tristemente uma das mãos.

— Por pouco que se siga... saindo de Nápoles... a estrada de Portici... há à esquerda uma casinha... a primeira que... se encontra... do grupo que ali existe... Nela vive... uma jovem, que se chama... Hermínia. Tomai bem sentido, capitão... Pois bem... fazei que a ela chegue... a notícia... da minha morte... para que o saiba... o anjo que eu julgava... estar no céu... e ainda está... esperando por mim... Que lhe rogo que viva... que viva por amor de Rafael.

Fez esforços para dizer mais, mas não pôde...

Adiantei-me anelante, hirta, sem perder uma só palavra daquele adeus, que, havia nove anos, ressoava em minha alma.

Reinou, por momentos, absoluto silêncio entre aqueles que o rodeavam. De repente, Rafael faz um esforço, tenta erguer-se e cai, exalando o último suspiro.

Um nome, um nome senti que saía de seus lábios. O nome do ser a quem mandava o seu último pensamento.

Sim! O meu! Não pude mais. Venci a força que me não havia deixado aproximar dele. Agarrei-lhe as mãos,

beijei-lhe a fronte e pela primeira vez pude, com o meu rosto, tocar-lhe os lábios e, com as minhas mãos, o coração. Ah! mas que situação!

Será preciso enumerar uma por uma as minhas lágrimas, uma por uma as pulsações da minha dor?

Não. Os que viverem sem esperança, já me hão de ter compreendido. Só tenho que dizer a todos: *Esperai que a vida se acabe.*

LIVRO SEGUNDO

(Ditado de Estrela)

CAPÍTULO I

FALA COMO JÓ UM ESPÍRITO REBELDE

I

Vou abrir o livro da minha história, nas suas páginas mais sombrias.

Passarei por sobre a terra inculta por meu abandono, sentindo-me ferida pelos abrolhos, que o meu extravio semeou.

Entrarei no templo dos meus erros, e na noite da minha existência.

Sofrerei a tempestade de minhas paixões, perante mim mesma, serei a acusada, e, juntamente, o juiz.

Pensando no meu passado, e recolhida no fundo da minha consciência, obrigo-me a fazer esse julgamento, sem pedir mais que a bondade dos que queiram escutar-me.

Oh! dever! Eu quero viver sob a tua lei soberana, e és tu quem me traz aqui. Não quero ser de novo uma dessas tantas almas que, fugindo à tua severidade, caminham sem rumo fixo, isoladas, tristes e enfermas, perseguidas pelo eco suplicante da tua voz, que as está sempre chamando.

Não! Quero ser incorruptível como tu, e portanto, forte como a razão, e invencível como a justiça.

A tua exigência para comigo talvez seja penosa, violenta, rude; mas é a paz, a dignidade e a glória. Que maior poderá ser a aspiração do trabalho, da abnegação ou do sacrifício, por grandes que sejam?

Se, com a narração verdadeira e imparcial que se vai seguir nestas páginas, eu conseguir consolidar a retidão de algum espírito; se puderem ser úteis, e de proveitoso ensinamento estas confidências de um espírito aos homens; se, com elas, eu fizer que uma alma extraviada se detenha para refletir, meu pesar deixará de ser tão grande, as minhas horas de demência de algum modo se tornarão úteis.

II

Antes de penetrar no âmago de alguns acontecimentos da minha vida, que me precederam a morte, é preciso fazer conhecer a natureza de minha alma, qual o ideal que ela abrigava, que esperanças, que sentimentos e preocupações a moviam.

E isso é tanto mais necessário quanto, assim ficará provado como, com os anos — se a parte moral de um ser não fizer oportunamente, enquanto pode dominar os instintos, um esforço que opere salutar reação — mais se lhe radicarão no coração aquelas inclinações que no princípio podem ser filhas de um grande entusiasmo, mas acabarão por ser o germe de males inumeráveis.

Já dezoito anos contava sem que por um momento houvesse meu coração sentido um só doce impulso, sem que passasse por mim essa idade encantadora da donzela, que na primavera da vida sente palpitar no seio a aspiração eterna de um amor infinito e puro. Para meus lábios abrasados de orgulho, eram insípidas as doçuras do Paraíso. Um olhar apaixonado, um ato de submissão, qualquer desses sinais de idolatria com que as almas mutuamente se rendem culto e se adoram, teria sido uma afronta para meu espírito,

que fabricara, para viver, o coração de um vândalo na impassibilidade de uma estátua grega.

Toda a minha meninice foi um pranto e um desespero sem termo, uma luta horrível com a existência. A Natureza, que sempre vence, venceu em mim, apesar do antagonismo da alma com o organismo. Comecei a ser mulher, a sentir a necessidade de todos os afetos. Rendida, porém, pela força, não estava disposta a humilhar-me. A vaidade ocultou cuidadosamente meus sentimentos, quando estes lutavam para se manifestar. Esse choque, essa resistência, esse combate comigo própria, afetaram-me de tal modo que durante muito tempo, qualquer contrariedade, qualquer emoção forte, excitava o meu temperamento, e fazia-me perder os sentidos.

III

Foi nessa época de perigosa crise, que conheci Luiz de Sotomaior, cujo sentimento por mim era de amor verdadeiro; mas que eu traduzia por amor próprio ofendido. Então, conheci também Rafael, que por um desses decretos do destino a que chamam fatalidade, colocou diante de meus olhos o fruto tentador do bem e do mal, a ânfora sagrada que continha o puro amor de Marieta. Seduzida pelo celestial encanto daquela paixão, que os próprios anjos invejariam, tive coragem para lhe antepor os meus desejos. Esgotei o seu delicioso conteúdo, sem temores nem remorsos, sem me deter na consideração de que ia ferir mortalmente uma alma, secando o manancial de venturas no qual desalterava a sua sede de amor. Deixei um pobre coração na mais triste das orfandades, sem a metade necessária e indispensável de si mesmo.

Aquela profanação era uma empresa digna de mim.

Meu espírito se dilataria na posse de um afeto usurpado, meus violentos desejos ficariam satisfeitos, tudo isso sem detrimento do meu orgulho, lisonjeado com os desejos de uma grande vitória.

Nesse ensaio de atrevimento e astúcia, meus instintos despertaram, e, depois de me erguer entre Marieta e Rafael, deixando-lhes apenas a esperança que lhes não podia arrebatar, de unirem seus destinos na Eternidade, começou para mim uma nova vida. Lancei-me ao mundo em busca de um campo vasto, onde minha loucura pudesse operar.

IV

Desde então, minha alma fez-se forte, a ponto de sofrer a adversidade ou gozar de uma ventura, sem manifestar no rosto, se assim me conviesse, alegria ou desgosto. Enérgica até a temeridade, infatigável no atingir meus fins, tenaz contra tudo o que se me opusesse, somente quando ninguém me via, o sorriso me assomava aos lábios depois de vencer, ou a cólera se desencadeava, quando o resultado me era adverso.

Amava as grandezas e o sensacional. O fácil e possível, pareciam-me indignos de atenção. Os romances de cavalaria, leitura a que me dediquei com avidez, atiçavam, cada vez mais, o fogo desse entusiasmo na minha imaginação ardente. Os Amandises e Belianes, e toda aquela turba heróica e fantástica de uma literatura de transição, pareciam-me seres e atos que podiam ser realizados. Esta ação soberba de meus sentimentos sofria, às vezes, uma reação mais soberba ainda. Gozava com a humilhação da grandeza, e o espetáculo que mais me agradaria fora contemplar Babilônia no mesmo dia da sua destruição.

Para mim não existia virtude onde não havia soberba e audácia. As almas humildes e resignadas, eram para mim, débeis e vulgares.

Acreditava na Divindade, porém, sobrepondo-se o meu entusiasmo ao misticismo da época, essa Divindade não estava nos templos, mas no fundo dos mares, na luz do Sol, e no raio da tempestade. Meu sentimento religioso não encontrava esplendores senão em certas formas gentílicas.

Criando o meu Deus à minha semelhança, para mim foi Ele maior no Sinai que no Calvário.

Explicarei adiante como, mais tarde, sob a influência dos anos e dos pesares, se apagou esse idealismo, e me tornei tão apaixonadamente devota, quanto antes havia sido despreocupada.

Meu espírito asfixiava-se na vida e via-se reduzido a mover-se em elementos que lhe não facilitavam as expansões. A condição do sexo constrangia-me a ponto de tornar impraticável o caminho que queria seguir. Ter nascido mulher, era para mim imensa desgraça. Invejava a liberdade do homem, e teria dado minha nobreza e fortuna pela sorte incerta e a vida aventurosa do soldado mais plebeu.

As inclinações dos rapazes por outras mulheres eram motivo para incitar meu louco desejo de lutar. Punha em jogo todas as astúcias e seduções de que podia dispor, para atrair o interesse de um coração e entregá-lo, depois, ao desprezo daquela a quem o havia roubado.

Oh! Quantas lágrimas fiz, assim, derramar! Com os desenganos que provocava feri profundamente algumas almas; e essa minha conduta foi a causa de vários lances sérios de triste e até sangrento desenlace. E não via que ia criando em volta de mim o insulamento e o vácuo!

Como não acreditava que existisse alguém com merecimento bastante para ser digno dos meus afetos, procurava desterrar do coração toda a simpatia formal e legítima; mas, entregá-lo-ia ao último dos meus criados, se para ganhá-lo, ele antes tivesse conquistado um reino. Tal era o vão ideal dos meus anelos! Quantas vezes invejava o destino de Helena, provocando a destruição de Tróia.

V

Deverei demorar-me a narrar todas as minhas loucuras? Para quê? Evitemos o mais possível qualquer sombra inútil no quadro que apresentamos. Nada mais de mim se deve exigir, além do que preste à principal personagem

desta história a parte da minha, que formará o fundo escuro da sua.

Não conhecia Marieta. Apenas seu nome me havia chegado aos ouvidos, qual eco de uma delicada harmonia; mas conheci o seu amor; e minha alma, que era daquelas que pairam com as suas asas negras, como a águia, para fazer presa nos sentimentos alheios, quis possuir esse amor para devorá-lo, e gozar da sua tranqüilidade e encanto, pleno de mistérios.

Um espírito enfermo e de sagaz entendimento, apresenta contrastes difíceis de explicar. Eu chegara a compreender o que valia Marieta, pelo que Rafael me havia dito dela; e quanto mais conhecia o seu valor, mais a admirava; e quanto mais a admirava, mais a aborrecia. Meu ódio procurava-lhe pontos vulneráveis, nos quais pudesse cevar meu desprezo; no delírio, porém, do ciúme, via-a mais encantadora, melhor e mais amada que nunca. Então, imaginava tê-la perto de mim, e com mão convulsa partir num golpe seguro o seu coração.

Este inferno ardeu no meu peito três anos, desde que Rafael me fugiu, até à notícia da sua morte. Três anos, durante os quais lhe fiz seguir os passos, na prisão e no exército. Ele o sabia, mas conservava a idéia de voltar breve. Se ele conseguisse iludir-me, eu sabia o que tinha a fazer. Revolveria o mundo, e eles não se livrariam do meu punhal.

VI

E, apesar disso, amava-o eu? Não! Só amava a mim própria, em Rafael. O que eu queria era apossar-me do sentimento, que dava felicidade a uma outra mulher. Nada mais. Conheci-o, quando aqueles que, movidos pelo meu ouro, vigiando todas as suas ações, fizeram chegar até mim a palavra — *Morreu!*

Depois de chorar, respirei: Havia-me libertado de um trabalho bastante penoso.

Eis aqui, como se pode fazer um retrato fiel da minha alma. Procurarei, pois, ser sincera, quando tiver de me acusar. Será rude a franqueza da minha humilde confissão. Direi como Jó, quando se lamentava: *"Minha alma tem horror à minha vida. Meu raciocínio se levantará contra mim, e de minha alma falarei com amargura."*

Pensem que posso falar assim, os que acreditam que, tarde ou cedo, se redimem todos os maus. Somente os maus podem de tal duvidar.

É tal a minha fé na supremacia do bem, que creio que Sodoma, a cidade ímpia que dorme na História o sono de sua iniqüidade e corrupção, renascerá da sua hediondez no mesmo lugar onde foi maldita, para ser a cidade do trabalho e da virtude.

CAPÍTULO II

COMO, DORMINDO, SE PODE IR LONGE

I

Quem já me conheça, pelo que está escrito nas *Páginas de Duas Existências,* habitando a minha casa da cidade de Granada, fixe a atenção no mesmo sítio e na mesma noite daquele dia (um dos últimos de abril de 1661), que Marieta descreveu com a legenda de — *O primeiro dia de um morto.*

Com os braços apoiados à mesa coberta de pano carmesim, a cabeça entre as mãos, e sentada em grande cadeira gótica de espaldar de madeira, lia, à vacilante luz de duas velas, os *Emblemas morais de João de Horozco,* livro curioso com que me havia presenteado, em sinal de grande amizade, um cônego da catedral de Granada.

Minha imaginação, que para pintar ao vivo não tinha rival, extasiava-se com as insígnias que os gentios atribuíram aos falsos deuses.

Afigurava-se-me ver Marte com a sua forte armadura que despedia fogo, trazendo no capacete vivas chamas em vez de coloridas plumas; Júpiter, presidindo ao Olimpo, e empunhando o raio; Plutão com a chave que encerra, em profundas cavernas, donde jamais poderão sair as almas dos maus, e que guarda também, nas entranhas da terra tesouros, cuja aquisição faz crescer tanto o número dos perversos.

Netuno presidindo, do seu carro ao amargo e inquieto elemento dos mares, à doce tranqüilidade dos rios, e à imobilidade dos tanques e lagos, simbolizados na tríplice e acerada ponta de seu cetro.

E assim, lendo e criando as imagens de outros muitos deuses, à medida que o livro me indicava suas insígnias, veio o dos sonos tocar-me com as suas, obrigando-me, por mais de uma vez e mau grado meu, a inclinar a cabeça e cerrar os olhos, que, reabertos e fixados no livro, tornavam a cair ao soporífero influxo de tão poderosa mão.

Afinal, declarando-me vencida, rendi-me ao deus sonolento, e quis entrar de todo no seu império, onde se reparam as forças, onde se aliviam as penas, umas perdidas e outras frutíferas, com as lutas de cada dia.

Cedendo ao sono, abri a boca e fechei o livro; atei com cuidado as cintas do pergaminho; ergui-me preguiçosamente, aproximei-me da porta, levantei a cortina e chamei até que consegui despertar a criada de quarto — Dorotéia — que dormia tranqüilamente na antecâmera, sob a proteção da mortiça luz de uma lâmpada balouçante do teto.

II

Poucos momentos depois, repousava sossegadamente em macio leito.

De mim se foi apoderando esse inigualável estado de bem-estar, doce languidez dos sentidos, de que a alma se aproveita para se ir lentamente desprendendo dos órgãos da vida, que a põem em relação, e a sujeitam às leis da matéria; momentos de transição, de embriaguez, nos quais, se não vê, nem ouve, nem sente; basta, contudo, o menor abalo, o mais insignificante ruído, para que se reate e estreite apressadamente o laço que sigilosamente começava a desfazer-se; momentos de quietação e silêncio, em que até o pensamento suspende os trabalhos do seu laboratório de idéias, para proteger aquela fuga misteriosa do espírito.

As pálpebras caem, a cabeça inclina-se, o rosto empalidece, os braços buscam o equilíbrio daquela inação. A boca entreabre-se, não para a emissão de palavras, nem para receber alimento, mas para uma aspiração mais forte, mais cheia, mais completa de ar, que mantenha sem interrupção o movimento da vida, que não deve cessar nem decair um instante. A alma fica como que suspensa sobre aquela existência, sem outros sinais além da pulsação, sem a abandonar um momento, a fim de recuperar a ação orgânica, quando as forças se tornam necessárias.

Cheguei a dormir, mas meu sono começou por não ser profundo nem tranqüilo. Não era um sono que, dando completamente o repouso, deixa mais liberdade ao espírito para contemplar os objetos e os acontecimentos, dos quais ao despertar não pôde encontrar recordações, porque são acontecimentos e objetos que só viu e tocou dormindo.

Sonhava com coisas e feitos, horas e lugares, desconexos, sem ligação. Mudava de lugar sem o tempo necessário para percorrer as distâncias. A luz era incerta; tão depressa o dia se transformava em noite, como a noite em dia. Ia e vinha, de uma cena a outra, ora aturdida por um grito, ora amedrontada pelo silêncio. Meu sonho era modificado pelo sofrimento orgânico, pela opressão do coração e pela preocupação da morte.

Sonho sem cor, sem formas e de ação inverossímil por falta de unidade, misto confuso de fatos verdadeiros e outros inconcebíveis e monstruosos.

Já a noite ia adiantada, vinha próximo o novo dia, e num daqueles momentos de angústia que tanto me atormentavam, senti-me repentinamente acometida de um medo, de um terror incompreensível, cuja causa eu mesma não sabia explicar.

Achava-me no meio de um campo, era noite, e corria sem saber por que, fugindo de um perigo desconhecido.

Detive-me um instante para tomar alento. A lua crescente, cor de sangue, brilhava no firmamento, prestando a

todos os objetos essa tintura sinistra do resplendor de um incêndio altas horas da noite. Uma que outra estrela, cujas cintilações eram também vermelhas, brilhavam num e noutro ponto do céu.

Senti passos, que, cada vez, se aproximavam mais.

Não me equivocara; não era vão o meu temor. Lancei-me a correr, sem destino, à procura de alguma sombra que me ocultasse.

III

Caminhei, caminhei sempre fugindo, sem me atrever a voltar o rosto, receosa de que mão invisível, apoiando-se no meu ombro, me detivesse os passos.

E caminhava, caminhava, fugindo, impelida por uma vontade supeiror à minha; a meu lado, com rapidez vertiginosa e em sentido contrário, árvores e edifícios, povos e montanhas, iam passando...

O rumor daqueles passos que sempre me seguiam, confundia-se, por vezes, com o tanger longínquo e lúgubre de algum sino, com o prolongado uivo de algum cão, com murmúrio constante de alguma corrente e com triste sibilar do vento entre as ramagens.

Caminhava, e caminhava fugindo, qual o judeu da lenda, sem parar, sem descansar um momento, medindo, a passo vacilante, dilatadas distâncias, com a respiração fatigada das brisas contrárias, com receoso olhar às sombras passageiras, que corriam comigo qual o fantasma que me perseguia, ao passo que algumas permaneciam imóveis e erguidas até o céu, e outras, deitadas, entre velhos e carcomidos troncos, às margens do caminho, me pareciam levantar as cabeças irritadas por me ter atrevido a interromperlhes o silêncio.

Ora corria por uma planície, escalava um monte, descia a um vale; ora pisava a areia do caminho já trilhado, a escabrosidade de um terreno intransitável, a vertente quase perpendicular da montanha só roçada pelas asas do corvo,

ou então o pó ensopado de um terreno pantanoso, ou a relva úmida dos prados.

E para que não duvidasse um instante, para que nem sequer me detivesse a refletir, encontrava sempre, como se invisível magia me protegesse, uma ponte sobre o rio caudaloso para poder transpô-lo, uma passagem para firmar o pé no meio da corrente, um ramo onde segurar-me para subir, ou uma árvore ou muro em que me apoiasse para descer.

Condenada a correr, lançada desse modo ao espaço por uma vontade que subjugava a minha, como o frio ferro do martelo dobra, para lhe dar nova forma, o rubro ferro, caminhava e caminhava sempre, em linha reta, afrontando todos os perigos, vencendo todos os obstáculos, tocando todas as sinuosidades do terreno, qual se me arrastasse como a tartaruga, e chegando a todas as alturas, qual se voasse como a águia.

IV

Não sei como, do mesmo modo por que nos sonhos se muda de lugar e se varia de situação, do mesmo modo violento por que se transforma o aspecto das coisas, e se desvia a lógica dos fatos, a Lua desapareceu e o céu até então limpo, se cobriu de nuvens densas.

Terrível obscuridade, e silêncio terrível seguiram o reflexo de sangue da Lua, e os ruídos misteriosos da noite.

Meu corpo tremia como tremiam meus pensamentos, ao sentir o frio de um pressentimento triste; como tremem, no meio do deserto, a musculatura forte e o sagaz instinto das feras ao pressentir a dupla tempestade do céu abrasador e do solo movediço em que vivem: espantoso simum que arrasta com igual velocidade as nuvens de vapor e as montanhas de areia.

Continuei caminhando assim; o ar frio que me açoitava o rosto, gelava-me o suor da fronte; e o medo gelava-me a alma. Sentia, ainda bem pronunciados, aqueles passos

que impeliam os meus, com a precisão da mecânica desconhecida, que imprime um movimento orgânico mesmo quando se lhe oponha a vontade do repouso.

Caminhava de cabeça inclinada, olhos cerrados, e, de repente, na obscuridade e no silêncio, ouvi um estrondo, a distância, entre as sombras, que me arrancou do peito um *ai!* profundo e prolongado.

Seguiram-se fortes pulsações do coração, e senti nas faces uma impressão mais gelada que a do vento, o frio de uma palidez mortal.

Levantei a fronte, abri os olhos buscando a causa daquele inesperado rumor, e vi que as névoas se rasgavam ao vivo e rápido cintilar de milhares de mosquetes, indistintamente.

Segui; continuei caminhando apesar do medo e do frio, sentido sempre cada vez mais próximos aqueles passos que seguiam os meus, como a nuvem segue outra nuvem, impelindo-os como a onda impele outra onda.

Depois de repetidas detonações, que me foram afastando, e, afinal, se extinguiram ao longe, como últimos roncos de trovão, reinou o imponente silêncio das noites, mais imponente ainda, quando sucede aos grandes abalos da Natureza.

Depressa, porém, começaram a chegar, trazidos pelo vento, esses murmúrios que resultam de muitas vozes humanas, essas queixas que se exalam do ponto onde reinam a dor e o espanto, e esses ruídos metálicos que indicam movimento de gente armada.

Senti, então, mais próximo que nunca, o rumor dos passos do fantasma que me seguia; continuei a correr, sem ousar voltar o rosto; receava que mão invisível, apoiando-se no meu ombro, me detivesse os passos.

Começaram a passar ao meu lado longas filas de figuras humanas, e a desfilar à minha frente massas ou pelotões de homens a pé e a cavalo, ora com a sincronia de um passo uniforme, ora com a irregularidade e o desalento de uma fuga ou surpresa.

Impelida, qual o cadáver arrojado à praia pelo mar, encaminhei meus passos para uma construção de teto baixo, sem outra abertura além de pequena porta, que dava acesso ao interior.

V

Ali, por entre sombras impenetráveis, sem saber onde estava nem como ali havia chegado, julguei-me por um momento segura e livre da perseguição que sofria, e me assediava como um remorso.

Ouvi vozes; chegou até mim o clarão de alguns archotes, que por fim iluminaram aquele sítio. Entraram grupos de soldados conduzindo alguns feridos, que foram colocando da melhor forma.

A fatigada respiração de um deles, o último, que foi colocado perto do lugar em que eu estava, parecia-me sair do meu próprio peito, como um gemido fúnebre e prolongado, partido do íntimo da minha consciência.

Rodeado por seus companheiros de armas, eu não o via; mas pareceu-me que conhecia aquela respiração; que já tinha ouvido aquelas queixas, que aquele sofrimento era de alguém que me tocava de perto, e me pertencia.

Aproximei-me e olhei, aproveitando um momento em que o grupo se afastou para dar passagem a dois homens, que acabavam de chegar.

Cheia de terror e espanto, tapei os olhos com as mãos.

Acabava de ver Rafael com o peito ensangüentado, o rosto lívido e nas ânsias da morte.

Busquei, estonteada, a porta para fugir, mas nesse instante apareceram duas figuras, duas mulheres que me detiveram.

Uma delas — de semblante angelical, em que se estampava a dor, olhar que parecia perder-se num infinito de melancolia, e os cabelos louros caídos em desordem pelos ombros, dos quais lhe desciam até os pés, com o mesmo abandono, os panos do seu vestido negro — apoiava-se,

como se não tivesse consciência de que era conduzida, ao braço nu da outra, que parecia protegê-la.

O rosto desta era formoso, mas acentuado e varonil.

Ela permanecia impassível, quando a sua protegida desfalecia.

Sua estatura elevada sobressaía ainda pela altivez da cabeça. Trajava uma túnica branca, agaloada de ouro, sobre um vestido também branco, com cinto de metal.

Era uma dessas figuras, uma dessas mulheres cujo tipo Roma tem dado à estatuária para simbolizar a grandeza de uma idéia ou a severidade de uma virtude.

Quando, poucos momentos depois, ouvi algumas palavras de Rafael, e vi a jovem de cabelos louros desprender-se dos braços que a sustentavam, e lançar-se sobre o que já era um cadáver, senti um choque espantoso no peito, e os ciúmes adormecidos nele despertaram com todo o seu antigo furor.

Num momento, compreendi tudo, e quis também lançar-me sobre Rafael; mas a mulher de aspecto severo, voltando-se para mim com o rosto irado, e estendendo o braço para deter-me, bradou:

— Para trás! Ainda depois da morte não deixas repousar tuas vítimas?! Tentas, ainda, interpor-te às suas sombras?!...

Recuei, cheia de terror, subjugada por aquela energia, e, não podendo suportar a indignação do seu olhar, dei um grito de raiva e desespero e...

Despertei, no leito! Era já dia. Tudo tinha sido um sonho...

CAPÍTULO III

ALMAS ENTRE FUMO E CINZAS

I

Deixemos decorrer onze anos; onze anos que devem passar ocultos no silêncio do esquecimento.

Toda história tem abismos no seu desenvolvimento, sobre os quais o narrador passa sem se deter e segue, ora por ser a crônica muda, infiel ou obscura, ora porque a descida a certas profundezas do coração humano produz vertigens, que incitam as almas ao suicídio.

Deixemos decorrer onze anos, como quem deixa em branco o espaço para um parênteses; mal dissimulado pudor, que deixa transparecer o que parece ocultar-se; onze anos, que mediaram, da noite daquele dia dos últimos de abril de 1661, a outro também dos últimos do mês de maio de 1672.

Assim como a fábula é o sonho dos séculos, o sonho é a fábula de um dia; passaremos, sem parar, do sonho de uma noite aos sucessos de um dia, onze anos depois; e desprezando a obscuridade dos tempos, passaremos, como o historiador, da confusão da fábula aos acontecimentos claros e comprovados da História.

II

Era o dia em que a Igreja celebrava a festa do glorioso rei D. Fernando, o *Santo*.

Já havia muito que as ruas e praças da cidade de Granada não se viam transitadas por tanta gente, nem multidão de paróquias tão concorridas de fiéis, nem as suas casas e palácios tão cheios de hóspedes.

Por todos os âmbitos da antiga corte *islâmica*, tudo era ruído e movimento; tudo agitação e pressa. Por toda parte se manifestava o luxo, se ostentavam galas, se rivalizava em gostos.

De muitas léguas em redor, a população se havia aglomerado no recinto da cidade, a ponto de ficar quase deserta toda a encosta, e a dilatada veiga.

Já desde a véspera que o barulho dos sinos das igrejas e conventos, e da torre da Vela, tanto quanto o surdo troar da artilharia da Alhambra, haviam anunciado o extraordinário da festa, para a qual, com muitos dias de antecedência, haviam sido feitos convites em éditos e pregões.

Ninguém, porém, acreditava que tanto empenho e concorrência tinham por objeto relembrar as façanhas do muito valoroso rei e santo daquele dia; nem patentear suas virtudes para exemplo dos poderosos do mundo.

Se haviam invocado o seu nome e escolhido o seu dia para celebrar aquela festa, nesse regozijo quem menos tomou parte, lá do céu, foi o conquistador de Sevilha.

Oxalá que, em vez do motivo que ali aglomerava tanta gente, fosse verdade que, levantado o trono dos vinte reis na cidade muslímica, tivesse o Profeta restabelecido o paraíso nos campos, onde habitara por tanto tempo!

Oxalá que em vez do espetáculo que ia representar na Praça de Bib-Rambla, fosse verdade que se preparavam nela jogos de anéis e prendas, e que, depois de zambras no Generalife, vinham da Casa Vermelha tomar parte neles os abecerragens e zegris, aben-hudes, aben-humeias e almorades, cobertos de finas cotas e ricos mantos de brocado,

onde brilhavam meias-luas de prata, e que, montando magníficos corcéis, ostentavam garridamente suas plumas e divisas, umas verdes e escarlates, outras azuis e brancas.

Seria melhor que o sol daquele dia, em vez de alumiar tão tristes feitos, guiasse pelo caminho do Rei Menino os descendentes daqueles que ainda choram a perdida pátria, e que, subindo as margens frondosas do Genil, foram pelo campo de Ababul plantar em Torres-Vermelhas o pendão de Aben-Alhamar, bradando a todos os ventos: *Só Deus é vencedor!*

III

Mas, não! Tratavam-se, somente, de dar cumprimento a algumas sentenças do Tribunal da Inquisição, que, para extirpação das heresias, esplendor da Igreja e exaltação da Santa Fé, tinham sido pronunciadas em nome de Jesus-Cristo contra alguns infelizes que, ou já se haviam tornado suspeitos de entreter relações mais ou menos implícitas com o diabo, ou tinham sido incitados pela perversidade deste a pensar, dizer ou praticar qualquer coisa contra o que pensa, diz ou pratica a religião Católica, Apostólica, Romana.

Era um daqueles solenes *autos-de-fé* que, de quando em quando, se faziam necessários para arraigar, de mais em mais, a crença nas almas, e purificar com a chama das fogueiras a atmosfera pestilenta de maus pensamentos, que por suas portas o inferno constantemente arroja ao mundo; um daqueles solenes *autos-de-fé,* tão edificantes, tão úteis para cauterizar o cancro roedor da dúvida, e que tanto regozijavam as almas piedosas pelo aparato solene com que se buscava tolher os vôos audaciosos do pensamento, que em seu desenvolvimento, como erva daninha, se levantavam ufanos, pretendendo rivalizar em louçanias e frondosidade com a enraizada e vultosa árvore da Igreja; um daqueles *autos-de-fé* públicos, para maior glória de Deus, e para convencer e demonstrar clara e visivelmente, com meios bastantes eficazes,

como se deve manter a *verdade,* e que ia ser levado a efeito com geral satisfação dos fiéis...

E essa satisfação era tanto mais legítima, quanto encontrava natural recompensa nas graças, e no seu número de indulgências que os pontífices haviam oferecido a todos os cristãos, que devotamente se prestassem a acompanhar e desempenhar um papel em tão solene e alevantado ato. Sim. Convocada a cristandade para um *auto-de-fé,* ia celebrar-se a morte do condenado, como então se praticava, com esplendor e luxo, queimando-o *em nome de Deus, diante de Deus e pedindo a Deus por ele...*

Era preciso destruir, amordaçar o poder das consciências inclinadas à rebeldia, e que se atreviam a duvidar do poder da Igreja; era preciso limitar o poder do pensamento, sempre inclinado a trabalhar fora da Igreja; era preciso selar com ferro em brasa aqueles lábios sempre dispostos a dizer mais do que diz a Igreja.

E ninguém se atrevia a protestar, nem no mais alto da idéia, nem no mais alevantado da inteligência, nem no mais sagrado do sentimento.

Ninguém se atrevia a protestar, nem na obscuridade, nem no retiro, nem no silêncio; porque aquele protesto podia ser surpreendido no raio de um olhar, num gesto do rosto, na respiração de um peito, na pegada dos passos, por aquele poder, que, como continha uma testemunha em cada consciência, e um ouvido à escuta em cada segredo, percebia o *ruído* dos pensamentos e o *rumor* das idéias, que ele logo processava na sombra, e executava à luz, com o verdugo de um lado para matar, a fogueira de outro para extinguir, e a cruz ao alto para se poder declarar irresponsável por seu julgamento.

E ninguém podia escapar à ação daquela sentença sancionada pelas multidões, que aplaudiam com mais medo que piedade, com mais terror que entusiasmo. Ninguém podia escapar, nem mesmo o fugitivo, porque o fogo devorava a sua imagem, porque o executor feria a sua estátua; e a maldição corria mais que ele, alcançava-o na fuga, e

penetrava-lhe o corpo com o pão, mesmo quando lhe levasse à boca a mão da caridade; infeccionava-lhe o sangue e mordia-lhe as entranhas.

Ninguém podia escapar, nem mesmo os próprios mortos, porque se desenterrava o ímpio, fazia-se comparecer o cadáver, invocava-se-lhe a alma, pronunciava-se a sentença para que a ouvisse lá dos abismos; trituravam-lhes os ossos e lançavam à fogueira, para que não restasse a mínima parcela de seus membros, que tinham sido movidos pelo *sentimento de heresia*.

IV

Na praça de Bib-Rambla, em frente da Alcaçaria, estava construído imenso tablado ricamente atapetado, ao centro do qual se erguia um altar, para onde havia sido conduzida a Cruz, símbolo da redenção humana, e do alto da qual, havia dezessete séculos que, no meio de um grande infortúnio, tinha sido dado o exemplo maior de tolerância que o mundo já conheceu.

Nas margens do rio Beiro, amontoavam-se no *queimadouro* os materiais para a fogueira, cuja chama, ao levantar-se, levantava, também, consigo, a idéia que se queria destruir.

Se o fogo se propaga sem que se gaste a pequena faísca que o alimentou; se a luz se vai reproduzindo sempre, ainda que se apague a centelha que lhe deu origem; as idéias são fogo e luz, que do mesmo modo se multiplicam e estendem, mesmo quando se reduza a pó a fronte na qual brilhavam pela primeira vez.

No meio da cinza quente da vítima, o espírito permanecia intacto, com o seu pensamento abrasado, mais herético que nunca, mais ativo e mais livre para o proclamar bem alto, e propagá-lo mais longe.

Entretanto, o fumo negro, redemoinhando ao redor da pira, sufocava nas gargantas a horrível maldição dos roupetas, ainda mais horrível pela impiedade com que era lançada, no meio de uma oração pela alma do condenado.

Nunca, como depois de um daqueles sangrentos sacrifícios, era mais visível a comunicação das almas.

Nunca, como depois de um martírio, é mais fácil a propagação das idéias. Um gênio insensível ia, de consciência em consciência, derramando aqueles pensamentos que se haviam erguido aos ares com o último suspiro exalado nos patíbulos, com as últimas fagulhas dos *queimadouros* de heresias, que os ventos espalhavam pelo solo.

Eles iam aparecendo aqui, ali, sem se saber quem os levava; apareciam a um tempo em pontos distintos, sem se saber donde vinham; e, pouco a pouco, criavam uma atmosfera que, afinal, todos respiravam, até chegar a ação em que patenteavam aos olhos da humanidade, entre perseguições e lutas, convulsões e dores, a verdade que um só havia proclamado, quando todos se obstinavam no erro.

Ah! Os mártires continuam no espaço, depois da *morte*, a obra que começaram na Terra.

Entregam aos ecos a palavra sufocada pela tirania, para que jamais se perca; e os ecos vão-se reproduzindo de geração em geração, alentando nos cérebros essa contínua insurreição das idéias contra a obscuridade; e não se elevam a mais altas esferas, nem abandonam o campo da sua contínua luta, até que a Razão acenda o seu facho, e a Verdade teça a sua coroa.

A quem evoca o homem, quando levanta altares nos templos, monumentos sobre os sepulcros e estátuas nas praças públicas?

Quem tem ele sempre na memória, quando pendura, nas paredes do seu lar, imagens, em quadros de ouro, senão os mártires de um princípio que pode salvar a Humanidade?

A imortalidade é tão real onde parece que se morre, que o trabalho e o entusiasmo dos mortos se refletem no olhar dos vivos.

É que o Espírito dos que morreram, habita entre as almas dos que vegetam na Terra.

V

Prossigamos:

Aquele dia, no qual, por tão triste motivo, um povo se vestiu de gala; aquele dia, no qual a satisfação dos semblantes mal disfarçava o terror das consciências, foi também triste, muito triste para mim.

Havia tempo que, retirada da sociedade, longe de todo bulício, vivia complacentemente só.

Não desejo, nem vem ao caso, explicar a causa. Para isso, teria que remover histórias, e assinalar nomes que, se são parte principal da minha vida íntima, nada tem que ver com o propósito destas páginas.

Nada mais se pode exigir de mim do que prestar à principal personagem desta história a parte da minha vida, que deve formar o fundo escuro da sua; como já afirmei.

Além disso, seria manifesta profanação entregar à publicidade fatos que não me pertencem exclusivamente.

O retiro e a soledade, que tanto influem sobre as almas, a ponto de modificar os costumes, dar nascimento a outros gostos e desejos, e, mesmo, apagar as mais profundas convicções; a soledade e o retiro, sem que disso me apercebesse, tinham em mim operado uma reação estranha, dadas as inclinações habituais do meu espírito.

Como toda a mulher do mundo, que gastou o coração, fortuna e mocidade em vaidades e loucuras, ao ver-me só, farta de uma existência inútil, sem gratas recordações, nem doces afetos para encher o vazio que criara em torno de mim, para entreter o tempo que já não me permitia amar, entreguei-me completamente à prática dessa devoção tardia, com que se pretende salvar a alma depois de a haver perdido, e ganhar o céu depois de o haver desprezado.

Caí no abatimento místico, que mina as existências que começam a temer a morte, quando a vida se vai estiolando.

Na falta dos gozos proporcionados pelas ocupações legítimas, vêm as preocupações mortificar o coração.

Enfermidade horrível! Tremer ante o sepulcro, situado no fim de um caminho desviado do real. O medo entre dois abismos.

Jamais pudera acreditar que por afogar uma recordação ou matar um remorso, tivesse de me refugiar religiosa e furtivamente nos templos, buscando esperanças, onde nunca a minha fé havia encontrado meios de se alimentar e crescer.

Como, porém, é tão freqüente essa evolução das almas na sociedade, onde não resplandece a sabedoria; onde toda a vida só se move dentro do poderoso organismo de uma religião que, depois de se apoderar de todos os corações com a sua moral subida, se apodera das consciências com as suas ameaças, das vontades com as suas promessas, dos mortos assinalando-lhes o percurso das idéias desde o eu até Deus; e dos sentimentos desde o êxtase de um lirismo infinito até os horrores de uma dor espantosa e terna; que, depois de se apoderar de todas as ações humanas se apodera das artes, das cidades, das vilas, do despovoado, dos segredos, das riquezas, e até do espaço, tocando as nuvens com a cruz de suas torres; como é tão freqüente e tão natural essa transfiguração das almas, principalmente naquele século, em que a religião as envolvia em círculos de ferro, em círculos de fogo e em círculos de maldições, de modo tal que só escapavam os espíritos fortes que se levantam até os céus em busca da religião e do Espírito; não se deve estranhar, que me deixasse arrastar, apesar da inteireza do meu caráter, pelos sentimentos dominantes naquela época.

Aquilo que a todas as horas penetra pelos sentidos, o que constantemente se faz respirar no ar, o que em toda

parte sai ao nosso encontro, não se pode evitar que cedo ou tarde seja parte da nossa vida.

VI

Como todas as minhas paixões eram tão violentas que se tornavam tempestades, assim a minha paixão religiosa se transformou em fanatismo.

Aquele contínuo viver na sombra dos templos, tornou-me algum tanto tímida, e eu que sempre encarara o Sol de frente, como as águias, apenas ousava levantar os olhos do chão.

No exterior, se o posso dizer, a minha nova alma ia-se refletindo, porque a alma depois que forma o seu corpo, levanta-o ou dobra segundo se eleva ou se inclina.

Os acontecimentos do dia acima referido, contudo, não podiam produzir em minha alma aquela satisfação geralmente mais hipócrita que natural, e que parecia manter a tranqüilidade em todos os semblantes.

Ao contrário, as execuções que se iam realizar desenhavam-se em minha imaginação vivamente reproduzidas, e eu via tudo enlutado e envolto em fumo e cinzas.

Uma repugnância instintiva do coração, produzia em mim um mal-estar, de que me não podia libertar.

Tristemente preocupada, com o ânimo enfermo, a mente debilitada e excitada por horríveis pensamentos, saí cedo da minha casa situada no alto do Albaicin.

Depois de ter ouvido missa na colegiada do Salvador, e de ter passado por Alcazaba, detendo-me alguns momentos em Santa Isabel, dirigi-me à Catedral.

Cruzei-lhe as amplas naves, sem, como dantes, levantar os olhos em busca de alguma coisa que ignorava, e que não era mais que o infinito, estendido de coluna a coluna e de abóbada a abóbada, entre as folhagens de pedra que enfeitam aquela produção da ordem greco-romana.

Naquela revelação da arte, procurava outra revelação superior da alma.

Cansado o corpo, e fatigado o espírito, deixei-me cair de joelhos na capela-mor.

Algumas pessoas andavam pelo templo e muitas oravam em silêncio diante dos altares.

Eu seguia a terrível preocupação da minha mente. Daí a pouco, o reflexo vermelho dos vidros de cores parecia-me sangue; a impassível atitude das imagens figurava-se-me irada; e o silêncio que ali reinava, interrompido apenas pelo som de alguns passos cautelosos ou pelo murmúrio de alguma oração, parecia-me o silêncio imponente de um túmulo.

Para afugentar tão lúgubres impressões comecei a orar também.

A vista obscureceu-se-me, e um mundo de fantasmas me passou pela mente, fatais como o meu destino, tristes como a minha situação.

Senti uns passos, cuja lentidão me chegava aos ouvidos, compassada pelo ruído de esporas.

Olhei, e ao mesmo tempo passou ao meu lado um homem, que parou diante de mim.

Um abatimento horrível me desceu da cabeça ao coração.

A figura de Rafael estava diante de mim. Seu olhar, sua atitude, aquele sorriso terno dos seus lábios, ainda mesmo no meio das maiores amarguras, comunicavam a meus olhos a recordação dolorosa da minha consciência.

A mão esquerda, caída, conservava o chapéu cuja pluma quase tocava o chão; e a direita, oprimindo o peito, indicava conter a dor da ferida mortal ou da ferida que eu lhe fizera na alma.

Era ele! Não havia dúvida. Eu o via! A tortura do meu coração devia então ser suficiente para me remir de toda a dor que havia derramado naquela desditosa existência.

Esmagada ao peso do remorso, deixei pender a cabeça, que senti esvaída pelo delírio; e, quando consegui voltar a mim, aquele ser ou fantasma havia desaparecido.

Pesarosamente regressei a casa, e um copioso pranto inundou meus olhos.

Apenas a noite envolveu com o seu enlutado manto aquele dia triste, soube que entre os condenados pelo auto-de-fé, um único fora devorado pelas chamas, havia poucos momentos.

Chamava-se Rafael Gómez y Salcedo. A sua juventude aumentava o terror de tão lamentável acontecimento.

Contava apenas dezenove anos!

Pouco mais havia que morrera o Rafael de meus sonhos; e a coincidência de tempo e de nomes, veio completar a medida dos meus sofrimentos.

Quanto sofri naquele dia!...

CAPÍTULO IV

ESPELHOS DA CONSCIÊNCIA

I

Minha vida já declinava. O inverno da existência rarefazia e alvejava-me os cabelos, tão negros e abundantes noutro tempo.

Uma crescente obesidade desfigurava-me as formas, e os anos gravavam-me no rosto os sinais indeléveis da sua passagem.

Minha memória enfraquecida; meu andar tornara-se lento e difícil; o metal da voz penetrante e sonora e o brilho do olhar altaneiro e vivo, que tantas vezes traduziam os fogos da alma e as iras do coração, já se apagavam. Meu gesto altivo e petrificado de esfinge, por onde tantas vezes haviam passado a zombaria, o desprezo e o sorriso cruel da indiferença, confundia-se na depressão dos lábios, outrora vermelhos e provocadores pela convulsão das paixões, e agora pálidos, descarnados e frios.

A hora em que surpreendi, na face, a primeira ruga, e, na fronte, o primeiro cabelo branco, foi para mim de tal desespero, que li neles, com tristeza, o algarismo indicador da minha idade, como se, quebrada a lousa do sepulcro, me levantasse, cadáver, para ler meu próprio epitáfio.

Sem o poder dos atrativos de juventude, julguei-me inútil e humilhada; considerei-me vencida.

Um dia, uma onda negra inundou-me a fronte e invadiu-me o pensamento. Um pano fúnebre desdobrou-se ante meus olhos, e a indefinida melancolia de funesta intuição veio juntar a idéia da morte às idéias frias da velhice.

No meu coração oprimido, ressoou a voz da misteriosa Pitonisa, que fala do destino nas profundezas da consciência.

Um pressentimento triste e inevitável, que se reproduzia de noite e à luz do dia, em sonhos e por toda parte, veio recrudescer com temores de morte o pesar de não ter vivido bastante, por não ter vivido bem.

Então, ao volver as vistas para trás, e ao ver a vertente da vida ante o abismo da Eternidade, que me atraía com a sua força irresistível, que devora o tempo, e a que nenhum poder humano conseguirá resistir, notei a ausência de tudo quanto havia destruído.

Tinha conduzido minha alma a um deserto, desterrado meu coração para o vácuo; estava só e castigada.

Sim, castigada: porque chamava, e ninguém me respondia; queria chorar, e não encontrava lágrimas; nenhuma alma se penalizava das queixas da minha alma.

Errando entre os primeiros gelos da vida, não encontrando neste mundo ecos que reproduzissem as pulsações do meu peito, quis voltar ao céu e buscar Deus através do murmúrio de minhas orações. Impossível! Não tinha asas para me elevar até Ele. Não se encontra Deus senão através do amor de outras almas.

Que deserto haverá mais árido que o da minha vida! Que espantosa soledade!

Ainda hoje, como se dois séculos não houvessem já varrido a poeira dos meus ossos, quando entro na atmosfera do mundo, e, deixando-me impregnar de sua natureza, me faço conduzir pelo raio de luz às ondulações do éter e às rajadas do vento, e desço à onda líquida que se estende de

Mulhacén e Veleta até as colinas em que demora Granada, entro em relação tão estreita com a minha existência de então, que ainda me julgo diante daquele século, habitando minha casa nobre, sofrendo as mesmas privações da alma, a mesma calcinação dos sentimentos, os mesmos vazios e misérias do coração.

De tal modo me ficaram impressos na memória aqueles últimos estremecimentos da vida, que ainda hoje, quando depois de se sumir o Sol, passo com o primeiro reflexo da Lua, sobre a corte damasquina do ocidente, ainda hoje, se renovam para mim aquelas mesmas horas de amargura, de abatimento e melancolia, ao ouvir o sinal de oração, dado por aqueles mesmos sinos, e ao envolver-me na fragrância daquelas mesmas flores. Aquele mesmo som, no ar ferido pelos mesmos metais, é o eco sonoro que reproduz, depois de tanto tempo, aquelas noites tão tristes e longas; aquele mesmo ambiente perfumado pela mesma flora, e que se levanta de torre em torre das mesmas ruínas, e de beleza em beleza dos mesmos campos, é o eco mudo que reproduz no meu pensamento livre, como se ainda aí permanecesse escravo, as mesmas dúvidas timoratas e as mesmas sombrias idéias.

Quantas vezes, ao passar pelos sítios que meus passos calcaram, me parece que se reatam os laços que outrora me ligaram à Terra, que se verifica a ressurreição da minha carne, que meu coração torna a pulsar, que os olhos se me entreabrem, e as mesmas lágrimas a eles acodem, arrancadas pelas mesmas penas.

Encontro prazer nessa invocação periódica, durante a qual revivo meus antigos sofrimentos.

Encontro prazer nessas provocações da dor, porque a lembrança daqueles pesares, que por nosso mal merecemos, encerra um encanto misterioso, semelhante ao que se tem quando se ouve, depois de muito tempo, o canto que afugentou do berço as tristezas da meninice, e despertou os primeiros entusiasmos da junventude.

II

Já a vida declinava.

Pressentimentos do coração anunciavam que breve deixaria de bater.

Pressentimentos! Que é o que passa pelo pensamento do homem, às vezes de plena saúde, às vezes no apogeu da juventude risonha? Que é o que passa, sem ser visto nem ouvido, mas deixando escrito fatalmente na consciência — "esta vida vai-se extinguindo"?

Quem nos estende negro véu ante os olhos, quando o espírito tem mais ânsia de luz?

Quem põe no seu caminho, ao esconder do Sol, como sendo a única noite que o espera, a cavidade de um sepulcro, quando o seu espírito tem mais forças que nunca para fazer a volta ao mundo com o astro do dia, e sorrir cheio de esperanças à nova aurora?

Como conhece o homem, como se se tratasse da lenta oscilação de um relógio, que todo o seu movimento está próximo do fim?

Senso íntimo, foro interno, ou intuição profunda, chamem como quiserem a esse dom profético do espírito, que pressente um próximo e ulterior destino, o certo é que há almas que se avisam, ou almas que são avisadas por outras almas.

Sim. Há alguém que chama o coração; e, então chamaram o meu, quando eu estava menos disposta a responder; porque cada vez tinha mais medo da morte.

Achava-me em Córdova, onde havia passado parte do Verão de 1682, e regressei quase precipitadamente a Granada.

Que impulso desconhecido, que imperioso mandato, me impelia a correr, para ir morrer na minha própria casa?

III

Depois de um cálido dia de Outono, em que a tarde se apresentava tempestuosa, o céu densamente encoberto,

tinha protegido a invasão das sombras da noite, antes da hora assinalada pelo Sol.

A respiração ofegante do meu peito, o peso da cabeça, que eu sentia arder, e o calor que fazia no quarto fechado, obrigaram-me a percorrer as lúgubres e silenciosas salas da casa, e chegar a uma varanda, cuja balaustrada de pedra dava para o jardim.

Não era pelo desejo de respirar melhor, que procurava mais amplo espaço, mas porque a tormenta me atraía, também.

Nunca, nem mesmo quando criança, a tempestade me fizera tremer.

Achava lógico que nem sempre o céu devesse sorrir aos mortais; que alguma vez lhe cumprisse manifestar-lhes a sua ira, patentear-lhes o seu furor.

Achava harmonia entre a minha natureza e a do mundo.

A obscuridade já era completa. Somente algum relâmpago iluminava, às vezes, uma ou outra torre, uma ou outra cúpula, por cima das árvores que se entrepunham.

A calma era sufocante, e profundo silêncio reinava na cidade. O longínquo rumor de algum trovão confundia-se com as últimas e tardias badaladas, que naquele momento soavam na torre da próxima igreja do Salvador. Algumas gotas grossas, desprendidas das nuvens, caíam tristemente nas folhas secas que juncavam o solo.

A *hora dos mistérios* havia-se antecipado.

Segundo os contos e tradições da época, já os magos que defendiam a torre dos Sete-Andares podiam invadir a cidade. Boabdil já podia, com toda a sua corte, sair dos subterrâneos da Alhambra, percorrer os suntuosos pátios do seu régio Alcázar, e ocupar o seu trono de marfim no salão dos embaixadores. Isabel de Solis, a encantadora Fátima, podia já mostrar o gracioso rosto num dos postigos da torre da cativa. Já a católica Rainha de Castela, conquistadora de Granada, podia erguer-se do leito de alabastro, cingir a bri-

lhante cota, montar o seu cavalo de batalha, correr ao acampamento de Santa Fé, regressar com todos os seus capitães, e vaguear toda a noite em volta dos torreões e baluartes.

Era propícia a hora para todas essas sombras realizarem suas excursões noturnas; pois muitos asseguravam havê-las visto várias vezes, e alguns até afirmavam ter-lhes seguido os passos, enquanto dormiam tranqüilamente os descuidados granadinos.

Apoiei os cotovelos na balaustrada, e as faces incendidas, nas mãos.

Algumas gotas dágua me caíram na cabeça, umedecendo-me os cabelos.

Estava inquieta; sentia-me mal.

De repente, senti um golpe surdo no peito, que me repercutiu nos seios, e uma pressão imensa sobre os olhos.

Quis retirar-me, mas não foi possível. A fronte pendeu-me sobre a varanda; desfaleci no meio de uma grande dor, dei um grito prolongado, seco, estridente, e caí... caí para não mais me levantar.

Ainda pude perceber que corriam em meu auxílio, que me chamavam, me refrescavam o rosto. Nada mais. Como se o solo não pudesse suportar o meu peso, continuei caindo, caindo sempre...

IV

Continuava a sentir, na cabeça, aquele murmúrio que crescia por momentos, como cresce a ebulição do vapor.

Minhas pálpebras tremiam e pelas pupilas abrasadas cruzavam relâmpagos vermelhos e sinistros. Cada exalação daquela tormenta cerebral deixava, após a fosfórica luz, uma estria sombria, uma estrela sangrenta, em volta da qual se levantavam nuvens de cor enegrecida, que tomavam proporções colossais, e enchiam-me a cabeça, infundindo-me medo e espanto.

Sim; então, eu tremia ante aquela tempestade da consciência; meu Espírito naufragava, porque cada um dos

seus resplendores iluminava vivamente o quadro pavoroso de algum crime, e fazia-me ver entre as sombras, a de algum ser mergulhado por minha causa no desespero e na desgraça.

O céu do pensamento, em momentos tão supremos, só pode permanecer puro e sereno para os corações tranqüilos.

A que poderei comparar a revolução estranha, a comoção inaudita, e a série de alaridos que, entre furacões desfeitos, converteram em caos aquela massa inflamada que me envolvia, sem céu nem terra, sem horizonte nem formas?

Só a uma dessas gêneses que precedem a formação de um mundo, só a um desses períodos de convulsões na ordem, de rupturas na harmonia, para depois criar outra ordem mais perfeita e uma harmonia mais brilhante.

Horrorizava-me, aturdia-me por vezes, um esforço plutônico, que levantava instantaneamente montanhas de rochas, as quais, ao tocarem a abóbada daquele quadro granítico, se desfaziam em lava e cinzas, que o torvelinho arrebatava em nuvens escuras e pesadas.

Entre a densidade daqueles vapores, via desenvolver-se rapidamente uma vegetação espessa e selvagem, que subia do fundo dos abismos, e cujos ramos, longos e espinhosos, aderiam às encostas das crateras, formando bosques impenetráveis.

Entre essa escura vegetação mostrava-se, às vezes, uma organização animal, informe, escamosa, gigantesca, dotada de aparelho muscular próprio para lutar com aquela natureza feroz, cujos movimentos a faziam estremecer, e que estendia imensas asas, sacudindo aquela atmosfera infeta, e lançando ao meu rosto baforadas quentes de puro carbono.

Também, aí, via pântanos de púrpura líquida, cujo âmago fervia, salpicando-me de gotas quentes, como sangue que esguichasse de uma ferida.

Tudo isso era o fundo das cenas mais dramáticas da minha vida.

Era um amálgama de remorsos para ali trazidos, amontoados pelo doloroso esforço da alma que se desprende de uma existência, pela resistência de uma vida a que ela (a alma) se escapa.

Deixo de continuar descrevendo aquele horroroso espelho da consciência. Tudo o que então passou diante de meus olhos, trazendo-me à memória, um a um, todos os meus dias; tudo o que então sofri, precisava, para se fazer sentir, da mão de ferro que estampou a fogo, na mente do Dante Alighieri, a descrição épica de um *Inferno*.

Quanto tempo durou isso? Muito!...

Por fim, aquela tempestade envolveu-me de tal modo que o seu raio *fundiu* a minha consciência. E perdi a noção do meu ser...

.....

.....

V

Quantos dias fiquei nesse estado, como se com o despedaçamento da sua forma material, a identidade da minha existência se houvesse sumido no nada e desvanecido na imensidade?

Como sabê-lo, sem a certeza de existir, sem dar conta do que se passava, sem conhecimento, imóvel no caos, mergulhada, como estive, no profundo letargo do *não-ser*, e na noite eterna de um vazio incomensurável?

Só sei que despertei; que, afinal, senti: Oh! Deus! Mas com que frio? Frio, que nunca o corpo humano poderá suportar: frio na cavidade do crânio, frio na cavidade do coração, frio nas cavidades dos ossos.

Despertei estendida e tudo era pedra, tudo impenetrável e duro! Não havia espaço nem luz! Que horror!

Que escuridão! Que silêncio! Uma escuridão onde jamais os olhos poderiam penetrar; uma escuridão vasta, persistente, compacta. Um silêncio que se sentia gravitar,

pesado, implacável; esse silêncio que impera fora do movimento dos mundos, onde um estremecimento de vida, um sibilar de vento, qualquer desses imperceptíveis rumores, que passam aqui despercebidos, seriam grandes estrondos, capazes de derruir montanhas.

Não respirava! Meu peito era mármore. Nenhuma vibração se manifestava em meu corpo petrificado e rígido, como se estivesse incrustado no gelo.

Mas pensava, sentia, reconhecia-me; não havia dúvida; era eu mesma.

Que espantoso sofrimento! Que lugar era aquele! Como me encontrava ali?

Quis gritar, nenhum ruído pôde soltar minha garganta. O grito ficou encerrado no íntimo silencioso da consciência. Alguma coisa consegui. Lembrei-me de que Deus está em toda parte, e, com essa idéia, envolveu-me um suavíssimo vapor. Pareceu-me ver raiar alguma luz no pensamento, senti um ligeiro calor, tênue como o da respiração de uma criança.

Essa débil esperança abriu-me um céu!

Não tinha outras forças nem outros movimentos além dos do espírito, e fiz um supremo esforço de vontade, que se condensou num rogo concentrado e profundo.

O rumor que vinha do Infinito, rumor que não era bem uma voz, mas penetrou todo o meu ser, disse-me, respondendo à minha súplica: "Levanta-te, e sai daí."

Tocaram-me na cabeça; soube-o pela impressão estranha que nela senti. Apoiei-me e consegui incorporar-me.

Seguiu-se logo outra impressão, mas esta desagradável; parecia-me que rompia o mármore. Depois andei, dei alguns passos; e senti o rumor das minhas pisadas. Estava vencido um obstáculo.

Senti atmosfera, ar livre... Respirei com força; sim, respirava...

Todos os músculos do corpo adquiriram flexibilidade para os movimentos ordinários da vida. Abri os olhos, e uma formosa noite se me manifestou; levantei-os ao céu, o brilhante fulgor de milhares de estrelas veio ferir-me a retina. Conheci o lugar onde me achava, pelo qual eu havia passado tantas vezes para entrar na igreja do Convento do Anjo, que estava à minha frente.

Que acidente, que sonho ou loucura me haviam trazido àquele lugar, sem o saber, e contra vontade?

VI

Voltar a casa foi a minha primeira idéia.

Já a noite devia ir bastante adiantada, pois, pelas estreitas e acidentadas ruas da cidade, não passava outra alma além de mim.

A inquietação fez-me apressar o passo e quando cheguei ao pé dos muros da minha morada, admirei-me de que ninguém me estivesse esperando. Todos, por certo, dormiam. A grande porta e o postigo do jardim estavam perfeitamente cerrados. Em nenhuma janela se via luz.

Chamei com estrépido, com ira, e todos os golpes soaram prolongadamente no interior da casa.

Sentia-me ágil, ativa como nunca, nem mesmo nos mais agitados dias da minha juventude; assim é que, depois de momentos breves, vendo que ninguém respondia nem dava sinais de vida, tornei a chamar irritada, repetindo febrilmente as pancadas; mas desta vez só obtive como resposta ruidosas gargalhadas.

Olhei ao redor de mim, para ver quem assim ria, mas não vi ninguém; e no entanto, a zombaria vinha de bem perto.

Então, uma voz zombeteira e desabrida, que me pareceu vir da janela principal, que sobrestava a porta, por cima de um grande escudo, gritou sarcasticamente:

— Abram! Abram depressa à fidalga!

Na janela, porém, não havia pessoa alguma.

Oh! de casa! — disseram atrás de mim — abram depressa a porta, que sua mercê quer entrar!

— Derrubai as portas, voto a San...! passagem à moça rica! — replicaram de cima, sempre no meio da mais ruidosa algazarra.

Recuei espantada. Busquei auxílio por toda parte, mas estava completamente só.

— Estrela! — murmurou ao meu ouvido uma voz, tão suave que parecia um sopro. — É inútil chamares; só tu ouviste os golpes que crês ter acabado de dar; ninguém te pode abrir a porta.

— Ninguém abrirá a porta — repliquei — quando venho bater à porta do meu lar?!

— Não — responderam. — Os vivos não vêem dos mortos mais que o cadáver, e o teu já há dias repousa em paz ao lado de outros, no convento donde acabas de sair... Esse corpo em que te sentes viver, é uma ilusão tua. Bate à porta de Deus Pai, porque a de teu pai, no mundo, cerrou-se com os teus olhos.

Julguei enlouquecer.

Morta?! Eu, que me estava vendo?!...

Impossível! Se estava até com o meu vestido de finíssima flanela... Só notava desordem nos cabelos grisalhos, que me caíam, soltos, sobre os ombros.

Passei a mão pela fronte para desvanecer aquele pesadelo, e resolutamente aproximei-me, de novo, da porta; mas fui detida pelo mesmo tumulto e as mesmas risadas anteriores.

Não pude mais. Fugi estupefata. Corri sem destino praças e ruas.

A cólera e o medo atiravam comigo para o primeiro caminho que me aparecia.

VII

Raiava o dia, e eu estava fora da cidade.

Ao aparecimento do leque de luz que se desdobrava no horizonte, as brumas da noite rasgavam-se e deixavam entrever o quadro mágico da frondosa veiga.

Eu subia por um estreito caminho junto do cerro de Ain-Adamar, e deixei-me cair desfalecida ao longo de uma nascente, cujos filetes de água, rumorejavam entre as pedras. Tinha sede e apliquei os lábios àquele transparente líquido.

Bebi avidamente, mas o fogo do peito não se apagava. Tornei a beber, nada consegui. Bebi mais e mais. Que horror!...

Na Cartuxa vizinha, tocavam a matinas.

Senti passos e vozes. Experimentei uma certa alegria, porque desejava ver alguém.

Esperei alguns momentos. Quem passasse pelo caminho, haveria por certo de me ver, pois devia-lhe chamar a atenção a presença de uma mulher, tais horas ali, naquela solidão.

Daí a pouco, aparecia do lado oposto à direção que eu seguia, um homem que vinha cantando, e que, sem dúvida, ia à cidade. Trazia ao ombro a espada com o corpo para trás, a fim de facilmente sustentar uma trouxa, que dela pendia.

Ao aproximar-se, pude ver sob as abas do chapéu o rosto varonil de um mancebo.

Esperei que chegasse. Sua vista, com efeito, se fixou em mim, mas com tanta indiferença, como se fixasse um nevoeiro transparente, que se levantasse daquela fonte.

Passou a meu lado, quase pisando-me o vestido, ao mesmo tempo que cantava:

Banhado em sangue
seu coração te envia,
partiu-o em Flandres
a lança inimiga.

Perdida a esperança de que me visse, ergui-me precipitadamente, e quando ele ia apenas a dez passos de distância, gritei-lhe:

— Moço! Ides a Granada?

Não respondeu, nem se voltou. Continuou o seu caminho cantando, sem se interromper.

Sentei-me e chorei. Que amargo pranto o meu!

Tinha sede, e o cristal de água gemia a meu lado, entre as pedras. Na Cartuxa vizinha tocavam a matinas, e, por entre o rumor dos meus soluços, eu ouvia ainda a voz distante do caminhante cantando:

Partiu-o em Flandres
a lança inimiga.

CAPÍTULO V

O BATISMO DE LÁGRIMAS

I

O espírito possui uma faculdade serena, sempre ativa; santuário que nunca se profana, quando acossado pela dor, a ele se recorre como único refúgio. Aí brilha a estrela da esperança, sinal do dedo de Deus, centelha que se não extingue.

Não há nuvem que a empane, e ela brilha mais quando se contempla através de lágrimas, assim como brilham mais as constelações de um céu através da atmosfera úmida de uma noite de inverno.

Um novo Sol com os seus primeiros raios não nos traz somente uma nova aurora, mas, ainda, uma esperança nova; o calor não evapora somente o rocio, mas também os pensamentos tristes; e quando se ergueu o Sol daquele dia, tingindo de púrpura os cimos da Serra-Nevada, refugiei-me, como todas as almas perdidas, na bela faculdade de esperar, à qual afinal todas recorrem.

Depois de haver chamado, sem que alguém me respondesse; depois de haver mergulhado a cabeça na água, sem que a sede se me acalmasse, como se alguma maldição tivesse quebrado toda a relação entre a Natureza, os homens e eu; depois de haver perguntado a mim própria se

era aquilo a *morte*, depois de me convencer de que não podia ser a *vida*, não deixei de, aos primeiros resplendores do dia, acariciar a única esperança que nunca falta, ainda na mais pervertida das almas. Brotou-me na mente a esperança em Deus, síntese de toda a grandeza moral, centro de toda a justiça; e senti banhado de perdão o meu espírito aflito, como acabava de sentir a luz naquele risonho horizonte, banhando de azul todos os âmbitos do céu.

Se vivemos em plena criação, se fazemos parte integrante do seu todo, de tal modo que nem um momento podemos desprender-nos e sair do seu seio, quem pode deixar de ver o porvir, triste na sombra, e risonho de esperança na luz? Quem tem, ao meio-dia, a mesma esperança que à meia-noite?

Quando tão docemente meu espírito estremeceu, chorei muito mais, porque muito mais se chora com o consolo, depois de se haver sofrido muito.

Obedecendo ao instinto, que corresponde à atração do que é da Terra para a terra, e do que é espírito para Deus, enquanto a Ele elevava o pensamento, confundi minha fronte no pó, no pó que recolhe as lágrimas, enquanto no espaço mãos piedosas recebem a dor que a produz.

II

Assim permaneci por muito tempo, murmurando silenciosamente as orações, que, por hábito, sempre me acudiam aos lábios, e foram o meu único recurso nos últimos anos de vida.

Prestei, por momentos, toda atenção a um sopro que passou a meu lado, suspendendo mesmo a agitada respiração do peito. Meu nome tinha sido pronunciado, não sei se no movimento do vento, se em alguns desses ruídos da solidão e do silêncio dos campos. Claramente disseram Estrela, e não sei se foi uma voz, ou uma dessas combinações harmônicas das brisas, ao mover as folhas ou riçar as águas.

Ergui a cabeça, olhei para todos os lados; repetiram a palavra e levantei-me.

Uma força misteriosa, ímã oculto que atrai os olhos, sem que saibamos por que, para um objeto determinado, dominou-me de tal modo, que não podia apartar a vista da líquida corrente que serpenteava junto a meus pés.

Nela me fixava, por ser a única coisa que ali se movia? Ou por que dali alguma coisa solicitava a intensidade do meu olhar?

Sem dúvida, era pelo último motivo, porque observei que um pequeno remanso na vertente do regato se inflava lentamente, como se o seu bojo estivesse em ebulição, lançando ao ar gotas que, ao saltar, traçavam círculos de pérolas, e, ao cair, círculos de escuma.

A impaciência natural arrastou-me, e, depois de haver contemplado por alguns instantes aquela rara agitação da água, ajoelhei-me para buscar comodamente, com a mão, a causa de tal fenômeno.

Mas, antes que tivesse umedecido a extremidade dos dedos, como se dá com algumas plantas, que, apenas se lhes toca, dando mostras de um excessivo pudor contraem todas as suas folhas, aquela brilhante onda se desfez, tornando ao seu estado natural, isto é, à sua diáfana transparência. Minha mão só chegou a tomar a lodosa terra do fundo.

Tornei-me pensativa e triste.

— Meu Deus! — exclamei, juntando as mãos — se há aí algum ser, não foi intenção minha magoá-lo, nem à sua sombra.

— Não, mas ofendeste à tua! — disse uma voz harmoniosa, doce, suave como a débil vibração das cordas do alaúde, cuja nota os ecos sustentaram por largo tempo no ar. — Ofendeste à tua, porque o movimento da água, que há poucos instantes salpicava teus pés, era um movimento de vida, realizado pela tua vontade, para satisfazer esse desejo ardente que te devora, de ver alguma coisa que se mova, alguma coisa que te console no teu isolamento. Só a tua

vontade atuou, bastante poderosa neste caso; só o teu desejo viu, ao insistir com teus olhos sobre este inquieto elemento, converterem-se em repuxo as ondas azuladas; pois é certo que a corrente segue e seguirá sempre o seu curso, se um objeto não vier modificar o leito que os prados lhe oferecem. Essa ânsia natural das almas, que, como a tua, vagam errantes na Terra, insuladas dos homens por uma desencarnação recente, quando se viu satisfeita pelo esforço que, se é capaz de mover um mundo, mais o será de mover umas tantas gotas dágua; quando se viu satisfeita, digo, vieram os funestos ressaibos de tua vida interrompê-la. Tua mão profanou a vida que tuas vistas haviam criado; e quando quiseste tocá-la, só encontraste lodo.

Depois de ouvir atentamente essas palavras, disse:

— Quem quer que sejas, anjo ou santo, que assim me falas, não me abandones pelo Deus dos céus!

— Não te abandonará — me respondeu — quem te vem seguindo há muito. Quantas vezes nos últimos tempos da tua existência, enquanto gemias na soledade, eu te assistia! Recolhi muitas de tuas lágrimas, estive atenta a muitas das tuas orações. Esta alma prendeu-se à tua quanto pôde, enquanto sonhavas. Fiz também que outras, a quem fizeste mal, se aproximassem tanto, que hoje te amam. Não é verdade que te é muito grato saber, que velaram por ti aqueles que mais necessidade tinham de te perdoar, para também merecerem o seu perdão?

— E quem és tu — perguntei comovida —, tu que tanto me queres, e tanto por mim te interessas?

— Realmente temo dizer-to, porque estais ainda tão presa à vida terrena, que sei te vai penalizar o nome com que fui conhecida no mundo, apesar de nele nunca me haveres visto, nem eu ali haver sabido que vivias; não te tendo, portanto, feito ou desejado qualquer mal. Tens de suportar mais uma dor, cuja causa só em ti reside.

Sou um ser a quem privaste de felicidade. Sou... *Marieta.*

Levantei-me; olhei sobressaltada para todos os lados, e senti-me ferida, como deveria ter-se sentido Caim, se a sua existência não fosse alegórica, quando tivesse ouvido aquela voz que lhe perguntava por seu irmão.

Uma onda de raiva e vergonha me subiu ao rosto, que se abrasou em cólera. O ódio, tantos anos concentrado em meu peito, ao timbre daquele nome fez uma explosão, qual mina ao contato da mecha.

Dei um grito e, fula de raiva, recuei, contorcendo as mãos.

— Para trás! — bradei — para trás! Vai-te daqui! Queres atrair-me para saciar a tua vingança. Foge! Não te ponhas no meu caminho!

— Que me afaste do teu caminho?! — Replicou sem alterar a doçura da sua voz. — Que loucura! Foste tu que te colocaste no meu, e por isso nele me encontras. Será possível pôr a mão num coração cheio de vida sem senti-lo pulsar? Ah! Estrela! Quem mata, não pode deixar de ouvir o grito da sua vítima!

— Bom! — disse eu, levantando a fronte com a altivez do vencido que não está disposto a humilhar-se diante do vencedor — se é possível arrancar-me pela segunda vez a vida, mata-me, mas não me atormentes mais.

— Atormentar-te?! Eu?! O teu tormento é o teu ódio. Pensa bem. Quanto me aborreces! E por quê? Vou dizê-lo. Reflete e verás quão infundado é o teu rancor.

— Não! Não quero ouvir! — respondi. — Ide-vos! Deixai-me em paz!

Cerrei os olhos, e com as duas mãos tapei os ouvidos para evitar toda a comunicação com aquele ser invisível.

Isso, porém não impediu que continuasse a ouvir.

— Em vão buscas não me ouvir — continuou — posso penetrar até o mais recôndito do teu pensamento. Não te posso deixar. Seria uma crueldade abandonar-te a tão terríveis sofrimentos. Sossega, e escuta-me. Não me repilas, por Deus, pois não é vingança, como suspeitas, mas amor,

um mútuo bem, o teu e o meu, que me obriga a permanecer aqui. Vamos; senta-te, e presta atenção.

E como obedecendo a um mandato de sua vontade, os zéfiros me moveram naquele momento, e envolta e sustentada neles, senti-me docemente obrigada a estender-me na relva; do mesmo modo que, depois de brincar algum tempo com ela, o vento deixa no solo a pena arrancada da asa de algum pássaro.

Todo o azul dos céus encheu então meu olhos, e não sei que vaga e consoladora esperança pôs minha alma em relação com aqueles resplendores.

Tão desencontradas comoções haviam de produzir resultado, e resolveram-se em lágrimas, que, ardentes e abundantes, senti sulcarem-me as faces até me umedecer os lábios.

Experimentei um alívio imenso. Extinguia-se aquela sede que me afligia. É que eu bebia na nascente de meus olhos; e o que não encontrara na água pura da fonte, vinha encontrá-lo, afinal, na amargura do pranto.

É este o batismo das almas; é esta a redenção do espírito. Os que assim não choram, não podem ser consolados, não podem nascer de novo.

III

Quanto teria eu dado, então, para retroceder, submergir-me na vida, apagar meus passos e dar-lhes uma outra direção! Esse desejo correspondia à lei inelutável que manda viver de novo; lei da gravitação moral, que impõe a renovação da existência.

Assim como a luz passará por onde passou a sombra, assim é preciso passar morrendo, por onde se passou matando. Sedentos de justiça, sereis saciados!

O mais profundo silêncio reinou ao redor de mim, enquanto assim se evaporava o pesar de minhas culpas.

Há momentos supremos em que entregarmo-nos ao sentimento é o maior bem que a nós mesmos podemos fazer...

Depois, encarei o céu com mais liberdade; e esperei resignada o que Marieta tivesse a dizer-me.

— Dou graças aos céus — disse ela — porque acabas de te libertar de alguma coisa, que pesa mais que a triste vida donde vens. Agora, mais tranqüila, escuta-me, Estrela.

Não ignoras que vivi em Nápoles, naquele recanto do mundo que rivaliza em encantos com os desta tua pátria.

Ao murmúrio das ondas do seu mar tranqüilo, entre a verdura eterna dos seus campos, que tremem sob as ameaças do Vesúvio, e sorriem às carícias do seu sol, tive a minha moradia na última encarnação.

Ali. Em paz, nessa paz que os homens chamam dormir sem sonhar noutras belezas que as do reduzido espaço em que se respira; nem, noutras vidas, além da que arde nas veias e se renova em cada Primavera, no fecundo seio da Terra, ali, em paz, se passaram os meus primeiros anos, sem outras inclinações que as de uma menina sem outro amor, além do de uma filha por seus pais.

Ao nascer, a alma rompe, por assim dizer, toda a comunicação com o anterior, ou com esse insondável *plus ultra,* que se chama Eternidade.

Não. Pelo coração se desenvolve uma relação desconhecida com o céu; relação latente no berço, e inativa na primeira idade, esperando, como na criação tudo espera, o momento de suficiente energia para produzir e criar.

Chega esse primeiro dia para uma alma, porque o seu primeiro dia é aquele em que a luz se faz no seu sentimento, como o primeiro dia para o homem é aquele em que se abrem seus olhos. Chegando para a alma esse primeiro dia, a sua inação cessa.

Chegou o instante da força, e essa terceira pessoa da trindade eterna, que a religião de nossos pais simboliza na pomba ística que estende as asas sobre as duas outras, desce e deixa vislumbrar o céu. O coração começa a bater de outro modo, aos impulsos de um sentimento irresistível. É que se estabeleceu uma corrente entre o infinito e a alma; é que a alma sente a embriaguez dos céus, e se enche o vazio que existia entre ela e eles.

Seguiram-se a essas palavras, alguns momentos de pausa; sem dúvida, para que eu meditasse nelas, pois eram tão novas para mim, que só naquele estado de concentração de espírito me fora fácil compreendê-las. Depois, Marieta continuou:

— Cheguei a ver a luz daquele dia, Estrela! Contei dezesseis anos, e senti a necessidade de amar. Nunca uma coisa é mais necessária, do que quando nada estorva a sua posse. A ambição, o egoísmo, a glória e outras paixões, mais ou menos iníquas, e também mais ou menos nobres, são os estorvos a que o coração ame deveras; e o meu estava tão livre delas, que não aspirava a mais que a amar um outro ser, que me devia ter sido destinado por Deus.

A quem, como e quando amei, disse-to, um dia, e não muito longe daqui, aquele a quem tu também quiseste amar.

Como os rostos, as almas todas se assemelham; mas não é possível encontrarem-se duas inteiramente iguais. Do mesmo modo suas aptidões serão sempre distintas. Que bela e inesgotável harmonia se está sempre desprendendo dessa variedade infinda!

Pois bem. A mesma faculdade de amar tinham a tua e a minha alma, apenas se diferençando nos meios que queriam empregar, e nos fins a que aspiravam. Tu aspiravas à glória de ser amada, eu à necessidade de ser amada, e de amar.

E quando a glória, querida Estrela, se funda em possuir a todo custo, não se repara nos meios. O que conquista por ambição, nunca chora pela Humanidade nos campos de batalha onde ele a leva a destroçar-se.

Não creias que me causaste um dano por mim não merecido. Eu precisava de uma vida de sofrimento moral. Estava condenada a ver, mas não a pisar a *terra da promissão*.

Todos fazemos parte de uma engrenagem admiravelmente disposta pela mão da Providência, cujo objetivo desconhecemos; mas pressentimos que é uma cruz junto à qual existe e palpita a dor. Por um esforço comum dos homens, eles poderão afastá-la um dia, e evitar esse fantasma do mal, a que chamam — *morte*.

IV

Tiveste medo ao pensar nela. Não é o fato de morrer o que geralmente horroriza o homem, mas o contemplar a morte. Ele pensa e treme, porque confunde a obscuridade do seu coração com a escuridão do sepulcro. Mais que da Eternidade, ele teme de si mesmo.

A Eternidade!... Depois de se expressar a sua grandeza em uma palavra, é necessário erguer o pensamento até certa altura para a sentir em alguma coisa. Segundo a concebem imaginações só fecundas em inventar martírios, ela é antes a confusão e o terror vencendo para sempre a justiça e a sabedoria, do que uma aspiração constante da alma a ser mais, a ser melhor para amar indefinidamente. Em que crueldades se comprazem os homens!

Que desenlace tão triste acreditam eles que terá a obra de Deus! O próprio céu seria um inferno, se o inferno é o lugar onde a dor existe eternamente! Que outra coisa seria ele mais do que isso, caso, como fato certo, estivesse registrada em seus anais aquela formidável rebelião de *Satanás*?

Não, Estrela. Os anjos decaídos levantam-se. Nada fatiga tanto como o erro, nada atrai tanto como a Verdade. O extravio cansa, e esse cansaço proporciona muitos pesares. O alívio de todas as penas pode ser encontrado na retidão da alma.

Chama, e te abrirão esse Empíreo que nunca termina.

Com um vôo abarcarás imensuráveis distâncias, e encontrarás por toda parte céu e mais céu, por toda parte, luz e mais luz, por toda parte vida e mais vida. E quando te identificares com a criação, graças ao fecundo esforço do sentimento que agiganta as almas em uma esfera mais dilatada do que a abarcada pelos raios de qualquer sol, verás por toda parte desprender-se em torrentes o amor que sempre emana de Deus.

Se sofremos, é porque nos castigamos. Não nos perdoamos até que nós mesmos reconheçamos que já resgatamos todas as nossas dívidas. Deus não pode permanecer irado um só instante. Ele te concederá tantas vidas quantas te sejam necessárias para te aproximares dEle, de mundo em mundo; pois que o espaço infinito está povoado de um infinito número de mundos habitados.

O afã, constante, do Espírito é voar para não regredir, porque o espírito, que não volta ao mesmo mundo, emprega a sua virtude em esferas de mais esplendores e maior pureza.

Sim, Estrela. Quando foi necessário que nascêssemos na Terra, era porque nos restava alguma coisa a realizar entre os homens. Fomos duas mulheres infelizes.

Eu deixei a vida privada de todos os afetos da alma, depois de havê-los acariciado a todos. Deixei a vida, sedenta ao pé dos mananciais. Meu jovem coração caiu hirto ao chão, naquela terra de fogo onde uma Primavera começa ao terminar a outra; onde dificilmente morre alguma coisa sem ter vivido em harmonia com o todo, sem haver produzido o seu fruto.

E tudo isso por me ter sido arrebatado o eleito dos meus pensamentos. A notícia de sua morte foi um aquilão violento, que levou, uma a uma, todas as minhas ilusões; e ainda continuei a viver, como pode viver, em corpo débil, uma alma fria, imóvel e paralítica.

Sobrevivi-lhe alguns anos; e antes de tombar, como o tronco, que por ter sido transplantado para a sombra, vê

cair seus amarelados ramos, assim vi morrer o esposo que o mundo me havia dado, e os filhos que Deus me confiara.

Vi-os morrer, sem lhes ter podido dar toda a seiva de amor a que eles tinham direito. Que lhes podia oferecer meu coração vazio?

Ah! Quanto sofri! Não sabes quanto é cruel o martírio da mãe, que comunica ao corpo sagrado de seus filhos a enfermidade que lhe devora as entranhas!

Tu não sabes quanto se sofre, quando se busca em vão no fundo da alma uma centelha de amor, que é um dever consagrar a outra alma! Espantava-me essa terrível verdade, que eu dizia a mim só e, só, devorava no silêncio das minhas noites: já não posso dar vida, já não posso amar.

V

Afinal, tive de morrer. O céu, depois de me submeter a tão dolorosas provas, outorgou-me esse benefício, num dia que vais recordar.

Pela ânsia de tocar alguma coisa do que me havia sido vedado tocar, pelo afã de ver entre as sombras da morte a que só havia visto entre as sombras de meus sonhos, tive de sofrer mais uma dor, que condensou todas as mais que me haviam matado.

Atingiu o meu espírito na mesma noite sombria, e na mesma hora tremenda, que foram as últimas para o amado do meu coração. Ele expirou na minha presença, e chegou-me ao ouvido, como se o tempo e a distância não nos separassem, o mesmo eco triste das suas últimas palavras, e o mesmo débil sopro do seu último suspiro.

Tu também, naquele dia, foste obrigada a presenciar a mesma cena.

Uma vez, quando dormias, tua alma foi arrebatada, e envolta no mesmo raio, e no mesmo ambiente em que eu fora arrebatada e envolta, poucas horas depois de morrer. Tu e eu, assistimos juntas; tu vendo-me, sem que eu te vis-

se, no supremo instante em que se reproduzia a morte daquele ser que tanto me havia impressionado.

Se eu soubesse o motivo que te levava ali, se eu soubesse que estavas perto, se eu então, que te não conhecia, te tivesse visto, teria sido um dos acidentes daquele sonho que depois olvidaste, o de te convidar a chorar comigo sobre o peito ensagüentado de Rafael. Lembras-te, agora, do sonho triste daquela noite?

— Lembro! — respondi — porque naquele momento aparecia na minha memória o fato que me indicavam.

— Pois bem, Estrela. Foi pouco depois que eu soube a parte que havias tomado nos acontecimentos da minha vida; e desde então, resolvi-me a seguir-te, a fim de preparar tua alma para a redenção de suas faltas. Não te lembras, também, como a memória de Rafael, com o correr dos anos, foi tomando em teu coração a forma de um culto doloroso? Não te lembras daquele dia funesto, de um auto-de-fé, em que, revoltada a tua consciência por aquela crueldade, sentiste o coração abrandar-se, e o pesar por tuas culpas fazer com que, ajoelhada diante do altar, tua mente excitada pelos remorsos não visse por toda parte senão fantasmas e sangue?

Não te lembras como a sua imagem passou ante os teus olhos, evocada pelo grande sentimento que te subjugava? Não te recordas da coincidência do seu nome com o da vítima, que naquele dia foi devorada pelas chamas? Não te lembras quanto choraste depois?

— Lembro, lembro! — respondi.

— Pois sabes que era eu quem te despertava o coração, Estrela! Quem rasgava as primeiras nuvens que te impediam de ver o céu? Quem, a não ser o meu Espírito, se misturava com as lágrimas que te vinham aos olhos, e se confundia nos teus suspiros? Quem te avisou da proximidade da tua morte, aqueceu teus ossos sob o mármore da tumba, pôs em tua fronte a idéia de Deus, para que surgisse alguma luz no teu paralisado pensamento e te ajudou a des-

prenderes-te do corpo já hirto, para te trazer até aqui, ao calor do Sol e à presença da Eternidade?

Quem, senão aquela que te ama, vem a teu lado e te diz: "Estrela: eu te perdôo; perdoa-me tu, a mim, para que Deus nos perdoe, a ambas.

Se ainda me aborrecesses, se ainda me desprezasses, o teu desdém e o teu ódio me importariam tanto, como se a relva destes campos, que tira a sua vida do Sol, o odiasse e aborrecesse por haver deixado passar uma nuvem; ele continuaria a dar-lhe luz e calor até o último momento; eu continuaria a teu lado até o dia em que me amasses.

VI

Marieta calou-se; e eu, ante aquela arrebatadora eloqüência, dotada de um sentimento e de uma persuasão tão enérgica, e ao mesmo tempo tão doce, que só podia ser inspirada pelo céu, não me pude mais conter.

— Não, não, Marieta! — bradei — não te aborreço. Perdoa-me... o que te disse. Sou uma louca... cega... horrivelmente má... eu...

E a frase ficou afogada pela violência dos soluços, que, por serem constrangidos, me despedaçavam o peito. Senti, então, sobre ele, uma pressão suave.

— Chora, chora! — disse-me ela — chora e converte em lágrimas as penas que te restam da vida. Chora e teu sentimento me dirá mais que qualquer palavra. Chora, alma querida, e Deus te salve...

Chorei, não sei por quanto tempo; porque o pranto cegou-me os olhos, e nublou meu pensamento.

Somente sentia, no silêncio, o murmúrio da água do regato.

CAPÍTULO VI

OS MORTOS VIVERÃO

I

Qualquer que seja a hora de um dos teus dias, caminhante! em que te afastes de casa com a esperança de regressar breve; qualquer que seja a hora, em que dela te aproximes depois de longa ausência, ansioso de estreitar nos braços teus velhos pais, que temem morrer sem te ver; ou a amada de tua alma, que te espera com o pensamento fixo em ti, rodeada dos ternos filhinhos, que, desde que partiste, supriram a falta de tuas carícias recordando teu nome em seus folguedos; a qualquer hora que atravesses os campos, os bosques, os vales ou transponhas rios, fontes ou montanhas, recorda-te de que talvez te sigam os passos outros seres, que não pisam a relva nem deixam pegadas no solo.

Recorda-te de que talvez, com a tua sombra, vá confundida a sombra dos mortos.

Se ao chegares à curva do caminho; ao ponto mais elevado da colina; ao cimo da vertente; se abre um novo horizonte às tuas vistas, e buscas com avidez a cruz da torre, o fumo do lar, a janela do teu ninho, ou as árvores que cresceram a teu lado na tua infância e que foram estendendo seus ramos, à medida que teus braços se alongavam; — recor-

da-te, peregrino! de que não só todas essas coisas te dão as boas vindas antes de chegares à presença dos vivos que te amam; mas, também, de que, da cruz da torre, da janela do teu lar e do cimo das árvores, te contemplam as sombras dos *mortos*.

E se, ao cruzar silencioso pelas campinas solitárias, chegarem ao teu coração vozes apagadas e não trazidas pelos ecos, e que não possas confundir com outros ruídos da Natureza, mas que nasçam do teu peito e nele morram; recorda-te, caminhante! de que talvez te chamem as sombras dos que viveram naquele lugar, para que respondas às suas perguntas, e lhes desvaneças as dúvidas.

Aproxima-te com respeito do pórtico dos templos, dos lugares amenos e da pedra do caminho.

Pode se achar diante dos altares uma alma que ainda ore, junto à árvore uma alma que ainda chore; e quando descansas, para de novo te pores a caminho, pode aproximar-se de ti alguma alma que em vão teus olhos busquem, para veres e consolares.

Quantos vivos, meditando na morte, e querendo romper os estreitos limites da vida, suspeitam que talvez os mortos possam viver, que talvez possam passar pelo ponto em que passaram um dia!

Como é real a suspeita de todos os que assim pensam! E ninguém deixa de a fazer eventualmente... É uma verdade que clama a todos os ouvidos, e responde a todas as consciências!

Podes não ir completamente só, viajor, ao atravessares silencioso por desertas campinas, sem que saibas que talvez te sigam, te chamem e te esperem para te dar as boas vindas.

II

Nenhum dos meus conhecidos ou amigos que casualmente passasse, então, pelo cerro de Ain-Adamar, poderia suspeitar de que eu estava ali, à beira de um caminho tão

pouco transitado, ao pé de uma fonte da qual poucos sedentos se aproximavam.

Eu poderia chamar, mas não me responderiam: se eu saísse ao encontro do transeunte, ele não me veria.

Continuou o silêncio, seguiu-se a soledade àquelas palavras que me haviam reconciliado com o porvir.

Senti apenas, como disse, o murmúrio da corrente, murmúrio que gradualmente foi crescendo, até que chegou quase a assumir as ruidosas proporções de uma cascata.

Parecia-me que cada jacto dágua, cada onda que passava, me dizia uma por outra vez: "*Olha... olha!... olha... para cá!...*"

E quanto mais prolongado e profundo era o queixume da fonte, mais alto parecia ouvir: "*Olha para cá!... olha... olha!...*"

Abri os olhos e olhei.

Vi, então, que o remanso que se formava no quebramento dos fios de cristal, se intumescia lentamente, como se o bojo lhe estivesse em ebulição, lançando gotas no ar, de tal modo que, ao saltarem, formavam círculos de pérolas, e ao saírem, círculos de espuma.

III

Tudo que me rodeava, foi se desvanecendo: o céu, o solo, as árvores e a fonte; ficando só aquele penacho líquido, cada vez mais alto e trepidante.

Quanto maior a agitação da água, maiores os flocos brancos de espuma, e mais elevado o salto das pérolas.

O ponto no qual fixava a vista, foi-se dilatando, à medida que ia crescendo a visão, que se encheu de resplendores; meu pensamento perdeu-se no infinito, a ponto de não saber se era a luz que entrava no espaço, ou o espaço na luz.

Que vista aquela, meu Deus! vista penetrante, intensa, invariável, capaz de arrancar faíscas de diamantes do pedaço de carvão. Vista que rompia o limite imposto pela

Natureza aos homens, e me fez ver sete vezes mais cores que as que pode refletir o prisma a olhos humanos.

O íris, multiplicando seus mágicos matizes, desenrolou mil bandeiras de cores desconhecidas.

O ouro e a prata, o vermelho e o violeta empalideciam ali, em vibrações mais brilhantes e raios mais vivos.

E a que distância vi, depois, subir, no éter, as gotas dágua, bordadas de colorantes centelhas, perdendo-se entre vapores irisados, em arcos dilatadíssimos, para depois caírem qual chuva de estrelas, como se toda uma *Via-láctea* se houvesse liquefeito na imensidade!

E o ruído daquela catarata de mundos, na qual se derramavam torrentes de luz, era o ritmo, que, ao abrir-se o leque de cores, marcava uma escala infinita de sons, cheios de cadência e harmonia.

A nota doce e o matiz suave, o eco rouco e o reflexo brilhante, desprendiam acordes em vibrações uníssonas; podendo dizer-se que se percebiam, ali, melodias de cor, e harmônicas meias-tintas.

Por um momento, meu Espírito se sentiu submergido naquele imenso concerto.

Por um instante, tomei parte no canto de uma oração universal.

E que dor! Eu não podia devolver o que recebia; entre mim e tudo aquilo havia o vácuo. Tanta era a vida que em mim superabundava.

Eu era a única sombra no meio de tanta claridade.

Queria desprender-me daquele imenso pentagrama, porque notava que não podia responder às pulsações daquela natureza superior.

A corda partida da lira molesta a mão que a fere, docemente.

Acabava de chegar a um céu, e eu mesma me afastava dele.

Apenas me havia levantado da Terra, já o espaço me repelia. Apenas recuperava a liberdade, já a escravidão me

atraía. Apenas se havia anunciado a aurora de um novo dia, já receosa de tanta luz, desejava a noite.

Alguma coisa me faltava para completar a existência ali.

Tanta grandeza, e tão dilatada plenitude sobrepujavam minhas forças; eu queria o pequeno, o reduzido, o limitado, para ocultar em formas mais escuras a deformidade do meu espírito.

Ali, o pensamento chegava demasiado ao pensamento; o passado era presente, sempre diante de mim, sempre proclamando o que fui. Era-me impossível continuar ali, e entretanto não podia fugir.

Ali, não havia sombras, nem lugares ocultos onde chorar; o livro da minha história, sempre aberto em todas as suas páginas, deixava-se ler em caracteres de fogo, com inconcebível clareza.

O pesar e o remorso engendraram, então, em mim, o terrível desejo do nada.

Não existir! Quando esse ideal é acariciado pelas almas que deixaram a vida terrena, é que elas exageram a necessidade de viver outra vez.

IV

Pouco a pouco, tanta luz se foi reduzindo a um ligeiro crepúsculo; e lentamente, tanto espaço se foi limitando a um horizonte sensível.

As sombras da noite envolviam-me. Meus olhos continuavam fixos na água.

Muitas horas se haviam passado na exaltação que meu Espírito acabava de experimentar; a força que lhe havia dilatado a vista cessou de agir, pude levantar a fronte ao céu.

Experimentei a languidez da nostalgia, quando vi tantas estrelas. Uma, enviava-me um consolo, outra, uma esperança, outra um entusiasmo.

A Terra, o próprio solo da pátria, pareceu-me um desterro.

O sopro que na manhã daquele dia havia pronunciado meu nome, passou de novo a meu lado e disse:

— Estrela!

— Ah! És tu? — respondi — conheço-te, não me esqueço de ti. Quisera ver-te...

— Escuta-me — replicou — crês que nada mais exista além do que tens visto? Enganas-te. Tudo isso que te enche os olhos, não tem limites. Nunca se encontrará a última constelação de mundos; e de cada mundo se vê, como deste, um céu estrelado. E quantos deles são muito mais belos que este que agora contemplas! E todo esse espaço é teu, meu, e de todos os seres que queiram conhecê-lo e por ele caminhar. É aberto por todos os lados; por todos os lados se pode penetrar na sua imensidade, pois não está fechado para ninguém. Por nossa vontade, por atos de virtude, pelos dons da sabedoria que o nosso esforço, só, nos deve outorgar, podemos levantar-nos até às pinturescas regiões de outras esferas, e entrar na radiação de outros sóis. Como é limitadíssima a idéia que o homem faz da criação!

Se, num momento de reconciliação com o céu, tua alma se extasiou, simplemente, com os reflexos e murmúrios de umas tantas gotas dágua; se, num pequeno recanto que se pode ocultar com a sombra da palma de tua mão, viste mais grandezas que todas as que pudeste conceber durante a tua existência terrena; se a luz que iluminou teus dias empalideceria ao lado da luz que acabas de admirar; calcula qual seja a beleza desses dilatados céus, onde tudo é vida e esplendor. E nota, Estrela, que quanto mais a alma se elevar, mais grandiosos e magníficos horizontes se abrirão aos seus desejos e esperanças. As esperanças e os desejos da tua, ainda se limitam aos horizontes da Terra, por mais que sonhes uma morada nas estrelas.

Nas ondas cristalinas deste manancial, que há pouco uma visão pura e livre do teu espírito chegou a sondar até os mais imperceptíveis fios, acabas de conhecer que, só entrando na corrente de outra vida poderás sair no mar tranqüilo, onde em novas encarnações consigas ser conduzida aos teus destinos.

"Levanta-te, pois, Estrela; levanta-te, busca, e encontrarás valor para suportar teus trabalhos. Chegará o dia em que os recordarás com entusiasmo e os bem-dirás. Eu estarei sempre a teu lado, ajudar-te-ei a levantares-te quando caíres, velarei teus sonos, e falarei ao teu coração. Estrela, levanta-te e caminha!..."

Marieta calou-se, e eu levantei-me. Andei, a passo leve e vacilante, e quanto mais me afastava, menos queria apartar meus olhos daquele lugar, onde um só dia, depois da morte, tinha aprendido a sentir o que não me haviam ensinado cinqüenta anos de existência terrenal.

Há lugares apartados, que a memória assinala com uma cruz; sítios que nunca se esquecem; calvários aos quais o espírito volta em peregrinação, para recordar as dores ou venturas que os consagraram.

Quando passo por ali, ainda me detenho e me incorporo no ambiente, que aí alenta a vida; renovo aquelas horas, e dou graças aos que souberam encontrar-me, quando me perdia só, naquele solo.

V

Andei muito tempo errante no mundo; andei tanto, e por tantos dias, que, com freqüência me abandonava a esperança de ver terminar aquele período de angústia. Mas aquela voz de anjo acudia-me sempre, consolava-me, infundia-me coragem para empreender a marcha.

Muitas vezes, o Sol passou sobre minha cabeça, durante aquela penosa peregrinação; muitas vezes, a Lua contribuiu com os seus pensamentos.

Cruzei campos, entrei em povoados, transpus rios e subi montanhas; a chuva açoitava-me o rosto; o vento envolveu-me em nuvens de pó, tive calor e senti frio. Andei, e andei muito tempo insulada, silenciosa, mas sem me cansar.

Não me fatigava o subir, o descer ou o correr.

Não tive fome, nem sono, nem me atormentou a sede, desde o momento em que bebi as minhas próprias lágrimas. Somente o cansaço de não sentir necessidades me fatigava com a sua terrível monotonia.

A voz dos homens vinha até mim, mas a minha não era ouvida por ninguém.

Passei mil vezes por eles, sem que algum me visse.

A quantas portas chamei, e me detive a chorar, nos momentos em que a esperança me abandonava! Mas aquela voz de anjo acudia-me e consolava-me.

Assim, andei dias e dias, e atravessei povoados, montanhas e rios, temendo que aquela penosa carreira jamais terminasse.

.....

Por uma noite de inverno cheguei, muito depois do Sol-posto, a uma região sumamente acidentada e montanhosa. Por toda parte, não se ouvia mais que o múrmurio de torrentes e quedas dágua.

Eu descia por uma íngreme vertente muito escabrosa e cheia de mato.

A temperatura era gracial, e a noite muito escura.

Uma nuvem densa tinha enchido toda a extensão do céu. Começou a nevar.

O meu descanso era engolfar-me em profundos pensamentos, pelo que, a minha atenção deixava, muitas vezes, de fixar-se no que se passava em volta de mim.

Isso se deu, então, pois não saí da minha meditação senão quando meus pés se afundaram completamente na nève.

É tal a ilusão da vida, nesse estado, que se acredita ir deixando pegadas nos lugares por onde passamos.

Continuei a marcha, e internei-me em lugares mais sombrios.

Deslizava, precipitadamente sobre a savana, que, qual sudário, cobria o solo. Queria sair logo daquele sítio, que, sem que eu pudesse explicar, me infundia pavor.

Apesar da escuridão, ao vago reflexo da neve, via árvores, que sem uma folha, mas coroadas de copas brancas, se assemelhavam a esqueletos, de pé e imóveis, surgidos do seio da morte para assistirem a uma última hora da Natureza.

Eu tremia e corria; as montanhas, que ia deixando para trás, pareciam-me fantasmas gigantescos, que me viessem perseguido, e as que via adiante, outros que me estivessem esperando.

Corria, e corria cada vez mais. Quis deter-me um momento, mas não pude; não sei que força me impelia.

Quis dar outra direção `a carreira, mas também não pude. Estava condenada a correr, e correr sempre, para a frente.

Entonteci. Senti um movimento circular no cérebro. Já não via. Pareceu-me que girava com celeridade vertiginosa numa espiral, cujo centro não podia calcular onde estivesse... Depois, uma contração horrível, dolorosa... Já não era o que havia sido; começava a ser de outro modo.

Afinal, os que nascem, vêm do ponto para onde vão os que morrem.

VI

Quando sintas, ó mãe! A vida da tua vida que se te agita no seio, e, em sonhos, acaricies um anjo, que bem depressa acariciarás desperta; quando, num só grito, se confundam ai da tua dor e o primeiro pranto do teu filho; quando, na cruz de teus braços, sustentares o mais sagrado objeto do teu amor, que vem tomar de teu seio o doce alimento; de tua boca os risos inocentes, e de teus olhos inte-

ligências que te enchem de alegria, recorda-te que o céu confiou aos teus cuidadosos desvelos uma alma, que assim se levantará tanto mais, quanto mais tiveres levantado aquele terno coração.

A mais grata tarefa que a Natureza pode confiar a um ser, é a tua.

Por isso, são benditas as dores e os sentimentos maternos sobre todas as dores e sentimentos humanos.

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO I

(Ditado de Marieta)

A VISITA DE UM MORTO

I

Já me compreenderam os que tenham vivido sem esperança. Basta que diga a todos: *Esperai que se acabe a vida.*

Foram as minhas últimas palavras, quando descrevi aqueles momentos supremos em que, já morta, os meus lamentos se misturavam com o último suspiro de Rafael, que chegava até mim muito tempo depois da sua morte.

A dor, afogando meus olhos em pranto, e meu peito em amarguras, insulou naquele instante o meu ser, da vida que eu acabava de deixar.

Queria identificar-me eternamente com aquele triste sucesso, com o qual, se muito sofria, também muito nele saboreava a dita de meus sonhos; porque afinal encontrava-o, tocava-o, em meus braços encostava a sua cabeça... Mas, quando? Quando a sua voz não podia responder ao seu pró-

prio nome, que tantas vezes, silenciosamente, meus lábios haviam pronunciado.

Ilusões da vida, que, mesmo depois de morrer, perseguis com fantasmas o desejo, e nos ofereceis cálices que só encerram amarguras!

Entreguei-me completamente ao sentimento daquela hora, olvidando o passado sem pensar no futuro, como se quisesse que toda Eternidade ficasse ali fundida, naquele motivo da minha grande dor.

II

O pesar, porém, mata demasiado; e demasiado se ergue entre o ser e o nada, para não deixar de passar ao menor sopro de vida, como, ao menor sopro do vento, passa a nuvem que se levanta entre o Sol e uns olhos ávidos de o contemplar.

— Não te abandones desse modo ao sentimento — disse aquela voz do céu —; para consolo da alma depois da sua existência terrena, fica-lhe a ilusão de continuar a existir do mesmo modo.

"É essa toda a tua dor. Acreditar que estás viva, ao passo que Rafael deixou de existir. Recorda-te de que ambos morrestes; recorda-te de que tudo o que acabas de presenciar é a impressão sutil de um raio de luz, no vestígio que deixaram em tua alma os sentidos que há pouco abandonaste.

"Levanta-te e vem; verás que os primeiros raios do dia fizeram desaparecer a vaga sombra de um acontecimento passado, que, se estes lugares o esqueceram ou o guardam em silêncio, a história recordará."

Senti-me conduzida durante algum tempo, e abri os olhos. Achava-me à porta daquele recinto, no qual havia entrado impelida pelo desejo de ver Rafael.

Com efeito, a luz crepuscular da manhã raiava no horizonte, dourando os contornos das paisagens vizinhas, expelindo as últimas sombras da noite, tingindo de púrpura

os cimos, de azul o céu, e de vago colorido as névoas das planícies.

Voltei a cabeça para ver o que restava naquela choça, e não vi mais que escombros e ruínas. Tudo havia desaparecido; os rumores do acampamento, os soldados conduzindo feridos, o sinistro esplendor dos archotes, Rafael expirando: tudo tinha sido uma visão, tudo um artifício daquele modo de viver.

— Nada resta — disseram-me —; é essa a vida no mundo que acabas de abandonar. Cada página se escreve sobre a página anterior, apagada pelo tempo. Do passado só restam ruínas, assim como o esqueleto é a última coisa que resta do corpo humano.

Ainda tens alguma coisa que fazer na Terra, e como nela o sofrimento anda quase sempre unido a todo trabalho, tua alma ainda há de retemperar-se na dor, pois se com ela se nasce, com ela se morre para tornar a viver.

"Vamos, pois."

III

Qual a ave que muitas vezes voa baixo por longo espaço, para depois se elevar obliquamente até às nuvens, assim voei, subindo a grande distância da Terra.

Vi, então, como o templo da Natureza é mais esplêndido e magnífico, a maior altura. A grandeza do espetáculo que à minha vista se ofereceu, a magnificência do Sol nascente, quebrando seus raios nas névoas que buscavam ocultá-lo, como se elas, só, quisessem beber toda a torrente de sua luz, a perspectiva de um mundo que desperta e se alegra, com a trêmula carícia da aurora, e cujos sorrisos são esses rumores da hora da alva, que se estendem apagados pelo espaço; harmonia composta de murmúrios de campos, ecos de bronzes dos templos, e gorjeios dos bosques; toda aquela aclamação que subia do mundo ao céu, para corresponder ao manancial de vida, que derramava o céu sobre o

mundo, me fizeram olvidar o frio que experimentava, sempre intenso quando nasce o dia.

Subi tanto, que me vi imersa num oceano de ouro, quando os primeiros raios quase horizontais do Sol teciam, lá em baixo, fios de prata no verde-escuro do Mediterrâneo, e estendiam mantos violáceos sobre as montanhas da Catalunha.

Logo, um vento do Sul desequilibrou a atmosfera, o que me incomodava bastante, porque era para o Sul que eu avançava.

Meu vestido flutuava entregue aos vaivens do ar, meus cabelos ondulavam, estendidos para trás da nuca.

Diante de mim, foram-se acumulando vapores esbranquiçados, que confundiram o céu e a Terra em uma nuvem. Neles me submergi, e a chuva me açoitou o rosto. A água fez-se torrencial e encharcou meus regelados membros.

Não era possível lutar contra os elementos que me assediavam, contra os ventos desencadeados, contra as abertas cataratas do céu; ali, só, ali, perdida, sem um momento de repouso nem um ponto onde me apoiar, cega pela nuvem lançada qual voltívola folha aos embates da tempestade, entreguei-me completamente à invisível proteção daquela providência desconhecida, que, assim como me sustentava acima dos abismos, e me defendia de um perigo, me trazia consolo na solidão, e esperanças à minha alma.

IV

Assim continuei por muito tempo. Afinal, o vento amainou e a chuva cessou. Tudo ficou, porém, envolto em espessa cerração.

Então senti, na fronte, um sopro quente, que se demorou por longo tempo, como emanação fluídica. Uma doce sonolência se apoderou de todo o meu ser, minha cabeça inclinou-se sobre o peito, meus olhos cerraram-se.

No meu cérebro, porém, mantinha-se vivo o conhecimento da situação, a consciência do meu estado; nem por um momento me esqueci que descansava no ar, cortando vertiginosamente a atmosfera, existindo, sob o peso da morte em outra vida.

V

Chamaram-me. A voz que sempre ouvira pronunciou meu nome.

Minha resposta foi levantar a cabeça e abrir desmesuradamente os olhos. O ambiente era mais cálido. O Sol brilhante, quase a meio de sua carreira, animava de luz e calor todos os recantos do espaço. A imensa cúpula do céu estendia o seu azul do Zênite a toda a esfera que me era visível.

Na altura da atmosfera da Terra, em que me achava, dificilmente poderia respirar um ser humano; mas, apesar da distância, pude, entre os vapores que se elevavam dos profundos vales, ver lugares amenos, matizados como a esmeralda, cadeias de montanhas, em cujos picos um turbante de neve marcava a sua elevação sobre o fundo verde dos campos, e o cintilar dos rios! E ainda mais além, debuxava-se, ou antes, pressentia-se um mar estreito, e, do outro lado, dilatadas terras.

— O antigo reino de Granada — murmuraram-me ao ouvido — está agora sob o império de tuas vistas.

— Granada!... — exclamei tristemente, buscando com os olhos a cidade, à qual tantas vezes tinha enviado meu pensamento e meus suspiros — Granada!... — repeti.

— Sim, Granada! — responderam-me.

"Aí nasceu Rafael, aí viveu, e aí não pôde morrer, graças a uma perfídia que hás de vir a conhecer.

— Mas não deixes que a tua vista se perca no imenso teatro que além se dilata.

"Deixa a costa africana, que é aquela extensão pardacenta que se confunde e desaparece nas nuvens, como também esse braço de mar em que se banham as colunas

de Hércules. Fixa-te nesta serra que chamam Nevada, por ser nela eterno o arminho da coroa; e ali, entre aquela verdura tão constante nesses vales como a neve nas alturas, verás grande massa que parece vermelha e azul.

"É ali Granada. Seu sabor oriental, suas flores e seus dias embriagam, como os sonhados paraísos dos crentes da Arábia.

"Vais descer a ela; e não deixes de notar que julgarás ver e respirar com os mesmos olhos e o mesmo peito, que jazem sem luz nem pulsação, entre pó e lava, junto ao mar, e ao pé do Vesúvio; não deixarás de ver nem o céu nem a Terra, nem os esplendores, nem o ambiente de tua pátria."

VI

Ditas estas palavras, comecei a descer, a princípio lenta, depois rapidamente, como se por uma vertente invisível me arrastassem para o solo.

Cada vez a descida era mais veloz, como se o corpo adquirisse cada vez mais peso. Trêmula de medo, e cega pela vertigem da queda, buscava com as mãos onde me segurar, acima do abismo aberto a meus pés.

Sem dúvida, pelos fios invisíveis do pensamento, senti que me disseram:

— Não temas!

Não foi uma voz o que assim me falou desta vez, mas uma vontade exterior que inspirou ao meu cérebro esse mandato, aproveitando-se da lei misteriosa que rege a intuição das almas.

Sem medo, pois, deixei-me cair, entregando-me à proteção do céu.

Insensivelmente, a descida foi-se tornando muito mais lenta, e houve um momento em que me senti roçar por uma sólida massa, não como os corpos que, chocando-se com outros, põem à prova a sua resistência, mas como a onda que, quebrando-se na praia docemente, lambe e acaricia a areia. E cheguei a Granada.

VII

Uma câmara espaçosa com teto muito alto e abobadado; móveis de luxo dispostos com ordem e convidando à indolência; um dourado escudo de armas sobre a única porta que dava entrada meio oculta por grande cortina; duas janelas que davam luz, e pelas quais se via a folhagem de algumas árvores corpulentas a sobressair, mais longe, uma cúpula e uma torre; dois retratos aos lados da entrada, um representando uma dama, e o outro um cavaleiro com brilhante armadura e capacete; quadros que sem dúvida pertenciam à família, visto que o mesmo escudo se mostrava nos marcos e sobre a porta; frente a esta, uma grande tela representando o martírio de Santo Estêvão; perto das janelas uma grande mesa, cujo pano carmesim a cobria por todos os lados; e, junto, uma cadeira com molduras e remates góticos. Entre vários objetos que enchiam a mesa, indicando os gostos e afeições de uma dama, um tinteiro e um livro de capa de pergaminho, atado com fitas verdes; tal foi o que vi no lugar onde me achei ao abrir os olhos, quando meus pés tocaram o solo.

Olhei, surpresa, para todos os lados, ao mesmo tempo que me deixava cair sobre a cadeira que encontrei mais próxima.

— Não é de estranhar a tua surpresa — disse aquela voz, que, como sempre, continuava tão doce quão misteriosa — e para evitar que tortures o pensamento, e porque é natural a tua curiosidade, vou explicar-te por que vieste aqui, e o que aqui te traz.

"Neste mesmo aposento, e noutros, desta casa, foi enredado Rafael pela astúcia e pelos encantos de uma dama que atualmente os habita, e que a esta hora se acha ausente, por ser a que dedica às suas devoções.

"Rafael foi detido aqui, vítima da mais cruel das mentiras; e quando estava mais disposto a voltar a Nápoles, à tua procura. Quando mais te amava, acreditou-te morta,

porque assim lho fizeram crer. Descoberto o enredo iníquo, que o separava de ti, fugiu para se te juntar; e, daqui mesmo, se encaminhou para a morte, que o esperava do modo por que o viste, não há muitas horas.

"Vais conhecer Estrela, pois é este o nome daquela que foi a causa de tantas desgraças, e vais conhecê-la para lhe perdoares. É isso necessário, a fim de poderes entrar livre de toda dívida em uma vida melhor. Pouco te custará corresponder, assim, ao dano que te fez, e depois de selares a sua fronte com o ósculo do teu perdão, virás comigo e te encarregarás de a afastar, dora em diante, dos devaneios e loucuras entre que ainda caminha cega. Mais difícil te será isso, porque o coração humano se endurece com a idade, e torna-se pouco acessível a transformações, depois de adquiridos certos hábitos.

"Seus passos se encaminham para cá. Vê-la-ás distraída e preocupada ao peso de uma idéia, pois que a noite passada antigas feridas em sonho se renovaram no seu coração, despertando-lhe no peito remorsos aí adormecidos, e que pareciam esquecidos. Sonhou com a morte de Rafael; sua alma voou através do espaço, nas asas do pensamento, e presenciou, a teu lado, a mesma cena que tanto te faz sofrer e chorar. Ela se recorda perfeitamente do sonho, que a persegue e mortifica, sem o poder apagar da mente.

— "Ei-la, aí."

Não sei se o que senti, então, foi indignação ou ódio; só sei que um sentimento novo e doloroso me martirizou a alma.

VIII

Com efeito, a porta rangeu nos gonzos, a cortina moveu-se e uma jovem sustentou-a por alguns momentos em atitude respeitosa, para dar livre passagem a outra pessoa.

Estrela entrou.

Eu não sabia o que mais lhe havia de admirar, se a majestade do porte, a distinção das maneiras, a riqueza do traje, o ébano dos cabelos, a frescura e o vermelho dos lábios, a beleza da cutis, ou o brilho dos grandes olhos negros.

Depois de fazer um gesto imperativo à jovem, para que se retirasse, dirigiu-se à mesa, sentou-se, apoiou na mesa o cotovelo esquerdo, e deixou pender a cabeça na sua mão belíssima.

Assim permaneceu alguns momentos com a vista fixa, e o rosto sombreado pelo desgosto, ou pela tristeza.

Invisível a seus olhos, podia eu observá-la e aproximar-me sem a distrair da sua meditação.

Como era bela!

Estava na idade em que, se a mulher pode conservar todos os seus atrativos, é mais formosa que nunca.

IX

Ao recordar que pelo império daquela formosura fora em outros tempos dominado Rafael, é preciso confessá-lo, os ciúmes, a horrível dor dos ciúmes vencendo a situação excepcional em que me achava, se cevaram em mim pela primeira vez, envenenando-me todos os sentimentos.

Tal o poder das paixões, que, ainda no fundo dos sepulcros, onde tudo é cinza, elas agitam e comovem a alma dos mortos!

Senti-me horrorosamente ferida e, invocando o ser que permanecendo oculto no desconhecido, acudia pressuroso às minhas aflições, pedi-lhe remédio para aquele dano, paz para aquela luta, calma para aquela tempestade, que, levantando-se terrível no meu espírito, punha em perigo a santidade dos meus desejos.

Não recorri em vão à súplica, pois imediatamente me aqueceu a fronte uma tênue emanação de calor, semelhante à suave imposição de mãos.

Com isso veio a firmeza aos meus propósitos e o valor para vencer; eu compreendia que sucumbir à paixão seria entregar-me a impulsos cruéis, que me arrastariam à vingança.

Não. Não quis. Achei forças para me dominar, e meios para sufocar, em germe, aquele sentimento mau, que tanto infecciona as almas com o seu contato, como delas expele a virtude.

Conheci que naquela hora o meu ódio não tinha razão de ser, nem podia ser justificado, e que entregar-me a ele seria cair mais profundamente num abismo.

Em vez de me deixar dominar pelo primeiro ímpeto de cólera provocado pela presença daquela mulher, lastimei-a e inclinei-me a favor da minha encantadora rival.

Ergui-me, para me manter mais forte naquela luta, calquei com as mãos o peito onde se davam batalha o bem e o mal; dei um grito, um soluço que rompeu o dique que me continha as lágrimas, e lancei-me para Estrela, a fim de a apertar em meus braços, e selar, na sua fronte, com um ósculo de paz, a paz que desejava para nossas almas.

Então, sem mudar de atitude, pois dela não podiam tirá-la o beijo e o abraço de uma sombra imperceptível aos seus sentidos, notei que o véu de tristeza que lhe sombreava o rosto desapareceu, apenas a beijei, e que um leve sorriso lhe cruzou os lábios, como o relâmpago fugaz de uma felicidade que nasce de um pensamento.

Depois passou a mão pela fronte, como quem quer repelir uma idéia má, acomodou-se melhor na cadeira, tomou o livro, desatou tranqüilamente as fitas de pergaminho e pôs-se a ler.

O sonho da noite anterior, cuja recordação a acabrunhava, entrou no primeiro período do olvido em que se vão submergindo todos os sonhos.

X

Também eu, ali, senti a tranqüilidade de quem olvida; ali, esqueci as amarguras que tinham secado meu coração, as dores que haviam martirizado minha existência, as privações que tinham mantido minha alma no vácuo. Tudo esqueci ali, em presença do ente que fora a causa de tanto

sofrimento. Esquecer é perdoar, e eu então perdoei de toda a minha alma.

Quando mais me extasiava naquela tranqüilidade e naquela dita; quando mais me comprazia na felicidade que me proporcionava aquele esforço, sem dúvida o maior a que aspiram as almas nobres, é inexplicável o que todo o meu ser começou a experimentar, inexplicável o que ao redor de mim se verificou: ao passo que se dava em mim uma estranha evolução, produzia-se nos objetos uma rara transformação.

Já aquilo começava a preocupar-me, quando a porta se abriu e um criado anunciou o nome de uma visita.

— Que entre! — exclamou Estrela, fechando o livro, e erguendo-se. O criado retirou-se.

Passou as mãos pelo cabelo, arranjou as dobras do rico vestido, e, numa palavra, tomou todas as precauções de que uma mulher nunca se esquece, quando um homem se aproxima.

XI

Outra vez se abriu a porta, e apareceu um homem com o traje completo dos cavaleiros de então. Era moço, e trajava-se a rigor.

A cruz de Santiago brilhava-lhe no peito, meio oculta pela capa, que caía com elegância no braço esquerdo. No chapéu, de abas largas, sobressaía grande pluma negra, com pregador de brilhantes, e, sobre os ombros, alvíssimo colarinho; luzente fecho na espada, calção bordado, fivela de prata no cinturão de couro, botas amarrotadas.

Nem velho, nem muito novo; bigode grosso e ruivo, cabeleira longa e crespa, nariz afilado e reto; os olhos muito separados, e tão claros, que não se distinguiam do rosto.

Seu todo revelava um homem presumido, e de belo porte.

Depois que entrou, e, atrás dele, se fechou a porta, descobriu-se, fez uma grande reverência, e aproximou-se

de Estrela; pegou-lhe da mão, e nela pousou respeitosamente os lábios.

Ela convidou-o a sentar-se, ele o fez, do lado oposto à mesa.

XII

O desvanecimento de meus sentidos, que já se iniciara antes de começar essa cena, e que, gradualmente, durante ela, havia aumentado, fez-se então sentir com maior intensidade, e tudo, conforme ia desaparecendo, tomava um novo modo de existir, ou se apresentava com outras formas. O espaço e o tempo adquiriram outro aspecto, ao passo que em minha inteligência se levantava um critério superior de apreciar as coisas, uma ordem de idéias mais racional e alevantada.

Meu Espírito, se o posso dizer, rompia através da Natureza reduzida a um mundo, para entrar na que se estende ao Universo. Por momentos, saía da forma para penetrar na idéia.

Naquele instante franqueava, como se sofresse uma segunda morte, sem esforço nem agonia, ou antes, como se alcançasse uma ressurreição doce e tranqüila — franqueava um limite de trevas, no qual começava a luz, espaço intermediário do reduzido para o imenso, e entre a sucessão das horas, minuto a minuto, e o êxtase da Eternidade que os séculos compendiam.

Numa efervescência de cores, umas vivas e outras desbotadas, vi o mundo inteiro fendendo o éter com rapidez inaudita, e impulso constante e matemático, envolto em irisada atmosfera, trepidando no azul escuro do espaço salpicado de partículas de ouro.

A Terra afastava-se, enquanto os discos de milhares de esferóides desenvolviam a sua intensidade, encerrando nas órbitas brilhantes extensos horizontes à atividade do Espírito.

E enquanto inflamadas esferas, embelezadas pelo trabalho e santificadas pela virtude se abriam para mim, o esquecimento rasgava seus véus na memória e estendia a sua mais completa liberdade, veio-me à lembrança toda a minha existência, perdida no vórtice das idades.

Confundi-me, arrastada pela gratidão, no seio daquele Espírito, que me havia guiado nas últimas horas da minha vida, e depois da minha morte me falava ao pensamento.

Conhecia-o; pois quando Flávio Vespasiano levantava o Coliseu, cujas ruínas ainda desafiam os séculos na cidade dos Césares, já então, por um sentimento que os tempos não desvanecem nem as distâncias quebrantam, sua mão me havia levantado, nos dias em que eu me arrastava pelas margens do Tibre.

CAPÍTULO II

(Ditado de Estrela)

A SOMBRA

I

Em lugar muito escarpado da Saboia, eriçado de montanhas, de cujas vertentes se alimentam lagos transparentes entre margens de uma frondosidade secular, por manhã de setembro de 1708, à hora em que o Sol poderia ser visto em grande altura acima do horizonte, se não estivesse densamente encoberto pelas névoas que se levantavam dos vales, uma pobre mulher saía do bosque para tomar um caminho, cujas voltas, sem dúvida, conhecia de memória, porque se notava tal distração na sua marcha, que algumas vezes se detinha, não para evitar um obstáculo do caminho, mas do pensamento que parecia assomá-la.

Era jovem. Em seus olhos fundos, nas poucas vezes que os levantava ao céu em que se banhavam de luz, resplandecia o brilho dos vinte anos; porém, no rosto moreno e magro, notava-se a velhice precoce, fruto de sofrimentos; em sua roupa desalinhada e suja, nos cabelos ásperos e revoltos, no seu todo enfim, via-se a indiferença da miséria. A

cabeça inclinada, e o passo lento, dos pés descalços, falavam de abandono e tristeza.

Quem era? Talvez nem ela mesma soubera dizê-lo.

II

Nascera não muito longe dali, numa choça, no meio de uma gente selvagem, ignorante e paupérrima.

Vivia no seio da Natureza, a céu descoberto, vagando de montanha em montanha, de vale em vale, alimentando-se do pouco que lhe podiam dar, e do menos que podia colher.

Conhecia sua mãe, e sua mãe a conhecia, porque muitas vezes se encontravam nas brenhas, e poucas noites sob o mesmo teto.

O pai, já de muito tempo, sem dizer adeus à família, foi-se, e não mais voltou.

Em toda a sua vida pouco havia conversado, e somente com algumas exclamações grosseiras haviam procurado domar-lhe o caráter rústico e teimoso.

Os habitantes da comarca conheciam-na por *Sombra*, único nome que lhe haviam posto, devido ao seu costume de aparecer e desaparecer sem dizer palavra.

Era uma alma triste, movendo-se sem recordações nem esperanças; uma mulher desditosa, que nunca sorria, como também não chorava; um pobre ser cujo coração se havia petrificado desde a mais tenra idade.

Vamos sondar-lhe o pensamento e seguir-lhe os passos, quando, profundamente preocupada, saía do bosque, e tomava o caminho.

III

Poucos dias antes, próxima a hora de cair a tarde, tinha-se ela afastado muito dos lugares que costumava freqüentar, chegando a uma eminência da qual se dominavam as margens de um lago estreito e longo, e um castelo de as-

pecto sombrio e feudal; um dos tantos que, noutros tempos, se erguiam altivos nos planos e cimos daquelas regiões, até os Alpes.

Este, ficara muito tempo completamente abandonado por seus naturais senhores; porém, havia já proximamente dois anos, que, restaurado para poder ser habitado, notava-se de tempos a tempos, movimento em seu recinto.

Tudo isso, porém, era ignorado e tinha muito pouca importância para *Sombra*.

Ela aproximou-se o mais que pôde da borda da água, único elemento que a atraía. Muitas vezes haviam observado que ela permanecia horas inteiras contemplando a corrente de um arroio, ou as ondas de uma fonte, como se nelas estivesse encerrado todo o mistério da sua vida.

Deteve-lhe o passo, e opôs-se aos seus desejos um corte de granito quase vertical e bastante alto, sobre o lago, que gemia em baixo salpicando a pedra, onde se rompia à ligeira oscilação da superfície enrugada das águas.

Dali, viu que um caminho estreito, evitando a vertente em rápidos zigzags, ia ter a um bosquezinho de abetos, dos quais alguns na mesma margem inclinavam ramos sobre a água, como se quisessem eternamente contemplar-se naquele espelho.

Sem dúvida, sentiu a mesma inclinação que as árvores, pois deslizou pelo caminho.

Assentou-se na relva, e fixou um olhar melancólico na transparência líquida, que ao retratar a frondosa margem, o claro céu e os raios do Sol, próximo do poente, refletia matizes verdes, dourados e azuis. E, para além, a distância, as linhas severas do castelo projetavam um desenho escuro na água, como se surgisse do fundo do abismo.

IV

Um ruído longínquo veio tirar *Sombra* da sua distração; era o galopar de um cavalo que se aproximava.

Levantou-se precipitadamente, e correu a confundir-se nas sombras do pequeno bosque. Dali, viu que seguindo a mesma margem, e do outro lado do penhasco, a cavaleiro do qual havia estado pouco antes, vinha um homem cavalgando fogoso alazão. A princípio, a espessura não lhe permitiu distingui-lo bem. Quando mais perto, viu que se apeava e amarrava o cavalo a uma árvore.

Poucos momentos depois, tornou a vê-lo no alto da penha, olhando com ansiedade para o castelo, e abrigando os olhos dos últimos raios do Sol que os feriam de frente, com a sombra do chapéu de três bicos, agaloado. Depois, desceu lentamente pelo caminho que conduzia ao bosque.

Então, pôde a *Sombra* observá-lo de perto. Era tão jovem, que apenas um ligeiro buço lhe sombreava os lábios. Ia e vinha com impaciência, fazendo soar as esporas, e, com a ponta do pequeno látego, batendo nas botas altas.

Às vezes, detinha-se distraído a olhar para o lago, outras a observar se havia alguma falta na compostura do seu traje elegante.

Já o Sol se havia ocultado por trás das montanhas, quando, de repente, o silêncio foi interrompido pelo ladrar de um cão. Do lado do castelo, apareceu, com efeito, um cão grande e negro, que correu até ao jovem e, dando saltos que indicavam alegria, correspondeu às carícias com que foi recebido. Em seguida, tomaram à pressa a mesma direção em que viera o animal, que, de quando em quando, como se farejasse alguma coisa,voltava atrás e ladrava com força.

Ele sentia a presença de *Sombra,* que, sempre oculta, os seguia.

V

Ao cabo de uns dez minutos de marcha, chegaram ao pé de um muro muito alto, com uma grade de ferro que se abriu para receber o animal, deixando do lado de fora o cavaleiro.

Entre as sombras do crepúsculo e de um arvoredo espesso, por trás da grade, do lado interno e junto a esta, distinguia-se uma figura de mulher, na qual somente se podia adivinhar, por falta de luz, que a mostrasse inteiramente, beleza de formas, e timidez de movimentos, e da qual com muita cautela o jovem se aproximou.

Já a obscuridade era completa, e ainda ali permaneciam, falando em voz tão baixa que o rumor de suas palavras se podia confundir com o movimento das folhas.

Aquele amor colocava-se, assim, sob a discreta proteção do silêncio, da soledade e da noite...

Uma hora mais tarde se poderia ver, iluminada somente pelo trêmulo cintilar das estrelas, e no mais alto do penhasco, a cujo pé gemia o lago ao romper a ligeira oscilação de suas águas, uma outra figura de pé, imóvel e silenciosa, enquanto ao longe se ouvia o trote de um cavalo que se afastava.

VI

Essa mesma cena, com ligeiras variantes em seus pequenos incidentes, repetiu-se por alguns dias, e à mesma hora.

A chegada e impaciência do jovem, os latidos e saltos do cão, a mesma figura esperando atrás da grade, os mesmos colóquios, no silêncio; e o que ainda é mais estranho, a mesma insistência da *Sombra* em se esconder e completar o quadro.

Que buscava? Quais os propósitos, qual a idéia que se agitava no tenebroso pensamento daquela muda esfinge de dor?

Dirigindo-se, mais cedo que de costume, ao castelo naquela manhã em que as névoas escondiam o solo, ela ia impelida pelo desejo de conhecer a plena luz, pois a noite a ocultava sempre, a dama que nunca faltava atrás da grade.

Quanto ao galã... já bastante o conhecia...

Em vão, vagueou horas inteiras ao redor da fortaleza; em vão, percorreu as margens do lago; em vão subiu a todas as alturas para descortinar aqueles contornos: tudo permanecia silencioso; não se notava movimento nem sinal de vida em parte alguma.

A vista inquieta e o ouvido atento daquela figura andrajosa e triste, queriam encontrar alguma coisa e exercitavam-se no vácuo.

VII

Aproximava-se a hora da espera de todos os dias, e ainda que fosse cedo, a *Sombra*, cansada e desfalecida, dirigiu-se para o bosque de abetos.

Sentou-se no solo, e, daí a poucos momentos, pôs-se, de novo, em pé. A curiosidade a fizera mover-se; tinha visto alguma coisa que extraordinariamente lhe chamara a atenção; era um objeto branco, que acerca de uns quinze passos jazia no chão.

Com o olhar fixo, dirigiu-se para verificar o que era.

Apanhou o objeto, e um raio de alegria, como um relâmpago, lhe iluminou o rosto moreno e descarnado, ao mesmo tempo que um grito rouco de surpresa se lhe escapou da garganta.

Era uma luva branquíssima, fina, macia, o que recolhera.

Conhecia-a bem, pois a havia visto por mais de uma vez cobrindo certa mão... Agitada por violenta emoção que lhe dificultava o respirar, a infeliz, com a sua mão áspera e descarnada, buscava conter os movimentos do peito; e depois, obedecendo a um impulso instintivo, superior à sua vontade, convulsivamente e com fúria levou a luva aos lábios, e antes a mordeu que a beijou.

Deitou a correr e como se temesse que alguém viesse arrebatar-lhe o seu tesouro, ocultou-o nas roupas; depois contemplou-o de novo, e de novo o escondeu. Queria per-

suadir-se da veracidade de sua posse; tinha medo de estar sonhando.

VIII

No auge de sua surpresa, porém, não notara que era chegada a hora, e que as ferraduras do cavalo não soavam nem os latidos do cão se faziam ouvir.

Quando fez essa observação, já a vaga luz do crepúsculo se extinguia.

Assim como durante o dia em vão buscara, também em vão esperou aquela noite. A soledade, que para ela sempre tinha tido atração, já lhe parecia glacial.

Aproximou-se do castelo, esteve ao pé da grade, voltou ao bosque, tornou ao castelo, e... nada! Nada chegava, e nada se ouvia...

Mas, ainda tinha esperança.

O silêncio dominava na obscuridade e o desalento dominava naquele mísero ser, que permaneceu imóvel e sombrio, por algumas horas ainda, esperando entre as árvores.

A casualidade havia feito que a última vez que o jovem ali passara, deixasse perdida no meio do bosque uma das suas luvas. A casualidade, muitas vezes, parece que em vez de ser um resultado inconsciente da sorte, é mão providencial e oculta, que durante a vida vai dando ao homem sinais inequívocos do seu destino.

IX

Muito depois da meia-noite e a grande distância do lago e do castelo, quem caminhasse seguindo o leito de um riacho que, quase despenhando pela inclinação de um terreno escabroso, se lançava numa lagoa natural; quem se detivesse, pois, à entrada de uma escavação que ali havia, praticada em muro de terra, contivesse os passos ao escutar o triste eco de uns gemidos e se ao entrar, alguma luz se fi-

zesse naquela cova reduzida e lúgubre como um sepulcro, teria visto a um canto, envolta em farrapos certa massa informe e encolhida, que soluçava com violência.

Teria visto tudo isso, e se compadeceria ouvindo aqueles lamentos, que talvez também o fizessem chorar; mas, com certeza não poderia penetrar o drama íntimo que se desenrolava no coração de uma criatura miserável, tão deserdada da sorte, quanto abandonada pelo resto do mundo.

Naquela alma paralisada, estava-se verificando uma explosão de sentimento, no qual havia muito da rudeza sublime da Natureza, e muito também de sagrado e divino.

O anjo mais puro ali podia descer, saturar-se da virgindade daquelas lágrimas, e ficar então sabendo como se amava ali, na hediondez daquele esconderijo.

X

Algum tempo depois, era muitas vezes objeto das conversações dos poucos habitantes daquelas montanhas, a rara transformação que se havia operado em poucos dias, nos costumes de *Sombra*.

O que antes nunca fizera, agora, quando encontrava um menino, sorria e beijava-o. Seus modos, até então hostis, haviam-se modificado até se tornarem carinhosos.

Algumas vezes, tinham-na visto chorar assentada junto à grade, que dava entrada para os jardins do castelo.

— Quem fez esse milagre? — perguntava aquela gente.

— A *Sombra* está transformada.

Um dia descobriram que ela penteava os cabelos e se mirava numa fonte.

Quando o revelaram, a zombaria foi geral.

— Afinal, sempre é mulher — disse um —, o demônio da vaidade entrou-lhe na cabeça.

Observaram, depois, que havia entabolado relações com um velho criado do castelo, a quem fazia mil perguntas.

Pouco depois, perguntavam alguns:

— E a *Sombra*? Que é feito da *Sombra*? Ninguém mais a vê?

Com efeito, havia desaparecido.

— A *Sombra* foi-se como o pai.... — disseram em certa ocasião.

Ao que respondeu uma mulher honrada:

— "Afinal, era uma mulher perdida."

Ninguém mais se lembrou dela.

Seres ignorados e sem nome, que, como passou a *Sombra*, passais pelo mundo, sem que este vos compreenda e vos conheça, ide em paz, porque se os homens ignoram, o céu sabe que existis, quem sois, e onde estais!

XI

Passaram-se dois anos.

Uma tarde nevoenta de Outono, chegaram ao castelo dois homens a cavalo.

Logo que se apearam, produziu-se uma animação extraordinária no interior daquela morada, durante quase todo o ano só habitada por alguns domésticos, que poucas vezes se deixavam ver.

Preparavam-se os salões, abriam-se as janelas, tudo era movimento, preparativos e pressa.

Um curioso perguntou, de passagem, a um daqueles fâmulos:

— Que sucedeu?

— Nada de mau — respondeu o interrogado —, antes, tudo bom.

"A filha única do nosso amo que descansa em paz, celebrou há pouco suas bodas e dentro de dois dias aqui se deve achar. Vem esperar os dias que faltam para o inverno,

neste retiro. Já se vê. São tão puros os ares destas montanhas!

"Não nos daremos mal com o patrãozinho, que dizem ser esplêndido; e quem não quiser crer, que pergunte ao jardineiro, que, dizem, lhe soltava o cão, quando... Sim, senhor, o cão era o sinal de que não havia perigo em aproximar-se da grade, que dava para o bosque.

"Era preciso que andassem com muito cuidado, porque o pai da senhorinha tinha um gênio... Queria por força que a filha só se casasse com quem ele entendesse; e estaríamos bem servidos, se não se fizesse o que ele queria!

"Morreu, e é claro que a sua raiva foi com ele. Afinal, a filha fez do seu vestido um saio, e se casou com quem bem quis.

"Fez ela muito bem, e ninguém tem que dizer a esse respeito."

Com efeito, não havia decorrido quarenta e oito horas, quando no pátio do castelo se fez sentir o estrépito de uma grande cavalgada.

Todas as atenções dos circunstantes se dirigiram ao belíssimo par.

Ela, jovem e graciosa; ele, também jovem e bom rapaz. Subiram momentos depois, lentamente e abraçados, a escada principal.

XII

No outro dia disseram que a *Sombra*, aquela *Sombra* vagabunda, que passava dias inteiros no alto dos montes ou assentada de olhar fixo no leito dos arroios, e com quem já ninguém contava, como se fosse coisa perdida, havia reaparecido na comarca, vivendo como dantes.

Alguns afirmaram terem-na visto nas imediações do castelo, mas em tal estado, que causava lástima.

Andava com muita dificuldade, tinha os olhos mais encovados, estava muito debilitada.

Não faltou quem, movido de compaixão, se aproximasse, e lhe perguntasse o que tinha, e onde estivera todo aquele tempo.

À primeira pergunta, ela respondeu sorrindo, que sofria de uma enfermidade mortal, da qual sabia que brevemente morreria; quanto à segunda, nem se dignou responder.

XIII

Tinha razão a *Sombra* quando assim prognosticava o próximo fim da sua triste sina, pois em manhã de novembro, quando já os primeiros frios se faziam sentir; quando já os senhores do castelo haviam partido; quando as folhas secas e amarelentas das árvores, desprendendo-se uma a uma redemoinhavam impelidas pelo sopro gelado dos ventos, encontraram-na morta ao pé da grade que dava para o bosquezinho de abetos, e com as duas mãos agarradas fortemente aos varões de ferro, como se no esforço da agonia quisesse quebrar a porta de um paraíso, ao qual sua alma aspirava, santificada pelo culto misterioso do coração.

XIV

Ao entardecer daquele mesmo dia, dois homens apressados abriam uma cova. O cadáver da *Sombra* estava a um passo, estendido no solo, vendo-se nele patentes os vestígios do sofrimento, e os sinais terríveis de uma dor imensa.

Ao segurá-lo, para o lançarem no fosso, um deles, o de mais sinistra vatadura, notou que um cordão azul, que a defunta trazia ao pescoço tinha saído do lugar, por causa dos movimentos bruscos com que a arrastavam para terminar o serviço depressa.

Puxou por ele com força, até o rebentar, e numa das extremidades achou fortemente atada uma luva, cuja cor não mais se podia definir qual era, ou tinha sido.

— Olá! — exclamou — é tudo o que nos deixa esta cigana.

E logo empurrou o cadáver, que ficou com a face para cima, e meio confundido na terra que rolou com ele.

— Toma — disse — e não fiques separada da última coisa que apanhaste.

E atirou a luva com força à cara da *Sombra*, que em poucos momentos desapareceu com as primeiras pazadas de terra.

Há momentos em que o rosto de alguns mortos se envolve em uma auréola de felicidade, como se de si desprendessem misteriosos raios de luz, e um desses momentos manifestou-se no cadáver da *Sombra*, segura já de aplicar um beijo eterno dos seus lábios, naquela prenda do seu amor.

Não houve, para aquela pobre mártir, nem uma recordação; ela se recordava, porém, sem dúvida, de alguma coisa que havia deixado no mundo, de vez que, por muito tempo ninguém se atreveu aproximar-se à noite da grade que separava os jardins do castelo com o bosque de abetos.

Dizia-se com insistência, e assegurava-se com testemunhas, que naquele sítio, ainda que por ali não andasse pessoa alguma, se ouvia muitas vezes soluçar.

CAPÍTULO III

(Ditado de Estrela)

A RAZÃO DE DUAS EXISTÊNCIAS

I

"Os que nascem, vêm do ponto para onde vão os que morrem."

É uma verdade.

Eu fui uma alma errante que buscava a vida depois da morte, e fui também aquela *Sombra* que arrastou nas montanhas da Sabóia uma existência sem nome, e submergida no olvido, sofrendo o que havia feito sofrer, chorando como havia feito chorar.

Sim; eu fui a *Sombra*. E se alguém nem sequer a pressentiu, por me ver resignada e heróica na desgraça e na miséria, depois de me haver conhecido orgulhosa e altiva na opulência e na malícia, é que não forma idéia da imperiosa lei a que está sujeita, nas almas, a ação da justiça.

Aquela nova vida com a sua exuberância de dor, veio pôr em equilíbrio aqueloutra, na qual a minha vontade impôs terríveis sofrimentos a outros seres.

Era necessário. Aqueles mesmos vácuos que eu havia criado em almas nascidas para se confundirem num sentimento único, numa só aspiração; aqueles suplícios ante os quais a vaidade e a vingança não me tinham deixado retroceder; aquelas mesmas lágrimas que, em abundância, fiz derramar para que os meus desejos justos ou injustos se sobrepusessem aos desejos legítimos dos outros; aquelas mesmas ilusões arrancadas com mão ímpia aos corações que as abrigavam; aquelas mesmas esperanças por mim cruelmente desvanecidas em almas para as quais elas eram toda a vida; tudo isso, que a justiça humana não castiga, devia-me fazer sofrer.

Por tudo isso eu tinha de passar; era necessário viver outra vez, era indispensável elevar ao céu, envoltos na santidade do infortúnio, aqueles mesmos sofrimentos semeados, aqui e ali, pelas desordens e torpezas de uma alma rebelde.

II

Espanta ao filósofo, ao que sabe penetrar com argúcia o seio das humanas gerações, a desigualdade com que se mostra distribuída a dor. É um problema sempre posto à Humanidade.

E se um olhar inteligente se levantar mais, dilatar pelos céus e trouxer o pensamento de todo o bem a mancheias derramado pela Providência sobre outros mundos e outras humanidades, espanta também ver com que desigualdade está distribuído o gozo.

Mas, não. Consideremos que um só movimento prende os corpos e que um só movimento prende as almas. Há forças que circunscrevem a matéria a um centro, e há forças que a estendem pelo infinito em vibrações eternas. Também as há que identificam um espírito com um mundo, e outras que o impelem em peregrinação gloriosa por todos os âmbitos do Universo, de limite em limite, por todos os espaços.

Ante ele estão todas as felicidades para que as alcance, todas as dores para que as evite.

Essa escada luminosa de Jacó, que, da Terra, se levanta sobre a cabeça do homem, e na qual cada degrau é um mundo, é a vida subindo a novas esferas onde agitar-se. O espírito a percorre, e se acha em todas as alturas.

III

Em uma existência, recebi de meus antepassados sangue azul, e um nome usado com orgulho, marcado a timbres de ouro; na outra, não tive pais que me legassem uma glória, não tive outro nome além do que a Natureza me deu, para me distinguir de outros seres tão desditosos como eu.

Em uma existência, humilhavam-me os sentimentos elevados, e eu não podia suportar a generosidade de retroceder sem haver vencido; noutra arrastei-me atrás de uma ilusão e de um desejo, cujo afago era ao mesmo tempo um inferno e um paraíso para meu coração.

Em uma existência me seguiam, me adulavam, era uma felicidade um olhar meu, era um triunfo o sorriso de meus lábios, era inestimável o favor das minhas atenções; na outra me desprezavam, me esqueciam, evitavam encontrar-me, era asqueroso o contato da minha mão.

Em uma a opulência; na outra a miséria. Em uma sobravam-me meios e recursos para satisfazer um desejo ou levar a efeito uma loucura; na outra todos os dias me faltava até o pão que mantém a saúde e sustenta a vida.

Em uma tinha espaço para ostentar o luxo de meus trajes, e a riqueza da minha casa; na outra nem abrigo nem ponto onde repousar a cabeça. E depois de uma existência uma morte rápida, instantânea, pela pletora de seiva, outra existência seguida de morte lenta e prolongada agonia, pela falta da mesma seiva.

Não eram, porém, duas almas lançadas ao mundo em distintos tempos e lugares diferentes, mas, uma só alma em duas existências, derivadas uma da outra, como um efeito da sua causa.

IV

Alguma coisa patenteava a vagabunda do vale da Sabóia, denunciando a sua vida anterior.

A alguma coisa ela amava, quando sua alma, a alma de um ser miserável, aspirava em sonhos ao amor de outro ser, colocado a tal altura que ela não podia alcançá-lo com os seus olhos.

Quando ela se assentava à margem dos lagos, ou junto ao leito dos arroios; quando se mirava nas fontes e subia às montanhas para mergulhar a vista no azul dos céus; quando assim imergia o pensamento nas ondas e na luz, seu espírito buscava alguma coisa anterior, que, se não era conhecida por uma lembrança, era pressentida por uma profunda intuição.

Buscava em sua existência uma vida qual a do ser a quem devia amar, e que afinal amou.

Buscava no desconhecido um meio de franquear aquele universo, que, por um momento, se lhe patenteara entre saltos de pérolas, e círculos de espuma.

Buscava, no anterior, uma beleza ou uma harmonia, a que entregar com inteira liberdade a alma, para encontrar alguma coisa em que empregar a sua paixão, que em germe conservava no peito, e que afinal brotou com entusiasmo.

V

Era preciso, em nova forma, romper a forma anterior; era preciso, noutro modo de ser e estar, condenada a outro destino e a outra sorte, desfigurar em feitos novos os feitos anteriores, apagar com grandes virtudes as faltas passadas, com heróicos sacrifícios os antigos danos.

Quando meu espírito mais se expandia, desci ao mundo para ser, o quanto cabe na sociedade humana, poderosa e nobre. Nada era mais fácil, então, que o caminho do bem; nada mais praticável, que empregar a vida a bene-

fício dos outros, e contudo, a vaidade me cegou, devendo noutra existência levantar-me pela humildade.

Bendigo aquela vida triste, aquelas horas de melancolia, aquelas noites frias, aquela meninice sem carícias e sem pais, porque todas aquelas crueldades dos homens, e todos aqueles rigores da Natureza, contribuíram para me abrandar o coração e, por conseguinte, para entregar minha alma à luz.

Bendigo aqueles campos, aquelas montanhas, aquela vegetação sombria e aquele lago azul que tanto contribuíram para educar minha alma, fazendo que as suas belezas se refletissem no meu pensamento.

E bendigo aquele amor santo, aquele amor de anjo, aquele amor de virgem, que perfumou o meu Espírito com essa essência dos céus, origem de toda a criação, e que me fortificou com esse impulso de Deus, com essa força do seu poder, com a qual deu às almas a faculdade de amar, como Ele ama.

VI

Ainda depois de morrer, vaguei durante muito tempo por aqueles lugares.

O bosque de abetos, a grade do jardim, as margens do lago, continuaram a ser para mim o teatro de meus sofrimentos, mudas testemunhas da minha dor também silenciosa.

Notava em mim alguma coisa de extraordinário; via que ninguém se apercebia da minha presença; e me achava melhor assim.

Subia, ágil, até os cumes, quando, havia bem pouco ainda, isso se me ia tornando impossível, por causa da enfermidade do corpo. Eu tinha passado por um sonho penoso e longo. Em mim se dera uma transformação, que eu mesma não podia explicar.

Um dia, uma voz que não sabia de quem era nem donde vinha, me disse: "Escuta, escuta." A quem havia de escutar, quando a ninguém via?

A voz, porém, insistiu com força, cada vez mais alto; e por mais que com os olhos buscasse quem falava, só ouvia a voz, vindo do alto, do desconhecido, repetindo a mesma palavra.

Já havia tempo que em minha mente se agitava a idéia de tornar a desaparecer; já o teria feito, se a falta de forças, se a enfermidade que minava minha vida, não mo impedissem; quando, porém, aquela voz me perseguia, essa idéia ganhou mais força e meus propósitos se arraigaram.

Queria fugir. Não podia suportar a ânsia e o afã, com que aquela voz me repetia uma e mais vezes: "Escuta, escuta."

Onde quer que fosse, e onde quer que me ocultasse, ela fazia a mesma súplica. Sempre a mesma voz, sempre a mesma palavra.

Outro dia, não sei que força me paralisou, não sei que vontade me intumesceu os pés e me tolheu as mãos. Por mais esforços que fizesse, não pude fugir, tive, à força, que escutar:

"Morreste, morreste." E isto dito sem que eu visse quem falava, encheu-me de espanto, e fez-me tremer de terror.

"Morreste, morreste." — Uma e mil vezes me tornaram a dizer.

Houve um momento em que pude correr e me escondi.

Então, não sei que vaga suspeita cruzou meu pensamento. Parecia-me que aquele estado, aquela voz, aquele modo de existir não me eram desconhecidos.

— Morta! — disse eu no silêncio de uma idéia.

— Sim; morta! — responderam-me.

VII

Não o queria crer, pelo que sentia. Que importa o morrer às almas martirizadas por uma existência desventurada, por uma vida de dores?

Por muito que a dor punja, por muito que os sofrimentos matem, a alma sente deixar a existência na qual começa a amar.

Eu compreendia que deixar a vida era voar dali, e essa idéia, realmente, atormentava-me.

Só uma vez havia abandonado aqueles campos; queria ainda abandoná-los, mas sempre com a idéia de voltar; e quem morresse, não voltaria, como eu, então, pensava.

Morta eu, ficando ele? Como suportar tal coisa?

A ternura que dominava minha alma e aquele sentimento tão delicado de que era presa meu coração, manifestaram-se, então, em toda a sua força, quando esses pensamentos começaram a agitar-se na minha mente.

E como se temesse que dali me arrebatassem, corri às imediações do castelo, acerquei-me da mesma margem do lago, como, se por estar mais perto, fosse mais difícil arrancar a meus olhos a posse daqueles lugares.

Senti na fronte um sopro cálido, e, depois, no cérebro, um desmaio gradativo e crescente.

Caí ao solo, mas, suavemente. Parecia-me que mãos invisíveis me sustentavam.

Então, vi que o fundo escuro do lago se clareava, que o lago crescia, chegando afinal a ter o horizonte por limites.

A luz aumentava de intensidade, e, naquele grande espelho de água refletia-se, pronunciada, a cor do céu.

Depois, observei que ao dilatar-se a superfície líquida, e, por conseguinte, ao irem-se afastando as verdes margens até se perderem de vista, eu permaneci imóvel, e vi-me na superfície cristalina e enrugada, no meio de imenso mar.

E o azul das águas era cada vez mais claro, até se confundir com o céu; e, então, vi-me no mesmo centro, como se fosse o foco daquela imensa esfera colorida.

Meus olhos perdiam-se na plenitude daquela luz; minha cabeça girava em âmbitos sem limites.

Houve um instante em que tudo esqueci, e fiquei submersa naquele pego que me envolvia, completamente só, insulada de todo o contato material, confundida num caos e na monótona perspectiva de um colorido sempre igual, em todas as direções.

Cerrei os olhos, e o azul persistia através das pálpebras, mas invariável, sem nada perder da sua luminosidade. Parecia que não eram eles que viam, mas a vista permanente do espírito, penetrando em todas as direções.

Pouco a pouco, meu pensamento, a partir do presente, remontando a certa elevação nas idéias, rompeu através do olvido, penetrou o passado e encontrou a razão da minha última existência.

VIII

Tudo aquilo desapareceu, e eu senti-me arrebatar nas asas do vento.

Parecia-me que repousava na atmosfera banhada de sol; pois o cansaço da vida, assaz havia magoado minha alma para que eu não encontrasse descanso em me mover a grande altura, com inteira liberdade.

Quando me reconheci, os vôos de minha alma adquiriram o arrojo de sempre, tomei o espaço como meu, como campo conhecido, como pátria a que voltava.

Desmasiado tempo, com a consciência ferida, demasiado tempo, patrimônio da dor, meu Espírito havia lutado. Soara a hora de buscar na verdade o meio de combater a influência das paixões, que a tantos suplícios haviam condenado meu coração.

IX

Depois de contemplar os Alpes por um momento, caminhei por cima e ao longo de toda a Itália.

Um anjo avançava a meu lado e suas promessas me enchiam de júbilo. Seus conselhos, prodigalizados com doçura, eram sábios; e a prudência que os ditava, muitas vezes me encheu de admiração.

Perto do mar, entre o Vesúvio e Nápoles, vi Marieta.

Assentei-me ao seu lado no mesmo lugar onde ainda repousavam seus restos. Pude penetrar o seio da terra e por um momento abraçar alguma coisa da forma daquele ser querido, a quem tanto fizera sofrer.

Faltava-me, ainda, isso para me vencer.

Abençoou-me e perdoou-me, como costumam perdoar as almas grandes, isto é, apertando a mão que as feriu, amando-as tanto quanto elas as haviam aborrecido.

X

Depois, entrei nessa vida real, da qual se contempla um mundo e se estuda uma humanidade, sem travas que entorpeçam o entendimento, sem limites que o reduzam.

Depois, entrei nesse espaço, porvir de todos os Espíritos; e dali, ao estudar o meu passado, encontro sempre a razão das minhas existências.

Procuro, então, que o conhecimento delas me forneça maior ensinamento.

Entro também, muitas vezes, no silêncio dessa Natureza que funciona invariavelmente, que jamais se detém. Quero nela estudar o ser, a vida, a Eternidade, o Infinito. Quero, por ela, aproximar-me de Deus.

Entro também na história do desenvolvimento humano, e assisto às lutas do passado com o presente.

Também entro, com freqüência, na atmosfera terrena, a fim de visitar os lugares prediletos, renovar as minhas recordações banhar-me na mesma luz que em outros tem-

pos me deu vida, perder-me nas mesmas noites que em outros tempos protegeram meus sonhos.

E saio também ao encontro do homem, porque estão despertos os que parecem submergidos no sono eterno.

Sua sombra vai, muitas vezes, confundida com as sombras dos vivos.

CONCLUSÃO

(Ditado de Marieta)

VINDE A MIM E VOS CONTAREI AS DELÍCIAS DA VIDA NOVA

I

Íris de esperança se levantam sobre imensos horizontes, porque a promessa de felicidade, feita a todos os seres que pressentem Deus no céu de sua inteligência, não deixa de aparecer onde quer que se abrigue uma esperança.

Íris que se apresentam entre cambiantes de luz nova e deslumbrante, para o espírito que se levanta da Terra.

Faixas imensas de cores para ele desconhecidas, reflexos no vapor desprendido de milhões de mundos se lhe patenteiam às vistas; e ante esse espetáculo tão deslumbrante e surpreendente, o espírito lança-se, com a velocidade do desejo de submergir entre a luz e a cor, isto é, de submergir na própria esperança.

Além, contudo, descobre, a distâncias incalculáveis que o pensamento não pode medir, novas torrentes e cambiantes novos de luz; isto é, descobre uma esperança fagueira, além doutra esperança.

II

Para onde quer que o espírito vá, avança, sempre, jamais retrocede. Só uma inteligência depurada pode adquirir um conceito fundamental desse movimento.

Pelo espaço caminha-se com seres cuja perfeição sabemos ter de alcançar; caminha-se à mesma altura dos seres que amamos; depois vêm outros seres, que se vão cada vez aperfeiçoando mais.

E o espírito avança submerso entre mundos infinitos, que sentimos trepidar, obedecendo às forças da atração e repulsão; entre sóis de cores diversas e dimensões colossais, em cujos âmbitos parecem ferver espantosas massas de vapor, agitando-se em combustões eternas.

Ele vê cruzados no espaço, matizados de mil modos, os reflexos luminosos, com que se prestam luz e calor, os dilatados e inumeráveis sistemas solares, que, com ordenada marcha, respondem às suas leis.

III

Ele fixa a atenção em mundos em que descobre tantas belezas, que lhe parece faltarem em outros não tão favorecidos por elas, porém, que, nem faltam neste, nem sobram naquele.

Vê como num mundo se trabalha, noutro se melhora, noutro se progride e noutro ainda se esboçam formas.

Vê como aqui os seres dormem, como ali despertam, e mais além se agitam.

Vê que a paz reina aqui, vê como se ama ali, como lá se cresce e mais além se espera.

Vê como se luta aqui, como se empreende ali, e como se estuda acolá.

Todas as suas sensações são essenciais.

Vê o que está do outro lado, o que foi adiante, o que vem depois.

Vê como o pensamento vê, sem encontrar estorvos, sem que a distância diminua nem a proximidade lhe aumente a faculdade da visão.

Ouve sem que o estrépito o fira, nem a suavidade obrigue a prestar maior atenção.

É capaz de não perder uma só das vibrações que se desprendem da harmonia que se estende no espaço, e avança até às torrentes de suas últimas notas, nos limites mais apartados do infinito.

Toca nas substâncias mais tênues, examina os elementos mais simples, analisa os pormenores mais delicados.

Nele penetra a beleza e em si sente a harmonia.

Seu pensamento é a sua eloqüência, e entregando os próprios sentimentos a um lirismo eterno, pode descrever quadros belíssimos, apenas manifestando sensações.

Pode também renovar suas recordações, como se retrocedendo no tempo, fundisse num só instante todas as horas passadas, como se realizasse num só momento e num só ato todos os fatos da sua história.

IV

Em suas obras, o espírito desenvolve a intensidade do seu amor.

Amar! Que palavras poderão dar uma idéia dessa ação, dessa força e desse movimento do espírito?

Quem poderá dizer: até aqui se ama, até aqui se sente, até aqui se espera?

Onde termina essa atividade com que o Espírito contribui para a criação? Onde e quando pode, nos seres, terminar essa manifestação de Deus?

Quando ela cessasse, e no ponto em que se não manifestasse a atração divina, que encadeia as almas, como a atração solar encadeia os mundos, poder-se-ia dizer que aí terminava Deus, que aí deixava de existir, que aí realmente começava a morte, o nada, o vácuo.

Não; não é possível.

O primeiro impulso de amor, em virtude do qual a criação *foi*, *é* e *será*, jamais se extinguirá.

A que espírito não chega a centelha do fogo sagrado?

A que recônditos lugares, a que seres tão ignorados deixará de alcançar a luz, que é vida, o amor, que é criação!

A nenhum...

Não há lugares abandonados, não há seres desconhecidos pela Providência.

O mesmo raio de luz dá vida à flor, que se ostenta nos jardins cultivados pela opulência, e à flor solitária e escondida, que se desfolha no recanto de um vale.

MARIETA

Daniel Suárez Artazu

Trata da evolução do homem através das vidas sucessivas, objetivando comprovar a reencarnação e a imortalidade da alma. Em forma de romance, apresenta-se dividido em duas partes. A primeira, aborda os fatos principais da vida de Marieta e Estrela, servindo esta narrativa para fundamento da segunda parte, que trata da morte e estada no Plano Espiritual desses dois Espíritos. Comprova a sobrevivência do Espírito e demonstra que a lei de causa e efeito é a regente da caminhada evolutiva do ser.

ISBN 85-7328-195-2

9 788573 281958